Oscar Wilde

O retrato de Dorian Gray

Capítulo I

Por todo o atelier pairava o aroma intenso das rosas e quando a branda aragem estival corria por entre as árvores do jardim, entrava pela porta a fragrância carregada do lilás, ou ainda o perfume delicado do espinheiro de floração rósea. Estendido no divã de bolsas de seda persas, a fumar, como era seu costume, cigarro após cigarro, Lord Henry Wotton só conseguia vislumbrar do seu canto as flores adocicadas e cor de mel de um laburno, cujos ramos trémulos pareciam mal poder suportar o peso de beleza tão fulgurante. De vez em quando, através dos cortinados de tussor de seda que cobriam a enorme janela, via passarem velozes as sombras fantásticas das aves, que produziam como que um momentâneo efeito japonês, o que o levava a pensar naqueles pintores de Tóquio, de rostos cor de jade e pálidos, que, servindo-se de uma arte que é necessariamente imóvel, procuram transmitir a sensação de rapidez e movimento. O zumbido lento das abelhas, que abriam caminho por entre a relva crescida, ou voavam com monótona insistência à volta das hastes douradas e poeirentas de uma madressilva desgarrada, parecia tornar o silêncio mais opressivo. Ao longe, os vagos ruídos de Londres soavam como o bordão de um órgão longínquo.

No centro do atelier, afixado a um cavalete vertical, estava o retrato em corpo inteiro de um jovem de beleza invulgar. À sua frente, sentado a uma certa distância, estava o autor, Basil Hallward, cujo desaparecimento súbito, há alguns anos, havia provocado, na altura, grande alvoroço e dera origem às mais surpreendentes conjecturas.

Ao olhar a figura grácil, formosa, que com tanta perfeição registara através da sua arte, assomou-lhe ao rosto um sorriso de prazer, que parecia aí querer demorar-se. Mas sobressaltou-se repentinamente e, fechando os olhos, colocou os dedos sobre as pálpebras, como se tentasse aprisionar dentro do cérebro um sonho estranho do qual receava despertar.

- É o seu melhor trabalho, Basil, o melhor que já fez - disse Lord Henry, languidamente. - Não pode deixar de o enviar à exposição de Grosvenor do ano que vem. A Academia é demasiado grande e demasiado popular. Todas as vezes que lá fui, ou as pessoas eram tantas que não conseguia ver os quadros, o que era horrível, ou os quadros eram tantos que não conseguia ver as pessoas, o que era ainda mais horrível. Grosvenor é realmente o único local.

- Não penso enviá-lo para lugar nenhum - respondeu ele, atirando a cabeça para trás, naquele seu jeito peculiar que, em Oxford, provocava o riso entre os amigos. - Não, não vou enviá-lo para lugar nenhum.

Lord Henry arqueou as sobrancelhas e, estupefacto, olhou para ele através das ténues espirais azuis de fumo que subiam em volutas caprichosas do seu cigarro saturado de ópio.

- Para lugar nenhum? Mas, meu caro amigo, porquê? Tem algum motivo? Vocês, os pintores, são uns indivíduos estranhos! Fazem tudo para ganhar fama e, assim que a têm na mão, parecem querer atirá-la fora. É um disparate, pois só há uma coisa no mundo pior do que falarem de nós: é que de nós ninguém fale. Um retrato como este colocá-lo-ia muito acima de todos os jovens de Inglaterra e faria muita inveja aos velhos, se é que os velhos são capazes de qualquer emoção.

- Sei que vai rir-se de mim - respondeu ele -, mas de facto não posso expô-lo. Pus nele demasiado de mim mesmo.

Lord Henry estendeu-se no divã e desatou a rir.

- Eu bem sabia que você havia de rir. Mas seja como for, o que eu disse é a pura verdade.

- Demasiado de si mesmo!? Palavra de honra, Basil, não sabia que era tão vaidoso. Na verdade, não consigo ver qualquer semelhança entre você, com esse rosto rude e enérgico, o cabelo escuríssimo, e este jovem Adónis, que parece feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, enquanto você... Bem, é certo que o meu caro amigo tem um ar intelectual, e tudo o mais. Mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde começa a expressão intelectual. O intelecto é em si uma forma de exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. Assim que nos sentamos a pensar, ficamos todos nariz, todos testa, ou outra coisa horrenda. Veja esses homens que triunfam em qualquer profissão intelectual. São completamente hediondos! Com excepção, evidentemente, dos homens da Igreja. Mas é que os da Igreja não pensam. Um bispo continua a dizer aos oitenta anos aquilo que lhe mandaram dizer aos dezoito e, como consequência natural, ele mantém-se sempre uma pessoa encantadora. Esse seu jovem amigo tão misterioso, cujo nome você nunca me revelou, mas cujo retrato me deixa verdadeiramente fascinado, nunca pensa. Tenho absoluta certeza. É uma dessas criaturas belas, sem inteligência, que devia estar sempre aqui no Inverno, quando não temos flores para contemplar, e sempre aqui no Verão, quando necessitamos de algo que nos refresque a inteligência. Não se sinta lisonjeado, Basil, você não se parece nada com ele.

- Você não me compreende, Harry - respondeu o artista. – É certo que não me pareço com ele. Sei isso perfeitamente. Até nem gostaria de parecer-me com ele. Encolhe os ombros? Estou a dizer a verdade. Há em toda a superioridade física e intelectual uma certa fatalidade, aquela fatalidade que parece perseguir ao longo da história os passos vacilantes dos reis. É preferível não sermos diferentes dos outros. Os feios e os estúpidos são os que mais ganham neste mundo. Podem ficar despreocupadamente embasbacados a olhar. Se não conhecem o triunfo, pelo menos também não conhecem a derrota. Vivem como todos nós devíamos viver - impassíveis, indiferentes, e sem inquietações. Não trazem o mal a ninguém, nem o recebem de mãos alheias. A sua posição social e a sua fortuna, Harry, a minha inteligência, seja ela o que for, a minha arte, valha ela o que valer, a beleza de Dorian Gray... havemos todos de sofrer por aquilo que os deuses nos concederam... sofrer terrivelmente.

- Dorian Gray? É assim que ele se chama? - perguntou Lord Henry, atravessando o atelier em direcção a Basil Hallward.

- É. Mas não pretendia dizer-lho.

- E por que não?

- Bem... Não sei explicar. Quando gosto imenso de uma pessoa, nunca digo a ninguém o seu nome. Seria como que entregar uma parte dela. Habituei-me a manter o segredo. Parece ser a única coisa que nos pode tornar a vida moderna misteriosa, ou maravilhosa. A coisa mais banal adquire encanto simplesmente quando não revelada. Quando me ausento da cidade, nunca digo aos da casa para onde vou. Perdia todo o prazer, se o fizesse. É um hábito tolo, confesso, mas, de certo modo, traz algum romantismo à nosa vida. Você deve achar tudo isto um disparate.

- De modo nenhum - contestou Lord Henry -, de modo nenhum, meu caro. Você parece esquecer-se de que sou casado, e o único encanto do casamento é a necessidade absoluta de uma vida de engano recíproco. Nunca sei onde está a minha mulher, e ela nunca sabe o que eu faço. Quando nos encontramos, o que acontece uma vez por outra quando jantamos fora ou visitamos o duque, contamos um ao outro as histórias mais absurdas, e com o ar mais sério deste mundo. A minha mulher tem muito jeito para isso, muito mais do que eu. Nunca confunde as datas, ao passo que eu confundo-as sempre. Mas se me apanha em falta, nunca protesta. Às vezes, eu bem gostaria que o fizesse, mas ela limita-se a rir de mim.

- Detesto o modo como você fala da sua vida conjugal, Harry - observou Basil Hallward, caminhando em direcção à porta que dava para o jardim. - Considero-o um excelente marido que se envergonha das suas boas qualidades. Você é um indivíduo extraordinário. Não prega a moral, contudo não comete más acções. Esse seu cinismo não é mais do que uma pose.

- A naturalidade não é mais do que uma pose, a pose mais irritante que conheço - exclamou, a rir, Lord Henry.

E os dois jovens saíram juntos para o jardim e instalaram-se num comprido banco de bambu, à sombra de um matagal de altos loureiros. A luz do sol escorregava pelas folhas lustrosas. Na relva estremeciam os malmequeres brancos.

Após breve silêncio, Lord Henry puxou do relógio.

- Tenho de me ir embora, Basil - murmurou -, mas antes de ir, quero que responda à pergunta que Lhe fiz há instantes.

- Que pergunta? - volveu o pintor, de olhos fixos no chão.

- Sabe muito bem qual é.

- Não, não sei, Harry.

- Então digo-lha já. Quero que me explique porque não quer expor o retrato de Dorian Gray. Quero saber o verdadeiro motivo.

- Mas eu disse-lhe o verdadeiro motivo.

- Não, não disse. O que me disse foi que havia nele demasiado de si mesmo. Ora, isso é uma grande infantilidade.

- Harry - disse Basil Hallward, olhando-o cara a cara -, todo o retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, e não do modelo. O modelo é apenas o acidente, o pretexto. O pintor não o revela a ele, o pintor é que se revela a si mesmo na tela colorida. O motivo por que não exponho este quadro é o medo de que eu tenha revelado nele o segredo da minha alma.

Lord Henry desatou a rir.

- E que segredo é esse?

- Vou contar-lhe - disse Hallward, mas notava-se-lhe no rosto uma certa perplexidade.

- Estou ansioso por saber - continuou o companheiro, olhando-o de relance.

- Ora, Harry, há muito pouco que contar - respondeu o pintor -, e receio que você nem chegue a entender. Talvez nem chegue a acreditar.

Lord Henry sorriu e, debruçando-se, arrancou da relva um malmequer de pétalas rosadas e pôs-se a examiná-lo.

- Tenho absoluta certeza de que vou entender – retorquiu ele, olhando atentamente o pequeno disco dourado de penas brancas -, e, no que respeita a acreditar, sou capaz de acreditar em qualquer coisa, contanto que seja absolutamente inacreditável.

O vento sacudiu das árvores algumas flores, e os pesados lilases, com seus cachos de estrelas, balouçaram no ar lânguido. Junto ao muro, uma cigarra cantava a sua estrídula cegarrega, e, como um fio azul, passou uma delicada libelinha levada pelas asas esfumadas e transparentes. Lord Henry tinha a sensação de ouvir o bater do coração de Basil Hallward e interrogou-se sobre o que iria acontecer.

- A história é simplesmente esta - disse o pintor, passado algum tempo. - Há dois meses, fui a uma recepção em casa de Lady Brandon. Você sabe que nós, pobres artistas, temos de nos mostrar, de vez em quando, à sociedade, para fazer lembrar ao público que não somos selvagens. Como você uma vez me disse, de fraque e laço branco qualquer pessoa, até um corretor da Bolsa, pode ganhar a reputação de civilizado. Bem, uns dez minutos depois de ter estado a conversar com viúvas cheias de títulos de nobreza e nada discretas no trajar, e com académicos enfadonhos, apercebi-me subitamente de que estava alguém a olhar para mim. Virei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Cuando os nossos olhos se encontraram, senti que empalidecia. Apoderou-se de mim uma estranha sensação de terror. Sabia que tinha deparado com alguém de personalidade tão fascinante que, se eu o permitisse, iria absorver todo o meu ser, toda a minha alma, a minha própria arte. Não queria nenhuma influência externa na minha vida. Você sabe bem, Harry, que sou, por temperamento, independente. Fui sempre senhor de mim mesmo, pelo menos sempre o fora até encontrar Dorian Gray. Então... nem sei explicar-lhe o que se passou. Era como se alguma coisa me dissesse que me aproximava de uma crise terrível. Tinha a estranha sensação de que o destino me reservava intensas alegrias e intenso sofrimento. Fiquei atemorizado e voltei-me para abandonar a sala. Não foi por razões de consciência que o fiz: foi uma espécie de cobardia. Não me pertence, pois, o mérito desta tentativa de fuga.

- A consciência e a cobardia são de facto a mesma coisa, Basil. A consciência é a marca comercial da firma. Mais nada.

- Não acredito, Harry, e creio que você também não. Contudo, fosse qual fosse o motivo - orgulhoso como eu era, poderá ter sido por orgulho -, consegui encaminhar-me para a porta. Mas, evidentemente, deparei com Lady Brandon. "Não pode deixar-nos tão cedo, Mr. Hallward!",, gritou ela. Você conhece-lhe aquela voz particularmente esganiçada?

- Conheço. Ela é em tudo como um pavão, excepto na beleza - disse Lord Henry, desfazendo o malmequer com os dedos longos e nervosos.

- Não pude ver-me livre dela. Apresentou-me a gente da Realeza, e a pessoas de estrelas e jarreteiras, e a damas idosas de tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Referia-se a mim como o seu queridíssimo amigo. Tinha-a encontrado só uma vez, mas cismou que havia de me tratar como uma celebridade. Creio que na altura um quadro meu obteve grande êxito, pelo menos chegou a ser muito falado nos jornais, o que, no século XIX, é a medida-padrão da imortalidade... De repente, encontrei-me frente a frente com o jovem, cuja personalidade me perturbara de modo tão particular. Estávamos muito juntos um do outro, quase nos tocávamos. Os nossos olhos voltaram a encontrar-se. Sei que fui muito irreflectido ao pedir a Lady Brandon que me apresentasse a ele. Talvez não tenha sido assim tão irreflectido, afinal. Era uma coisa inevitável. Acabaríamos por falar um com o outro, mesmo sem apresentações. Tenho a certeza. Dorian chegou a dizer-mo mais tarde. Também ele sentiu que estava predestinado que nos havíamos de conhecer.

- E como descreveu Lady Brandon esse jovem admirável? - perguntou o amigo. - Sei que ela adora fazer uma breve biografia de cada um dos seus

convidados. Recordo uma ocasião em que me apresentou a um cavalheiro idoso, truculento, cara vermelha e coberto de condecorações, então, com uma voz tão sibilante que deve ter sido perfeitamente audível para todas as pessoas presentes na sala, ela começou a segredar-me ao ouvido, e num tom trágico, os pormenores mais assombrosos. Resolvi fugir. Gosto de ser eu a descobrir as pessoas. Lady Brandon, porém, trata os seus convidados exactamente como um leiloeiro trata a sua mercadoria. Ou os descreve minuciosamente, ou diz tudo acerca deles, excepto o que queremos saber.

- Pobre Lady Brandon! Está a ser muito severo com ela, Harry! - comentou Hallward, um pouco distraído.

- Meu caro amigo, ela tentou abrir uma sala de recepções, e o que conseguiu foi abrir um restaurante. Como poderia sentir admiração por ela? Mas, afinal, o que lhe disse de Dorian Gray?

- Ah, coisas como "Rapaz encantador... eu e sua pobre mãe éramos absolutamente inseparáveis. Esqueci completamente o que ele faz... parece-me que não faz nada... ah, sim, toca piano... ou é violino, meu querido Mr. Gray?" Nem ele nem eu pudemos deixar de rir, e ficámos logo amigos.

- O riso não é nada um mau começo para uma amizade, e é de longe o seu melhor final - disse o jovem lorde, arrancando outro malmequer.

Hallward abanou a cabeça, discordando.

- Você não sabe o que é a amizade, Harry - murmurou ele -, nem mesmo a inimizade. Você gosta de toda a gente, o que significa que todos Lhe são indiferentes.

- É muito injusto comigo! - exclamou Lord Henry, puxando o chapéu para trás e erguendo o olhar para as nuvenzinhas de verão que, como meada de seda branca já desfeita, flutuavam pelo vazio azul-turquesa do céu. - Sim, tremendamente injusto. Eu estabeleço uma norma para diferenciar bem as pessoas. Escolho os amigos pela beleza, os conhecidos pelas qualidades de carácter, e os inimigos pelas de inteligência. Todo o cuidado é pouco na escolha dos inimigos. Não tenho um único que seja estúpido. São todos homens de capacidade intelectual e, por conseguinte, todos me apreciam. Será isto vaidade? Talvez seja um pouco.

- Talvez, Harry. Mas, segundo a sua classificação, eu devo ser um simples conhecido.

- Meu velho, você é muito mais do que um conhecido.

- E muito menos do que um amigo. Uma espécie de irmão.

- Ora, os irmãos! Os irmãos pouco me importam. O meu irmão mais velho nunca mais morre, enquanto os mais novos parecem não fazer outra coisa.

- Harry! - protestou Hallw ard, de semblante carregado.

- Meu caro amigo, não estou a falar a sério. Mas não consigo deixar de detestar os meus parentes. Creio que se deve ao facto de nenhum de nós poder suportar ver nos outros os próprios defeitos. Apoio inteiramente a indignação que a democracia inglesa manifesta contra aquilo a que chama os vícios das classes superiores. As grandes massas acham que a embriaguez, a estupidez e a imoralidade devem ser exclusivamente propriedade sua, e que se algum de nós faz figura de parvo é como se tivesse ido caçar na sua coutada. Quando o pobre do Southwark foi a tribunal por causa do processo de divórcio, a indignação dessa gente foi estrondosa. E, todavia, não me parece que dez por cento do proletariado viva decentemente.

- Não concordo com uma única palavra que acaba de proferir e, além do mais, Harry, tenho a certeza de que nem você mesmo concorda.

Lord Henry cofiou a barba castanha e, com a ponta da bengala de ébano ornamentada com borlas, bateu na biqueira da bota de verniz preto.

- Você é tipicamente inglês, Basil! Já é a segunda vez que faz semelhante observação. Se expomos uma ideia a um inglês genuíno, o que é sempre uma grande imprudência, nunca lhe ocorre pensar se a ideia é correcta ou errada. A única coisa que considera importante é saber se acreditamos na ideia por nós exposta. Ora o valor de uma ideia não tem nada que ver com a sinceridade da pessoa que a expressa. Na realidade, existem fortes probabilidades de que quanto mais insincero for o homem, mais puramente intelectual é a ideia, visto que, nessas circunstâncias, ela não será colorida pelas suas necessidades, nem desejos, nem preconceitos. Contudo, não pretendo discutir consigo política, sociologia ou metafísica. Gosto mais das pessoas do que dos princípios e, mais que tudo no mundo, gosto de pessoas sem princípios. Mas, meu caro, conte-me mais coisas acerca de Mr. Dorian Gray. Com que frequência costuma vê-lo?

- Todos os dias. Não podia sentir-me feliz se não o visse todos os dias. Ele é-me absolutamente necessário.

- Que extraordinário! Eu supunha que você não se interessava por mais nada que não fosse a sua arte.

- Agora é ele toda a minha arte - reconheceu o pintor, gravemente. - Às vezes penso, Harry, que há apenas duas eras realmente importantes na história do mundo. A primeira é o aparecimento de um novo meio para a arte, e a segunda é o aparecimento de uma nova personalidade também para a arte. O que foi para os venezianos a invenção da pintura a óleo, o rosto de Antínoo para a escultura grega tardia, e o que será um dia para mim o rosto de Dorian Gray. E não é apenas por ser ele o tema da minha pintura, e dos meus desenhos, e dos meus esboços. Evidentemente que fiz tudo isso. Mas, para mim, ele significa muito mais do que um modelo. Isto não quer dizer que me sinta insatisfeito com o que fiz dele, ou que a sua beleza seja de tal ordem que a Arte não pode exprimi-la. Não há nada que a Arte não possa exprimir, e reconheço que todo o trabalho que realizei desde que conheci Dorian Gray é um trabalho de qualidade, é a melhor obra da minha vida. Mas, é curioso que - será que você me vai compreender? – a personalidade dele sugeriu-me uma forma inteiramente nova em arte, um estilo inteiramente novo. Vejo as coisas e penso nelas de maneira diferente. Posso agora recriar a vida de um modo que me estava oculto. Um sonho da forma em dias de pensamento., Quem disse isto? Não me recordo. Mas é precisamente o que Dorian Gray tem sido para mim. A simples presença física deste rapaz - para mim não passa de um rapaz, embora tenha mais de vinte anos -, a sua simples presença física... Ah, mas será que você compreende o que tudo isto significa? Inconscientemente, ele define-me uma nova escola, uma escola que há-de conter toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito grego. A harmonia da alma e do corpo... quão sublime é tudo isso: Loucos que somos, separámos o corpo e a alma, e inventámos um realismo grosseiro, uma idealidade vazia. Harry, se você ao menos soubesse o que Dorian Gray representa para mim! Lembra-se daquela minha paisagem pela qual Agnes me ofereceu um preço elevadíssimo, mas de que eu não quis separar-me? É uma das coisas melhores que fiz. E sabe porquê? Porque enquanto a pintava, Dorian Gray estava ao meu lado. Uma emanação subtil passava dele para mim, e, pela primeira vez na vida, vi num bosque vulgar a magia que sempre procurei e que nunca encontrara.

- Mas, Basil, isso é extraordinário! Preciso de ver Dorian Gray.

Hallward levantou-se do banco e começou a passear pelo jardim. Passado algum tempo, aproximou-se.

- Harry, Dorian Gray representa para mim unicamente um motivo de arte. Você poderá não ver nele nada de especial. Eu vejo tudo. A sua presença na minha obra não é menor quando não se encontra nela a sua imagem. Como já afirmei, ele é uma sugestão de um novo estilo. Descubro-o nas curvas de certas linhas, na beleza e nas subtilezas de certas cores. Nada mais.

- E então por que não expõe o seu retrato?

- Porque, involuntariamente, pus nele um pouco da expressão desta singular idolatria mística, de que, evidentemente, nunca me interessou falar-lhe. Ele não sabe nada disto. Nem nunca saberá. O público, porém, poderia descobrir, e eu não quero desnudar a minha alma à sua curiosidade grosseira. Nunca sujeitarei o meu coração a essa bisbilhotice microscópica. Há muito de mim mesmo nesta obra, Harry... Demasiado!

- Os poetas não são tão escrupulosos como você. Sabem que a paixão lhes é muito útil como tema publicável. Actualmente, um coração destroçado faz aumentar o número de edições.

- Odeio-os por isso mesmo - exclamou Hallward. - Um artista deve criar coisas belas, mas sem que nelas ponha seja o que for da sua vida pessoal. Vivemos numa época em que os homens tratam a arte como se devesse ser um género autobiográfico. Perdemos o sentido abstracto da beleza. Um dia hei-de mostrá-la ao mundo, e, por isso, o mundo jamais verá o meu retrato de Dorian Gray.

- Creio que você não tem razão, Basil. Mas não quero discutir consigo. Só os intelectualmente perdidos é que discutem. Diga-me, Dorian Gray gosta muito de si?

O pintor ficou uns instantes a pensar.

- Ele gosta de mim - respondeu, após uma pausa -, sei que gosta de mim. É claro que costumo lisonjeá-lo de uma maneira horrível. Tenho um estranho prazer em dizer-lhe certas coisas, mesmo sabendo que vou arrepender-me de as ter dito. Em regra, ele é encantador comigo, e ficamos no estúdio a falar de mil e uma coisas. Às vezes, porém, ele é terrivelmente irreflectido e parece ter um enorme prazer em me fazer sofrer. E então, Harry, sinto que entreguei toda a minha alma a alguém que a trata como se fosse uma flor para colocar na lapela, um ornamento para deleite da sua vaidade, um enfeite para um dia de Verão.

- Os dias de Verão, Basil, tendem a alongar-se – murmurou Lord Henry. - Talvez você se canse primeiro do que ele. É triste pensar nisso, mas não há dúvida de que o Génio dura mais que a Beleza. E isto explica o facto de nos esforçarmos tanto para nos cultivarmos de modo tão exagerado. Na luta feroz pela existência, queremos possuir algo de duradouro e, por isso, atafulhamos as nossas mentes de inutilidades e factos, na esperança absurda de conservar o nosso lugar. O homem bem informado faz parte do ideal moderno. E a mente do homem bem informado é uma coisa horrível. Assemelha-se a uma loja de bricabraque, repleta de monos e pó, onde tudo está marcado com um preço superior ao seu real valor. Mesmo assim, creio que você será o primeiro a cansar-se. Há-de chegar o dia em que, ao olhar o seu amigo, vai achá-lo com traços menos correctos, ou não vai gostar da tonalidade do rosto, ou de qualquer outra coisa. No seu íntimo, você irá censurá-lo amargamente, e pensará muito a sério que ele teve consigo um comportamento incorrecto. Quando ele voltar a aparecer-lhe, irá recebê-lo com total frieza e indiferença. O que será lamentável, pois você passa a ser uma pessoa diferente. O que acaba

de me contar é uma fantasia romântica – poderia chamar-se mesmo um romance de arte -, e o pior em qualquer aventura romântica é que ela nos deixa tão pouco românticos.

- Não fale assim, Harry. Enquanto viver, serei dominado pela personalidade de Dorian Gray. Você não pode sentir o que eu sinto. Você é muito inconstante.

- Ah, meu caro Basil, é por isso mesmo que o posso sentir. Os que são fiéis conhecem apenas o lado trivial do amor, os infiéis são precisamente aqueles que conhecem o seu lado trágico.

E Lord Henry acendeu um fósforo numa delicada caixa de prata, e começou a fumar um cigarro com um ar convencido e satisfeito, como se tivesse resumido o mundo numa frase.

Ouvia-se a chilreada dos pardais por entre o verde lacado das folhas de hera, e as sombras azuladas das nuvens perseguiam-se umas às outras pelo relvado como andorinhas. Que aprazível estava o jardim! E como eram deliciosas as emoções dos outros! Pareciam-lhe muito mais deliciosas do que as ideias. A nossa alma e as paixões dos nossos amigos - eis as coisas fascinantes da vida - Imaginava, intimamente divertido, o almoço fastidioso a que faltara, por ter ficado tanto tempo com Basil Hallward. Se tivesse ido a casa de sua tia, iria com certeza encontrar Lord Hoodbody-, e toda a conversa teria andado à volta de alimento para os pobres e da necessidade de casas-modelo. Cada classe teria pregado a importância dessas virtudes, para a prática das quais não havia necessidade nas suas vidas. Os ricos teriam falado sobre o valor da poupança, e os ociosos teriam perorado com eloquência sobre a dignidade do trabalho. Como era agradável ter-se livrado de tudo isso!

Ao pensar em sua tia, aconteceu-lhe de súbito uma ideia, e dirigiu-se a Hallward.

- Meu prezado amigo, lembrei-me mesmo agora...

- Lembrou-se de quê, Harry?

- De onde ouvi o nome de Dorian Gray.

- Onde foi? - perguntou Hallward, franzindo levemente as sobrancelhas.

- Não faça essa cara tão zangada, Basil. Foi em casa de minha tia, Lady Agatha. Ela contou-me que descobrira um jovem maravilhoso que estava disposto a ajudá-la no East End, e disse que o nome dele era Dorian Gray. Mas devo dizer-lhe que ela nunca falou da sua beleza. As mulheres não apreciam a beleza... pelo menos, as mulheres boazinhas. O que ela me disse foi que ele era muito sério e de uma índole maravilhosa. E logo imaginei uma criatura de óculos e cabelo escorrido, horrivelmente sardento, e com pés enormes. Que pena não ter sabido então que ele era o seu amigo.

- Ainda bem que não soube, Harry.

- Porquê?

- Não quero que se encontrem.

- Não quer que eu me encontre com ele?

- Não.

- Mr. Dorian Gray- está no atelier - anunciou o mordomo, aparecendo no jardim.

- Agora, terá mesmo de me apresentar - exclamou, rindo, Lord Henry.

O pintor voltou-se para o criado, que continuava à espera, pestanejando à luz do sol.

- Peça a Mr. Gray o favor de esperar, Parker. Não vou demorar muito.

O homem fez uma vénia e retirou-se. Então Basil Hallward olhou para Lord Henry.

- Dorian Gray é o meu mais querido amigo.1ém uma índole simples e bela. O que a sua tia disse dele é absolutamente correcto. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. A sua influência sobre ele seria nociva. O mundo é vasto e tem muitas pessoas maravilhosas. Não me roube a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que possui, a minha vida como artista depende dele. Veja bem, Harry, confio em si.

Falava muito devagar, como se arrancasse as palavras quase a contragosto.

- Não diga disparates! - acudiu Lord Henry a sorrir, e, pegando-lhe num braço, quase o arrastou para dentro de casa.

Capítulo II

Viram Dorian Gray assim que entraram. Estava sentado ao piano, de costas para eles, a virar as páginas de um volume das Cenas da Floresta de Schumann.

- Tem de me emprestar estas músicas, Basil - exclamou. - Quero estudá-las. São belíssimas.

- Isso depende de como hoje vai posar, Dorian.

- Ah, já estou cansado de posar e não quero um retrato de corpo inteiro - ripostou o rapaz, de um modo voluntarioso e petulante, voltando-se no banco do piano. Quando avistou Lord Henry, um leve rubor cobriu-lhe as faces por um instante, e levantou-se de repente.

- Perdão, Basil, não sabia que estava acompanhado.

- É Lord Henry Wotton, Dorian, um velho amigo dos tempos de Oxford. Ainda há pouco estava a dizer-lhe que você era um excelente modelo, e agora acabou por estragar tudo.

- Não estragou o meu prazer em conhecê-lo, Mr. Gray – disse Lord Henry avançando e estendendo-lhe a mão. - Minha tia tem falado muito de si. É um dos seus preferidos, mas, receio bem, também uma das suas vítimas.

- De momento, estou na lista negra de Lady Agatha - respondeu Dorian, com um ar cómico de penitência. – Tinha prometido ir com ela terça-feira passada a um clube em Whitechapel, e acabei por me esquecer completamente. Era para termos tocado um dueto juntos - três, parece-me. Não sei o que ela me vai dizer, e estou demasiado apreensivo para a ir visitar.

- Ora, eu me encarregarei de que façam as pazes. Ela é-lhe muito dedicada. Também, não me parece que a sua falta tenha tido importância. Possivelmente a assistência pensou que era um dueto. Ao piano, a tia Agatha faz barulho por dois.

- Mas isso é muito desagradável para ela, e não muito agradável para min - respondeu Dorian, rindo. Lord Henry olhou para ele. Era, sem dúvida, extraordinariamente formoso, com os lábios rubros de contornos bem delineados, o olhar franco de uns olhos azuis, o cabelo loiro e ondulado. Havia no seu rosto qualquer coisa que inspirava imediatamente confiança. Tinha toda a candura e toda a apaixonada pureza da juventude. Sentia-se que não tinha sido maculado pela maldade do mundo. Não era de admirar que Basil Hallward o adorasse tanto!

- É demasiado sedutor para se dedicar á filantropia, Mr. Gray... muito sedutor.

Lord Henry atirou-se para cima do divã e abriu a cigarreira. O pintor tinha estado ocupado a misturar cores e a preparar os pincéis. Tinha um ar preocupado, e, quando ouviu a última observação de Lord Henry, lançou-lhe um olhar e hesitou ligeiramente.

- Harry, quero terminar hoje este quadro. - Acabou então pordizer-lhe. - Será muito indelicado da minha parte pedir-lhe que se retire?

Lord Henry sorriu e olhou para Dorian Gray.

- Devo ir-me embora, Mr. Gray? - perguntou-lhe.

- Oh, por favor não vá, Lord Henry! Vejo que Basil está num dos seus dias de mau humor, e não tenho paciência para o aturar quando está

maldisposto. Além disso, gostaria que me dissesse por que não devo dedicar-me à filantropia.

- Não me parece que lho deva dizer, Mr. Gray. É um assunto tão monótono que seria necessário falar a sério. Mas decidi ficar, já que mo pediu. Basil, você não se importa, pois não? Já me tem dito muitas vezes que gosta que os seus modelos tenham alguém com quem conversar.

Hallward fez um esforço para se dominar.

- Se é essa a vontade de Dorian, claro que deve ficar. Os caprichos de Dorian são leis para toda a gente, excepto para ele.

Lord Henry pegou no chapéu e nas luvas.

- Apesar de tanta insistência sua, Basil, não vou ficar. Prometi a um indivíduo que nos encontraríamos no Orleans. Adeus, Mr. Gray. Venha visitar-me uma tarde destas à Curzon Street. Costumo estar em casa por volta das cinco horas. Mas escreva a avisar-me. Teria muita pena de o não encontrar.

- Basil - exclamou Dorian Gray -, se Lord Henry se vai embora, eu também vou. Você emudece enquanto pinta. Além disso, é tremendamente monótono estar de pé, num estrado, e ainda a tentar fazer um ar bem-disposto. Peça-lhe que fique. Insisto que o faça.

- Fique, Harry. É um favor que faz a Dorian e a mim – disse Hallward, fixando atentamente o retrato. - É verdade, nunca falo enquanto trabalho, e nem sequer ouço o que me dizem, o que deve causar um tédio terrível aos meus infelizes modelos. Peço-lhe que fique.

- E o homem que está à minha espera no Orleans?

O pintor riu-se.

- Não me parece que isso vá causar qualquer problema. Torne a sentar-se, Harry. E você, Dorian, suba para o estrado e veja se fica imóvel, mas não preste atenção ao que Lord Henry disser. É que ele exerce uma influência muito nociva em todos os seus amigos, com a única excepção da minha pessoa.

Dorian Gray subiu para o estrado, com o ar de um jovem mártir grego, e fez um leve trejeito de desagrado a Lord Henry, por quem sentia já grande inclinação. Ele era tão diferente de Basil. Os dois faziam um contraste encantador. E tinha uma voz tão bonita.

- É verdade que a sua influência é assim tão má, Lord Henry? - perguntou-lhe, alguns momentos depois. - Tão má como diz Basil?

- Uma boa influência é coisa que não existe, Mr. Gray.

Toda a influência é imoral, imoral sob o ponto de vista científico.

- Porquê?

- Porque exercer a nossa influência sobre alguém é darmos a própria alma. Esse alguém deixa de pensar com os pensamentos que Lhe são inerentes, ou de se inflamar com as suas próprias paixões. As suas virtudes não lhe são reais. Os seus pecados - se é que os pecados existem - são emprestados. Tal pessoa passa a ser o eco da música de outrem, o actor de um papel que não foi escrito para si. O objectivo da vida é o nosso desenvolvimento pessoal. Compreender perfeitamente a nossa natureza - é para isso que estamos cá neste mundo. Hoje as pessoas temem-se a si próprias. Esqueceram o mais nobre de todos os deveres: o dever que cada um tem para consigo mesmo. É certo que não deixam de ser caritativos. Dão de comer aos que têm fome e vestem os pobres. Mas as suas almas andam famintas e nuas. A coragem desapareceu da nossa raça. Ou talvez nunca a tivéssemos tido. O temor da sociedade, que é a base da moral, o temor de

Deus, que é o segredo da religião - eis as duas coisas que nos governam. E, contudo...

- Volte a cabeça um pouco mais para a direita, Dorian, seja um rapaz bem comportado - disse o pintor, absorvido pelo seu trabalho e apercebendo-se apenas de que surgira no rosto do jovem uma expressão que nunca lhe vira antes.

- E, contudo - continuou Lord Henry na sua voz Grave e musical, e fazendo um gracioso gesto com a mão, tão característico, mesmo já nos tempos de Eton -, se um homem devesse viver a sua vida em toda a plenitude, dar forma a todos os sentimentos, expressão a todos os pensamentos, realidade a todos os sonhos, creio que o mundo ganharia um novo impulso de alegria que nos levaria a esquecer todos os males do medievalismo e a regressar ao ideal helénico. Talvez mesmo a algo mais refinado e mais rico que o ideal helénico. Mas o mais ousado de todos nós teme-se a si mesmo. O selvagem mutilado que nós somos sobrevive tragicamente na auto-rejeição que frustra as nossas vidas. Somos punidos pelas nossas rejeições. Todo o impulso que esforçadamente asfixiamos fica a fermentar no nosso espírito, e envenena-nos. O corpo peca uma vez, e mais não precisa, pois a acção é um processo de purificação. E nada fica, a não ser a lembrança de um prazer, ou o luxo de um pesar. Ceder a uma tentação é a única maneira de nos libertarmos dela. Se lhe resistimos, a alma enlanguesce, adoece com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe, e de desejo por tudo o que as suas leis monstruosas converteram em monstruosidade e ilegalidade. Diz-se que as grandes realizações deste mundo ocorrem no cérebro. É também no cérebro, e só aí, que ocorrem os grandes erros do mundo. E até o senhor, Mr. Gray, que se encontra na flor da juventude, viveu paixões que o atemorizaram, teve pensamentos que o apavoraram e, quer acordado, quer a dormir, teve sonhos tais, que a sua simples lembrança, fariam corar de vergonha...

- Não continue, por favor! - balbuciou Dorian Gray -, Sinto-me confuso. Nem sei que dizer. Há decerto uma resposta adequada, eu é que a não consigo encontrar. Não diga nada. Deixe-me pensar Ou, mais exactamente, deixe-me tentar não pensar.

Durante cerca de dez minutos, permaneceu imóvel, os lábios entreabertos e um brilho estranho no olhar. Tinha uma vaga percepção de que dentro de si actuavam influências inteiramente novas. E, todavia, pareciam ter surgido de dentro de si mesmo. As poucas palavras que o amigo de Basil lhe dirigira - palavras proferidas por acaso, sem dúvida, e intencionalmente paradoxais - tinham feito vibrar uma corda secreta, até então nunca tocada, que sentia agora latejar ao ritmo de inexplicáveis pulsações.

Também a música o perturbava assim, e muitas vezes o tinha emocionado. Mas a música não recorria às palavras. Criava em nós, não um novo mundo, mas sim outro caos. As palavras, simples palavras... como podiam ser terríveis! Como eram nítidas, e vívidas, e cruéis! Não conseguíamos fugir-lhes. E, no entanto, quanta magia subtil possuíam! Pareciam capazes de dar forma plástica a coisas informes e de possuir música própria tão suave como a da viola e do alaúde. Meras palavras! Haveria alguma coisa tão real como as palavras?

Haviam ocorrido coisas durante a sua meninice que, nesse tempo, não entendera. Compreendia-as agora. A vida surgia-lhe, de repente, com um colorido flamejante. Tinha a sensação de ter caminhado sobre o fogo. Por que não soubera antes?

Com o seu sorriso subtil, Lord Henry ficou a observá-lo. Ele sabia qual o exacto momento psicológico em que devia permanecer calado. Sentia um interesse enorme. Ficou surpreendido com a súbita impressão que as suas palavras haviam provocado, e, recordando um livro que lera aos dezasseis anos e que lhe desvendara muitas coisas que antes ignorava, interrogava-se se Dorian Gray estaria passando por experiência semelhante. Limitara-se a atirar uma seta para o ar. Teria atingido o alvo? Que rapaz tão fascinante!

Hallward continuava a pintar, com aquele seu estilo ousado e magnífico, que possuía verdadeiro requinte e perfeita delicadeza, e que, pelo menos em arte, só provém da força interior. Nem se apercebeu do silêncio que se fizera.

- Sinto-me cansado de estar de pé, Basil - exclamou Dorian Gray, de repente. - Preciso de ir sentar-me um pouco lá fora no jardim. O ar aqui dentro está sufocante.

- Desculpe, meu amigo. Quando estou a pintar, não consigo pensar em mais nada. É que você nunca posou tão bem, esteve perfeitamente imóvel. Captei o efeito que pretendia: os lábios entreabertos e o brilho do olhar. Não sei o que Harry lhe esteve a dizer, só sei que lhe provocou essa expressão maravilhosa no rosto. Provavelmente esteve a dirigir-lhe elogios. Mas não acredite em nenhuma das suas palavras.

- Pode ter a certeza de que ele não me fez elogios. Talvez seja por isso que não acredito em nada do que me disse.

- Sabe perfeitamente que acredita em tudo o que lhe disse - interveio Lord Henry, fitando-o com o olhar lânguido e sonhador. - Acompanho-o ao jardim. Está um calor horrível dentro do estúdio. Dê-nos qualquer coisa gelada para beber, Basil, uma coisa que tenha morangos.

- Com certeza, Harry. Toque a campainha, e quando Parker aparecer transmitir-lhe-ei o seu pedido. Tenho que trabalhar este fundo, por isso só irei ter convosco mais logo. Não me retenha Dorian muito tempo. Nunca esteve em tão boa forma para pintar como hoje. Esta vai ser a minha obra-prima. Ela já é a minha obra-prima assim como está.

Lord Henry foi para o jardim. Encontrou Dorian Gray com o rosto mergulhado nos grandes cachos frescos de lilases, absorvendo-lhes febrilmente o perfume como se fosse vinho. Aproximou-se dele e pousou-lhe a mão no ombro.

- Faz muito bem em fazer isso - murmurou. - Só os sentidos podem curar a alma, assim como só a alma pode curar os sentidos.

O rapaz sobressaltou-se e recuou. Estava de cabeça descoberta, e as folhas tinham-lhe despenteado os anéis rebeldes do cabelo, enleando-lhe as madeixas douradas. Tinha um olhar assustado, como o daquelas pessoas que são acordadas de repente. As narinas, de linhas delicadas, fremiam, e um nervo oculto fazia tremer os lábios rubros.

- É verdade - continuou Lord Henry -, esse é um dos grandes segredos da vida: curar a alma através dos sentidos, e os sentidos através da alma. O senhor, Mr. Gray, é uma maravilha da criação. Sabe mais do que julga que sabe, mas também sabe menos do que quer saber.

Dorian Gray, de semblante carregado, voltou a cabeça para o outro lado. Não podia deixar de gostar do homem alto e grácil que estava junto de si. Despertavam-lhe interesse o rosto romântico cor de azeitona e a sua expressão fatigada. Havia algo na voz Grave e lânguida que era extraordinariamente fascinante. Até as mãos, brancas e frias como flores, possuíam um estranho encanto. Quando falava, moviam-se como música, e pareciam ter uma linguagem própria. Mas tinha medo dele e tinha vergonha de ter medo. Por

que havia de ter sido um desconhecido a revelar-lhe o seu próprio íntimo? Já se tinham passado meses desde que conhecera Basil Hallward, contudo a amizade entre eles não o tinha modificado em nada. E, logo assim, de súbito, deparou com uma pessoa que parecia ter-lhe desvendado o mistério da vida. E o que havia a recear? Não era nenhum rapazinho, nem uma menina... Era absurdo sentir medo.

- Sentemo-nos à sombra - sugeriu Lord Henry. - Parker já trouxe as bebidas, e se o senhor permanecer mais tempo sob este sol escaldante, vai ficar com a pele estragada, e, depois, Basil não voltará a pintar o seu retrato. Na verdade, não se deveria deixar queimar pelo sol. Não lhe ficaria nada bem.

- E que importância tem isso? - exclamou Dorian Gray, a rir, sentando-se num banco ao fundo do jardim.

- Devia ter muita importância para si, Mr. Gray.

- Porquê?

- Porque tem uma juventude deslumbrante, e a juventude é a única coisa que vale a pena ter.

- Não penso assim, Lord Henry.

- Pois não, não pensa assim agora. Um dia, quando for velho, enrugado e feio, quando o pensamento lhe tiver sulcado a fronte de rugas, e a paixão, com suas chamas medonhas, lhe tiver crestado os lábios, sentirá então uma impressão terrível. Agora, aonde quer que vá, consegue seduzir todas as pessoas. Mas será sempre assim? Tem um rosto de beleza deslumbrante, Mr. Gray. Não precisa de fazer esse ar tão contrariado. É verdade. E a Beleza é uma forma de Génio, sendo mesmo superior ao génio, pois não necessita de ser explicada. Ela faz parte dos grandes elementos do universo, como a luz do sol, a Primavera, ou o reflexo nas águas nocturnas, dessa concha de prata a que chamamos lua. Não pode ser contestada. Tem o direito divino de um soberano. Transforma em príncipes os que a possuem. Sorri? Ah, quando a tiver perdido, deixará de sorrir... Por vezes, ouve-se dizer que a Beleza é apenas superficial. Talvez seja. Mas, ao menos, não é tão superficial como o Pensamento. Considero a Beleza a maravilha das maravilhas. Só os fúteis não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, e não o invisível. Sim, Mr. Gray, os deuses foram-lhe favoráveis. Mas os deuses dão agora, para tirar depois. O senhor tem tão-somente alguns anos para poder viver a vida em real plenitude. Quando a mocidade se for, com ela irá a sua beleza, e, então, cedo descobrirá que não lhe restaram êxitos, ou terá que se contentar com os êxitos insignificantes, que a lembrança do passado tornará mais amargos do que às derrotas. À medida que os meses vão minguando, eles vão-no aproximando de algo terrível. O tempo tem ciúmes de si, e faz guerra à primavera dos seus anos. Então, ficará com a pele macilenta, as faces encovadas e o olhar mortiço. Irá sofrer tormentos... Ah! Tome plena consciência da sua juventude enquanto a possuir. Não esbanje o ouro dos seus dias a dar ouvidos a gente maçadora que tenta aproveitar o fracasso irremediável, nem perca o seu tempo com os ignorantes, os medíocres e os boçais. São esses os objectivos doentios, os falsos ideais dos nossos dias. Viva, viva a vida maravilhosa que existe em si! Não desperdice nenhuma oportunidade, procure sempre novas sensações. Não tenha medo de nada... Um novo Hedonismo - eis o que faz falta ao nosso século. O senhor podia ser o seu símbolo vivo. Com essa sua personalidade, não existe nada que não possa fazer. O mundo pertence-lhe por um determinado tempo... No mesmo instante em que o conheci, Mr. Gray, vi que o senhor não tinha consciência da sua verdadeira natureza, nem do que poderia ser. Havia em si tantas coisas que

me fascinaram, que achei que devia falar-lhe de si. Pensei que seria muito trágico se se fosse perder. É que é tão breve o tempo de duração da sua mocidade... tão breve. As vulgares flores silvestres fenecem, mas voltam a florir. Este laburno estará tão amarelo em Junho do ano que vem como está agora. No espaço de um mês, a clematite ficará coberta de estrelas cor de púrpura, e, ano após ano, a noite verde das suas folhas vai segurar as mesmas estrelas avermelhadas. Mas nós nunca recuperamos a nossa mocidade. O pulsar de alegria, que em si lateja aos vinte anos, perde o vigor. Os nossos membros tornam-se débeis, os sentidos definham. Vamos degenerando até nos transformarmos em fantoches hediondos, perseguidos pela lembrança das paixões que tanto temíamos, e das requintadas tentações a que não tínhamos coragem de ceder. Ah, juventude... juventude! Não há absolutamente mais nada no mundo senão a juventude.

Com olhar de espanto, e cheio de dúvidas, Dorian Gray ouvia atentamente. Deixou cair no chão de cascalho a haste de lilás que segurava. Uma abelha peluda aproximou-se dela e andou zumbindo à sua volta por uns instantes. Depois, começou a trepar pelo maciço oval de minúsculas flores estreladas. Dorian observava-a, com aquele estranho interesse que fazemos por tomar pelas coisas triviais, quando coisas de maior importância nos causam medo, ou quando somos agitados por uma nova emoção que não sabemos definir, ou quando o nosso cérebro é subitamente assediado por um pensamento terrível que nos exorta a rendermo-nos. Pouco depois, a abelha voou para longe. Viu-a rastejar para o interior da campânula irisada de uma trepadeira. A flor pareceu estremecer e, logo, começou a balouçar suavemente.

O pintor apareceu de súbito à porta do estúdio, fazendo-lhes repetidos gestos com a mão para eles entrarem. Olharam um para o outro e sorriram.

- Estou à espera - gritou ele. - Entrem já. A luz agora está óptima. Não se esqueçam de trazer as bebidas.

Levantaram-se e caminharam juntos. Duas borboletas verdes e brancas esvoaçaram rente a eles, e, na pereira ao canto do jardim, um tordo começou a cantar.

- Suponho que está contente por me ter conhecido, Mr. Gray - disse Lord Henry, olhando para ele.

- Sim, agora estou contente. Será que estarei para sempre?

- Sempre! Que palavra horrível! Faz-me arrepios ouvi-la. As mulheres é que gostam muito de a usar. Conseguem destruir um romance de amor quando procuram fazê-lo durar para sempre. Além disso, é também uma palavra sem sentido. A única diferença entre um capricho e uma paixão para toda a vida é que o capricho dura um pouco mais.

Ao entrarem no estúdio, Dorian Gray pousou a mão no braço de Lord Henry.

- Nesse caso, que a nossa amizade seja um capricho - murmurou ele, corando pela sua ousadia, a seguir, subiu para o estrado e retomou a sua pose.

Lord Henry deixou-se cair num cadeirão de verga e quedou-se a observá-lo. O ruído provocado pelo roçar do pincel na tela era o único som a quebrar o silêncio, salvo quando, por vezes, Hallward recuava um pouco para poder apreciar o seu trabalho a uma certa distância. Nos raios oblíquos que entravam pela porta aberta dançava uma poalha dourada. O aroma carregado das rosas parecia pairar por sobre todas as coisas.

Cerca de um quarto de hora depois, Hallward interrompeu a pintura e fitou longamente Dorian Gray. Depois, olhou também demoradamente o

quadro, mordiscando a extremidade de um dos seus enormes pincéis e franzindo as sobrancelhas.

- Acabei - exclamou, por fim. E, curvando-se, escreveu o seu nome em grandes letras a vermelhão no canto esquerdo da tela.

Lord Henry aproximou-se e examinou o retrato. Era, de facto, uma obra de arte maravilhosa. A semelhança com o original era de igual modo extraordinária.

- Meu querido amigo, as minhas mais calorosas felicitações - disse ele. - É o mais belo retrato dos tempos modernos. Venha ver, Mr. Gray.

O jovem estremeceu, como se tivesse despertado de um sonho.

- Está realmente acabado? - murmurou, ao descer do estrado.

- Completamente - respondeu o pintor. - E você posou fantasticamente. Estou-lhe muitíssimo grato.

- Isso deve-se inteiramente a mim - interveio Lord Henry. - Não é assim, Mr. Gray?

Dorian não respondeu. Passou distraidamente diante do quadro e virou-se de frente para ele. Quando o viu, recuou e, por momentos, o rosto ruborizou-se-lhe de satisfação. Assomou-lhe aos olhos uma expressão de júbilo, como se se tivesse reconhecido pela primeira vez. Continuava imóvel e maravilhado, apercebendo-se vagamente de que Hallward estava a falar com ele, mas sem apreender o significado das palavras. A sensação da sua própria beleza surgiu-lhe como uma revelação. Nunca a sentira antes. Os elogios de Hallward pareceram-lhe sempre amáveis exageros provenientes da amizade que os unia. Escutara-os, rira-se deles e, depois, esquecera-os. Nunca haviam exercido nele qualquer influência. Depois, aparecera Lord Henry Wotton com o seu estranho discurso panegírico sobre a juventude e o prenúncio terrível da sua brevidade. Isso perturbara-o então, e agora, ao encarar o reflexo da sua beleza, toda a realidade da descrição acudiu-lhe subitamente ao espírito. De facto, havia de chegar o dia em que o rosto ficaria enrugado e mirrado, os olhos baços e sem cor, e a graciosidade das suas formas destruída e deformada. O vermelho vivo dos lábios desapareceria, e também o tom dourado do cabelo. A vida que teve, que Lhe criar a alma havia de desfigurar-lhe o corpo. Iria tornar-se horrendo, hediondo e grosseiro.

Ao pensar nisso, uma dolorosa angústia, acutilante como uma faca, fez vibrar cada fibra delicada do seu ser. O azul dos olhos passou a cor de ametista, e cobria-o uma névoa de lágrimas. Tinha a sensação de que uma mão de gelo lhe pousara no coração.

- Não gosta do retrato? - exclamou Hallward, por fim, um pouco melindrado com o silêncio do rapaz, sem compreender o significado desse silêncio.

- É claro que gosta - acudiu Lord Henry. - Quem não gostaria? É uma das coisas mais importantes da arte moderna. Dou por ele tudo o que me pedir, seja qual for o preço. Tem de ser meu.

- Mas ele não me pertence, Harry.

- De quem é, então?

- De Dorian, evidentemente - respondeu o pintor.

- Eis um homem de sorte!

- Que tristeza! - murmurou Dorian Gray, continuando a fitar o retrato. - Que tristeza! Vou ficar velho, e horrível, e medonho. Mas este retrato permanecerá eternamente jovem. Precisamente como neste dia de Junho. Se pudesse dar-se o inverso! Ser eu eternamente jovem e o retrato envelhecer!

Daria tudo para que isso acontecesse! Tudo o que há no mundo! Daria a própria alma!

- Um acordo desses não Lhe conviria nada, Basil – exclamou Lord Henry, rindo. - Seria uma desgraça para o seu trabalho.

- Eu opor-me-ia veementemente, Harry - disse Hallward.

Dorian Gray voltou-se e olhou para ele.

- Acredito que o faria, Basil. Você gosta mais da sua arte do que dos amigos. Para si, não passo de uma figura de bronze verde. Ou nem tanto.

O pintor arregalava os olhos de espanto. Aquele modo de falar não tinha nada a ver com Dorian. O que teria acontecido? Ele parecia tão irritado. Tinha a cara afogueada e as faces escaldantes.

- Sim - continuou ele -, para si, valho menos do que o seu Hermes de marfim, ou o seu Fauno de prata. Deles vai gostar sempre. E de mim, por quanto tempo irá gostar? Até aparecer a minha primeira ruga, suponho. Agora, sei que quando se perde a beleza, seja ela qual for, perde-se tudo. Isso foi o que o seu quadro me ensinou. Lord Henry Wotton tem toda a razão. A juventude é a única coisa que vale a pena ter. Quando eu verificar que estou a envelhecer, suicido-me.

Hallward empalideceu e agarrou-lhe a mão.

- Dorian! Dorian! - gritou ele -, não fale assim. Nunca tive um amigo como você, nem nunca terei. Não tem ciúmes de coisas materiais, pois não? Você é muito mais belo do que qualquerdessas coisas!

- Tenho ciúmes de tudo em que a beleza não morre. Tenho ciúmes do meu retrato que você pintou. Por que há-de ele conservar o que eu tenho de perder? Cada momento que passa rouba-me algo, e dá-o a ele. Ah, se acontecesse ao contrário! Se o retrato pudesse mudar, e pudesse eu ser sempre como sou agora! Por que é que você o pintou? Um dia ele vai desdenhar-me... desdenhar-me terrivelmente.

Os olhos arrasaram-se de lágrimas escaldantes, retirou a mão violentamente e, atirando-se para cima do divã, enterrou a cara nas almofadas, como se estivesse a rezar.

- Isto é obra sua, Harry - disse o pintor, amargamente.

Lord Henry encolheu os ombros.

- Este é que é o verdadeiro Dorian Gray. É só isso.

- Não. Não é.

- Se não é, que tenho eu a ver com isso?

- Você devia ter saído quando lhe pedi - sussurrou ele.

- Eu fiquei quando você mo pediu - foi a resposta de Lord Henry.

- Harry, não posso começar a discutir ao mesmo tempo com os meus dois melhores amigos, mas de vocês dois, foi você que me fez odiar a mais bela obra de arte que já fiz, e vou destruí-la. O que é senão apenas um pedaço de tela e cor? Não vou deixar que se venha interpor nas nossas três vidas e estragá-las.

Dorian Gray levantou a sua cabeça loira da almofada e, de rosto pálido e os olhos com vestígios de lágrimas, olhou para o pintor, enquanto este se dirigia para a mesa de apoio, que se encontrava por baixo da alta janela de cortinas. Que fazia ele ali? Os seus dedos vasculhavam por entre a confusão de tubos de estanho e pincéis secos, à procura de alguma coisa. Lá estava ela, a comprida espátula com a sua lâmina fina de aço maleável. Finalmente, encontrara-a. Iria rasgar a tela.

Abafando um soluço, o rapaz levantou-se de um salto, e, correndo para Hallward, arrancou-lhe da mão a espátula e arremessou-a para o fundo do atelier.

- Não, Basil, não! - gritou ele. - Seria um crime!

- Fico satisfeito por, finalmente, você apreciar a minha obra, Dorian - disse o pintor, friamente, depois de se refazer da surpresa. - Nunca pensei que fosse apreciá-la.

- Apreciá-la? Estou apaixonado por ela, Basil. Faz parte de mim mesmo. Sinto-o.

- Bem, assim que estiver seco, será envernizado, e emoldurado, e enviado para sua casa. Depois poderá fazer com ele o que quiser.

E, atravessando a sala, tocou a campainha para o chá.

- Vai tomar chá, por certo, Dorian? E você também, Harry? Ou opõe objecções a prazeres tão simples?

- Adoro prazeres simples - respondeu Lord Henry. - São o último refúgio dos complicados. Mas não gosto de cenas, a não ser no palco. Que indivíduos tão absurdos vocês os dois! Quem seria que definiu o homem como um animal racional! Foi a definição mais prematura que já se fez. O homem é muitas coisas, mas não é racional. Apesar de tudo, ainda bem que o não é, embora desejasse que vocês não discutissem por causa do quadro. Seria muito melhor que você me deixasse ficar com ele, Basil. É que este rapaz pateta não o quer, ao passo que eu quero-o mesmo.

- Se você deixar que alguém, sem ser eu, fique com ele, Basil, nunca lhe perdoarei! - exclamou Dorian Gray. - E não permito que me chamem pateta.

- Você sabe que o quadro lhe pertence, Dorian. Eu dei-lho antes de ele existir.

- O senhor sabe muito bem que foi bastante pateta, Mr. Gray, e que, na realidade, não se opõe a que lhe lembrem que é extremamente jovem.

- Devia ter-me oposto vivamente esta manhã, Lord Henry.

- Ora esta manhã! O senhor começou a viver a partir dessa altura.

Bateram à porta, e o mordomo entrou com um tabuleiro completo para o chá e pousou-o sobre uma pequena mesa japonesa. Ouviu-se um tilintar de chávenas e pires e o silvo de uma canelada chaleira georgiana. Um criado trouxe duas travessas de porcelana em forma de globo. Dorian Gray aproximou-se e serviu o chá. Os dois homens dirigiram-se indolentemente para a mesa e espreitaram o que havia por baixo das tampas.

- Vamos esta noite ao teatro - alvitrou Lord Henry. - Há, certamente, alguma coisa em cena em qualquer lado. Prometi jantar em casa do White, mas trata-se apenas de um velho amigo, por isso posso mandar-lhe um telegrama a dizer que estou doente, ou que não posso ir por motivo de um compromisso posterior. Penso que seria uma desculpa bastante simpática: teria toda a surpresa da sinceridade.

- É uma maçada tão grande ter que vestir roupa de cerimónia - murmurou Hallward. - E, depois de as vestirmos, ficamos tão horríveis.

- De facto - respondeu Lord Henry, com ar sonhador -, o vestuário do século XIX é detestável. É tão sombrio, tão deprimente. O pecado é o único elemento realmente colorido que ficou na vida moderna.

- Você não devia falar assim na presença de Dorian, Harry.

- Na presença de qual? Aquele Dorian que nos está a servir o chá, ou o do quadro?

- Na presença de qualquer deles.

- Gostaria de ir ao teatro com o senhor, Lord Henry – disse o rapaz.

- Então venha, e você vem também, Basil, não vem?

- Na verdade, não posso ir. É melhor não ir. Tenho muito trabalho a fazer.

- Bem, então vamos só nós os dois, Mr. Gray.

- Gostaria imenso.

O pintor procurou dominar-se, e, de chávena na mão, dirigiu-se para o retrato.

- E eu vou ficar com o verdadeiro Dorian - disse ele, com tristeza.

- Esse é o verdadeiro Dorian? - exclamou o original do retrato, encaminhando-se para ele. - Sou realmente assim?

- É. Você é exactamente assim.

- Maravilhoso, Basil!

- Pelo menos, parece-se com ele na aparência. Mas este nunca se modificará - disse Hallward, suspirando. - E isso já é alguma coisa.

- Que importância exagerada se dá à fidelidade! – exclamou Lord Henry. - Ora, mesmo no amor, é simplesmente uma questão da fisiologia. Não tem nada a ver com a nossa própria vontade. Os jovens querem ser fiéis, e não o são, os velhos querem ser infiéis, e não o conseguem. E está tudo dito.

- Não vá ao teatro esta noite, Dorian - pediu-lhe Hallward. - Fique e jante comigo.

- Não posso, Basil.

- Porquê?

- Porque prometi a Lord Henry Wotton que iria com ele.

- Ele não irá gostar mais de você só por cumprir as promessas. Ele mesmo nunca cumpre as que faz. Peço-lhe que não vá.

Dorian Gray riu-se e fez que não com a cabeça.

- Suplico-lhe.

O rapaz hesitou e olhou em direcção a Lord Henry, que, do lugar onde se encontrava, junto à mesa de chá, observava-os, com um sorriso divertido.

- Tenho de me ir embora, Basil - respondeu ele.

- Muito bem - disse Hallward, depois foi colocar a sua chávena no tabuleiro. - Já é tarde, e, como você tem que mudar de roupa, seria melhor não perder tempo. Adeus, Harry. Adeus, Dorian. Venha ver-me em breve. Venha amanhã.

- Com certeza.

- Não se vai esquecer?

- Não, claro que não - exclamou Dorian.

- E.. você, Harry!

- Diga, Basil.

- Lembre-se do que Lhe pedi, quando estávamos esta manhã no jardim.

- Já me esqueci.

- Olhe que confio em si.

- Quem me dera poder confiar em mim mesmo - disse Lord Henry, rindo. - Vamos, Mr. Gray, o meu cabriolé está lá fora, e posso deixá-lo em casa. Adeus, Basil. Foi uma tarde muito interessante.

Logo que a porta se fechou quando eles saíram, o pintor atirou-se para um sofá, e uma expressão sofrida surgiu-lhe no rosto.

Capítulo III

Às doze e trinta do dia seguinte, Lord Henry Wotton foi de Curzon Street até Albany visitar o tio, Lord Fermor, um solteirão jovial, ainda que de modos um tanto rudes, a quem o mundo à sua volta chamava egoísta porque dele não recebia nenhum benefício especial, mas que era considerado generoso pela alta sociedade, pois dava de comer às pessoas que o divertiam. O pai tinha sido embaixador em Madrid quando Isabella era jovem, e não se pensava em Prim, mas tinha-se afastado do serviço diplomático num caprichoso momento de enfado por lhe não terem oferecido a Embaixada de Paris, um lugar a que, em sua opinião, tinha pleno direito, por razões de nascimento, indolência, o inglês perfeito dos seus despachos e a sua paixão desregrada pelo prazer. O filho, que fora secretário do pai, tinha-se demitido juntamente com o seu superior, considerada na altura uma atitude tola, e, conseguindo alguns meses mais tarde o título, lançara-se no estudo sério da grande arte aristocrática de não fazer absolutamente nada. Tinha duas grandes moradias na cidade, mas preferia viver em quartos alugados, visto que causava menos confusão, e tomava as refeições no seu clube. Dedicava alguma atenção à gestão das suas minas de carvão nos condados do Midland, justificando-se por este vestígio de indústria com base na única vantagem de ter carvão: possibilitava a um cavalheiro a decência de queimar lenha na sua própria lareira. Na política era conservador, excepto quando os Conservadores estavam no poder, período em que os insultava por serem um bando de radicais. Era um herói para o seu criado de quarto, que o intimidava, e um terror para a maioria dos seus parentes, a quem ele intimidava, por sua vez. Ele só poderia ser um produto de Inglaterra, e dizia sempre que o país se estava a arruinar. Os seus princípios eram antiquados, mas havia muito a dizer dos seus preconceitos.

Quando Lord Henry entrou na sala, encontrou o tio enfiado num grosseiro casaco de caça, sentado a fumar um charuto e a resmungar enquanto lia o Times.

- Então, Harry - perguntou o velhote -, o que te traz por cá tão cedo? Pensava que vocês, dândis, nunca se levantavam antes das duas horas, e não eram visíveis antes das cinco.

- Puro afecto familiar, posso assegurar-lhe, tio George. Preciso de uma coisa de si.

- Dinheiro, suponho - disse Lord Fermor, torcendo o nariz. - Bem, senta-te e diz-me o que queres. Hoje em dia, os jovens imaginam que o dinheiro é tudo.

- É verdade - murmurou Lord Henry endireitando a botoeira do seu casaco -, e quando envelhecem sabem que o é. Mas, não é de dinheiro que eu preciso. Só as pessoas que pagam as suas contas é que o precisam, tio George, e eu nunca pago as minhas. O crédito é o capital de um filho mais novo que vive sedutoramente dele. Além disso, eu faço negócios com os comerciantes de Dartmoor, e, por consequência, eles nunca me incomodam. Do que eu preciso é de informações, não de informações úteis, evidentemente, mas sim de informações inúteis.

- Pois bem, posso dar-te qualquer informação que se encontre em qualquer Livro-Azul *(1)* inglês, Harry, ainda que esses indivíduos escrevam,

hoje em dia, uma série de disparates. Quando eu estava no serviço diplomático, as coisas estavam muito melhor, Mas ouço dizer que os admitem agora por meio de um exame. O que é que se pode esperar? Os exames, meu caro, são uma pura farsa do princípio ao fim. Se o indivíduo é gentleman, tem sabedoria que chegue,

**1. Livro onde se encontram registados os nomes dos membros da alta sociedade. (N. da T.)*

se não for um gentleman, saiba o que souber é mau para ele.

- Mr. Dorian Gray não faz parte dos livros azuis, tio George - disse Lord Henry, com o seu ar lânguido.

- Mr. Dorian Gray? Quem é ele? - perguntou Lord Fermor, franzindo as suas fartas sobrancelhas brancas.

- É isso mesmo que venho saber, tio George. Ou antes, sei quem ele é. É o neto do último Lord Kelso. A mãe era uma Devereux - Lady Margaret Devereux. Queria que falasse da mãe dele. Como era ela? Com quem casou? O senhor conheceu quase toda a gente do seu tempo, por isso pode tê-la conhecido. De momento, estou muito interessado por Mr. Gray. Acabo de o conhecer.

- Neto de Kelso! - repetiu, como um eco, o velho. - Neto de Kelso!... Mas claro... conheci a mãe dele intimamente. Creio que assisti ao seu baptizado. Era uma rapariga de beleza extraordinária, Margaret Devereux, e deixou todos os homens desvairados, quando fugiu com um jovem sem vintém, simplesmente um zé-ninguém, meu caro, um subalterno de um regimento de infantaria, ou qualquer coisa desse género. Com certeza. Lembro-me de tudo como se tivesse acontecido ontem. O pobre diabo morreu num duelo em Spa, uns meses a seguir ao casamento. Correu uma história desagradável acerca disso. Dizia-se que Kelso contratou um miserável aventureiro, um belga abrutalhado, para insultar o genro em público, pagou-lhe para o fazer, meu caro, pagou-lhe, e que o tal indivíduo o trespassou como a um passarinho. A coisa foi abafada, mas, senhores, depois Kelso passou a comer sozinho no clube durante algum tempo. Trouxe a filha de volta com ele, segundo me contaram, mas ela deixou de lhe falar. Foi um caso muito grave. A rapariga também morreu depois, morreu no espaço de um ano. Mas deixou um filho, não é assim? Tinha-me esquecido disso. Como é o rapaz?. Se for como a mãe, deve ser um indivíduo bem parecido.

- E muito bem parecido -- confirmou Lord Henry.

- Espero que ele tenha arrecadado uma boa herança, - continuou o velho. - Ele devia ter uma boa maquia à sua espera, se é que Kelso deixou as disposições adequadas. A mãe também tinha dinheiro. Todos os bens Selby ficaram para ela através do avô. O avô odiava Kelso, considerando-o um cão de má raça. Mas ele também o era. Uma vez veio a Madrid quando eu ainda lá estava. Meu Deus, como ele me fez passar por uma vergonha. A rainha costumava perguntar-me pelo aristocrata inglês que discutia sempre os preços das corridas com os cocheiros. Não falavam de outra coisa. Durante um mês, não me atrevi a pôr os pés na Corte. Espero bem que ele tenha tratado o neto melhor do que tratou os cocheiros.

- Não sei - respondeu Lord Henry. - Imagino que o rapaz vive com desafogo. Ainda não atingiu a maioridade. Sei que Selby lhe pertence. Foi ele que mo disse. E... a mãe era muito bonita?

- Margaret Devereux era uma das criaturas mais lindas que já vi, Harry. Mas por que cargas de água foi ela fazer o que fez?! Nunca cheguei a perceber. Ela podia ter casado com quem quisesse. Carlington era louco por ela. Mas ela era uma romântica, como todas as mulheres daquela família. Os homens não valiam nada, mas, senhores, as mulheres eram maravilhosas. Carlington ajoelhava-se-lhe aos pés. Ela própria mo confessou. Ela ria-se dele, e, contudo, não havia rapariga em Londres que nesse tempo não andasse atrás dele. E a propósito de casamentos disparatados, Harry, que farsa é essa, que o teu pai me conta, de Dartmoor querer casar com uma americana? Então as raparigas inglesas não lhe servem?

- Sabe, tio George, agora é moda casar com americanas.

- Pois eu, Harry, apoio as mulheres inglesas contra todo o mundo - disse Lord Fermor, batendo com o punho na mesa.

- Todos apostam nas americanas.

- Mas não vai durar muito, segundo me disseram - resmungou o tio.

- Um noivado prolongado fatiga-as, mas elas são muito boas na corrida de obstáculos. Elas apanham as coisas a voar. Não me parece que Dartmoor tenha sorte.

- Quem é a família dela? - resmungou o velhote. - Ela tem alguma?

Lord Henry abanou a cabeça negativamente.

- As raparigas americanas são tão hábeis a esconder os pais como o são as mulheres inglesas a encobrir o seu passado - disse ele, levantando-se para sair.

- Eles devem dedicar-se ao negócio de carne de porco embalada, não achas?

- Espero bem que sim, tio George, para bem de Dartmoor. Disseram-me que o negócio de carne de porco embalada é a profissão mais lucrativa da América, a seguir à política.

- E ela é bonita?

- Comporta-se como se o fosse. De resto, é como faz a maioria das mulheres americanas. Esse é o segredo do seu encanto.

- Porque é que estas mulheres americanas não ficam por lá no seu país? Andam sempre a dizer-nos que é o Paraíso das mulheres.

- E é. Esse é o motivo porque, tal como Eva, estão demasiado ansiosas por sair de lá - disse Lord Henry. - Adeus, tio George. Vou chegar atrasado ao almoço, se ficar mais tempo. Obrigado por me ter prestado as informações que eu queria. Gosto sempre de saber tudo dos meus novos amigos, e nada acerca dos velhos.

- Onde vais almoçar, Harry?

- Em casa da tia Agatha. Fiz-me convidado, a mim e a Mr. Gray. Ele é o seu protégé mais recente.

- Hum! Harry, diz à tua tia Agatha que não me mace mais com os seus pedidos de beneficência. Estou farto deles. Ora a boa da mulher pensa que não tenho mais nada que fazer, senão preencher cheques para as suas loucas excentricidades.

- Está bem, tio George, eu digo-lhe, mas não fará nenhum efeito. As pessoas filantrópicas perdem todo o sentido de humanidade. É a sua característica especial.

O velhote emitiu um grunhido de aprovação, e tocou a campainha para chamar o criado.

Lord Henry foi ter a Burlington Street passando pela baixa arcada, e dirigiu os seus passos em direcção a Berkeley Square.

Então, era essa a história da ascendência de Dorian Gray.

Apesar de lhe ter sido contada de maneira tão crua, causara-lhe uma certa perturbação, por sugerir um estranho romance de amor quase moderno. Uma mulher bela que arrisca tudo por uma louca paixão. Umas semanas delirantes de felicidade bruscamente interrompida por um crime hediondo e traiçoeiro. Meses de tormento silenciado, e, depois, uma criança nascida no meio do sofrimento. A mãe arrebatada pela morte, o rapaz à mercê da solidão e da tirania de um homem velho e insensível. Era, de facto, um passado interessante. Definia o rapaz, tornando-o, por assim dizer, mais perfeito. Por detrás da coisa mais delicada, havia sempre alguma coisa de trágico. Os mundos tinham de sofrer as dores de parto, para que pudesse nascer a flor mais insignificante... E que encantador ele tinha sido ao jantar da noite anterior, quando, de olhar assustado e lábios entreabertos de prazer e medo, se tinha sentado à sua frente no clube, as sombras avermelhadas das velas dando um rosa mais rico ao despertar do espanto no seu rosto. Conversar com ele era como tocar um violino primoroso. Ele respondia a cada toque e vibração do arco... O exercício da influência era, simultaneamente, terrível e fascinante. Não havia outra actividade que se lhe assemelhasse. Projectar a nossa alma em alguém de figura graciosa e deixá-la demorar-se aí por um momento, ouvir os nossos pontos de vista intelectuais soarem-nos como um eco, com toda a música dada pela paixão e a juventude, transmitir o nosso temperamento a outra pessoa como se fosse um fluido subtil ou um estranho perfume - tudo isso transmitia verdadeiro júbilo, talvez a alegria mais gratificante para nós, quando nos encontramos numa época tão limitada e vulgar, uma época grosseiramente carnal nos seus prazeres e grosseiramente banal nos seus objectivos... Era também um rapaz maravilhoso, este que, por um acaso tão extraordinário, ele encontrara no atelier do Basil, ou, de qualquer modo, poderia vir a transformar-se num tipo maravilhoso. Possuía a graça e a pureza impoluta da infância, e a beleza igual à que os antigos mármores gregos nos guardaram. Não havia nada que não se pudesse fazer dele. Podia ser transformado em Titã ou em brinquedo. Que pena que essa beleza estivesse destinada a fenecer!... E Basil? Que interessante era, sob um ponto de vista psicológico! A nova forma de arte, o modo renovado de olhar para a vida, estranhamente sugeridos pela simples presença física de alguém que nem disso tinha consciência, o espírito silencioso, que habitava o bosque sombrio e caminhava invisível em pleno campo, revelava-se, de súbito, como uma Dríade, e sem receio, porque na alma de quem o procurava tinha despertado essa visão maravilhosa à qual unicamente são reveladas as coisas deslumbrantes, as simples formas e modelos das coisas a tornarem-se, por assim dizer, refinadas e ganhando uma espécie de valor simbólico, como se elas mesmas fossem modelos de outra forma mais perfeita, cuja sombra elas tornavam reais. Que estranho era tudo isso! Ele lembrava-se de algo semelhante na história. Não foi Platão, esse artista do pensamento, quem primeiro o analisara? Não foi Buonarotti que o esculpira nos mármores coloridos de uma sequência de soneto? Mas, no nosso século, era estranho... Sim, ele tentaria ser para Dorian Gray, sem que disso se apercebesse, o que o rapaz era para o pintor que tinha dado forma ao retrato extraordinário. Procuraria dominá-lo. Na verdade, já em parte o fizera. Tornaria seu esse espírito fantástico. Havia um certo fascínio neste filho do Amor e da Morte.

Deteve-se, de repente, e olhou para as casas. Viu que tinha deixado para trás, a alguma distância, a casa de sua tia, e, sorrindo para si mesmo, retrocedeu. Quando entrou no vestíbulo um pouco sombrio, o mordomo

anunciou-lhe que já todos tinham entrado na sala para almoçar. Entregou a um dos lacaios o chapéu e a bengala, e passou à sala de jantar.

- Atrasado como sempre, Harry - exclamou a tia, abanando a cabeça num gesto de reprovação.

Ele inventou uma desculpa fácil e, depois de ter ocupado o lugar vago ao lado dela, olhou à sua volta para ver quem estava lá. Dorian acenou-lhe timidamente lá do extremo da mesa, ao mesmo tempo que lhe subia ao rosto um rubor de prazer. À sua frente encontrava-se a duquesa de Harley, uma senhora de admirável índole generosa e de bom temperamento, muito querida de todos os que a conheciam, e possuindo aquelas amplas proporções arquitecturais que, em mulheres que não são duquesas, os historiadores contemporâneos designam por corpulência. Ao lado dela, à sua direita, estava Sir Thomas Burdon, um membro radical do Parlamento, que, na vida pública, seguia o seu líder, e, na vida privada, seguia os melhores cozinheiros, jantando com os Conservadores, e pensando com os Liberais, de acordo com uma regra de prudência muito conhecida. O lugar à esquerda da duquesa era ocupado por Mr. Erskine de Treadley, um cavalheiro idoso, de cultura e encanto consideráveis, que, porém, adquirira desagradáveis hábitos de silêncio, pois que, como ele explicara uma vez a Lady Agatha, já dissera tudo que tinha a dizer antes dos seus trinta anos. Ao lado dele estava Mrs. Vandeleur, uma das mais velhas amigas de sua tia, uma verdadeira santa entre as mulheres, mas tão horrivelmente desmazelada no vestir, que lhe fazia lembrar um daqueles livros de cânticos com a encadernação em mau estado. Felizmente para ele, do outro lado dela, encontrava-se Lord Faudel, um inteligentíssimo medíocre de meia idade, tão calvo como um relatório ministerial da Câmara dos Comuns, e com quem ela conversava, daquela maneira intensamente fervorosa que é o único erro imperdoável - como ele próprio uma vez notara – em que caem todas as pessoas verdadeiramente boazinhas, e a que nenhuma delas consegue escapar.

- Estamos a falar do pobre Dartmoor, Lord Henry - observou a duquesa, do outro lado da mesa, com um simpático aceno de cabeça para ele. - Acha que ele irá mesmo casar com essa jovem tão fascinante?

- Eu creio que ela decidiu pedi-lo em casamento, duquesa.

- Que horror! - exclamou Lady Agatha. - Realmente devia haver a intervenção de alguém.

- Eu soube de fonte seguríssima que o pai dela tem um armazém de produtos secos americanos - disse Sir Thomas Burdon, com um ar de superioridade.

- O meu tio já sugeriu que se tratava de carne de porco embalada, Sir Thomas.

- Produtos secos! O que são produtos secos americanos? - perguntou a duquesa, levantando as suas mãos enormes em sinal de espanto, e acentuando o verbo.

- Romances americanos - respondeu Lord Henry, servindo-se de um pouco de codorniz.

A duquesa ficou confusa.

- Não lhe dê importância, minha querida - segredou Lady Agatha. - Ele nunca fala a sério.

- Quando se descobriu a América - disse o membro radical, começando a fornecer alguns factos fastidiosos. Como todas as pessoas que tentam esgotar um assunto, ele esgotava os seus ouvintes.

A duquesa suspirou e exerceu o seu privilégio de poder interromper.

- Oxalá nunca tivesse sido descoberta! - exclamou. - Naverdade, as nossas meninas não têm, hoje, sorte nenhuma. É uma enorme injustiça.

- Talvez que, no fim de contas, a América nunca tenha sido descoberta - acrescentou Mr. Erskine. - Eu diria mesmo que tinha sido detectada.

- Oh! Mas eu vi alguns exemplares dos seus habitantes - respondeu a duquesa, de um modo vago. - Devo confessar que a maioria é extremamente bonita. E também vestem bem. Mandam vir todos os seus vestidos de Paris. Quem me dera poder dar-me ao luxo de fazer o mesmo.

- Dizem que, quando morrem, os americanos bons vão para Paris - casquinou Sir Thomas, que tinha um vasto guarda-roupa de peças de refugo da casa Humour.

- Ah, vão? E para onde vão os americanos maus quando morrem? - quis saber a duquesa.

- Vão para a América - murmurou Lord Henry.

Sir Thomas carregou o sobrolho.

- Parece-me que o seu sobrinho tem preconceitos relativamente a esse grande país - disse ele a Lady Agatha. - Viajei por toda a América, em automóveis providenciados pelos directores que, em assuntos desta natureza, são de uma extrema urbanidade. Posso garantir que visitá-la é um acto educativo.

- Mas precisamos mesmo de visitar Chicago para nos educarmos? - perguntou Mr. Erskine, melancolicamente. - Não me sinto capaz de uma viagem dessas.

Sir Thomas esboçou um gesto com a mão.

- Mr. Erskine de Treadley tem o mundo na sua estante. Nós, os homens práticos, gostamos de ver as coisas, e não de ler acerca delas. Os Americanos são um povo extremamente interessante. São extraordinariamente sensatos. Creio que é a sua característica específica. Repito, Mr. Erskine, um povo extraordinariamente sensato. Tenho a certeza de que não existe falta de sensatez entre os Americanos.

- Que horror! - exclamou Lord Henry. - Consigo suportar a força bruta, mas a sensatez bruta é absolutamente intolerável. Há uma certa deslealdade na sua utilização. Aplica o golpe abaixo do intelecto.

- Não o entendo - retorquiu Sir Thomas, um pouco corado.

- Mas eu entendo, Lord Henry - murmurou Mr. Erskine, com umsorriso.

- Os paradoxos são muito correctos à sua maneira... - replicou o baronete.

- Aquilo era um paradoxo? - perguntou Mr. Erskine. - Não me pareceu. Talvez fosse. Bem, a maneira dos paradoxos é a maneira de chegar à verdade. Para testar a Realidade é preciso vê-la a fazer equilíbrio. Quando as verdades se tornam acrobatas é que podemos avaliá-las.

- Valha-me Deus! - disse Lady Agatha -, como vocês argumentam! Estou convencida de que nunca irei perceber de que é que vocês estão a falar. Oh, Harry, estou muito aborrecida contigo. Porque tentaste convencer o nosso simpático Mr. Dorian Gray a desistir do East End? Garanto-te que ele seria indispensável. Eles adorariam ouvi-lo tocar.

- Eu quero que ele toque para mim - exclamou Lord Henry, a sorrir; percorreu a mesa com o olhar, e encontrou a resposta no entusiasmo de outros olhos.

- Mas, em Whitechapel são tão infelizes - continuou Lady Agatha.

- Eu sou capaz de ter simpatia por tudo, excepto pelo sofrimento - disse Lord Henry, encolhendo os ombros. – Não consigo condoer-me. É demasiado

feio, demasiado horrível, demasiado confrangedor. Há um sentimento terrivelmente mórbido na moderna simpatia pela dor. Nós devíamos simpatizar com a cor, a beleza, a alegria da vida. Quanto menos se falar das chagas da vida, melhor.

- E, contudo, o East End é um problema muito importante - fez notar Sir Thomas, com um grave aceno de cabeça.

- Absolutamente - respondeu o jovem lorde. - É também o problema da escravatura, que tentamos resolver divertindo os escravos.

O político olhou para ele intensamente.

- Que transformações propõe então? - perguntou.

Lord Henry riu-se.

- Não desejo mudar nada em Inglaterra, excepto o tempo - respondeu ele. - Satisfaz-me bastante a reflexão filosófica. Mas, como o século XIX abriu falência devido a um excesso de dispêndio com a simpatia, eu sugeria que recorrêssemos à Ciência para nos organizar. A vantagem das emoções é a de nos extraviar, e a vantagem da Ciência é a de não ter emoções.

- Mas nós temos responsabilidades tão graves - arriscou Mrs. Vandeleur, timidamente.

- Terrivelmente graves - repetiu, como um eco, Lady Agatha.

Lord Henry dirigiu um olhar para Mr. Erskine.

- A Humanidade leva-se a si própria demasiado a sério. Esse é o pecado original do mundo. Se o homem da caverna tivesse aprendido a rir, a História teria sido diferente.

- O senhor, realmente, deu-me ânimo - interveio a duquesa, com gorjeios na voz. - Tive sempre uma certa sensação de culpa quando vinha ver a sua querida tia, pois não me interessa absolutamente nada o East End. Futuramente, poderei olhá-la de frente sem corar.

- Um certo rubor fica muito bem, duquesa - observou Lord Henry.

- Só quando somos jovens - retorquiu ela. - Quando uma senhora de idade como eu fica corada é mau sinal. Ai, Lord Henry, se me pudesse dizer como ficar jovem outra vez.

Ele ficou a pensar por uns instantes.

- Consegue lembrar-se de algum erro grave que tenha cometido nos seus tempos de juventude, duquesa? - perguntou-lhe ele, olhando-a do outro lado da mesa.

- Muitos, receio bem - exclamou ela.

- Então cometa-os outra vez - disse ele, gravemente. – Para se voltar à juventude, basta que se repitam as mesmas loucuras.

- Que teoria deliciosa! - exclamou ela. - Tenho de pô-la em prática.

- Que perigosa teoria! - foram as palavras saídas dos lábios estreitamente apertados de Sir Thomas.

Lady Agatha abanou a cabeça, mas não pôde deixar de se sentir divertida. Mr. Erskine escutava atentamente.

- Sim - continuou Lord Henry -, esse é um dos grandes segredos da vida. Actualmente, grande parte das pessoas morre de uma espécie de senso comum arrepiante, e, quando é demasiado tarde, chega à conclusão de que as únicas coisas de que nunca nos arrependemos são os nossos erros.

Houve uma gargalhada geral à volta da mesa.

Ele brincava com a ideia, e tornava-se intencional, atirava-a ao ar e transformava-a, deixava-a escapar-se, e tornava a apanhá-la, dava-lhe iridescências de fantasia e asas de paradoxo. O louvor da loucura, à medida que ele continuava, ascendia à altura de uma filosofia, e a própria Filosofia

rejuvenescia: apreendendo a música louca do Prazer e usando, como se podia imaginar, o seu manto manchado de vinho e a grinalda de hera, dançava como uma bacante pelas colinas da vida e zombava do lento Sileno, por se encontrar sóbrio. Os factos fugiam à frente dela como criaturas silvestres assustadas. Os seus alvos pés calcavam a enorme prensa, junto da qual se encontra sentado o sábio Omar, até que o sumo de uva efervescente subia, rodeando os seus membros nus em roxas ondas borbulhantes, ou transbordava em espuma vermelha os lados inclinados e gotejantes da dorna. Era um improviso extraordinário. Ele sentia que os olhos de Dorian Gray o fitavam, e a percepção de que entre os que o ouviam havia alguém cujo temperamento desejava fascinar parecia transmitir subtileza ao seu espírito e emprestar cor à sua imaginação. Ele foi brilhante, fantástico, irresponsável. O seu fascínio arrebatava os que o escutavam, e estes seguiam-no incondicionalmente, rindo às gargalhadas. Dorian Gray nunca desviou o olhar, antes parecia enfeitiçado, com sorrisos brincando nos seus lábios e um espanto grave nos olhos escurecidos.

Por fim, usando libré, à moda da época, a Realeza entrou na sala na pessoa de um criado a anunciar à duquesa que a carruagem a esperava. Ela torceu as mãos, fingindo-se desesperada.

- Que maçada! - exclamou. - Tenho de partir. Tenho que passar pelo clube para levar o meu marido a uma reunião absurda nas Williss Rooms, a que ele vai presidir. Se me atrasar, de certeza que vai ficar furioso e eu não poderia enfrentar uma cena com esta touca. É demasiado frágil. Uma palavra brusca acabaria com ela. Tenho mesmo de me retirar, querida Agatha. Adeus, Lord Henry, o senhor é encantador, e horrivelmente desmoralizante. Francamente, não sei que dizer sobre as suas opiniões. Tem que vir jantar connosco uma noite destas. Pode ser terça-feira? Não tem compromissos para terça-feira?

- Por si, duquesa, eu abandonaria qualquer pessoa - respondeu Lord Henry, com uma vénia.

- Ah! É muito simpático, e também muito errado, da sua parte - exclamou ela -, veja lá não falte.

E saiu impetuosamente da sala, seguida de Lady Agatha e de outras senhoras.

Quando Lord Henry se voltara a sentar, Mr. Erskine deixou o seu lugar do outro lado da mesa e, sentando-se numa cadeira perto dele, colocou-lhe a mão no braço.

- O senhor fala como nos livros - disse ele. - Porque não escreve um também?

- Gosto demasiado de os ler para me preocupar em escrevê-los, Mr. Erskine. É certo que gostaria de escrever um romance, um romance que fosse tão belo como um tapete persa, e igualmente irreal. Porém, não há em Inglaterra um público literato, apenas se lêem jornais, devocionários e enciclopédias. De todos os povos do mundo, os Ingleses são os que possuem em menor grau o sentido da beleza da literatura.

- Temo que tenha razão - respondeu Mr. Erskine. - Até eu cheguei a ter ambições literárias, mas há muito tempo que desisti. E agora, meu caro e jovem amigo - se é que me permite tratá-lo assim -, posso perguntar-lhe se falava a sério, quando nos disse tudo aquilo ao almoço?

- Esqueci tudo o que disse - respondeu Lord Henry, sorrindo. - Foi assim tão desagradável?

- Mesmo muito. Na verdade, considero o senhor extremamente perigoso. E se alguma coisa acontecer à nossa querida duquesa, acusá-lo-emos todos de ser o principal responsável. Mas o que eu gostaria era de conversar consigo acerca da vida. A geração a que pertenci era enfadonha. Um dia destes, quando estiver farto de Londres, venha até Treadley, e, então, explicar-me-á a sua filosofia do prazer, enquanto provamos um Borgonha excelente que tenho a sorte de possuir.

- Será um prazer. Uma visita a Treadley seria um grande privilégio, visto ir encontrar um óptimo anfitrião e uma óptima biblioteca.

- E que ficaria completa com a sua presença - retorquiu o ancião, com uma vénia de cortesia. - E agora tenho de despedir-me da senhora sua tia. Tenho encontro marcado no Ateneu. É a hora de adormecermos lá.

- Todos vós, Mr. Erskine?

- Somos quarenta, em quarenta poltronas. Estamo-nos a treinar para uma Academia Inglesa de Letras.

Lord Henry desatou a rir e levantou-se.

- Eu vou até ao Parque - exclamou.

Ao transpor a porta, Dorian Gray tocou-lhe no braço.

- Permita-me que vá consigo - murmurou.

- Mas eu supunha que o senhor tinha prometido a Basil Hallward ir visitá-lo - respondeu-lhe Lord Henry.

- Prefiro ir consigo. Sinto que tenho de ir consigo. Permita-mo, por favor. E promete conversar comigo todo o tempo? Não há ninguém que fale de maneira tão assombrosa como o senhor.

- Ah, por hoje já falei o suficiente - comentou Lord Henry, a sorrir. - Agora tudo o que desejo é contemplar a vida. Pode vir contemplá-la comigo, se quiser.

Capítulo IV

Uma tarde, passado um mês, estava Dorian Gray recostado numa sumptuosa poltrona, na pequena biblioteca da casa de Lord Henry, em Mayfair. Era, no seu estilo, uma sala encantadora, com altos lambris de carvalho cor de azeitona, friso creme, tecto de estuque lavrado e alcatifa de feltro cor de tijolo juncada de tapetes persas de seda franjados. Sobre uma pequena mesa de pau-cetim, estava uma estatueta de Clodion e um exemplar de Les Cent Nouvelles, encadernada para Margarida de Valois por Clovis Eve e ornamentada com as margaridas douradas que a rainha adoptara como sua divisa. Umas jarras azuis de porcelana e umas túlipas ornamentavam o rebordo da chaminé, e, através das pequenas vidraças da janela, coava-se a luz cor de damasco de um dia de Verão londrino.

Lord Henry ainda não tinha chegado. Normalmente, atrasava-se sempre, tendo por princípio que a pontualidade é o ladrão do tempo. Por isso o rapaz estava um pouco aborrecido, enquanto os seus dedos distraídos folheavam uma edição primorosamente ilustrada de Manon Lescaut, que encontrara numa das estantes. A monotonia do tiquetaque metódico do relógio Luís XIV incomodava-o. Por uma ou duas vezes pensou em ir-se embora.

Finalmente ouviu passos, e a porta abriu-se.

- Tão atrasado, Harry! - murmurou.

- Não foi o Harry quem chegou, Mr. Gray - respondeu uma voz aguda.

Ele olhou rapidamente de relance, e levantou-se.

- Peço perdão. Pensava...

- Pensava que era o meu marido. É apenas a sua esposa. Permita-me que seja eu mesma a apresentar-me. Já o conheço muito bem pelas fotografias. Creio que o meu marido tem umas dezassete.

- Dezassete, não, Lady Henry!

- Então, serão dezoito. E vi o senhor na companhia dele, uma noite destas na Ópera.

Ela ria nervosamente enquanto falava, e observava-o com uns olhos vagos cor de miosótis. Era uma mulher estranha, cujos vestidos pareciam ter sido inventados num momento de fúria, e usados em dia de vendaval. Habitualmente estava apaixonada por alguém, mas, como as suas paixões nunca eram retribuídas, mantinha todas as suas ilusões. Esforçava-se por ter um aspecto original, e só conseguia ter um ar desalinhado. Chamava-se Victoria, e tinha uma rematada mania de frequentar a igreja.

- Foi no Lohengrin, não foi, Lady Henry?

- Foi, foi no nosso querido Lohengrin. Não há ninguém que goste mais da música de Wagner do que eu. É tão ruidosa que podemos conversar todo o tempo sem que ninguém nos oiça. É uma grande vantagem. Não acha, Mr. Gray?

Dos seus lábios finos irrompia o mesmo riso nervoso em staccato, e os seus dedos começaram a brincar com uma comprida faca de tartaruga.

Dorian sorriu e abanou a cabeça.

- Não me parece, Lady Henry. Nunca converso durante a música, pelo menos quando é boa música. Se a música for má, então é nosso dever abafá-la com a nossa conversa.

- Ah, essa é uma das opiniões do Harry, não é assim, Mr. Gray? Costumo ouvir as opiniões dele pela boca dos amigos. Só assim é que fico a conhecê-las. Mas não deve pensar que não gosto de boa música. Adoro-a, mas tenho medo dela. Torna-me excessivamente romântica. Tenho tido uma enorme adoração por pianistas - às vezes, por dois ao mesmo tempo, disse-me o Harry. Não sei o que têm de especial. Talvez por serem estrangeiros. Todos eles o são, não é verdade? Mesmo os que nasceram em Inglaterra ficam estrangeirados passado algum tempo, não ficam? Isso só revela talento da parte deles, e é também uma homenagem à Arte. Torna-a muito cosmopolita, não acha? Ah, nunca esteve em nenhuma das minhas recepções, pois não, Mr. Gray? Tem de aparecer. Não posso gastar dinheiro em orquídeas, mas não olho a despesas com estrangeiros. Dão um ar tão pitoresco aos nossos salões. Ah! O Harry já chegou! Harry, vim à sua procura para lhe fazer uma pergunta sobre qualquer coisa que já esqueci, e encontrei Mr. Gray. Tivemos uma conversa muito agradável sobre música. Temos exactamente as mesmas ideias. Não, creio que as nossas ideias são completamente diferentes. Mas foi agradabilíssimo. Ainda bem que o encontrei.

- Folgo muito em saber, meu amor, mesmo muito – comentou Lord Henry, erguendo as sobrancelhas escuras em forma de crescente e olhando para os dois com um sorriso divertido. - Peço desculpa por chegar atrasado, Dorian. Fui ver se conseguia um pedaço de brocado antigo em Wardour Street, e tive que regatear horas e horas. Actualmente, as pessoas sabem o preço de tudo e não sabem o valor de coisa nenhuma.

- Tenho de me ir embora - exclamou Lady Henry, interrompendo um silêncio incómodo com o seu súbito riso apalermado. - Prometi passear de carro com a duquesa. Adeus, Mr. Gray.

- Adeus, Harry. Suponho que jantas fora. Eu também. Talvez te encontre em casa de Lady Thornbury.

- É provável, querida - disse Lord Henry, fechando a porta depois de ela, qual ave do paraíso que tivesse passado a noite à chuva, ter saído rapidamente da sala, deixando atrás de si um leve aroma de frangipana. Depois ele acendeu um cigarro e refastelou-se no sofá.

- Nunca case com uma mulher de cabelo cor de palha, Dorian - disse, após umas fumaças.

- Porquê, Harry?

- Porque são tão sentimentais.

- Mas eu gosto de pessoas sentimentais.

- É melhor nunca se casar, Dorian. Os homens casam-se por cansaço, as mulheres, por curiosidade, e uns e outros ficam decepcionados.

- Não é provável que eu me case, Henry. Estou demasiado apaixonado. Esse é um dos seus aforismos. Estou a pô-lo em prática, como faço com tudo o que você diz.

- Por quem está apaixonado? - perguntou Lord Henry, após uma pausa.

- Por uma actriz - respondeu Dorian Gray, corando.

- Para estreia, não é nada original - disse Lord Henry, encolhendo os ombros.

- Se a conhecesse não diria isso, Harry.

- Quem é ela?

- Chama-se Sibyl Vane.

- Nunca ouvi falar dela.

- Nem ninguém. Mas um dia as pessoas hão-de ouvir falar dela. Ela é um génio.

- Meu caro, não há mulher alguma que seja um génio. As mulheres pertencem ao sexo de ornamento. Nunca têm nada para dizer, mas dizem-no de uma maneira encantadora. As mulheres representam o triunfo da matéria sobre o espírito, ao passo que os homens representam o triunfo do espírito sobre a moral.

- Harry, como é possível que fale assim?

- Meu caro Dorian, é rigorosamente verdade. Presentemente, dedico-me a analisar as mulheres, por isso é natural que saiba. O assunto não é tão confuso como eu pensei que fosse. Acabo de descobrir que, basicamente, há apenas duas espécies de mulheres: as simples e as pintadas. As mulheres simples são muito úteis. Se quisermos obter reputação de respeitabilidade, levamo-las simplesmente a cear. As outras mulheres são encantadoras. Cometem, porém, um erro. Pintam-se para tentar parecer jovens. As nossas avós pintavam-se a fim de tentar conversar com brilhantismo. Rouge e esprit costumavam andar juntos. Tudo isso acabou já. Assim que consegue parecer dez anos mais nova do que a própria filha, uma mulher fica totalmente satisfeita. Relativamente a conversação, há unicamente cinco mulheres em Londres com quem vale a pena conversar, e duas delas não podem ser admitidas na sociedade de boas maneiras. Mas, fale-me do seu génio. Há quanto tempo a conhece?

- Ah! As suas teorias assustam-me, Harry.

- Não dê importância. Há quanto tempo a conhece?

- Há aproximadamente três semanas.

- E onde é que a conheceu?

- Eu conto, Harry. Mas você tem que ser um pouco indulgente. No fim de contas, isto nunca teria acontecido se eu não o tivesse encontrado. Foi você que fez nascer dentro de mim um desejo desenfreado de conhecer todas as coisas da vida. Depois de o ter encontrado, e durante vários dias, parecia que havia algo a latejar nas minhas veias. Quando deambulava pelo Parque, ou caminhava até Piccadilly, costumava olhar para todas as pessoas que passavam e apoderava-se de mim uma louca curiosidade de saber como eram as suas vidas. Umas fascinavam-me. Outras enchiam-me de terror. Pairava no ar um veneno subtil. Eu sentia paixão pelas sensações... Ora uma noite, por volta das sete horas, resolvi sair em busca de uma aventura. Sentia que esta nossa Londres cinzenta e monstruosa, com suas miríades de pessoas, os seus sórdidos pecadores, e os seus gloriosos pecados - como você uma vez fraseou - , devia ter alguma coisa reservada para mim. Imaginei milhares de coisas. A simples ideia de perigo provocava em mim uma sensação deliciosa. Lembrei-me do que você me havia dito naquela noite maravilhosa em que jantámos juntos pela primeira vez: procurar a verdade é o verdadeiro segredo da vida. Não sei do que estava à espera, mas encaminhei-me ao acaso para a zona oriental, perdendo-me pouco depois num labirinto de ruas imundas e praças escuras e sem relva. Deviam ser umas oito horas e trinta quando passei por um teatrinho ridículo, iluminado pelo clarão de enormes bicos de gás e exibindo uns cartazes de mau gosto. Um judeu repelente, com o colete mais espantoso que já vi em toda a minha vida, estava à entrada a fumar um cigarro abominável.

O cabelo tinha uns pequenos caracóis oleosos, e mesmo ao centro da camisa imunda luzia um enorme diamante. "Quer um camarote, senhor?", perguntou ele quando me viu, tirando o chapéu com um gesto de servilismo exagerado. Mas, Harry, havia nele qualquer coisa que me divertia. Era tal qual um monstro. Vai rir-se de mim, eu sei, mas entrei mesmo e paguei um guinéu

por um camarote de proscénio. Ainda hoje não consigo descobrir o motivo por que o fiz. Porém, se o não tivesse feito, meu caro Harry, se não tivesse... teria perdido a maior aventura amorosa da minha vida. Bem vejo que está a rir-se. Não seja horrível!

- Não estou a rir-me, Dorian, isto é, não estou a rir-me de você. Você não deveria ter dito a maior aventura amorosa da sua vida, mas sim a primeira aventura amorosa da sua vida. Você será sempre amado e estará sempre apaixonado pelo amor. Uma grande passion é privilégio dos que não têm nada que fazer. É o único hábito das classes ociosas de um país. Não tenha medo. Há coisas extraordinárias à sua espera. Isto é apenas o começo.

- Julga-me assim tão frívolo? - exclamou Dorian Gray muito irritado.

- Não, julgo-o muito profundo.

- O que quer dizer com isso?

- Meu caro rapaz, pessoas frívolas são aquelas que amam só uma vez na vida. Àquilo a que chamam lealdade e fidelidade, chamo eu letargia do hábito ou falta de imaginação *(1)*. A fidelidade está para a vida emocional como a coerência está para a vida do intelecto, quer dizer, uma simples confissão defracassos. A fidelidade! Preciso de a analisar um dia destes. Existe nela a paixão pela posse. Há muitas coisas que atiraríamos fora se não receássemos que os outros as pudessem apanhar. Mas não quero interrompê-lo. Continue a sua história.

**1. Palavras e expressões em francês, latim, italiano... encontram-se no texto original inglês. (N. da T.)*

- Bem, fiquei sentado num horrível camarotezinho privado e tinha mesmo à minha frente um vulgar pano de boca. Espreitei pela cortina e inspeccionei a sala. Era uma coisa de mau gosto, com cupidos e cornucópias, mais parecendo um bolo de noiva de terceira categoria. A galeria e a plateia estavam bastante completas, mas as duas filas de poltronas encardidas estavam totalmente vazias e nem sei se haveria uma pessoa naquilo que suponho chamar-se primeiro balcão. Andavam umas mulheres a vender laranjas e gasosas, e havia um elevado consumo de amendoins.

- Deve ter sido exactamente como na época florescente do drama britânico.

- Precisamente, mas também muito deprimente. Começava a interrogar-me o que havia eu de fazer quando vi o programa. Que peça acha que era, Harry?

- Talvez O Idiota ou Pateta mas Inocente. Os nossos pais é que costumavam apreciar esse género de peça, creio eu. Quanto mais anos vivo, Dorian, mais vivamente sinto que o que era bom para os nossos pais não é bom para nós. Em arte, bem como em política, *les grands pères ont toujors tort.*

- A peça era bastante boa para nós, Harry. Era Romeu e Julieta. Devo confessar que me mortificou bastante a ideia de ver Shakespeare representado numa baiuca. Mesmo assim, sentia, de certo modo, algum interesse. Seja como for, resolvi esperar pelo primeiro acto. A orquestra era péssima, regida por um jovem hebreu que se encontrava sentado a um piano tão desafinado que estive para fugir dali, mas finalmente o pano de boca subiu e a peça começou. Romeu era um cavalheiro idoso e corpulento, de sobrancelhas escurecidas com rolha queimada, uma voz enrouquecida e trágica, e roliço como um barril de cerveja. A figura de Mercúcio não era melhor. Era

representado por um comediante de baixo coturno, que intercalava piadas de sua autoria e que tinha o melhor relacionamento com a plateia. Eram ambos tão grotescos como o cenário, que parecia ter saído de uma barraca de feira. Ah! Mas Julieta! Imagine, Harry, uma menina que talvez não tivesse ainda dezassete anos, o rosto lindo como uma flor, uma pequena cabeça grega de longas tranças castanhas, os olhos, fontes violáceas de paixão, e os lábios, duas pétalas de rosa. Era o ser mais formoso que jamais havia visto na minha vida. Você disse-me uma vez que era insensível ao patético, mas que a beleza podia provocar-lhe as lágrimas. Pois eu, Harry, mal conseguia ver esta menina através da névoa de lágrimas que me arrasaram os olhos. E tinha uma voz como nunca ouvi.

Era muito grave, a princípio, de sons profundos e melodiosos, que pareciam cair um a um no nosso ouvido. Depois tornava-se um pouco mais alta e soava como uma flauta ou um longínquo oboé. Na cena do jardim, tinha o êxtase trémulo que ouvimos quando a madrugada vai chegar e os rouxinóis cantam. Havia, depois, momentos em que possuía a paixão desvairada das violetas. Você sabe bem como uma voz nos pode perturbar. A sua voz e a voz de Sibyl Vane, nunca as esquecerei. Quando fecho os olhos, oiço-as e cada uma delas diz-me algo diferente. Não sei qual das duas hei-de seguir. Por que não haveria de amá-la? É que eu amo-a, Harry. Ela é tudo para mim na vida. Vou vê-la representar todas as noites. Uma noite ela é Rosalinda e na noite seguinte é Imogénia. Assisti à sua morte num sombrio túmulo italiano, sugando o veneno dos lábios do amante. Vi-a vagueando pela floresta de Arden, disfarçada de lindo rapazinho de calças justas, gibão e uma boina gracica. Ela enlouqueceu e chegou à presença de um rei criminoso, e deu-lhe arruda para se enfeitar, e ervas amargas para provar. Ela foi inocente, e as negras mãos do ciúme estrangularam-lhe a garganta frágil como um junco. Vi-a em todas as épocas e vestida à moda de cada época. As mulheres vulgares nunca apelam para a nossa imaginação. Ficam limitadas ao seu tempo. Nenhum encanto as transfigura.

Conhecemos-lhes as mentalidades com a mesma facilidade com que conhecemos as suas toucas. Acabamos sempre por descobrir-lhas. Não possuem mistério algum. De manhã montam a cavalo no Parque, e à tarde tagarelam à hora do chá. Têm sorrisos estereotipados e maneiras ditadas pela moda. São totalmente previsíveis. Mas uma actriz, como é diferente! Harry! Por que não me disse que a única coisa que merece ser amada é uma actriz?

- Porque amei tantas, Dorian.

- Ah, estou a ver, pessoas horrendas que pintam o cabelo e a cara.

- Não deprecie o cabelo pintado e as caras pintadas. Têm por vezes um encanto extraordinário - disse Lord Henry.

- Agora estou arrependido por Lhe ter contado tudo acerca de Sibyl Vane.

- Você não podia deixar de me contar, Dorian. Durante toda a sua vida contar-me-á tudo o que fizer.

- Sim, Harry, creio que tem razão. Não consigo deixar de lhe contar tudo. Você exerce em mim uma estranha influência. Se por acaso eu cometesse um crime, viria logo confessar-lho. Você compreender-me-ia.

- As pessoas como você - obstinados raios de sol desta vida - não cometem crimes, Dorian. Mas, apesar de tudo, agradeço-lhe o elogio. E agora conte-me. seja amável e passe-me os fósforos, obrigado. conte-me quais são exactamente as suas relações com Sibyl Vane?

Dorian Gray pôs-se de pé num salto, as faces afogueadas e os olhos chamejantes.

- Harry! Sibyl Vane é sagrada!

- As coisas sagradas são as únicas em que vale a pena tocar, Dorian - disse Lord Henry, com uma estranha entoação patética na voz. - Mas por que fica tão melindrado? Suponho que um dia ela há-de pertencer-lhe. Quando uma pessoa se apaixona, começa sempre por se enganar a si mesma e acaba sempre por enganar outras pessoas. A isso o mundo chama um caso de amor. Ao menos, conhece-a?

- Claro que a conheço. Na primeira noite em que estive no teatro, o tal judeu horrendo veio ter comigo ao camarote, depois do espectáculo, oferecendo-se para me levar até aos bastidores e apresentar-ma. Fiquei indignado e disse-lhe que Julieta morrera havia muitos séculos, e que o seu corpo jazia num túmulo de mármore em Verona. Pelo ar perplexo e atónito com que me olhou, devia ter pensado que eu bebera champanhe a mais, ou coisa parecida.

- Não me surpreende nada.

- Depois perguntou-me se eu escrevia para os jornais. Respondi-lhe que nem sequer os leio. Pareceu ter ficado extremamente decepcionado, e confidenciou-me que todos os críticos de teatro estavam conluiados contra ele e que todos eles se deixavam comprar - Não me surpreendia nada que nisso ele tivesse razão. Mas, por outro lado, a julgar pelo seu aspecto, grande parte deles não devem sair muito caros.

- Bem, talvez pensasse que eles viviam acima dos seus recursos - observou Dorian a rir. - Ora àquela hora, porém, estavam a apagar as luzes do teatro, e eu tive que sair. Então ele quis que eu experimentasse uns charutos que me recomendava veementemente. Recusei. Na noite seguinte, como é evidente, voltei lá. Quando me viu, fez-me uma grande vénia e asseverou-me que eu era um generoso patrono das artes. Embora fosse um repulsivo brutamontes, tinha uma paixão extraordinária por Shakespeare. Uma vez, contou-me, com um ar orgulhoso, que as cinco falências que sofrera se deviam inteiramente ao Bardo - era assim que ele insistia em chamar-lhe. Ele pensava que isso lhe podia dar uma certa distinção.

- E dava mesmo, meu caro Dorian, uma grande distinção. Quase todas as pessoas que abrem falência investiram fortemente na prosa da vida. Ser levado à ruína pela poesia é uma honra. Mas quando é que falou com Miss Sibyl Vane pela primeira vez?

- Na terceira noite. Ela tinha representado o papel de Rosalinda. Não resisti e fui vê-la. Eu tinha-lhe atirado algumas flores para o palco, e ela olhou para mim, pelo menos, imaginei que sim. Quanto ao velho judeu, continuava a insistir. Pareceu-me decidido a levar-me até aos bastidores, e, então, consenti. Não acha curioso que eu não tivesse querido conhecê-la?

- Não, não acho.

- E porquê, meu caro Harry?

- Dir-lho-ei noutra ocasião. Agora quero saber tudo sobre a rapariga.

- Sibyl? Ah! Ela era tão tímida e tão meiga. Há nela ainda muito de criança. Os olhos escancararam-se de espanto quando Lhe disse o que pensava da sua actuação, e não parecia ter consciência da sua força. Creio que estávamos os dois bastante nervosos. O velho judeu, de sorriso alvar, ficou à porta do camarim poeirento, fazendo discursos floreados acerca de nós, enquanto nós ficámos a olhar um para o outro como duas crianças. Ele teimava em chamar-me My Lord, por isso tive que garantir a Sibyl que eu não era nada disso. Ela disse-me muito simplesmente: "O senhor parece-se mais com um príncipe. Devo chamar-lhe Príncipe Encantado"?

- Palavra de honra, Dorian, Miss Sibyl sabe elogiar.

- Você não a compreende, Harry. Ela considerava-me apenas uma personagem de uma peça. Ela não sabe nada da vida. Vive com a mãe, uma mulher cansada e débil, que, na primeira noite, fez de Lady Capuleto, vestindo um roupão escarlate, e que tem o ar de ter tido uma vida mais próspera.

- Conheço esse ar. Deprime-me - murmurou Lord Henry, olhando para os seus anéis.

- O judeu quis contar-me a história da vida dela, mas eu disse-lhe que não estava interessado.

- Fez muito bem. Há sempre qualquer coisa extremamente mesquinha na tragédia das outras pessoas.

- Só a Sibyl me interessa. Que me importam as suas origens? Da cabeça aos pés, ela é absoluta e inteiramente divina. Vou vê-la actuar sem falhar uma noite, e ela é sempre mais maravilhosa noite após noite.

- Creio que é esse o motivo por que deixou de jantar comigo. Pensei que você devia andar envolvido em alguma aventura especial. E anda, só que não é exactamente o que eu esperava.

- Mas meu caro Harry, jantamos, tocamos juntos todos os dias, e fui com você à Ópera várias vezes - disse Dorian, arregalando de espanto os seus olhos azuis.

- Você chega sempre tardíssimo.

- Bem, não posso deixar de ir ver a Sibyl actuar – exclamou ele -, nem que seja apenas um único acto. Estou ávido da sua presença, e quando penso na alma maravilhosa que se oculta naquela figurinha de marfim, sinto admiração e respeito.

- Esta noite pode jantar comigo, Dorian, não pode?

- Esta noite ela faz de Imogénia - respondeu ele, abanando a cabeça -, e amanhã à noite vai representar Julieta.

- E quando é que ela é Sibyl Vane?

- Nunca.

- Dou-lhe os meus parabéns.

- Você é horrível! Saiba que ela reúne em si todas as grandes heroínas do mundo. É mais do que uma pessoa. Você ri-se? Pois digo-lhe que ela tem génio. Amo-a e tenho de levá-la a amar-me. Você, que conhece todos os segredos da vida, diga-me como hei-de enfeitiçar Sibyl Vane para que ela me ame! Quero que Romeu tenha ciúmes de mim. Quero que todos os amantes mortos do mundo ouçam o nosso riso e fiquem tristes. Quero que um sopro da nossa paixão remexa essas cinzas até ganharem consciência e que desperte as suas cinzas para a dor. Meu Deus, Harry, como eu a adoro!

Ele percorria a sala, de um lado para o outro, enquanto falava. Manchas rosáceas esbraseavam-lhe febrilmente as faces. Estava excessivamente excitado.

Lord Henry observava-o com uma subtil sensação de prazer. Que diferente era agora do rapaz tímido e assustado que encontrara no atelier de Basil Hallward. O seu ser desabrochara como uma flor, em florescências de chama escarlate. A Alma conseguira sair do seu esconderijo secreto, e o Desejo viera ao seu encontro.

- E o que é que sugere: - disse, por fin, Lord Henry.

- Quero que você e o Basil venham uma noite comigo vê-la representar. Não tenho o mínimo receio do resultado. De certeza que vocês irão reconhecer o seu génio. Depois temos de arrancá-la às mãos do judeu. Ela tem com ele um contrato de três anos - pelo menos, de dois anos e oito meses - a partir de

agora. Terei que pagar ao homem qualquer coisa, por certo. Quando tudo estiver resolvido, alugo um teatro do West End e há-de ser conhecida como merece. Há-de arrebatar o público tal como me arrebatou a mim.

- Isso seria impossível, meu menino!

- Há-de, sim! Ela possui mais do que arte, um consumado instinto artístico, tem também personalidade, e você disse-me repetidas vezes que são as personalidades, e não os princípios, que fazem mover os nossos tempos.

- Pois bem, em que noite vamos?

- Deixe-me ver. Hoje é terça-feira. Marcamos para amanhã. Amanhã ela representa o papel de Julieta.

- Combinado. No Bristol às oito horas, eu trago o Basil.

- Às oito não, Harry, por favor. Às seis e meia. Temos de estar lá antes de subir o pano. Têm de vê-la no primeiro acto, que é quando ela se encontra com o Romeu.

- Às seis e meia! Nem pensar! É como ir tomar chá, ou ler um romance inglês. Tem de ser às sete. Nenhum cavalheiro janta antes das sete. Você ainda vai estar com o Basil até lá? Ou quer que eu lhe escreva?

- O querido Basil! Há uma semana que não o vejo. Tenho-me portado horrivelmente com ele, tanto mais que me mandou o meu retrato com uma moldura maravilhosa especialmente concebida por ele, e, posto que sinta alguns ciúmes do retrato por ser exactamente um mês mais novo do que eu, devo confessar que me encanta. É talvez preferível que você lhe escreva. Não quero estar a sós com ele. Diz coisas que me aborrecem. Costuma dar-me bons conselhos.

- As pessoas - comentou Lord Henry, sorrindo - gostam muito de se desfazer daquilo de que mais precisam. A isso costumo chamar generosidade levada ao extremo.

- Mas o Basil é o melhor dos indivíduos, ainda que tenha um pouco de filistino. Descobri isso depois de o ter conhecido a si, Harry.

- O Basil, meu menino, põe na sua obra tudo o que há de fascinante dentro dele. Como consequência só lhe restaram para a vida os seus preconceitos, e princípios, e senso comum. Os únicos artistas de personalidade encantadora que conheci são maus artistas. Os bons artistas existem simplesmente em tudo o que criam e, por conseguinte, são completamente falhos de interesse em tudo o que são. Um grande poeta, um poeta que seja realmente extraordinário, é a menos poética de todas as criaturas. Contudo, os poetas menores são absolutamente fascinantes. Quanto mais medíocres são os seus versos, mais pitorescos parecem. O simples facto de ter publicado um livro de sonetos de segunda ordem faz de um homem uma pessoa extraordinariamente irresistível. Ele vive a poesia que não consegue escrever. Os outros escrevem a poesía que não ousam realizar.

- Será mesmo assim, Harry? - perguntou Dorian Gray, pondo no lenço um pouco de perfume de um grande frasco com tampa de ouro que estava em cima da mesa. - Deve ser, se é você que o diz. E agora vou-me embora. Imogénia está à minha espera. Não se esqueça do dia de amanhã. Adeus.

Quando ele saiu da sala, Lord Henry baixou as suas pesadas pálpebras e começou a meditar. Não havia, certamente, muitas pessoas que lhe tivessem despertado tamanho interesse como Dorian Gray, e, contudo, a exagerada adoração que o rapaz sentia por outra pessoa não lhe causava a mínima angústia ou ciúme. Causava-lhe mesmo satisfação e fazia dele um objecto de estudo mais interessante. Os métodos das ciências naturais tinham-no atraído sempre, mas o vulgar assunto dessas ciências representara-se-lhe como trivial

e sem importância. Por isso, começara por dissecar-se a si mesmo, e acabara por dissecar os outros. A vida humana é que lhe parecia ser a única coisa que valia a pena investigar. Não havia mais nada de valor que se lhe comparasse.

Era certo que, quando se observava a vida no seu singular cadinho de dor e de prazer, não era possível proteger o rosto com uma máscara de vidro, nem impedir que as emanações sulfurosas afectassem o cérebro, toldando a imaginação com fantasias monstruosas e sonhos disformes. Havia venenos tão subtis que para conhecer as suas propriedades era preciso adoecer, experimentando-os. Havia doenças tão invulgares que tinha que se passar por elas para se compreender a sua natureza. E, porém, a recompensa recebida era enorme! Como o mundo se tornava maravilhoso aos nossos olhos! Observar a lógica rigorosa e singular da paixão e a vida colorida e emocional do intelecto, atentar nos pontos em que se encontravam e se separavam, no ponto de concórdia e no de discórdia... que prazer havia em tudo isso! Não importava o custo que havia que pagar! Nunca era demasiado elevado o preço de qualquer sensação.

Ele tinha consciência de que - e, só de pensar nisso, os olhos de um castanho ágata brilhavam de prazer - fora devido a determinadas palavras suas, palavras musicais e proferidas com uma expressão musical, que a alma de Dorian Gray se votara a essa rapariga inocente, que adorava com reverência. Em larga medida, o rapaz era uma criação sua. Tornara-o precoce. Foi um bom resultado. As pessoas vulgares aguardavam que a vida lhes revelasse os seus segredos, mas eram poucos, só os eleitos, aqueles a quem. os mistérios da vida se revelavam antes de se levantar o véu. Às vezes isso acontecia por efeito da arte, e principalmente da arte literária, que tinha uma relação imediata com as paixões e o intelecto. Todavia, por vezes, uma personalidade complexa surgia e assumia o labor da arte, passava a ser, de certo modo, uma verdadeira obra de arte, possuindo a Vida as suas esmeradas obras-primas, tal como a poesia, ou a escultura, ou a pintura o possuem.

O rapaz era, na verdade, permaturo. Ele fazia a sua colheita enquanto era ainda Primavera. Nele pulsava a paixão da juventude. mas estava a tornar-se consciente de si próprio.

Era maravilhoso observá-lo. A beleza do seu rosto e a da sua alma faziam dele um ser admirável. Não importava como tudo acabava, ou estava destinado a acabar. Ele assemelhava-se a uma dessas graciosas figuras de um cortejo alegórico ou de uma peça, cujas alegrias parecem afastadas de nós, mas cujas tristezas emocionam o nosso sentido de beleza e as chagas são como rosas vermelhas.

A alma e o corpo, o corpo e a alma - que mistério tinham! Havia sensualidade na alma e o corpo tinha momentos de espiritualidade. Os sentidos podiam aperfeiçoar-se, e o intelecto podia degradar-se. Quem podia dizer onde terminava o impulso carnal, ou começava o impulso espiritual? Como eram triviais as definições arbitrárias de vulgares psicólogos! E, porém, como era difícil decidir entre as pretensões das diversas escolas! Seria a alma uma sombra sentada na casa do pecado? Ou estaria realmente o corpo dentro da alma, como pensava Giordano Bruno? A separação entre o espírito e a matéria constituía um mistério, e a união do espírito com a matéria era também um mistério.

Ele começou a interrogar-se se poderíamos alguma vez fazer da psicologia uma ciência tão absoluta que cada pequena primavera da vida nos seria revelada. Nós, por assim dizer, nunca nos entendíamos a nós mesmos e raramente compreendíamos os outros. A experiência não tinha valor ético

algum. Era simplesmente o nome que os homens davam aos seus próprios erros. Em regra, os moralistas tinham-na considerado um modo de advertência, tinham reivindicado para ela uma certa eficácia ética na formação do carácter, tinham-na elogiado como uma coisa que nos ensinava o que devíamos seguir e nos mostrava o que devíamos evitar. Mas a experiência não tinha força motriz. Era uma causa tão pouco activa como a própria consciência. Na realidade, apenas demonstrava que o nosso futuro seria igual ao nosso passado, e que o pecado, que cometêramos apenas uma vez e com relutância, seria cometido muitas vezes e com prazer.

Era bem evidente para ele que o método experimental era o único método através do qual se podia chegar a uma análise científica das paixões, e era certo que Dorian Gray era um objecto de estudo à sua medida e parecia prometer resultados ricos e frutificantes. A sua súbita paixão por Sibyl Vane era um fenómeno psicológico com interesse a não desprezar. Era indubitável que a curiosidade dera um grande contributo, a curiosidade e o desejo de experimentar novas sensações não era, porém, uma paixão simples, mas antes uma paixão muito complexa. O que nela havia de instinto puramente sensual da adolescência transformara-se, devido à actividade da imaginação, em algo que ao próprio jovem parecia muito distante dos sentidos, e era tanto mais perigoso por esse mesmo motivo. As paixões que mais violentamente nos tiranizavam eram aquelas acerca de cujas origens nos iludíamos a nós mesmos. As nossas razões mais inconsistentes eram aquelas de cuja natureza tínhamos consciência. Acontecia frequentemente que, quando julgávamos fazer experiências em outras pessoas, estávamos, de facto, a fazer experiências em nós próprios.

Enquanto Lord Henry especulava sobre estas questões, ouviu-se bater à porta e o seu criado de quarto entrou e fez-lhe lembrar que eram horas de mudar de fato para o jantar. Levantou-se e olhou para fora para a rua. O sol poente tinha chapeado de ouro escarlate as janelas dos andares superiores das casas em frente. As vidraças brilhavam incandescentes como chapas de metal em brasa. O céu parecia uma rosa a esmaecer. Ele lembrou-se da fogosa vida juvenil do seu amigo e interrogava-se como iria tudo terminar.

Quando chegou a casa, eram aproximadamente doze horas e trinta, viu um telegrama em cima da mesa do vestíbulo. Ao abri-lo, viu que era de Dorian Gray. O telegrama informava-o de que ele estava noivo de Sibyl Vane.

Capítulo V

- Mãe, Mãe, estou tão feliz! - murmurou a rapariga mergulhando o rosto no regaço da mulher gasta e cansada que, de costas para a luz ofuscante e incómoda, estava sentada na única poltrona da acanhada sala de estar. - Estou tão feliz! - repetiu ela -, e a mãe também devia sentir-se feliz!

Mrs. Vane retraiu-se e colocou as mãos franzinas e embranquecidas com bismuto sobre a cabeça da filha.

- Feliz! - repetiu como um eco. - Só estou feliz, Sibyl, quando te vejo representar. Não deves pensar em mais nada senão na tua arte de representar. Mr. Isaacs tem sido muito bom para nós e nós devemos-lhe dinheiro.

A rapariga levantou os olhos para a mãe e fez um trejeito de amuo.

- Dinheiro, mãe? - exclamou ela -, que importância tem o dinheiro? O amor vale mais do que o dinheiro.

- Mr. Isaacs adiantou-nos cinquenta libras para pagarmos as nossas dívidas e comprar um fato decente para o James. Não te deves esquecer disso, Sibyl. Cinquenta libras é uma quantia muito elevada. Mr. Isaacs tem sido extremamente atencioso.

- Ele não é um senhor, mãe, e detesto a maneira como ele fala comigo - disse a rapariga, levantando-se e aproximando-se da janela.

- Não sei como poderíamos aguentar sem ele - respondeu a mulher mais velha, com voz lamuriosa.

Sibyl Vane atirou a cabeça para trás e desatou a rir.

- Não precisamos mais dele, mãe. Agora é o Príncipe Encantado que orienta a nossa vida. - Fez uma pausa. Uma rosa agitava-lhe o sangue e coloria-lhe as faces. A respiração ofegante apartava os seus lábios de pétalas. Estavam trémulos. Um vento sul de paixão tomou-a impetuosamente e agitou as pregas delicadas do vestido. - Eu amo-o - disse apenas.

- Que tolinha! Que tolinha! - foi a resposta papagueada pela mãe. O movimento dos dedos retorcidos e cobertos de jóias falsas tornavam as suas palavras grotescas.

A rapariga riu-se novamente. A voz tinha a alegria de um pássaro engaiolado. Os olhos captavam a melodia e irradiavam-na como um eco, depois fechavam-se por um momento, como que a esconder o seu segredo. Quando se abriram tinha passado por eles a névoa de um sonho.

A sensatez, de lábios apertados, instalada na poltrona puída, falava para ela, sugeria prudência, fazia citações daquele livro da cobardia cujo autor macaqueia o nome do bom senso. Mas ela a nada atendia. Era livre no seu cárcere de paixão. O seu príncipe, o Príncipe Encantado, estava consigo. Recorrera à memória para o reconstituir. Dissera à sua alma que o procurasse e ela trouxera-lho de volta. O beijo dele voltava a queimar-lhe a boca. O seu hálito afagava-lhe as pálpebras. Então a Sensatez modificou a sua estratégia e falou de espionagem e descoberta. Este jovem talvez fosse rico. Sendo assim, devia pensar-se no casamento. As ondas da astúcia interesseira desfaziam-se contra as conchas dos ouvidos da jovem. As setas da malícia passavam por ela sem lhe tocar. Via o movimento dos lábios apertados, e sorria. Subitamente, sentiu necessidade de falar. O silêncio palavroso perturbava-a.

- Mãe, mãe - exclamou -, por que me ama ele tanto? Eu conheço as razões do meu amor. Amo-o porque ele é como o próprio amor deve ser. Mas o que vê ele em mim? Eu não sou digna dele. E, contudo, não sei dizer porquê, embora sentindo-me tão abaixo dele, não me sinto inferior. Sinto-me orgulhosa, terrivelmente orgulhosa. A mãe amava o meu pai como eu amo o Príncipe Encantado?

A mulher mais velha empalideceu sob a camada grosseira de pó que lhe revestia as faces, e os lábios ressequidos crisparam-se num espasmo de dor. Sibyl correu para ela, abraçou-a e beijou-a.

- Perdão, mãe, sei que lhe é doloroso falar do pai. Mas isso atormenta-a, é porque o amava. tanto. Não fique tão triste. Sou tão feliz hoje como a mãe o era há vinte anos. Ah! Quero ser feliz para sempre!

- Minha filha, és muito nova ainda para pensar em te apaixonares. Além disso, que sabes tu deste rapaz? Nem sequer sabes o seu nome. Tudo isto é muito inoportuno, e, realmente, agora que o James vai para a Austrália, e eu tenho tanto em que pensar, devo dizer-te que devias mostrar mais consideração. No entanto, como eu dizia há pouco, se ele for rico...

- Ah! Mãe, mãe, quero ser feliz!

Mrs. Vane olhou para ela e, com um daqueles postiços gestos teatrais que tantas vezes se tornam uma segunda natureza de um actor de palco, apertou-a nos braços. Nesse momento, a porta abriu-se e entrou na sala um rapaz de áspero cabelo castanho. Era uma figura atarracada, de mãos e pés enormes, e de movimentos um tanto desajeitados. Não tinha a classe requintada da irmã. Seria difícil adivinhar que os unia uma relação de parentesco tão chegada. Mrs. Vane fitou-o e acentuou o sorriso. Mentalmente, elevava o filho à dignidade de um público. Tinha a certeza de que o rapaz era atraente.

- Bem podias guardar alguns dos teus beijos para mim, Sibyl - disse o rapaz, com um resmungo carinhoso.

- Ah, mas tu não gostas que te beijem, Jim - exclamou ela. - És um urso insuportável. - E correu a abraçá-lo.

James Vane olhou para o rosto da irmã com ternura.

- Quero que saias comigo a passear, Sibyl. Creio que jamais voltarei a ver esta Londres horrível. Tenho a certeza de que nem vou querer.

- Meu filho, não digas coisas tão desagradáveis – murmurou Mrs. Vane, que, suspirando, pegou num vestido de mau gosto para usar em cena e começou a remendá-lo. Estava um pouco decepcionada por não ter feito parte do grupo. Teria realçado o pitoresco teatral da cena.

- Por que não, mãe? É o que penso.

- Tu desgostas-me, meu filho. Tenho fé em que hás-de voltar da Austrália muito rico. Creio que não existe nenhum tipo de vida social nas colónias, nada a que se possa chamar vida social, nesse caso, quando tiveres feito fortuna deves regressar e ser alguém em Londres.

- Vida social! - resmungou o rapaz. - Não quero saber nada disso. Gostaria de ter algum dinheiro para tirar a mãe e a Sibyl desse palco. Odeio-o!

- Ai, Jim - disse, rindo, Sibyl -, não sejas antipático! Mas é mesmo verdade que vais dar um passeio comigo? Que bom! E eu que receava que te fosses despedir de alguns amigos teus, como o Tom Hardy, que te deu aquele cachimbo medonho, ou o Ned Langton, que zomba de ti por o usares. És muito querido por me dedicares a tua última tarde. Aonde havemos de ir? Vamos ao Parque.

- Pareço um maltrapilho - respondeu ele, com ar carrancudo. - O Parque é frequentado só por gente que veste bem.

- Que disparate, Jim - murmurou ela, afagando-lhe a manga do casaco.

Ele hesitou por um instante.

- Está bem - disse, por fim -, mas não leves muito tempo a vestir-te.

A irmã saiu da sala a dançar. Ouviram-na a cantar quando subia as escadas a correr. Ouviram-se depois os seus passinhos miúdos no andar de cima.

Ele percorreu a sala umas duas ou três vezes. Depois dirigiu-se à figura que continuava sentada em silêncio.

- Mãe, tenho tudo pronto? - perguntou.

- Tudo pronto, James - respondeu a mãe, continuando com os olhos postos no trabalho que estava a fazer. Durante os últimos meses, sentira-se pouco à vontade quando estava a sós com este seu filho severo e carrancudo. A sua índole secretamente mesquinha perturbava-se quando o seu olhar se cruzava com o dele. Costumava interrogar-se se ele suspeitaria de alguma coisa. O silêncio tornava-se-lhe intolerável, pois ele não fez mais nenhuma observação. Então começou a lamuriar-se. As mulheres defendem-se atacando, assim como atacam recorrendo a estranhas e súbitas capitulações.

- Espero, James, que fiques satisfeito com a tua vida no mar - disse ela. - Não te esqueças de que a escolha foi... tua. Podias ter entrado para o cartório de um advogado. Os advogados são uma classe muito respeitável, e os que vivem na província costumam jantar com as melhores famílias.

- Odeio cartórios e amanuenses - replicou ele. - Mas tem toda a razão. Fui eu que escolhi o meu modo de vida. Tudo o que lhe peço é que olhe pela Sibyl. Não deixe que lhe aconteça mal algum. Ouve, mãe? Olhe bem por ela.

- Que maneira tão estranha de falares comigo, James. Claro que olho pela Sibyl.

- Soube que há um cavalheiro que vem todas as noites ao teatro e vai falar com ela ao camarim. Acha isso bem? O que é que me diz?

- Tu falas de coisas que não entendes, James. Nesta profissão, estamos habituadas a receber muitas atenções que nos são gratificantes. Até comigo acontecia oferecerem-me muitos ramos de flores de uma só vez. Isso era no tempo em que o teatro era realmente apreciado. Quanto à Sibyl, de momento não sei se a sua ligação é a sério ou não. Mas não há dúvida de que o jovem em questão é um perfeito cavalheiro. É sempre delicadíssimo comigo. Além disso, tem aspecto de ser rico, e as flores que oferece são um espanto.

- Mesmo assim, nem sabe o nome dele - disse o rapaz, asperamente.

- Não, não sei - respondeu a mãe, com uma expressão tranquila no rosto. - Ele ainda não revelou o seu verdadeiro nome. Acho isso tão romântico da parte dele. Provavelmente pertence à aristocracia.

James Vane procurou dominar-se.

- Olhe pela Sibyl, mãe - exclamou ele. - Olhe bem por ela.

- Meu filho, não me aflijas tanto. Tenho sempre um cuidado muito especial com a Sibyl. Evidentemente que, se este cavalheiro for rico, não há motivo para que ela não faça contrato de casamento com ele. Tenho fé que ele seja da aristocracia. Tem todo o aspecto disso, tenho que reconhecer. Seria um casamento magnífico para a Sibyl. Fariam um par encantador. A beleza dele é realmente notável, toda a gente repara nela.

O rapaz disse qualquer coisa entredentes e tamborilou no vidro da janela ínn os seus dedos grossos. Precisamente quando se voltava para dizer alguma coisa, a porta abriu-se e Sibyl entrou a correr.

- Estão os dois com um ar tão sério! -- exclamou. - O que aconteceu?

- Nada - respondeu o irmão. - Parece-me que às vezes é preciso estar-se sério. Adeus, mãe, vou jantar às cinco horas. Está tudo emalado, excepto as minhas camisas, por isso não precisa de se incomodar.

- Adeus, meu filho - respondeu, inclinando a cabeça num gesto de contida altivez.

Estava extremamente contrariada com um tom que o filho adoptara com ela, e notara no seu olhar uma expressão que lhe causara medo.

- Um beijo, mãe - pediu a rapariga. E os seus lábios de flor tocaram ao de leve na face mirrada, dando-lhe um pouco de calor.

- Minha filha! Minha filha! - exclamou Mrs. Vane, erguendo o olhar para o tecto à procura de um imaginário público da galeria.

- Vamos, Sibyl -- disse o irmão, com impaciência. Detestava os modos teatrais da mãe.

Saíram os dois ao encontro de um dia de sol inconstante e batido pelo vento, e desceram a sombria Euston Road. Os transeuntes olhavam admirados para o jovem de ar taciturno e apressado que vestindo roupas grosseiras e mal feitas, era acompanhado por uma rapariga tão graciosa e de aspecto tão distinto. Parecia um rude jardineiro a passear uma rosa.

De vez em quando, Jim franzia o sobrolho quando vislumbrava o olhar de curiosidade de algum desconhecido. Ele tinha aquela aversão de ser olhado que aparece tarde nas pessoas de génio e que permanece sempre na gente comum. Sibyl, porém, não tinha noção alguma do efeito que causava. O amor que sentia estremecia no riso dos seus lábios. Pensava no Príncipe Encantado e, só por nele poder pensar, não falava dele, mas falava entusiasticamente do navio em que Jim ia partir, do ouro que ele ia de certeza encontrar, da maravilhosa herdeira que havia de salvar das mãos de cruéis salteadores de camisas vermelhas. Não havia de ser sempre marinheiro, ou comissário de bordo, ou lá o que era. Ah! Isso é que não. A vida de um marinheiro era terrível. Imagine-se! Ficar engaiolado num navio horrível, e as ondas, de dorso enrolado e com um ruído cavo, a quererem entrar, e um vento tenebroso a derrubar os mastros e rasgando as velas em longas tiras sibilantes! Ele devia desembarcar em Melbourne, despedir-se educadamente do capitão e partir de imediato para as minas de ouro. Em menos de uma semana havia de encontrar uma enorme pepita de ouro puro, a maior que alguma vez fora descoberta, e trazê-la até á costa num vagão escoltado por seis guardas montados. Os salteadores haviam de os atacar três vezes, e seriam derrotados e chacinados. Não! Ele não havia de ir para as minas de ouro. Eram lugares horrendos onde os homens se embriagavam e disparavam uns contra os outros nos bares e diziam palavrões. Ele havia de ser um simpático criador de gado, e uma tardinha, ao voltar a cavalo para casa, havia de ver a formosa herdeira a ser raptada por um ladrão montando um cavalo preto, e que ele havia de perseguir, salvando-a. Claro que ela se apaixonaria por ele, e ele por ela, e haviam de casar, e de regressar, e viver numa enorme casa em Londres. Havia coisas maravilhosas que o futuro lhe reservava. Mas era preciso que ele fosse muito bom, e não perdesse a paciência, nem gastasse o dinheiro à toa. Ela era apenas um ano mais velha do que ele, mas sabia da vida tanto ou mais do que ele. Ele que não se esquecesse também de lhe escrever todos os dias em que havia correio, e de rezar todas as noites antes de se deitar. Deus era muito bom e protegê-lo-ia. Ela também rezaria por ele e daqui a alguns anos regressaria muito rico e feliz.

O rapaz ia ouvindo, de mau humor, as suas palavras e não lhe dava resposta alguma. Sentia-se muito infeliz por deixar o país.

No entanto, não era só por isso que ele se sentia abatido e taciturno. Por muito inexperiente que fosse, tinha ainda uma noção precisa do perigo que Sibyl corria. Esse jovem dândi que lhe fazia a corte não devia ter boas intenções em relação a ela. Era um cavalheiro, e por isso odiava-o, odiava-o devido a um curioso instinto de raça que ele não sabia explicar, e que, por esse mesmo motivo, mais prevalecia dentro de si. Apercebia-se também da mesquinhez e vaidade do carácter da mãe, e via aí um perigo ilimitado para Sibyl e para a felicidade de Sibyl. As crianças começam por amar os pais, à medida que crescem tornam-se seus juizes, perdoam-lhes, às vezes.

Mas a mãe! Tinha na ideia uma coisa para lhe perguntar, uma coisa em que havia cismado durante muitos meses de silêncio. Uma frase ocasional que ouvira no teatro, um certo sarcasmo em segredo que lhe chegara aos ouvidos, numa noite em que esperava junto à porta de acesso ao palco, tinham desencadeado uma série de pensamentos medonhos. Lembrava-se disso como se lhe tivessem chicoteado o rosto. As sobrancelhas franziram-se num sulco profundo e, com uma contracção dolorosa, mordeu o lábio inferior.

- Não estás a ouvir uma única palavra do que estou a dizer, Jim - exclamou Sibyl -, e eu a arquitectar os planos mais fantásticos para o teu futuro. Diz qualquer coisa.

- O que queres que eu diga?

- Ora, que vais ser bom rapaz e não nos vais esquecer - respondeu, sorrindo-lhe.

O irmão encolheu os ombros.

- É mais provável que tu te esqueças de mim do que eu de ti, Sibyl.

Ela corou.

- O que queres dizer com isso, Jim? - perguntou.

- Pelo que ouvi, tens um novo amigo. Quem é? Por que não me falaste dele? Ele não tem boas intenções a teu respeito.

- Cala-te, Jim! - exclamou a irmã. - Não deves dizer nada contra ele. Eu amo-o.

- Ora, tu nem sequer sabes o seu nome - respondeu o rapaz. - Quem é ele? Tenho o direito de saber.

- Chama-se Príncipe Encantado. Não gostas do nome? Seu tolo! Não devias esquecê-lo. Bastava só que o visses para o achares a pessoa mais maravilhosa de todo o mundo. Um dia hás-de encontrá-lo, quando regressares da Austrália. Irás gostar muito dele. Todos gostam dele. E eu... amo-o. Quem me dera que pudesses vir ao teatro esta noite. Ele vai estar lá e eu vou fazer de Julieta. Oh! Nem imaginas como vou representar! Imagina, Jim, estar apaixonada e fazer de Julieta! Saber que ele está ali! Representar para lhe dar prazer! Receio poder vir a assustar a companhia, assustar ou fasciná-los. Estar apaixonado é ir para além de si mesmo. O coitado do horrível Mr. Isaacs há-de gritar aos frequentadores do seu bar que sou um génio. Tem-me apregoado como um dogma, esta noite irá anunciar-me como uma revelação. Sinto que será assim. E tudo isto por causa dele, só ele, o Príncipe Encantado, o meu apaixonado encantador, o deus dos meus dons. Mas ao lado dele sou pobre. Pobre? Que importa isso? Quando a pobreza entra pela porta, entra o amor pela janela. Os nossos provérbios precisam de ser revistos. Foram feitos no Inverno e agora é Verão, e a Primavera parece-me uma verdadeira dança de flores em céus azuis.

- Mas ele é um senhor - disse o rapaz, com ar carrancudo.

- Um príncipe! - exclamou ela, com voz musical. - Que queres mais?

- Ele pretende dominar-te.

- Estremeço só de pensar em ser livre.

- Quero que tenhas cautela.

- Vê-lo é adorá-lo, conhecê-lo é nele confiar.

- Sibyl, tu estás louca por ele.

Ela riu-se e pegou-lhe no braço.

- Meu querido Jim velhinho, falas como se tivesses cem anos. Um dia também tu te hás-de apaixonar. Então saberás o que é. Não faças esse ar tão rabujento. Certamente que deves estar contente ao pensar que, embora vás partir para tão longe, me deixas mais feliz do que nunca. A vida tem sido dura para nós ambos, terrivelmente dura e difícil. Mas agora será diferente. Tu vais para um novo mundo, e eu descobri um outro. Olha, temos aqui duas cadeiras, sentemo-nos a ver passar as pessoas elegantes.

Puxaram as cadeiras para o meio de multidão de mirones. Os canteiros de túlipas do outro lado da rua flamejavam como vibrantes anéis de fogo. Um pó branco, que parecia uma trémula nuvem de rizoma de lírio, pairava no ar ofegante. Os guarda-sóis de cores vivas dançavam subindo e baixando como borboletas gigantes.

Ela conseguiu que o irmão falasse de si, das suas esperanças e perspectivas. Ele falava devagar e com esforço. Passavam as palavras um para o outro como jogadores a passarem fichas quando jogam. Sibyl sentia-se oprimida. Não conseguia comunicar a sua alegria. Só encontrava eco no breve sorriso que fazia levantar os cantos daquela boca tristonha. Após uns instantes ficou silenciosa. De repente vislumbrou um cabelo dourado e uns lábios sorridentes quando Dorian Gray passou com duas senhoras numa carruagem aberta.

E ela levantou-se de um salto.

- Ali vai ele! - exclamou.

- Quem? - perguntou Jim Vane.

- O Príncipe Encantado - respondeu ela, procurando a vitória com os olhos.

Ele deu um salto e agarrou-lhe o braço com violência.

- Indica-mo. Qual é? Tenho de o ver! - exclamou, mas nesse mesmo momento interpôs-se a carruagem do duque de Berwick e, quando deixou o espaço livre, já a outra carruagem tinha desaparecido do Parque.

- Desapareceu - murmurou Sibyl com tristeza. - Gostava que o tivesses visto.

- Também eu, pois, tão certo como Deus estar no céu, se ele te fizer algum mal eu mato-o.

Ela olhou-o horrorizada. Ele repetiu as mesmas palavras. Cortavam o ar como uma adaga. As pessoas à volta começaram a olhar embasbacadas. Uma senhora que estava perto dela abafou um sorriso.

- Vamos embora, Jim, vamos embora - segredou ela.

Ele seguiu-a com um ar obstinado, enquanto ela abria caminho através da multidão. Sentia-se satisfeito com o que tinha dito.

Quando chegaram ao pé da estátua de Aquiles ela voltou-se. Havia compaixão nos seus olhos que se tornava em riso nos lábios. Abanou a cabeça, com um ar de reprovação.

- Tu és tolinho, Jim, completamente tolinho, um rapaz mal-humorado, é o que és. Como podes dizer coisas tão horríveis? Não sabes do que estás a

falar. És simplesmente ciumento e mau. Ah! Só desejo que te apaixones. O amor torna as pessoas boas, e o que disseste foi grave.

- Tenho dezasseis anos - retorquiu ele -, e sei o que devo fazer. A mãe não te presta grande auxílio. Ela não sabe cuidar de ti. Quem me dera agora não ter de ir para a Austrália. Tenho uma grande vontade de livrar-me disto tudo. E fá-lo-ia, se o meu contrato não estivesse assinado.

- Vá lá, não sejas tão sisudo, Jim. Pareces um dos heróis daqueles melodramas idiotas que a mãe tanto gostava de representar. Não vou discutir contigo. Eu vi-o, e vê-lo é a suprema felicidade. Não vamos discutir. Sei que nunca farias mal a alguém que eu amasse, pois não?

- Não, se tu o amares, creio - foi a resposta macambúzia.

- Amá-lo-ei para sempre! - exclamou ela.

- E ele?

- Também para sempre!

- É melhor que o faça.

Ela afastou-se dele. Depois riu-se e pegou-lhe no braço. Ele não passava de um rapazinho.

Em Marble Arch fizeram parar uma diligência, que os deixou perto da sua modesta casa na Euston Road. Passava das cinco da tarde, e Sibyl precisava de repousar durante algumas horas antes da sua actuação. Jim insistiu com ela. Disse ainda que preferia despedir-se quando a mãe não estivesse presente. Ela ia de certeza fazer uma cena e ele detestava todo o tipo de cenas.

Despediram-se mesmo no quarto de Sibyl. O rapaz tinha o coração carregado de ciúme, e ainda de um ódio feroz e homicida pelo desconhecido que lhe parecia haver-se intrometido entre ele e a irmã. No entanto, quando ela lhe enlaçou o pescoço com os braços e, com os dedos, lhe afagou o cabelo, enterneceu-se e beijou-a com verdadeiro afecto. Havia lágrimas nos seus olhos quando desceu as escadas.

Em baixo, a mãe aguardava-o. Resmungou pela sua falta de pontualidade, quando ele vinha a entrar Sem lhe dar qualquer resposta, sentou-se à mesa para comer a parca refeição. As moscas zuniam à volta da mesa e trepavam pela toalha manchada. Através do estrépito das diligências e do chocalhar dos fiacres, ouvia a voz monótona a devorar-lhe cada minuto que lhe restava.

Algum tempo depois, arredou o prato e mergulhou a cabeça entre as mãos. Sentia que tinha o direito de saber. Deviam-lho ter contado antes, se era o que ele suspeitava. Paralisada pelo medo, a mãe quedava-se a observá-lo. As palavras tombavam-lhe maquinalmente dos lábios. Torcia entre os dedos um lenço de renda já esfarrapado. Quando o relógio bateu as seis, ele levantou-se e encaminhou-se para a porta. Depois, retrocedeu e olhou para ela. Os olhares de ambos cruzaram-se. No dela, ele viu um desesperado pedido de compaixão, que o enfureceu.

- Mãe, tenho uma coisa para lhe perguntar - disse ele.

Os olhos dela erravam distraidamente pela sala. Não lhe respondeu.

- Diga-me a verdade. Tenho o direito de saber. A mãe era casada com o meu pai?

Ela soltou um profundo suspiro... (Era um suspiro de alívio. O terrível momento, o momento que noite e dia, semanas e meses, tanto temera, chegara por fim, e, todavia, não se sentia apavorada. Até certo ponto, foi mesmo uma decepção. A pergunta, feita cruamente e sem rodeios, merecia uma resposta

directa. A situação não fora gradualmente preparada. Foi abrupta. Fazia-lhe lembrar um mau ensaio.

- Não - respondeu, surpreendendo-se com a crua simplicidade da vida.

- O meu pai era então um miserável? - indignou-se o rapaz, cerrando os punhos.

Ela fez um gesto negativo com a cabeça.

- Eu sabia que não era um homem livre. Amávamo-nos muito. Se não tivesse morrido, teria assegurado o nosso futuro. Não fales contra ele, meu filho. Era teu pai e era um senhor. Era até de famílias importantes.

Uma imprecação irrompeu da boca do rapaz.

- Não é comigo que me preocupo - exclamou. - Mas não deixe a Sibyl... Quem está apaixonado por ela é um senhor, ou que diz que o é, não é assim? E também de famílias muito importantes, creio.

Por um instante, a mulher foi tomada por uma sensação abominável de humilhação. Deixou pender a cabeça. Enxugou os olhos com mãos trémulas.

- A Sibyl tem mãe - murmurou -, eu não tinha.

O rapaz comoveu-se. Aproximou-se dela e, inclinando-se, abraçou-a.

- Perdoe-me por tê-la feito sofrer ao perguntar-lhe pelo meu pai - disse -, mas não podia deixar de o fazer. Agora tenho de partir. Adeus. Não se esqueça de que fica apenas com uma filha para cuidar, e pode crer que se esse homem fizer mal à minha irmã, hei-de encontrá-lo, persegui-lo e abatê-lo como um cão. Juro que o faço.

A exagerada insensatez da ameaça, o gesto apaixonado que a acompanhou, a loucura melodramática das palavras tornaram a vida mais intensa aos olhos da mãe. Era o seu ambiente. Respirou mais livremente e, pela primeira vez, em muitos meses, sentiu verdadeira admiração pelo filho. Gostaria que a cena continuasse no mesmo nível emocional, mas o filho interrompeu-a abruptamente. Havia malas a transportar e agasalhos a procurar. O criado da pensão entrava e saía numa grande azáfama. Havia ainda a discutir o preço com o cocheiro. O momento perdeu-se em detalhes triviais. Foi com um renovado sentimento de decepção que ela acenou da janela com o lenço de rendas, quando o filho se afastava. Tinha noção de que se tinha desperdiçado uma grande oportunidade. Consolava-se contando a Sibyl como a sua vida passaria a ser solitária, agora que só tinha uma filha para cuidar. Lembrava-se da frase. Agradara-lhe. Não mencionou a ameaça. Foi expressa com vivacidade e dramatismo. Tinha a sensação de que todos haviam de rir dela um dia.

Capítulo VI

- Já ouviu a novidade, Basil? - perguntou Lord Henry, nesse fim de tarde, quando Hallward era acompanhado até à pequena sala privada do Bristol, onde a mesa para o jantar tinha sido posta para três pessoas.

- Não, Harry - respondeu o artista, entregando o chapéu e o casaco ao criado, que se curvava numa vénia. - O que é? Nada de política, espero bem. Não me interessa. Quase que não se encontra um único indivíduo na Câmara dos Comuns que valha a pena pintar, ainda que muitos deles precisassem de um pequeno disfarce.

- Dorian Gray está noivo e vai casar - respondeu Lord Henry, observando-o enquanto falava.

Hallward sobressaltou-se, depois carregou os sobrolhos.

- O Dorian vai casar! - exclamou ele. - Impossível!

- É inteiramente verdade.

- Com quem?

- Com uma pequena actriz qualquer.

- Não posso acreditar. O Dorian é muito sensato.

- O Dorian é demasiado sensato para não cometer loucuras de vez em quando, meu caro Basil.

- Não se pode dizer que o casamento seja uma coisa que se faz de vez em quando, Harry.

- Excepto na América - retorquiu Lord Henry languidamente. - Mas eu não disse que ele estava casado. Disse que estava noivo. Há uma grande diferença. Recordo-me nitidamente de estar casado, mas não me lembro nada de estar noivo. Sou levado a pensar que nunca estive noivo.

- Mas pense nas origens do Dorian, e a sua posição social e a sua fortuna. Seria absurdo que ele casasse com alguém de nível inferior.

- Se quiser levá-lo a casar com esta rapariga, vá dizer-lhe isso, Basil. De certeza que o fará então. Sempre que um homem comete um disparate, fá-lo sempre pela mais nobre das causas.

- Espero que ela seja boa rapariga, Harry. Não quero ver o Dorian ligado a uma criatura desprezível, que viesse a aviltar-lhe a índole e arruinar-lhe a inteligência.

- Oh, ela é mais do que boa, é bela - murmurou Lord Henry, bebericando um vermute com bíter de laranja. - O Dorian diz que ela é lindíssima, e ele não se costuma enganar com coisas deste género. O retrato dele que você fez estimulou o seu apreço pela aparência das outras pessoas. Tem produzido esse efeito excelente, entre outros. Devemos vê-la Esta noite, se o rapaz não se tiver esquecido do que ficou combinado.

- Fala a sério?

- Muito a sério, Basil. Sentir-me-ia incomodado só de pensar que deveria estar mais a sério do que estou neste momento.

- Mas você aprova, Harry? - perguntou o pintor, andando de um lado para o outro, e tentando dominar-se. - É impossível que você aprove. Isso é alguma paixoneta idiota.

- Eu agora nunca aprovo nem reprovo nada. É uma atitude absurda que se toma em relação à vida. Não fomos postos neste mundo para divulgar os nossos preconceitos morais. Nunca presto atenção ao que dizem as pessoas

vulgares, e nunca interfiro no que fazem as pessoas encantadoras. Se ficar fascinado por determinada personalidade, ela encantar-me-á sempre, seja qual for o modo de expressão que tomar. Dorian Gray apaixona-se por uma bela rapariga que faz de Julieta e pede-a em casamento. E por que não? Se casasse com Messalina, ele não seria menos interessante. Você sabe que não sou um defensor do casamento. A verdadeira desvantagem do casamento é o facto de tornar as pessoas tão altruístas. E as pessoas altruístas são desenxabidas. Falta-lhes personalidade. Há, porém certos temperamentos que se tornam mais complexos com o casamento. Conservam o seu egoísmo, e acrescentam-lhe muitos outros egos. São obrigados a ter mais do que uma vida. Tornam-se mais sumamente organizados, e ser sumamente organizado é, a meu ver, o desígnio da existência do homem. Além disso, toda a experiência tem valor e, digam o que disserem do casamento, ele é seguramente uma experiência. Espero que Dorian Gray- faça desta rapariga sua esposa, a adore apaixonadamente durante seis meses e depois fique subitamente fascinado por mais alguém. Ele seria um objecto de estudo fascinante.

- Você não acredita numa única palavra do que acaba de dizer, Harry; sabe bem que não. Se a vida de Dorian Gray fosse arruinada, ninguém se sentiria mais penalizado do que você. Você é muito melhor do que finge ser.

Lord Henry riu-se.

- Gostamos de pensar tão bem dos outros porque temos medo de nós mesmos. A base do optimismo é simplesmente o terror. Consideramo-nos generosos porque atribuímos ao nosso semelhante o mérito de possuir aquelas virtudes que poderão vir a beneficiar-nos. Tecemos louvores ao banqueiro a fim de podermos sacar a descoberto, e encontramos boas qualidades no assaltante, na esperança de que ele poupe as nossas algibeiras. Acredito em tudo o que disse. Sinto o maior desprezo pelo optimismo. Quanto a uma vida arruinada, só o é aquela cujo desenvolvimento é interrompido. Se se quiser estragar o temperamento de alguém, basta reformá-lo. Quanto ao casamento, isso seria um disparate, evidentemente. Mas existem outros e mais interessantes laços entre homens e mulheres. Por certo que os encorajarei. Têm o atractivo de estar na moda. Mas veja, o Dorian acaba de chegar. Ele pode informá-lo melhor do que eu.

- Meu caro Harry, meu caro Basil, devem felicitar-me! - disse o rapaz, tirando a capa de abas forradas de cetim e cumprimentando os amigos, apertando-lhes a mão. - Nunca estive tão feliz. Claro que foi repentino, mas todas as coisas realmente agradáveis o são. E, no entanto, parece-me ser a única coisa de que andei à procura toda a minha vida.

Estava corado de excitação e alegria e extremamente bonito.

- Espero que você seja sempre muito feliz, Dorian – disse Hallward -, mas não lhe perdoo não me ter comunicado o seu noivado. Comunicou-o a HarrY.

- E eu não lhe perdoo por ter chegado atrasado para o jantar - interrompeu Lord Henry, colocando a mão no ombro do rapaz, e sorrindo enquanto falava. - Venham, sentemo-nos para saber como é a comida do novo chefe de cozinha, e então você vai contar-nos como tudo aconteceu.

- De facto não há muito que contar - exclamou Dorian, quando se sentaram à pequena mesa redonda. – Aconteceu simplesmente isto. Depois de o ter deixado ontem à noite, Harry, mudei de roupa, jantei no pequeno restaurante italiano da Rupert Street que você me indicou e fui para o teatro às oito horas. A Sibyl fazia de Rosalinda. Claro que o cenário era horrível, e Orlando, absurdo. Ah! Mas Sibyl! Haviam de a ter visto! Quando apareceu nas suas roupas de rapazinho era de um encanto extraordinário. Trazia um gibão

de veludo cor de musgo com mangas cor de canela, meias estreitas castanhas com ligas, uma graciosa boina verde com uma pena de falcão pregada com uma jóia, e uma capa de capuz forrada de um vermelho mate. Nunca me parecera tão requintada. Tinha toda a graça delicada daquela estatueta de terracota que você tem no estúdio, Basil. O cabelo emoldurava-lhe o rosto como folhas escuras em volta de uma rosa pálida. Quanto à sua actuação... bem, vão ter ocasião de vê-la esta noite. É simplesmente uma artista nata. Sentado naquele sórdido camarote, senti-me totalmente arrebatado. Esqueci-me que estava em Londres e no século XIX. Sentia-me longe com a minha amada, numa floresta que nenhum homem jamais vira. Quando o espectáculo terminou, fui ao camarim falar com ela. Quando estávamos sentados os dois, surgiu de repente nos seus olhos uma expressão que nunca vira antes. Os meus lábios aproximaram-se dos seus. Beijámo-nos. Não sei descrever--lhes o que senti nesse momento. Era como se toda a minha vida se tivesse reduzido a um perfeito ponto de alegria cor-de-rosa. Toda ela estremecia e tremia como um narciso branco. Depois pôs-se de joelhos e beijou-me as mãos. Eu sinto que não devia contar-vos tudo isto, mas não posso evitá-lo. Evidentemente que o nosso noivado é um segredo absoluto. Ela nem sequer contou à própria mãe. Não sei o que os meus tutores irão dizer. Lord Radley vai com certeza ficar furioso. Não me importo. Já não falta um ano para eu atingir a maioridade. E então posso fazer o que eu quiser. Fiz bem Basil, não concorda, em ir buscar o meu amor à poesia e encontrar uma esposa nas peças de Shakespeare? Os lábios que Shakespeare ensinou a falar murmuraram-me o seu segredo ao ouvido. Os braços de Rosalinda abraçaram-me, e eu beijei Julieta na boca.

- Sim, Dorian, suponho que fizeste bem - disse Hallward, lentamente.

- Você viu-a hoje? - perguntou Lord Henry.

Dorian Gray negou com movimento de cabeça.

- Deixei-a na floresta de Arden, e vou encontrá-la num pomar de Verona.

Lord Henry bebericou o seu champanhe de um modo pensativo.

- Em que momento exacto mencionou a palavra casamento, Dorian? E o que respondeu ela? É provável que você se tenha esquecido completamente.

- Meu caro Harry, eu não considerei isto como uma transacção comercial e não fiz nenhuma proposta formal de casamento. Disse-lhe que a amava, e ela respondeu que não era digna de ser minha esposa. Que não era digna! Ora, o mundo inteiro comparado com ela não tem valor algum.

- As mulheres são espantosamente práticas - murmurou Lord Henry -, muito mais práticas do que nós. Em situações desse género nós esquecemo-nos frequentemente de falar em casamento, mas elas fazem-nos lembrar.

Hallward pousou a mão no braço dele.

- Não continue, Harry. O Dorian ficou ofendido. Ele não é como os outros homens. Nunca faria ninguém infeliz. Tem uma índole demasiado delicada.

Lord Henry olhou do outro lado da mesa.

- O Dorian nunca se ofende comigo - respondeu. - Fiz a pergunta pela razão mais plausível, pela única razão que, na verdade, nos desculpa por fazer uma pergunta: simples curiosidade. Eu tenho uma teoria, segundo a qual são sempre as mulheres a proporem-nos casamento e não nós a propor casamento às mulheres. Com excepção, claro, na vida da classe média. Mas também as classes médias não são modernas.

Dorian Gray riu-se, atirando a cabeça para trás.

- Você é inteiramente incorrigível, Harry, mas não me importo. É impossível ficar zangado consigo. Quando vir Sibyl Vane, você sentirá que o homem que a ultrajasse seria uma fera, sem coração. Não posso compreender

como é que alguém pode querer humilhar o ser que ama. Eu amo Sibyl Vane. Quero colocá-la sobre um pedestal de ouro e ver o mundo venerar a mulher que me pertence. O que é o casamento? Um voto irrevogável. É por isso que você fala dele com escárnio. Ah! Não faça zombaria... É um voto irrevogável que eu quero cumprir. Sou fiel porque ela confia em mim, sou bom porque ela acredita em mim. Quando estou com ela, lamento tudo o que você me ensinou. Torno-me diferente daquele que você conheceu. Modifiquei-me, e o simples toque da mão de Sibyl Vane faz-me esquecer de você e de todas as suas erradas, e fascinantes, e venenosas, e deliciosas teorias.

- E que são? - perguntou Lord Henry, servindo-se de um pouco de salada.

- Ora, as suas teorias da vida, e as suas teorias do amor, e as suas teorias do prazer. Em suma, todas as suas teorias, Harry.

- O prazer é a única coisa que merece ter uma teoria - respondeu, com a sua voz lenta e melodiosa. - Mas receio não poder reivindicar a minha teoria como pertença minha. Ela pertence à Natureza e não a mim. O prazer é o teste da Natureza, o seu sinal de aprovação. Quando somos felizes somos sempre bons, mas quando somos bons nem sempre somos felizes.

- Ah, mas o que entende você por bons? - exclamou Basil Hallward.

- Sim - repetiu Dorian como um eco, recostando-se na cadeira e olhando para Lord Henry, por cima dos pesados ramos de íris de lábios púrpura que estavam no centro da mesa -, o que entende você por bons, Harry?

- Ser bom é estar de harmonia consigo mesmo - retorquiu ele, tocando no pé delicado do cálice com os seus dedos pálidos e finos. - O conflito é ser obrigado a estar de harmonia com os outros. O que é importante é a nossa própria vida. Quanto às vidas dos nossos semelhantes, se desejarmos ser moralistas ou puritanos, podemos alardear as nossas opiniões morais sobre elas, mas elas não nos dizem respeito. Além disso, o individualismo tem realmente um objectivo mais elevado. A moralidade moderna consiste em aceitar o modelo da própria época. Considero que uma forma da mais grosseira imoralidade é o facto de qualquer homem de cultura aceitar o modelo da sua época.

- Mas, certamente, se se vive simplesmente para si mesmo, Harry, paga-se um preço terrível por isso, ou não? – sugeriu o pintor.

- Sim, hoje em dia cobram-nos em excesso por tudo. A meu ver, a verdadeira tragédia dos pobres é a de não poderem dar-se ao luxo de coisa nenhuma senão a auto-recusa. Os pecados belos, como as coisas belas, são privilégio dos ricos.

- Há outros processos de pagamentos além do dinheiro.

- Que processos, Basil?

- Ora, imagino que com o remorso, com o sofrimento, com... bem, com a consciência da degradação.

Lord Henry encolheu os ombros.

- Meu bom amigo, a arte medieval é fascinante, mas as emoções medievais são obsoletas. Podem ser usadas em ficção. Evidentemente. Mas, nesse caso, as únicas coisas que podem usar-se em ficção são as que de facto deixaram de ser usadas. Pode crer que um homem civilizado jamais lamenta o prazer, e que um homem incivilizado jamais sabe o que é o prazer.

- Eu sei o que é o prazer - afirmou Dorian Gray. - É adorar alguém.

- Sempre é melhor do que ser adorado - respondeu ele, brincando com algumas peças de fruta. - Ser adorado é uma maçada. As mulheres tratam-

nos exactamente como a Humanidade trata os seus deuses. Veneram-nos, e depois andam sempre a importunar-nos com pedidos.

- Eu diria antes que tudo o que nos pedem já nos foi dado primeiro por elas - murmurou o rapaz, gravemente -, Elas geram em nós o amor. Têm, pois, o direito de o pedir de volta.

- É absolutamente verdade, Dorian - concordou Hallward.

- Não há nada que seja a verdade absoluta - contestou Lord Henry.

- Isto é - interrompeu Dorian. - Você tem de admitir, Harry, que as mulheres dão aos homens o verdadeiro ouro das suas vidas.

- É possível - comentou ele, com um suspiro -, mas querem invariavelmente... a sua restituição em trocos miudinhos. É isso que se torna preocupante. As mulheres, como dizia, com espírito, um francês, inspiram-nos o desejo de realizar obras-primas, e impedem-nos sempre de as executar.

- Harry, como você é horrível! Nem sei por que gosto tanto de si.

- Há-de gostar sempre de mim, Dorian - replicou ele. - Querem tomar café, meus amigos? - Criado, sirva-nos café, e um bom champanhe, e traga-nos cigarros. Não, cigarros não, ainda tenho alguns. Basil, não posso permitir que fume charutos. Tem de fumar um cigarro. Um cigarro é o modelo perfeito de um prazer perfeito. É delicioso e deixa-nos insatisfeitos. Que mais podemos desejar? Como estava a dizer, Dorian, você há-de gostar sempre de mim. Represento para si todos os pecados que nunca teve coragem de cometer.

- Não diga disparates, Harry! - exclamou o rapaz acendendo um cigarro na chama de um dragão de prata que soprava fogo, e que o criado tinha pousado em cima da mesa. - Vamos para o teatro. Quando Sibyl aparecer no palco, você terá um novo ideal de vida. Ela representará para si algo que nunca conheceu.

- Já conheci tudo - disse Lord Henry, com um olhar fatigado - e estou sempre pronto para uma nova emoção.

- Mas suponho que, pelo menos para mim, isso não existe. Mesmo assim, pode ser que a sua admirável rapariga me faça vibrar. Adoro teatro. É muito mais real do que a vida. Vamos, então. Dorian, você vem comigo. Lamento muito, Basil, mas só há lugar para dois na berlinda. Você vai ter que seguir-nos de fiacre.

Levantaram-se e vestiram os casacos, bebendo o café de pé. O pintor estava silencioso e preocupado. Dominava-o uma certa melancolia. Este casamento era-lhe insuportável, e, no entanto, parecia-lhe preferível a muitas outras coisas que poderiam ter acontecido. Uns minutos depois, passaram ao andar inferior. Hallward seguiu sozinho, como fora combinado, e via as luzes brilhantes da pequena berlinda que ia à sua frente. Apoderou-se dele uma estranha sensação de perda. Sentia que Dorian Gray nunca voltaria a ser para si tudo o que havia sido no passado. A vida interpusera-se entre eles. Os olhos toldaram-se-lhe, e via como numa névoa as ruas movimentadas e iluminadas.

Quando o fiacre parou ao chegar ao teatro, tinha a impressão de ter envelhecido.

Capítulo VII

Por qualquer razão, a casa estava cheia nessa noite, e o gordo empresário judeu recebeu-os à porta, exibindo um sorriso trémulo e untuoso de orelha a orelha. Acompanhou-os ao camarote com exagerada humildade, gesticulando com as mãos gordas e cobertas de jóias, e falando muito alto. Dorian Gray abominou-o mais do que nunca. Era como se tivesse vindo à procura de Miranda e tivesse encontrado Caliban. Lord Henry, pelo contrário, gostou bastante dele. Pelo menos, assim o manifestou: insistiu em apertar-lhe a mão, asseverando-lhe que tinha orgulho em conhecer um homem que descobrira um verdadeiro génio e que se arruinara por um poeta. Hallward distraía-se a observar as pessoas da plateia. O calor era sufocante, e um sol abrasador dardejava como dália gigante de pétalas de fogo. Os jovens da galeria superior tinham despido os casacos e os coletes e tinham-nos pendurado ao lado. Falavam uns para os outros de uma ponta à outra do teatro e comiam laranjas, que repartiam com as raparigas espalhafatosas a seu lado sentadas. Algumas mulheres, de vozes estridentes e dissonantes, riam na plateia.

Do bufete chegava o ruído das rolhas a saltarem das garrafas.

- Que estranho lugar para uma deusa! - observou Lord Henry.

- Foi aqui, sim! - respondeu Dorian Gray. - Foi aqui que a encontrei, e ela é um ser divino acima de todo o ser vivente. Quando está a representar esquecemo-nos de tudo. Estas pessoas vulgares, grosseiras, de rostos rudes e gestos abrutalhados, transformam-se radicalmente, quando ela está em cena. Ficam a olhar atentamente e em silêncio. Ela fá-los rir e chorar a seubel-prazer. Ela põe-nos tão sensíveis como um violino. Dá-lhes espiritualidade, e sentimos que são tão humanos como nós.

- Tão humanos como nós! Espero bem que não! - exclamou Lord Henry, que passava os olhos pelos ocupantes da galeria superior através dos seus binóculos de teatro.

- Não dê importância ao que ele diz, Dorian - disse o pintor. - Eu sei o que você quer dizer e acredito nesta rapariga. Qualquer pessoa que você ame deve ser maravilhosa, e qualquer rapariga que cause em si o efeito que descreve deve ser requintada e nobre. Espiritualizar a sua época é algo que vale a pena fazer. Se esta rapariga consegue transmitir uma alma aos que têm vivido privados de uma alma, se consegue criar o sentido da beleza em pessoas de vidas sórdidas e execráveis, se consegue extirpar-lhes o egoísmo e provocar-lhes lágrimas pelo sofrimento alheio, ela é digna da sua veneração, digna da veneração de todo o mundo. É um casamento perfeito. A princípio eu não pensava assim, mas agora aceito-o. Os deuses criaram Sibyl Vane para si. Sem ela, você estaria incompleto.

- Obrigado, Basil - respondeu Dorian Gray, apertando-lhe a mão. - Sabia que havia de me compreender. O Harry é tão cínico que me apavora. Olha, chegou a orquestra. É péssima, mas só toca durante cerca de cinco minutos. Depois o pano sobe, e vereis a rapariga a quem vou dar toda a minha vida, a quem dei tudo o que há de bom em mim.

Um quarto de hora depois, por entre o estrondo dos aplausos, Sibyl Vane deu entrada no palco. Sim, era de facto linda, uma das criaturas mais bonitas que jamais vira, pensou Lord Henry. Tinha um pouco da graça tímida e do olhar assustado de uma corça. Subiu-lhe ao rosto um leve rubor, como o

reflexo de uma rosa num espelho de prata, quando viu a casa cheia de um público entusiasmado. Recuou alguns passos e os lábios pareciam tremer. Basil Hallward pôs-se de pé num salto e começou a aplaudir. Imóvel, como num sonho, Dorian Gray ficou sentado a contemplá-la. Lord Henry perscrutava através dos binóculos, murmurando "Encantadora! Encantadora!"

A cena passava-se no átrio da casa dos Capuleto, e Romeu, trajado de peregrino, tinha entrado com Mercúcio e os outros amigos. A orquestra tocou alguns compassos de música e o baile começou. Por entre o conjunto de actores desajeitados, pobremente vestidos, Sibyl Vane movimentava-se como uma criatura de um mundo mais requintado. Ao dançar, movia o corpo como uma planta que oscila na água. A linha do pescoço era a de um lírio branco. As mãos pareciam de frio marfim.

No entanto, estava surpreendentemente apática. Não mostrou qualquer sinal de alegria, quando os seus olhos pousaram em Romeu. As poucas linhas que tinha de dizer:

Good pilgrim. you do wrong your hand too much,
Which mannerly devotion shows in this,
For saints have hands That pilgrims' hands do tou
And palm to palm is holy palmers kiss.

Bom romeiro, fazeis injustiça à vossa mão,
Que cortês devoção em seu gesto vem mostrar,
Os santos têm mãos que os romeiros tocar vão,
E as palmas juntas são dos romeiros seu beijar. (N. da T.)

com o breve diálogo que se lhe segue, foram ditas de uma maneira completamente artificial. A voz era delicada, mas o tom totalmente inadequado. Estava no timbre errado. Roubava aos versos toda a emoção. Não transmitia veracidade à paixão.

Dorian Gray empalidecia ao contemplá-la. Estava confuso e angustiado. Nenhum dos dois amigos ousava dizer-lhe qualquer coisa. Ela pareceu-lhes absolutamente incompetente. Ficaram terrivelmente decepcionados.

Sentiam, porém, que o verdadeiro teste de qualquer Julieta é a cena do balcão no segundo acto. Ficaram aguardando. Se ela fracassasse aí, então só mostraria que não tinha valor algum.

Estava sedutora no momento em que apareceu ao luar. Era um facto inegável.

Mas a teatralidade da sua representação era insuportável e piorava à medida que ela continuava. Os gestos tornaram-se absurdamente artificiais. Colocava uma ênfase exagerada em tudo o que dizia. A passagem tão bela:

Thou knowest the mask of night is on my face
Else would a maiden blush bepaint my cheek
For that Which thou hast heard me speak tonight.

Não fosse a máscara da noite em meu rosto,
Um casto rubor me acudiria à face
Por teres ouvido o que eu disse esta noite(N. da T.)

foi declamada com a penosa precisão de uma menina de escola que foi ensinada a recitar por um professor de declamação de segunda ordem. Quando se debruçou no balcão e chegou àqueles maravilhosos versos:

Although I joy in thee
I have no joy in this contract tonight:
It is too rash, too unadvised, too sudden;
Too like the lightning, which woth cease to be
Ere one can say, It lightens. Sweet, goodnight!
This but of love by summers ripening breath
May prove a beauteous flower When next we meet!

Embora em ti seja meu deleite,
Não me alegra o trato desta noite
Por tão inesperado, sem aviso,
Como raio que cessa ainda antes
De nomeado. Boa noite, querido!
Tomando do Verão seu sazonar,
Que este botão de amor seja florido
Quando aqui nos volvermos a encontrar. (N. da T.)

pronunciava as palavras como se não tivessem significado algum para ela. Não era nervosismo. Na verdade, longe de mostrar nervosismo, manifestava total reserva. Não passava de uma má representação. Foi um completo fracasso.

Até o público vulgar e sem instrução da plateia e da galeria perdeu o interesse pela peça, Mostravam-se impacientes e começaram a falar alto e a assobiar.

O judeu, que estava de pé ao fundo do balcão, batia com o pé e praguejava enfurecido. A única pessoa impassível era a própria rapariga.

Quando terminou o segundo acto ouviu-se uma vaia de assobios, e Lord Henry levantou-se e vestiu o casaco.

- Ela é muito bela, Dorian - comentou -, mas não sabe representar. Vamos embora.

- Fico a ver a peça até ao fim - respondeu o rapaz, em tom duro e amargo. - Lamento muito tê-lo levado a desperdiçar uma noite, Harry. Peço aos dois que me desculpem.

- Meu caro Dorian, acho que Miss Vane não se sentia bem - interrompeu Hallward. - Havemos de voltar outra noite.

- Quem me dera que fosse isso - retorquiu ele. - Mas ela parece-me estar simplesmente insensível e fria. Modificou-se completamente. A noite passada foi uma grande artista. Esta noite é apenas uma actriz banal e medíocre.

- Não fale assim de quem ama, Dorian. O Amor é mais maravilhoso do que a Arte.

- Ambos são unicamente formas de imitação - comentou Lord Henry. - Mas vamo-nos embora. Dorian, não deve ficar aqui mais tempo. Não faz bem à moral de cada um assistir a uma má representação teatral. Além disso, suponho que você não vai querer que a sua esposa seja actriz. Por isso, que importa que ela faça de Julieta como uma boneca de pau? É muito bonita e, se souber tanto da vida como sabe da arte de representar, ela será uma experiência deliciosa. Existem apenas dois tipos de pessoas que são realmente fascinantes: as que sabem absolutamente tudo e as que não sabem

absolutamente nada. Meu Deus, menino, não ponha esse ar tão trágico! O segredo de manter a juventude consiste em nunca ter qualquer emoção que não nos fique bem. Venha até ao clube com Basil e comigo. Fumamos uns cigarros e bebemos à beleza de Sibyl Vane. Ela é bela. Que mais pode querer?

- Vá-se embora, Harry - gritou o rapaz. - Quero ficar só. Você também deve ir, Basil. Ah! Não vêem que tenho o coração despedaçado?

Os olhos marejaram-se de lágrimas escaldantes. Os lábios tremiam, depois, correndo para o fundo do camarote, encostou-se à parede, escondendo o rosto entre as mãos.

- Vamos, Basil - disse Lord Henry, com uma estranha ternura na voz, e os dois jovens saíram juntos.

Pouco tempo depois, acenderam-se as luzes da ribalta e subiu o pano para o terceiro acto. Dorian Gray regressou ao seu lugar. Estava pálido, com um ar altivo e indiferente. A peça arrastava-se e parecia interminável. Metade do público saiu, rindo e caminhando ruidosamente com as suas botas grossas. Tudo aquilo foi um fiasco. O último acto foi representado para uma sala quase vazia. O pano desceu entre roncos e risadas.

Assim que tudo terminou, Dorian Gray precipitou-se para os bastidores e entrou no camarim. A rapariga encontrava-se só, ostentando um ar de triunfo. Os olhos fulgiam com uma luz estranha. Toda ela irradiava. Os lábios entreabertos sorriam de um segredo apenas seu.

Quando Dorian entrou, olhou para ele com uma expressão de infinita alegria.

- Representei tão mal esta noite, Dorian! - exclamou ela.

- Horrivelmente! - respondeu, fitando-a atónito -, horrivelmente! Foi pavoroso. Sente-se indisposta? É que não faz a mínima ideia do que foi. Nem... faz ideia do que eu sofri.

A rapariga sorriu.

- Dorian - respondeu ela, demorando-se no nome dele, prolongando musicalmente a voz, como se tivesse um sabor mais doce do que o mel nas pétalas vermelhas da sua boca -, Dorian, deve ter compreendido. Mas compreende agora, não é assim?

- Compreender o quê? - perguntou ele, zangado.

- Por que motivo representei tão mal esta noite. Ora, hei-de representar sempre mal. Pois nunca mais hei-de representar bem.

Ele encolheu os ombros.

- A Sibyl deve estar doente. Quando não se sente bem, não deveria representar. Expõe-se ao ridículo. Os meus amigos estavam incomodados. Eu estava incomodado.

Ela parecia que não o estava a ouvir. A alegria transfigurava-a. Dominava-a um êxtase de felicidade.

- Dorian, Dorian - exclamou -, antes de. o conhecer, o teatro era a única realidade da minha vida. Só no teatro é que eu vivia. Pensava que era tudo verdade. Uma noite era Rosalinda, outra noite era Pórcia. A alegria de Beatriz era a minha alegria, e as mágoas de Cordélia eram minhas também. Acreditava em tudo. As pessoas vulgares que comigo representavam pareciam-me deuses. Os cenários pintados eram o meu mundo. Eu apenas conhecia sombras, e julgava-as reais. O Dorian apareceu - oh, meu formoso amado! - e libertou a minha alma da prisão. Ensinou-me o que é realmente a realidade. Esta noite, pela primeira vez na vida, apercebi-me da falsidade, da impostura, da idiotice da fantochada oca em que sempre representara. Esta noite, pela primeira vez, dei-me conta de que Romeu era horrendo, e velho, e pintado, de

que a lua que iluminava o pomar era falsa, de que o cenário era tosco, e de que as... palavras que devia dizer eram irreais, não eram palavras minhas, nem eram o que eu queria dizer. O Dorian trouxe-me algo mais elevado, algo de que toda a arte é somente um reflexo. Fez-me compreender o que é realmente o amor. Meu amor! Meu amor! Príncipe Encantado! Príncipe da vida! Enfastiei-me das sombras. Para mim, o Dorian significa mais do que toda a arte. O que tenho eu a ver com os fantoches de uma peça? Quando subi ao palco esta noite, não pude compreender por que já não existia em mim tudo o que eu fora antes. Eu supunha que iria representar maravilhosamente. Descobri que não conseguia fazer nada. De súbito, aclarou-se-me o espírito e percebi o significado de tudo aquilo. Foi uma percepção maravilhosa. Ao ouvi-los assobiar, eu sorria. Que poderiam eles saber de um amor como o nosso? Leve-me consigo, Dorian, leve-me consigo para um lugar onde possamos estar sós. Odeio o palco. Eu podia fingir uma paixão que não sinto, mas não posso fingir a que me queima como fogo. Ah, Dorian, Dorian, compreende agora o significado de tudo isto? Ainda que o pudesse fazer, seria para mim uma profanação representar o papel de apaixonada. Foi o Dorian que me fez ver isso.

Ele atirou-se para o sofá e desviou a cara para o outro lado.

- A Sibyl matou o meu amor - balbuciou.

Ela olhou-o profundamente espantada, e riu-se. Ele não respondeu. Ela aproximou-se dele e afagou-lhe o cabelo com os seus dedos frágeis. Ajoelhou-se e, tomando-lhe as mãos, levou-as aos lábios. Ele retirou-as bruscamente, e estremeceu.

Então, levantou-se de pronto e encaminhou-se para a porta.

- Sim - gritou ele -, matou o meu amor. Costumava excitar a minha imaginação. Agora nem sequer excita a minha curiosidade. Não exerce qualquer efeito em mim. Eu amava-a porque era maravilhosa, porque possuía génio e inteligência, porque realizava os sonhos dos grandes poetas e dava forma e substância às sombras da arte. Agora deitou tudo a perder. É fútil e estúpida. Meu Deus! Que louco fui em amá-la! Como fui idiota! A Sibyl já nada representa para mim. Não voltarei a vê-la jamais... Jamais pensarei em si. Jamais pronunciarei o seu nome. Não pode imaginar o que era para mim antes. Bem, antes... Oh! Não posso suportar tal pensamento! Quem me dera que nunca a tivesse visto. Destruiu o sonho de amor de toda a minha vida. Pouco sabe de amor quando diz que ele prejudica a sua arte! Sem a sua arte, a Sibyl não vale nada. Eu podia torná-la célebre, esplêndida, magnífica. O mundo tê-la-ia idolatrado, e eu ter-lhe-ia dado o meu nome. O que é a Sibyl agora? Uma actriz de terceira categoria com uma cara bonita.

A rapariga empalideceu, e tremia. Apertou as mãos uma na outra, e a voz embargou-se.

- Não está a falar a sério, Dorian, pois não? - murmurou. - Está a representar.

- Representar! Isso cabe-lhe a si. E sabe fazê-lo tão bem - respondeu ele, amargamente.

Ela ergueu-se e, com uma comovente expressão de dor, chegou perto dele. Pousou a mão no seu braço e fitou-o nos olhos. Ele empurrou-a.

- Não me toque! - gritou.

Ela gemeu baixinho, e lançou-se-lhe aos pés, e ali ficou, como uma flor espezinhada.

- Dorian, Dorian, não me abandone! - disse ela, num murmúrio. - Lamento tanto não ter representado bem. Eu pensava em si o tempo todo. Mas

vou tentar, prometo que vou. O meu amor por si arrebatou-me tão inesperadamente. Creio que nunca o teria sentido se não me tivesse beijado. se nunca nos tivéssemos beijado. Beije-me mais uma vez, meu amor. Não me deixe. Isso eu não poderia suportar. Oh! Não me deixe... O meu irmão... Não, não tem importância... Ele não falava a sério. Foi só de brincadeira. Mas, Dorian, não poderá perdoar-me por esta noite? Hei-de trabalhar aplicadamente e tentar aperfeiçoar-me. Não seja cruel comigo porque o amo mais que tudo neste mundo. Além disso, foi só desta vez que não lhe agradei. Mas tem razão, Dorian. Eu deveria ter mostrado mais a artista que há em mim. Foi uma loucura o que fiz, mas foi mais forte do que eu. Oh! Não me abandone, não me abandone.

Soluçava convulsivamente. Estava dobrada no chão como animal ferido. Dorian Gray fitou-a com os seus bonitos olhos, e contorceu os delicados lábios numa expressão de desdém. Há sempre qualquer coisa de ridículo nas emoções das pessoas que deixámos de amar. A seu ver, Sibyl Vane era ridiculamente melodramática: As suas lágrimas e os soluços irritavam-no.

- Vou-me embora - disse, por fim, numa voz calma e nítida. - Não gostaria de ser indelicado, mas não posso voltar a vê-la. Desiludiu-me.

Ela chorava em silêncio e não lhe respondeu, mas foi-se aproximando mais. Estendeu às cegas as pequeninas mãos, como que à sua procura. Ele deu meia volta e saiu do camarim. Não demorou muito a sair do teatro.

Mal sabia para onde dirigia os seus passos. Lembrava-se de ter vagueado por ruas escuras, de ter passado sob arcadas lúgubres e sombrias e por casas sórdidas. Mulheres de vozes roucas e gargalhadas estridentes chamavam-no. Passavam, a cambalear, bêbados que praguejavam e falavam sozinhos, mais parecendo gorilas monstruosos. Vira crianças grotescas amontoadas nos degraus das casas e ouvira guinchos e blasfémias vindos de pátios lôbregos.

Ao romper da madrugada, encontrava-se perto do Covent Garden. As trevas dissiparam-se e, enrubescido por pálidos clarões de fogo, o céu arredondou-se numa pérola perfeita. Carroças enormes, carregadas de lírios balouçantes, estrondeavam vagarosamente pela calçada polida e deserta. O ar estava saturado do perfume das flores, cuja beleza parecia trazer-lhe um antídoto para o seu sofrimento. Entrou no mercado e começou a observar os homens a descarregarem as carroças. Um carreteiro de bata branca ofereceu-lhe cerejas. Agradeceu-lhe e, admirado de ele ter recusado aceitar dinheiro por elas, começou a comê-las distraidamente. Tinham sido colhidas à meia-noite, e entranhara-se nelas o frio do luar. Uma longa fila de rapazes, carregando grades de túlipas raiadas e de rosas vermelhas e amarelas, desfilou em frente dele, abrindo caminho por entre enormes pilhas de vegetais de um verde-jade. Sob o pórtico de colunas cinzentas descoradas pelo sol, um grupo de raparigas desmazeladas e de cabeça descoberta aguardava que terminasse a lota. Outras apinhavam-se à volta da porta giratória do café do Plazza. Os pesados cavalos das carroças escorregavam e batiam com as patas no empedrado irregular, fazendo sacudir os guisos e os arreios. Sobre uma pilha de sacas, dormiam alguns carroceiros. Os pombos, de pescoços irisados e patas rosadas, corriam de um lado para o outro debicando sementes.

Pouco tempo depois, ele chamou um fiacre e dirigiu-se para casa.

Deteve-se por uns momentos à porta a contemplar a praça silenciosa, de inexpressivas janelas cerradas e persianas estáticas. O céu era agora de pura opala, e os telhados das casas brilhavam como prata. De uma chaminé em frente saía uma ténue espiral de fumo, que se enroscava como uma fita lilás pelo ar cor de nácar No imponente vestíbulo forrado de madeira de carvalho,

pendia do tecto uma enorme lanterna dourada de Veneza - dos despojos da barca de algum doge -, onde ardiam ainda três luzes bruxuleantes: pareciam pétalas transparentes de chama azul com orlas de fogo branco. Ele apagou-as e, atirando o chapéu e a capa para cima da mesa, atravessou a biblioteca em direcção à porta do quarto, um espaçoso aposento octogonal no rés-do-chão que, devido à sua recente predilecção pelo fausto, acabara de mandar decorar para si, ornamentando-o com originais tapeçarias renascentistas que tinham sido encontradas arrumadas num sótão abandonado em Selby Royal. Quando fazia rodar o puxador da porta, os olhos depararam com o seu retrato pintado por Basil Hallward. Recuou sobressaltado, como que surpreendido. Em seguida, um pouco perplexo, foi entrando para o quarto. Depois de ter retirado a botoeira do casaco, pareceu hesitar. Por fim, voltou atrás, aproximou-se do retrato e examinou-o. À fraca claridade da luz que conseguia passar através dos estores de seda creme, afigurava-se-lhe um pouco alterado. A expressão estava diferente. Dir-se-ia que havia um laivo de crueldade na boca. Era deveras estranho.

Voltou-se, caminhou para a janela e subiu o estore. O esplendor do amanhecer invadiu a sala e varreu as fantásticas sombras para cantos escuros, onde ficaram tremendo. Mas a curiosa expressão que notara no rosto do retrato parecia ter permanecido, ter-se acentuado ainda mais. A luz trémula e candente do sol revelava-lhe os traços de crueldade que contornavam a boca tão nitidamente como se estivesse a ver-se num espelho, depois de ter cometido alguma acção terrível.

Estremeceu e, retirando de cima da mesa um espelho oval emoldurado por Cupidos de marfim - mais um dos muitos presentes de Lord Henry -, lançou um rápido olhar ao mais fundo da superfície polida. Não viu traços como aqueles a distorcerem-lhe os lábios rubros. Que significava aquilo?

Esfregou os olhos, aproximou-se do retrato e examinou-o de novo. Não via indícios de qualquer alteração quando olhava para a pintura em si, e, no entanto, não tinha dúvida alguma de que toda a expressão se modificara. Não se tratava de pura fantasia sua. Aquilo era de uma evidência horrível.

Afundou-se numa poltrona, e começou a pensar. De repente, veio-lhe à memória o que havia dito no atelier de Basil Hallward no dia em que o retrato fora acabado. Sim, lembrava-se perfeitamente. Proferira o extravagante desejo de querer ficar sempre jovem e de ser o retrato a envelhecer, de que a sua beleza permanecesse imaculada e que fosse a cara pintada na tela a suportar o peso das suas paixões e dos seus pecados, de que a imagem pintada fosse marcada pelas rugas do sofrer e do pensar e que ele mantivesse toda a delicada frescura e beleza da sua mocidade, de que só então tomara consciência. Ter-se-ia cumprido o seu desejo? Essas coisas eram impossíveis! Só pensar nelas era monstruoso. E, todavia, ali estava, mesmo à sua frente, o retrato com o ricto de crueldade nos lábios.

Crueldade! Tinha sido cruel? A culpa foi da rapariga, e não dele. Imaginara-a uma grande artista, dera-lhe o seu amor, porque a julgara extraordinária. E então ela decepcionara-o. Fora fútil e desprezível. Porém, assaltou-o um sentimento de infinito remorso, ao recordar-se dela prostrada a seus pés, chorando como uma criança. Recordou-se da indiferença com que para ela olhara. Por que nascera ele assim? Por que lhe fora dada uma alma como a sua? Mas ele também sofreu. Durante as três horas terríveis que a peça durara, vivera séculos de sofrimento, eternidades de tortura. A sua vida valia bem mais do que a vida dela. Ela magoara-o por um momento, ainda que

ele a tivesse magoado para sempre. Além do mais, as mulheres tinham melhor preparação para o sofrimento do que os homens.

Viviam das próprias emoções, só pensavam nas suas emoções. Possuíam amantes pela simples razão de ter alguém com quem pudessem armar um escândalo. Dissera-lho Lord Henry, e Lord Henry sabia como eram as mulheres. Por que haveria de se preocupar com Sibyl Vane? Ela agora nada valia para ele.

Mas o retrato? Como explicar aquilo? Continha o segredo da sua vida e revelava a sua história. Ensinara-lhe a amar a sua própria beleza. Ensinar-lhe-ia a odiar a própria alma? Teriacoragem de voltar a encarar o retrato?

Não, não podia ser verdade, não era mais do que uma alucinação fabricada pelo distúrbio dos sentidos. A horrível noite que ele passara deixou atrás de si alguns fantasmas. O seu cérebro fora subitamente atingido por aquela minúscula partícula escarlate que enlouquece os homens. O retrato não mudara. Era loucura pensar que sim.

E, no entanto, lá estava a observá-lo, o belo rosto desfigurado de sorriso cruel. O brilho dourado dos cabelos cintilava aos primeiros raios de sol. Os olhos azuis encontraram-se com os seus, e apoderou-se dele uma sensação de infinita piedade, não por si, mas pela imagem pintada de si. Já se tinha alterado e havia de continuar a sofrer alterações. O ouro dos cabelos tornar-se-ia baço até ficar grisalho, e as rosas brancas e vermelhas das faces feneceriam. Por cada pecado que cometesse, nova mácula iria marcar e arruinar a sua beleza. Mas ele não pecaria. O retrato, alterado ou inalterado, seria para ele o emblema visível da sua consciência. Resistiria à tentação. Deixaria de se encontrar com Lord Henry, pelo menos, não daria ouvidos às suas subtis teorias venenosas que, no jardim de Basil Hallward, tinham, pela primeira vez, despertado dentro de si a paixão pelas coisas impossíveis. Voltaria para Sibyl Vane, compensá-la-ia pelo mal que lhe fizera, casaria com ela e tentaria voltar a amá-la. Sim, era seu dever fazê-lo. Ela de certo sofreu mais do que ele. Pobre menina! Tratara-a com egoísmo e crueldade. O fascínio que exercera sobre ele havia de voltar.

Iriam ser felizes os dois. Teria com ela uma vida bela e pura.

Levantou-se e arrastou um grande biombo que colocou em frente do retrato, estremecendo ao olhar para ele.

- Que horrível! - murmurou.

Depois foi até à porta envidraçada e abriu-a. Quando pisou a relva do jardim, respirou fundo. O ar puro da manhã parecia dissipar todas as suas paixões sombrias.

Pensava somente em Sibyl. Sentiu um débil eco do amor que sentira por ela. Pronunciou repetidas vezes o seu nome. Os pássaros que cantavam no jardim húmido de orvalho pareciam falar dela às flores.

Capítulo VIII

Passava muito do meio-dia quando acordou. Já várias vezes o criado entrara sorrateiramente no quarto, pé ante pé, para ver se ele estava acordado, magicando por que motivo o seu jovem patrão estaria a dormir até tão tarde.

Ouviu finalmente tocar a campainha. Victor entrou no quarto de mansinho, levando uma chávena de chá e uma rima de cartas sobre um pequeno tabuleiro de antiga porcelana de Sèvres, e afastou as cortinas de cetim cor de azeitona, forradas de um azul cintilante, que cobriam as três altas janelas.

- Vejo que monsieur dormiu bem esta manhã - disse ele,sorrindo.

- Que horas são, Victor? - perguntou Dorian Gray, ainda sonolento.

- Uma hora e um quarto, Monsieur.

Tão tarde! Sentou-se na cama e, depois de uns goles de chá, pegou nas cartas. Uma era de Lord Henry e tinha sido entregue em mão essa manhã. Hesitou um instante, depois pô-la de lado. Abriu as outras com indiferença. Continham a habitual colecção de cartões, convites para jantar, bilhetes para exposições privadas, programas de concertos de caridade, e outras coisas do género, que chovem todas as manhãs sobre os jovens da alta sociedade durante a temporada. Havia ainda uma factura bastante avultada, referente a um conjunto de toucador Luís XV - com embutidos de prata, e que ainda não se atrevera a enviar aos seus tutores, pessoas extremamente antiquadas que não se apercebiam que vivemos numa época em que as coisas inúteis são as nossas únicas necessidades, havia várias mensagens, redigidas com a máxima cortesia, dos agiotas de Jermon Street, que se ofereciam a adiantar a quantia desejada em qualquer momento e a juros extremamente razoáveis.

Uns dez minutos depois, levantou-se e, envolvendo-se num roupão de caxemira de lã lavrado a seda, passou à casa de banho de pavimento de ónix. A água fria refrescou-o depois de um sono tão prolongado. Parecia haver esquecido tudo o que se passara consigo. Assaltou-o uma ou duas vezes a vaga sensação de ter participado numa estranha tragédia mas tudo isso envolvido pela atmosfera irreal de um sonho.

Assim que se vestiu, passou à biblioteca para tomar um ligeiro pequeno-almoço à francesa, que havia sido servido numa pequena mesa redonda próximo da janela aberta. Estava um dia excepcional. O ar tépido parecia impregnado de especiarias. Uma abelha voou para dentro da sala e zumbiu em redor da taça dragão azul cheia de rosas amarelas, que se encontrava à sua frente. Sentia-se completamente feliz.

De repente, o olhar incidiu no biombo que havia colocado emfrente do retrato, e estremeceu.

- Muito frio, Monsieur? - perguntou-lhe o criado, servindo uma omeleta. - Fecho a janela?

Dorian abanou a cabeça.

- Não tenho frio - disse num murmúrio.

Era mesmo verdade? Havia sido real a alteração do retrato? Ou fora apenas a sua imaginação que o levara a ver uma expressão de maldade onde havia uma expressão de alegria? Certamente que uma tela pintada não podia

mudar! Era absurdo. Ora aí estava uma bela história para contar um dia a Basil, e que o havia de fazer sorrir.

E, mesmo assim, como era nítida a lembrança de tudo o que se passara! Primeiro, na obscuridade da penumbra, e depois à luz clara do amanhecer, vira o ricto de crueldade nos lábios contorcidos. Quase temia que o criado abandonasse a sala. Sabia que, logo que ficasse só, não resistia e examinaria o retrato. Temia a certeza. Quando o criado, após ter trazido o café e os cigarros, se voltou para sair, sentiu uma vontade irresistível de lhe dizer que ficasse. No mesmo instante em que a porta se fechava, chamou-o de novo.

O homem parou, aguardando ordens. Dorian olhou-o por um breve instante.

- Não estou em casa para ninguém, Victor - disse-lhe, dando um suspiro.

O criado fez uma vénia e retirou-se.

Então, Dorian ergueu-se da mesa, acendeu um cigarro e estendeu-se num sofá sumptuosamente almofadado que estava de frente para o biombo. O biombo era antigo, de couro dourado de Espanha, gravado e lavrado com motivos Luís XIV- um tanto floreados. Examinou-o com alguma curiosidade, interrogando-se se alguma vez teria ocultado o segredo da vida de um homem.

Afinal, deveria desviá-lo para o lado? E por que não havia de o deixar onde estava? De que valia saber? Se aquilo era verdade, era terrível. Se não era verdade, porquê preocupar-se? Mas o que aconteceria se, por um acaso do destino ou uma fatalidade, outros olhos que não os seus espreitassem por detrás do biombo e vissem a medonha transformação? Que faria se Basil Hallward viesse pedir-lhe para ver o seu quadro? De certeza que Basil Lhe iria pedir isso. Não, aquilo tinha de ser examinado, e imediatamente. Fosse oque fosse seria preferível àquela dúvida atroz.

Levantou-se e fechou à chave as duas portas. Pelo menos estaria só quando enfrentasse a máscara da sua vergonha. Afastou então o biombo e ficou frente a frente consigo mesmo. Era absolutamente verdade. O retrato tinha mudado.

Como muitas vezes se havia de lembrar mais tarde, e sempre com profundo espanto, começou por fixar o retrato com um interesse quase científico. Afigurava-se-lhe incrível que tal mudança tivesse ocorrido. E, todavia, era um facto irrefutável. Haveria alguma misteriosa afinidade entre os átomos químicos que assumiam forma e cor na tela e a alma que dentro de si existia? Seria possível que eles tivessem a percepção de tudo o que a alma pensava? Que dessem realidade ao que ela sonhava? Ou existiria outra razão mais terrível ainda? Estremeceu, atemorizado, e voltou a estender-se no sofá, fitando o retrato numa náusea de horror.

Uma coisa, porém, reconhecia que o retrato fizera por ele. Levara-o a aperceber-se de quão injusto e cruel fora para com Sibyl Vane. Ainda estava a tempo de reparar o mal que fizera. Ela ainda podia ser sua esposa. O amor irreal e egoísta que sentira antes submeter-se-ia a uma influência superior, transformar-se-ia numa paixão mais nobre, e o seu retrato pintado por Basil Hallward servir-lhe-ia de guia ao longo da vida, seria para si o que as coisas sagradas são para algumas pessoas, e o que a consciência é para outras, e o que o temor a Deus é para todos nós. Havia narcóticos para o remorso, havia drogas para fazerem adormecer os princípios morais. Mas ele tinha sempre presente um símbolo visível da degradação do pecado, um sinal imperecível da ruína que os homens infligiam às suas almas.

Bateram as três horas, e as quatro, e soou a dupla badalada da meia hora, sem que, entretanto, Dorian Gray esboçasse qualquer movimento.

Procurava juntar os fios escarlates da sua vida e entrelaçá-los, encontrar o caminho no labirinto sanguíneo de paixões em que se perdia. Não sabia o que fazer, nem o que pensar. Por fim, dirigiu-se para a mesa e escreveu uma carta apaixonada à rapariga que amara, a suplicar-lhe que lhe perdoasse, e acusando-se de estar louco. Encheu páginas e páginas de veementes protestos de arrependimento e de palavras, ainda mais veementes, expressando a sua mágoa. A auto-recriminação é um luxo. Quando nos auto-censuramos, temos a sensação de que mais ninguém tem o direito de nos censurar. É a confissão, e não o sacerdote, que nos dá a absolvição. Depois de ter terminado a carta, Dorian sentiu-se perdoado.

De repente bateram à porta, e ouviu do outro lado a voz de Lord Henry.

- Meu rapaz, preciso de o ver. Deixe-me entrar imediatamente. Não suporto que se enclausure assim.

A princípio não deu resposta alguma, e permaneceu em absoluto silêncio. As pancadas na porta continuavam, tornando-se cada vez mais fortes. Bem, era preferível deixar entrar Lord Henry, e explicar-lhe a nova vida que ia levar, e discutir com ele se fosse necessário discutir, e separarem-se se a separação fosse inevitável. Levantou-se lesto, ocultou apressadamente o retrato com o biombo e abriu a porta.

- Lamento muito o que aconteceu, Dorian - disse Lord Henry, ao entrar. - Mas não pense muito no assunto.

- Está a referir-se a Sibyl Vane? - perguntou o rapaz.

- Claro que estou - respondeu Lord Henry, afundando-se numapoltrona e descalçando vagarosamente as luvas amarelas. – De um certo ponto de vista, é horrível, mas você não teve culpa. Foi ter com ela ao camarim quando a peça terminou?

- Fui.

- Eu tinha a certeza. E fez-lhe alguma cena?

- Fui brutal, Harry, absolutamente brutal. Mas já passou. Não lamento nada do que aconteceu. Ensinou-me a conhecer-me melhor.

- Ah, Dorian, muito me alegra saber que encara as coisas dessa maneira! Receava vir encontrá-lo num poço de remorsos, a arrancar esse seu lindo cabelo anelado.

- Ultrapassei já tudo isso - disse Dorian, abanando a cabeça e sorrindo. - Sinto-me agora completamente feliz. Em primeiro lugar, sei o que é a consciência. Não é nada daquilo que você me dizia. É a coisa mais sublime que existe dentro de nós. Não seja sarcástico a respeito disto, Harry, nunca mais, pelo menos, não o seja na minha presença. Quero ser bom. Não suporto a ideia de possuir uma alma hedionda.

- Ora aqui temos um encantador fundamento artístico para a ética, Dorian! Os meus parabéns. E pode saber-se como vai começar?

- Casando com Sibyl Vane.

- Casar com Sibyl Vane! - exclamou Lord Henry, pondo-se de pé e fitando-o, profundamente estupefacto - Mas, meu caro Dorian...

- Sim, Harry, já sei o que me vai dizer. Certamente coisas horríveis acerca do casamento. Não diga. Nem sequer volte a dizer-me as coisas do costume. Há dois dias pedi a Sibyl que casasse comigo. Não vou faltar à minha palavra. Ela tem de ser minha esposa!

- Sua esposa! Mas, Dorian. Não recebeu a minha carta? Escrevi-lha esta manhã e mandei-a pelo meu criado.

- A sua carta? Ah, sim, já me lembro. Ainda não a li, Harry. Receei que tivesse alguma coisa de que não gostasse. Você retalha a vida em pedacinhos com o seus epigramas.

- Então você não sabe nada?

- Que quer dizer com isso?

Lord Henry atravessou a sala e, sentando-se junto de Dorian Gray, pegou-lhe nas mãos e apertou-as com força.

- Dorian - disse então -, a minha carta... não se assuste, era para lhe comunicar que Sibyl Vane morreu.

Um brado de dor irrompeu dos lábios do rapaz, que se levantou de um salto, retirando violentamente as mãos das de Lord Henry.

- Morreu! Sibyl morreu! Não é verdade! É uma mentiramonstruosa! Como ousa dizer tal coisa?

- É realmente verdade, Dorian - disse Lord Henry, gravemente. - Vem publicado em todos os matutinos. Escrevi a pedir-lhe que não recebesse ninguém antes de eu chegar. Evidentemente que vai haver um inquérito, e é preciso que você não esteja envolvido. Estas coisas dão prestígio a um homem em Paris. Mas em Londres, as pessoas têm tantos preconceitos. Aqui, nunca devemos fazer a nossa estreia na sociedade com um escândalo. Devíamos deixar isso de reserva para dar algum interesse à nossa velhice. Bem, não conhecem o seu nome no teatro, creio. Se assim for, não há problema. Alguém o viu a dirigir-se para o camarim dela? Este é um ponto importante.

Durante alguns instantes, Dorian não respondeu. Ficara aturdido pelo horror da notícia. Por fim, balbuciou numa voz abafada.

- Harry, você falou em inquérito? O que quis dizer com isso? Será que Sibyl?... Oh, Harry, não posso suportar tal ideia... Mas não demore. Conte-me tudo imediatamente.

- Não duvido de que não se tratou de um acidente, Dorian, embora seja essa a versão destinada ao público. Segundo consta, quando ela ia a sair do teatro com a mãe, era aproximadamente meia-noite e meia, disse que se esquecera de uma coisa. Esperaram algum tempo, mas ela não regressou. Acabaram por encontrá-la morta no chão do camarim. Tinha engolido qualquer coisa por engano, uma dessas coisas horríveis que usam no teatro. Não sei o que era, mas continha ácido prússico ou alvaiade. Eu diria que era ácido prússico, pois parece que teve morte instantânea.

- Harry, Harry, que coisa horrível! - exclamou o rapaz.

- Sim, realmente é muito trágico, mas você não deve deixar-se envolver. Sei pelo Standard que ela tinha dezassete anos. Supunha que fosse ainda mais nova. Tinha um ar tão infantil e parecia saber tão pouco da arte de representar. Dorian, não deixe que isto lhe afecte os nervos. Tem de vir jantar comigo, e a seguir vamos à Ópera. Esta noite canta a Patti e vai lá estar toda a gente. Você pode ir até ao camarote da minha irmã. Ela vai ter por companhia umas mulheres muito elegantes.

- Então fui eu quem matou Sibyl Vane - disse Dorian Gray, como que falando consigo mesmo -, e foi tão verdade como se lhe tivesse golpeado com uma faca a delicada garganta. No entanto, as rosas não deixam de ser menos belas por causa disso. As aves continuam a cantar alegremente no meu jardim. E esta noite devo jantar consigo, e depois vou à Ópera, e acabo por ir cear em qualquer sítio, suponho. Que extraordinariamente dramática é a vida! Se tivesse lido isto num livro, Harry, creio que teria chorado. Não sei porquê, mas agora que aconteceu de facto, e comigo, parece espantoso demais para me provocar lágrimas:

Aqui tem a primeira carta de amor apaixonada que escrevi na minha vida. Como é estranho que a minha primeira carta de amor apaixonada fosse dirigida a uma rapariga morta.

Será que esses seres brancos e silenciosos a que chamamos mortos podem sentir? Sibyl! Poderá sentir, saber ou ouvir? Oh, Harry, como eu a amava! Tenho a sensação de que se passou há anos. Ela era tudo para mim. Depois aconteceu aquela noite fatídica. foi realmente apenas na noite passada?. em que ela representou tão mal, que o meu coração ficou quase destroçado. Ela deu-me todas as justificações. Foi uma cena terrivelmente patética. Mas não me comovi nem um pouco. Achei-a fútil. Aconteceu então, de repente, uma coisa que me atemorizou. Não lhe posso dizer o que foi, mas foi algo terrível. Eu disse que voltaria para ela, sentia que procedera mal. E agora ela está morta. Meu Deus! Meu Deus! Harry, que hei-de fazer? Você ignora o perigo em que me encontro, e não há nada que me possa valer. Ela tê-lo-ia feito. Não tinha o direito de se matar. Foi um acto de egoísmo.

- Meu caro Dorian - respondeu Lord Henry, tirando um cigarroda cigarreira e puxando de uma fosforeira dourada -, a única maneira de uma mulher poder alguma vez regenerar um homem consiste em aborrecê-lo tanto, que ele perde todo o interesse que possa ter pela vida. Você seria um desgraçado se tivesse casado com essa rapariga. É certo que teria sido atencioso para com ela. Podemos ser sempre atenciosos com as pessoas por quem não nos interessamos. Mas em pouco tempo ela haveria de chegar à conclusão de que você Lhe era completamente indiferente. E quando uma mulher chega a essa conclusão a respeito do marido, ou se torna pavorosamente desmazelada, ou passa a usar toucas muito elegantes pagas pelo marido de outra mulher. Nem sequer falo do erro social, que teria sido humilhante, e que, evidentemente, eu não teria permitido. Mas pode ter a certeza de que tudo isso teria sido um completo fracasso.

- Creio que sim - murmurou o rapaz, passeando nervosamente pela sala, horrivelmente pálido. - Mas pensei que esse era o meu dever. Não tenho culpa de que esta terrível tragédia me tenha impedido de fazer o que era correcto. Recordo-me de me ter dito uma vez que há uma fatalidade nas boas resoluções: são tomadas sempre demasiado tarde. As minhas foram-no, de certeza.

- As boas resoluções são sempre tentativas inúteis para se interferir nas leis científicas. Na sua origem está a pura vaidade. O seu resultado é um zero absoluto. Dão-nos, uma vez ou outra, algumas daquelas estéreis emoções voluptuosas que para os fracos têm um certo encanto. É tudo o que se pode dizer delas. São apenas cheques que passamos sobre um banco onde não temos conta aberta.

- Harry - exclamou Dorian Gray, aproximando-se dele e sentando-se a seu lado -, por que será que não consigo sentir esta tragédia tão profundamente como quero? Não me considero desumano. Acha que sou?

- Os disparates que fez nestas duas últimas semanas foram tantos que nem tem direito a esse atributo - respondeu Lord Henry, com o seu sorriso doce e melancólico.

O rapaz franziu o sobrolho.

- Não me agrada essa explicação, Harry - retorquiu ele -, mas agrada-me saber que não me considera desumano. Não sou nada disso: Sei que não sou. Porém, sou obrigado a admitir que isto que aconteceu não me afecta como deveria. Vejo-o como um final fantástico de uma peça fantástica. Possui toda a

terrível beleza de uma tragédia grega, uma tragédia em que desempenhei um papel importante, mas da qual saí incólume.

- É uma questão interessante - disse Lord Henry, que tinha um singular prazer em tirar proveito do egotismo inconsciente do rapaz -, uma questão extremamente importante. Imagino que a verdadeira explicação é a seguinte. Sucede frequentemente que as tragédias da vida real ocorrem de um modo tão pouco artístico que somos afectados pela sua violência brutal, absoluta incoerência, absurda carência de significado e total falta de estilo. Afectam-nos exactamente do mesmo modo que a grosseria. Transmitem-nos uma mera sensação de força bruta, pelo que nos sentimos revoltados. Por vezes, porém, surge na nossa vida uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza. Se esses elementos de beleza são reais, todo o dramatismo acaba por apelar para o nosso sentido de efeito dramático. De súbito, damo-nos conta de que já não somos os actores, mas sim os espectadores da peça. Melhor dizendo, somos uma coisa e outra. Observamo-nos a nós mesmos, e ficamos subjugados pelo fascínio do espectáculo. No caso em questão, o que é que aconteceu realmente? Uma pessoa suicidou-se porque... o amava. Eu desejaria ter passado por uma experiência semelhante. Deixar-me-ia apaixonado pelo amor para o resto da vida. As pessoas que me adoraram... não foram muitas, mas ainda houve algumas. persistiram sempre em continuar a viver, mesmo muito depois de ter deixado de interessar-me por elas, ou de elas já não se interessarem por mim. Tornaram-se corpulentas e fastidiosas, e quando as encontro apenas manifestam interesse pelas recordações do passado. Que memória tremenda a de uma mulher! É uma coisa medonha. E como revela uma absoluta estagnação intelectual! Devemos absorver o colorido da vida, mas não recordar os detalhes. Os detalhes são sempre vulgares.

- Tenho de semear papoilas no meu jardim - disse Dorian, com um suspiro.

- Não há necessidade - retorquiu o companheiro. - A vida traz sempre papoilas nas mãos. É certo que, de vez em quando, as coisas tendem a prolongar-se. Uma ocasião houve em que usei sempre violetas na lapela durante toda uma temporada, como forma de luto artístico por uma aventura que não morria. No entanto, acabou por morrer. Esqueci o que a matou. Acho que foi porque ela se propôs sacrificar o mundo inteiro pela minha pessoa. É sempre um momento terrível esse. Ficamos dominados pelo terror da eternidade... Bem, parece inacreditável, mas uma semana atrás, num jantar em casa de Lady Hampshire, encontrei-me sentado ao lado da senhora em questão, que insistia em reviver o nosso caso, desenterrando o passado e revolvendo o futuro. Eu enterrara o meu caso de amor num canteiro de asfódelos. Pois ela desenterrou-o, e afiançou-me que eu lhe estragara a vida. Devo dizer que ela devorou um enorme jantar, por isso não senti a mínima preocupação. Mas que falta de gosto o seu! O único encanto do passado é o de ser passado. Mas as mulheres nunca sabem quando termina o espectáculo. Querem sempre um Sexto acto, e assim que termina completamente o interesse da peça pretendem que ela continue. Se lhes fizéssemos a vontade, toda a comédia teria um final trágico e toda a tragédia culminaria numa farsa. São encantadoramente artificiais, mas não possuem sentido artístico. Você é mais afortunado do que eu. Posso afiançar-lhe, Dorian, que nenhuma das mulheres que conheci teria feito por mim o que Sibyl Vane fez por si. As mulheres banais acabam sempre por se consolar. Há as que começam a interessar-se por cores sentimentais. Nunca confie numa mulher que se vista

de lilás, seja ela de que idade for, nem numa mulher com mais de trinta e cinco anos que goste de fitas cor-de-rosa. Significa sempre que elas têm um passado turbulento. Outras sentem-se muito consoladas ao descobrirem de repente as boas qualidades dos maridos. Exibem a sua felicidade conjugal mesmo em frente do nosso nariz, como se fosse o mais fascinante dos pecados. Algumas acham consolo na religião. Os seus mistérios têm todo o encanto de um namoro, segundo me disse uma vez uma mulher, e consigo compreender isso perfeitamente. Além disso, não há nada que nos envaideça mais do que chamarem-nos pecadores. A consciência faz de todos nós uns egotistas. De facto, não têm fim os consolos que as mulheres costumam achar na vida moderna. Ah, não cheguei a mencionar o mais importante.

- Qual, Harry? - perguntou o rapaz, de modo apático.

- Ora, o consolo óbvio. Roubar o admirador a outra, quando se perde o próprio. Na boa sociedade, isso reabilita sempre uma mulher. Mas realmente, Dorian, como Sibyl Vane deve ter sido diferente de todas as mulheres que habitualmente conhecemos! Encontro uma certa beleza na sua morte. Gosto de viver num século em que acontecem prodígios como este. Levam-nos a acreditar na realidade das coisas com que todos nós costumamos divertir-nos, como a aventura, a paixão e o amor.

- Fui de uma tremenda crueldade com ela, e você esquece-se disso.

- Infelizmente as mulheres apreciam a crueldade, a pura crueldade, mais que tudo. Têm instintos espantosamente primitivos. Nós emancipámo-las, mas, mesmo assim, continuam a ser escravas à procura dos seus senhores. Adoram ser dominadas. Tenho a certeza de que você foi magnífico. Nunca o vi realmente zangado, mas posso imaginar que deve ter sido encantador. E, no fim de contas, anteontem você disse-me uma coisa que no momento me parecera pura fantasia, mas que vejo agora ser absolutamente verdade e explicar tudo isto.

- E o que foi, Harry?

- Disse-me que Sibyl Vane representava para si todas as heroínas românticas, que uma noite era Desdémona, e na outra era Ofélia, que se morresse como Julieta ressuscitaria como Imogénia.

- Agora jamais ressuscitará - observou o rapaz num sussurro, mergulhando a cara entre as mãos.

- De facto, jamais ressuscitará. Ela representou o seu último papel. Mas você deve pensar nessa morte solitária num camarim de mau gosto como um estranho fragmento sinistro de uma peça jacobina, ou uma cena magnífica de Webster, ou de Ford, ou de Cyril Tourneur. A rapariga nunca teve vida real, por isso a sua morte nunca foi real. Pelo menos para você, ela foi sempre um sonho, uma visão que passou como uma sombra pelas peças de Shakespeare e que as deixou mais belas com a sua presença, um junco que entoava com mais doçura e júbilo a música de Shakespeare. Assim que entrou na vida real, destruiu-a e a vida destruiu-a a ela, por isso morreu. Chore por Ofélia, se quiser. Cubra a cabeça de cinzas porque Cordélia foi estrangulada. Clame aos céus porque a filha de Brabâncio morreu. Mas não desperdice as suas lágrimas com Sibyl Vane. Era menos real do que todas elas.

Fez-se silêncio. O crepúsculo adensava-se na sala. Silenciosas, e com seus pés argênteos, iam entrando as sombras vindas do jardim. As cores das coisas esmaeciam lentamente.

Algum tempo depois, Dorian Gray ergueu a cabeça.

- Você explicou-me a mim próprio - murmurou, como que suspirando de alívio. - Eu sentia tudo o que acabou de dizer, mas, não sei porquê, tinha

medo e não conseguia expressá-lo a mim mesmo. Conhece-me tão bem! Mas não havemos de voltar a falar no que aconteceu. Foi uma experiência maravilhosa, e apenas isso. Será que a vida me reserva ainda coisas tão maravilhosas?

- A vida reserva-lhe tudo, Dorian. Não há nada que você, com a sua extraordinária beleza, não possa fazer.

- Mas, Harry, suponha que fico macilento, velho e cheio de rugas? E então?

- Ah, então - disse Lord Henry, levantando-se para se retirar -, então, meu caro Dorian, teria de se bater para alcançar as suas vitórias. Por enquanto, elas vêm ter consigo. Ora, o importante é que conserve a sua beleza. Vivemos numa época sem sabedoria por tanto ler, e sem beleza por tanto pensar. Não podemos passar sem você. E agora é melhor ir vestir-se, e seguirmos para o clube. Já estamos bastante atrasados.

- Acho que vou ter consigo à Ópera, Harry. Estou demasiado cansado para comer seja o que for. Qual é o número do camarote de sua irmã?

- O vinte e sete, creio. Fica na primeira ordem. Poderá ver o nome dela na porta. Mas tenho muita pena que não venha jantar.

- Não me sinto com forças - disse Dorian, languidamente. - Mas fico-lhe muito grato por tudo o que me disse. É sem dúvida o meu melhor amigo. Jamais alguém me compreendeu como você.

- Estamos ainda no começo da nossa amizade, Dorian - respondeu Lord Henry, apertando-lhe a mão. - Adeus. Espero vê-lo antes das nove e meia. Lembre-se, a Patti canta esta noite.

Quando ele fechou a porta após ter saído, Dorian Gray tocou a campainha, e, poucos minutos depois, Victor apareceu com as luzes e baixou os estores.

Dorian esperava impacientemente que ele se fosse embora. O homem parecia demorar um tempo interminável com tudo o que fazia.

Logo que o criado saiu, precipitou-se para o biombo e afastou-o. Não, o retrato não sofrera outra alteração. Recebera a notícia da morte de Sibyl Vane antes de ele próprio ter tido conhecimento. Apercebia-se dos acontecimentos da vida no momento em que ocorriam. A crueldade perversa que desfigurava os traços delicados da boca aparecera, sem dúvida, no momento exacto em que a rapariga bebera o veneno. Ou não o afectavam as consequências? Tomaria conhecimento apenas do que se passava na alma? Ele interrogava-se, e esperava um dia ver a transformação no retrato realizar-se diante dos seus olhos, mas estremecia só de o desejar.

Pobre Sibyl! Que estranho romance de amor o seu! Foram tantas as vezes que simulara a morte no palco. Depois foi tocada pela própria Morte, que a levou consigo. Como teria representado a terrível e última cena? Tê-lo-ia amaldiçoado ao morrer? Não, morrera por amor, e agora o amor passaria a ser para ele um sacramento. Ela tudo resgatara, ao sacrificar a própria vida. E ele deixaria de pensar em tudo o que a fizera sofrer naquela horrível noite no teatro. Quando pensasse nela, vê-la-ia como maravilhosa e trágica personagem enviada ao palco do mundo para revelar a realidade suprema do Amor. Maravilhosa e trágica personagem? Vieram-lhe lágrimas aos olhos ao recordar o seu ar infantil, os seus cativantes caprichos e a sua tímida graciosidade. Limpou-as rapidamente e olhou de novo o retrato.

Sentiu que chegara o momento de fazer uma opção. Ou seria que a sua opção já havia sido feita? Na verdade, a vida decidira por ele. a vida, e a sua inesgotável curiosidade acerca da vida. Eterna juventude, paixão ilimitada,

subtis e secretos prazeres, desvairados deleites, pecados ainda mais desvairados. tudo isso seria seu. O retrato é que suportaria o peso da sua vergonha.

Invadiu-o uma sensação dolorosa, quando pensou na profanação que estava reservada ao belo rosto do quadro. Uma vez, num infantil arremedo de Narciso, beijara, ou fingira beijar, aqueles lábios pintados que lhe sorriam agora tão cruelmente. Passara muitas manhãs sentado em frente do retrato, surpreendido pela sua beleza, às vezes quase dela enamorado. Iria mudar a cada variação de humor a que ele se entregasse? Iria transformar-se em algo monstruoso e abominável, que teria de ser escondido num quarto trancado, ou privado da luz do sol que tantas vezes iluminara em reflexos de ouro o ondulado do seu cabelo? Que pena! Que pena!

Por uns momentos pensou em fazer uma prece para que cessasse a terrível afinidade que existia entre ele e o retrato. Transformara-se para dar resposta a uma prece, talvez permanecesse inalterado para atender uma prece. E, todavia, quem é que, conhecedor da Vida, renunciaria à oportunidade de permanecer jovem para sempre, por muito fantástica que ela fosse, ou por muito fatídicas que fossem as consequências daí provenientes? Além disso, o retrato seria realmente dominado pela sua vontade? Fora de facto o desejo formulado que provocara a alteração? Não haveria uma singular explicação científica para tudo isso? Se o pensamento podia exercer influência sobre um organismo vivo, não poderia exercê-la igualmente sobre coisas inertes e inorgânicas? E, mais do que isso, apesar de destituídas de pensamento ou de desejo consciente, não poderiam as coisas exteriores a nós vibrar em uníssono com os nossos caprichos e as nossas paixões, átomo atraindo átomo num secreto amor de estranha afinidade? Mas a explicação não era importante. Ele não tornaria a incitar qualquer terrível poder com um pedido. Se o quadro tivesse que mudar, pois que mudasse. Não havia nada a fazer. Por que havia de examiná-lo tão minuciosamente?

Contemplá-lo seria, pois, um verdadeiro prazer. Poderia perscrutá-lo até aos seus mais secretos recantos. Este retrato seria para si o mais mágico de todos os espelhos. Assim como lhe revelara o próprio corpo, haveria de revelar-lhe também a alma. E quando o Inverno descesse sobre o retrato, ele estaria ainda onde a Primavera vacila à beira do Verão. Quando o sangue lhe abandonasse o rosto, deixando atrás de si uma lívida máscara de giz com olhos plúmbeos, ele conservaria o encanto da mocidade. Nenhuma flor da sua formosura haveria de murchar. Nem uma única pulsação da sua vida se tornaria mais fraca. Seria como os deuses da antiga Grécia: forte, e ágil, e exuberante. Que importava o que acontecia à imagem colorida da tela? Ele não correria perigo.

E isso era o essencial.

Arrastou o biombo novamente para o lugar habitual à frente do retrato, sorrindo ao fazê-lo, e passou ao seu quarto, onde já se encontrava o criado a aguardá-lo. Uma hora depois estava na Ópera, com Lord Henry apoiado na sua cadeira.

Capítulo IX

Quando estava, na manhã do dia seguinte, a tomar o pequeno-almoço, Basil Hallward entrou na sala.

- Ainda bem que o encontro, Dorian - disse ele, em tom grave. - Vim vê-lo a noite passada, e disseram-me que estava na Ópera. Eu sabia, é claro, que era impossível... Mas gostava que tivesse dito aonde tinha ido. Passei uma noite horrível, meio receoso que a uma tragédia se seguisse outra. Podia ter-me enviado um telegrama assim que o soube. Li a notícia casualmente no clube ao pegar na última edição do Globe. Vim cá imediatamente e fiquei desoladíssimo por não o encontrar. Não consigo expressar-lhe todo o meu pesar pelo que aconteceu. Sei o quanto você deve estar a sofrer. Mas onde esteve? Foi visitar a mãe da rapariga? Ainda pensei em ir lá ter consigo. O endereço vinha no jornal. Algures na Euston Road, não é? Mas receei interferir numa hora de sofrimento que não poderia mitigar. Pobre mulher! Em que estado deve estar! E, para mais, filha única! O que disse ela de tudo isto?

- Meu caro Basil, como posso saber? - murmurou Dorian Gray, bebendo uns goles de um vinho amarelo-pálido por um delicado cálice de vidro de Veneza, com filete dourado. Mostrava-se extremamente enfadado. - Estive na Ópera. Você devia ter ido. Conheci Lady Gwendolen, a irmã do Harry. Estivemos no seu camarote. Ela é absolutamente encantadora, e a Patti cantou divinamente. Não fale de assuntos horrendos. Se não falarmos de uma coisa, é como se nunca tivesse acontecido. É unicamente a expressão, como diz o Harry, que dá realidade às coisas. Posso informá-lo de que ela não era filha única. Há um filho, um rapaz encantador, creio. Mas não é do teatro. É marinheiro, ou coisa que o valha. E agora fale-me de si e das suas pinturas.

- Você foi à Ópera? - perguntou Hallward, falando lentamente e com uma ponta de mágoa contida. - Foi à Ópera enquanto Sibyl Vane jazia morta em qualquer quarto sórdido? Tem a coragem de me falar de mulheres encantadoras e de uma Patti que canta divinamente, e a rapariga que você amava ainda nem sequer repousa na paz de uma sepultura? Como assim, homem! Há horrores aguardando aquele corpinho imaculado!

- Basta, Basil! Não quero ouvir mais nada! - gritou Dorian, erguendo-se bruscamente. - Não deve falar-me dessas coisas. O que aconteceu acabou. O que passou pertence ao passado.

- Chama passado ao dia de ontem?

- Que importância tem o verdadeiro lapso de tempo? Só as pessoas fúteis precisam de anos para se libertarem de qualquer emoção. Um homem que seja senhor de si consegue pôr fim a uma tristeza com a mesma facilidade com que inventa um prazer. Não quero ficar à mercê das minhas emoções. Quero usá-las, desfrutá-las e dominá-las.

- Dorian, o que está a dizer é um horror! Alguma coisa houve que o modificou completamente. Parece exactamente o mesmo rapaz maravilhoso que, dia após dia, vinha ao meu atelier posar para o seu retrato. Mas, nessa altura, era simples, espontâneo e afectuoso. Era a criatura mais impoluta deste mundo. Agora não sei o que se passa consigo. Fala como se não tivesse sensibilidade, nem compaixão. Vejo que tudo isso se deve à influência do Harry.

O rapaz corou e, dirigindo-se até à porta envidraçada, olhou por uns momentos para o jardim verdejante que reverberava à luz do sol.

- Devo muito ao Harry, Basil - disse, por fim -, mesmo mais do que devo a si. Você apenas me ensinou a ser vaidoso.

- Então, estou a ser castigado por isso. ou sê-lo-ei um dia.

- Não sei o que quer dizer, Basil - exclamou, voltando-se. - Não sei o que quer de mim. Diga-me.

- Quero aquele Dorian Gray que eu costumava pintar - disse o artista, com tristeza.

- Basil - disse o rapaz, aproximando-se dele e pousando-lhe a mão no ombro -, chegou demasiado tarde. Ontem, quando soube que Sibyl Vane se suicidara...

- Suicidou-se! Deus do Céu! É mesmo verdade? – exclamou Hallward, olhando para ele com uma expressão de horror.

- Meu caro Basil! Certamente que não pensa que foi um vulgar acidente? É claro que se suicidou.

O pintor cobriu o rosto com as mãos.

- É horrível - disse em voz baixa, percorrendo-o um tremor.

- Não - disse Dorian Gray -, não é nada horrível. É uma das grandes tragédias românticas da nossa época. Em regra, a gente do teatro tem uma vida muito comezinha. São bons maridos, ou esposas fiéis, ou qualquer outro género de monotonia. Sabe o que eu quero dizer: a moral da classe média e todo esse tipo de coisas... Como a Sibyl era diferente! Viveu a sua mais bela tragédia. Foi sempre a heroína. Na última noite em que actuou, a noite em que a viu, representou mal porque conhecera a realidade do amor. Quando conheceu a sua irrealidade, morreu como Julieta poderia ter morrido. Ela transitou novamente para a esfera artística. Tem algo de mártir. A sua morte tem toda a inutilidade patética do martírio, o desperdício de toda a beleza. Mas, como eu estava dizendo, você não deve pensar que não sofri. Se me tivesse visto aqui ontem, numa determinada altura... seriam umas cinco e meia, talvez, ou seis menos um quarto. ter-me-ia encontrado a chorar. Mesmo o Harry, que esteve aqui a dar-me a notícia, não fez a mínima ideia do quanto eu estava a sofrer. Sofri imenso. Depois passou. Não consigo reviver uma emoção. Nem ninguém, a não ser os sentimentalistas. E você é extremamente injusto, Basil. Veio cá para me consolar, o que é muito amável da sua parte. Encontra-me conformado, e fica furioso. Grande simpatia a sua! Faz-me lembrar uma história que o Harry me contou acerca de um filantropo que levou vinte anos da sua vida a tentar reparar uma ofensa, ou a alterar uma lei injusta. não me recordo exactamente do que se tratava. Finalmente conseguiu o seu intento, e a sua decepção foi insuperável. Ficou sem fazer absolutamente nada, quase morria de ennui, e tornou-se num misantropo inveterado. E além do mais, meu velho, se quiser realmente consolar-me, é preferível que me ensine a esquecer o que aconteceu, ou a considerá-lo do ponto de vista artístico adequado. Não foi Gautier que costumava escrever sobre *la consolation des arts*? Recordo-me de um dia, no seu atelier, ter pegado num livro encadernado em velino, onde deparei com essa frase deliciosa. Bem, não sou precisamente como aquele jovem de que me falou, quando estivemos os dois em Marlow, aquele que costumava dizer que o cetim amarelo podia consolar-nos de todos os desgostos da vida. Adoro as coisas belas que podemos tocar e manusear. Brocados antigos, bronzes verdes, objectos de laca, marfins esculpidos, ambientes requintados, luxo, fausto, de tudo isto podemos tirar grande proveito. Mas o temperamento artístico que geram, ou

que ao menos revelam, é para mim ainda mais importante. Se formos espectadores da nossa própria vida, como diz o Harry, furtamo-nos ao sofrimento da vida. Bem sei que está surpreendido por me ouvir falar deste modo. Você não compreendeu ainda como eu evoluí. Quando me conheceu, eu não passava de um colegial. Agora sou um homem. Tenho novas paixões, novos pensamentos, novas ideias. Estou diferente, mas não deve gostar menos de mim por isso. Estou mudado, mas tem de continuar a ser meu amigo. Écerto que gosto muito do Harry. Mas sei que você é melhor do que ele. Sei que não é mais forte - você tem um medo exagerado da vida - mas é melhor. E que felizes éramos os dois! Não me deixe, Basil, e não discuta comigo. Sou o que sou. E não há mais nada a dizer.

O pintor sentia uma estranha comoção. Tinha um enorme afecto pelo rapaz, e a sua personalidade assinalara um ponto decisivo na sua arte. Não podia suportar a ideia de voltar a recriminá-lo. No fim de contas, a sua indiferença seria simplesmente um estado de espírito passageiro. Havia nele tantos sentimentos bons e nobres.

- Bem, Dorian - disse, por fim, com um sorriso triste -, a partir de hoje não voltarei a falar-lhe deste assunto horrível. Apenas quero ter a certeza de que o seu nome não está envolvido. O inquérito realiza-se esta tarde. Você foi convocado?

Dorian abanou a cabeça, passando-lhe pelo rosto uma expressão de contrariedade ao ser mencionada a palavra inquérito. Havia qualquer coisa de grosseiro e ordinário associada a tudo isso.

- Não sabem o meu nome - respondeu ele.

- Mas ela com certeza sabia?

- Apenas o meu nome de baptismo, e estou certo de que nunca o revelou a ninguém. Uma vez contou-me que todos tinham grande curiosidade em saber quem eu era, e que lhes respondia invariavelmente que o meu nome era Príncipe Encantado. Foi uma ideia bonita. Tem de me fazer um retrato da Sibyl, Basil. Gostaria de ter dela outra coisa mais que não fosse somente a recordação de alguns beijos e umas patéticas promessas não cumpridas.

- Vou tentar fazer alguma coisa, Dorian, se isso o satisfaz. Mas tem de voltar a posar para mim. Sem você não posso continuar o meu trabalho.

- Nunca voltarei a posar para si, Basil. É impossível! - exclamou, recuando.

O pintor fitou-o, espantado.

- Que disparate, meu rapaz! - gritou ele. - Pretende dizer que não gosta do retrato que lhe fiz? Onde está? Por que colocou o biombo diante dele? Deixe-me vê-lo. É a melhor coisa que já fiz. Afaste o biombo, Dorian. É simplesmente infame que o seu criado tenha escondido a minha obra desta maneira. Bem me pareceu, ao entrar, que a sala estava diferente.

- O meu criado não tem nada a ver com isso, Basil. Não está a pensar que permito que seja ele a dispor as coisas na minha sala? Às vezes é ele que me compõe as flores, mais nada. Não, fui eu que o coloquei aí. A luz era forte demais.

- Forte demais! Mas de modo nenhum, meu caro amigo! Está no lugar ideal. Deixe-me ver.

E Hallward encaminhou-se para o canto da sala.

Um grito de terror irrompeu dos lábios de Dorian Gray, que correu a interpor-se entre o pintor e o biombo.

- Basil - disse ele, de semblante muito pálido -, não pode vê-lo. Eu não quero.

- Não poder ver a minha própria obra! Não está a falar asério. Por que não hei-de vê-lo? - exclamou Hallward a rir.

- Se tentar vê-lo, Basil, dou-lhe a minha palavra de honra que deixo de lhe falar para toda a vida. Falo muito a sério. Não lhe dou quaisquer explicações, nem você deve pedi-las. E lembre-se de que se tocar neste biombo, acaba-se tudo entre nós.

Hallward estava abismado. Olhava para Dorian Gray, com profundo pasmo. Nunca o vira assim. O rapaz até estava pálido de raiva. Tinha os punhos cerrados, e as pupilas dilatadas pareciam discos de fogo azul. Todo ele tremia.

- Dorian!

- Não diga nada!

- Mas que se passa consigo? É claro que não verei o quadro se é isso que você quer - disse ele, com bastante frieza, rodando sobre os calcanhares e encaminhando-se para a janela. - Mas realmente parece um tanto absurdo que não possa ver o meu trabalho, especialmente agora que vou expô-lo em Paris no Outono. Provavelmente terei que lhe aplicar outra camada de verniz antes disso, portanto tenho de vê-lo um dia destes, e por que não hoje mesmo?

- Expô-lo! Você quer expô-lo? - exclamou Dorian Gray, tomado por uma estranha sensação de terror. O seu segredo ia ser exposto aos olhos do mundo? Para que as pessoas ficassem embasbacadas ante o mistério da sua vida? Isso era impossível. Não sabia ainda o quê, mas tinha que fazer qualquer coisa imediatamente.

- Sim, quero. Não creio que você vá levantar objecções. George Petit vai reunir os meus melhores quadros para uma exposição especial, na Rue de Sèze, que abre ao público na primeira semana de Outubro. O retrato só estará fora um mês. Suponho que não lhe fará diferença dispensá-lo durante esse tempo. Coincide mesmo com a altura em que você se ausenta da cidade. E se o tem sempre escondido atrás do biombo, é porque não está muito interessado nele.

Dorian Gray passou a mão pela testa. Tinha gotas de suor. Sentia que estava à beira de um perigo terrível.

- Há um mês dizia-me que nunca o iria expor - exclamou. - Por que mudou de ideias ? Vocês, os que pretendem ser coerentes, mudam tanto de humor como os outros. A única diferença é que os vossos caprichos são bastante menos significativos. Não se pode ter esquecido que me afiançou muito solenemente que por nada deste mundo o iria enviar a exposição alguma. Você disse ao Harry exactamente a mesma coisa.

Calou-se de repente, e os olhos brilharam intensamente. Lembrou-se de que Lord Henry lhe dissera uma vez, meio a sério, meio a brincar:

"Se você quer passar um quarto de hora especial, convença Basil a dizer-lhe por que não quer expor o seu retrato. A mim já me disse o motivo, e foi uma verdadeira revelação". Sim, talvez Basil tivesse também um segredo. Perguntar-lhe-ia e faria tudo para saber - Basil - disse, aproximando-se dele e fitando-o bem de frente - cada um de nós tem um segredo. Se me revelar o seu, eu conto-lhe o meu. Por que motivo se recusava a expor o meu retrato?

O pintor estremeceu involuntariamente.

- Dorian, se lhe dissesse o motivo, provavelmente ficaria a gostar menos de mim, e por certo iria rir-se de mim também. Eu não poderia suportar nem uma coisa, nem outra. Se for seu desejo que eu nunca mais veja o retrato, estou de acordo. Posso sempre vê-lo a si. Se for seu desejo que a minha

melhor obra não seja revelada ao público, aceito. Prezo mais a sua amizade do que qualquer moldura ou reputação.

- Não, Basil, tem de dizer-me - insistia Dorian Gray -, Creio que tenho o direito de saber.

A sensação de terror passara e dera lugar à curiosidade. Estava determinado a descobrir o mistério de Basil Hallward.

- Sentemo-nos, Dorian - disse o pintor, visivelmente perturbado. - Sentemo-nos. Responda-me primeiro a uma pergunta. Notou algo de estranho no retrato? Uma coisa que a princípio talvez não lhe tenha chamado a atenção, mas que se Lhe revelou repentinamente?

- Basil! - gritou o rapaz, apertando os braços da poltrona com mãos trémulas, e fitando-o com os olhos esgazeados de medo.

- Vejo que sim. Não diga nada. Espere até ouvir tudo o que tenho a dizer. Dorian, desde que o conheci, a sua personalidade exerceu em mim a mais extraordinária influência. Você dominava-me a alma, o cérebro e as minhas faculdades. Foi para mim a incarnação corpórea do ideal invisível, cuja memória nos persegue a nós, artistas, como um sonho raro. Eu adorava-o. Tinha ciúmes de toda a gente com quem você falava. Queria que fosse inteiramente meu. Só me sentia feliz quando estava consigo. Mesmo quando se encontrava ausente, continuava presente na minha arte. É claro que nunca quis que soubesse nada disto. Seria impossível. Você não teria compreendido. Mesmo eu mal o entendia. Apenas sabia que havia deparado com a perfeição, e que o mundo se tornara maravilhoso aos meus olhos. Talvez demasiado maravilhoso, pois em tresloucadas idolatrias, existe o perigo de perdê-las, que não é menor do que o perigo de conservá-las. As semanas passavam, e eu ia ficando cada vez mais absorvido por você. Depois surgiu uma nova situação. Eu desenhara-o como Páris, numa elegante armadura, e como Adónis, com a capa de caçador e empunhando uma reluzente lança. Coroado de pesadas flores de lótus, sentara-se à proa da barca de Adriano, a contemplar as águas verdes e turvas do Nilo.

Debruçara-se no lago tranquilo de uma floresta grega, mirando na prata silente da água a graça do seu rosto. E tudo fora como a arte devia ser: inconsciente, ideal e remota. Um dia, penso às vezes que foi um dia fatídico, resolvi pintar um magnífico retrato seu que o representasse tal como é, não com roupagens do passado, mas trajado a seu modo e à moda da sua época. Não sei dizer se foi o realismo do método, ou simplesmente o fascínio da sua personalidade que assim directamente se me apresentava sem névoa ou véu, mas sei que, à medida que trabalhava no retrato, toda a pincelada colorida, mais espessa ou mais ténue, parecia revelar o meu segredo. Tive medo de que outros ficassem a saber da minha idolatria. Eu sentia, Dorian, que revelara demais, que tinha posto no retrato demasiado de mim mesmo. Foi então que resolvi jamais permitir que ele fosse exposto. Você ficou um pouco melindrado, mas não sabia tudo o que ele representava para mim. O Harry, a quem contei tudo isto, riu-se de mim. Mas não me importei. Quando terminei o quadro, e fiquei sozinho com ele, senti que tinha razão. Bom, alguns dias depois ele saiu do meu atelier, e, assim que me libertei do intolerável fascínio da sua presença, achei que fora tolo ao imaginar que vira nele alguma coisa mais para além do facto de que você era extraordinariamente bem-parecido e que eu sabia pintar. Mesmo agora não posso deixar de considerar errada a ideia de que a paixão sentida no acto de criar se revela de facto na obra citada. A arte é sempre mais abstracta do que imaginamos. A forma e a cor falam-nos da forma e da cor, e de nada mais. Muitas vezes afigura-se-me que a arte esconde

o artista muito mais do que o revela. E por isso, quando recebi esta proposta de Paris, decidi que o seu retrato seria a obra principal da minha exposição. Nunca me ocorreu que você fosse recusar. Vejo agora que tem razão. O retrato não pode ser exposto. Não deve ficar zangado comigo, Dorian, por aquilo que lhe contei. Como disse numa ocasião ao Harry, você foi feito para ser adorado.

Dorian Gray deu um longo suspiro. As faces retomaram cor, e brincava-lhe nos lábios um sorriso. O perigo passara.

Por enquanto, não corria risco. Porém, não podia deixar de sentir uma enorme compaixão pelo pintor, que acabara de lhe fazer esta estranha confissão, e interrogava-se se também seria alguma vez assim dominado pela personalidade de um amigo. Lord Henry tinha o encanto de ser muito perigoso. Mas nada mais que isso. Era demasiado inteligente e demasiado

cínico para que se pudesse gostar realmente dele. Haveria um dia alguém que lhe inspirasse uma idolatria tão estranha? Seria uma das coisas que a vida lhe reservava?

- Parece-me extraordinário, Dorian - disse Hallward -,que você tenha visto isso no retrato. Viu mesmo?

- Vi uma coisa - respondeu -, uma coisa que me pareceu muitocuriosa.

- Então agora não se importa que eu o veja?

Dorian abanou a cabeça num gesto negativo.

- Não pode pedir-me isso, Basil. Ser-me-ia impossível deixá-lo ver o retrato.

- Mas um dia vai deixar, não vai?

- Nunca...

- Bem, talvez você tenha razão. E entãoadeus, Dorian. Foi aúnica pessoa que influenciou verdadeiramente a minha arte. Tudo quanto fiz de bom a si o devo. Ah! Não sabe o que me custou dizer-lhe tudo o que lhe contei.

- Meu caro Basil - disse Dorian -, mas o que foi que me contou? Simplesmente que sentia que me admirava demais. Nem chega a ser um elogio.

- Não pretendeu ser um elogio. Foi uma confissão. Agora que a fiz, tenho a impressão de ter perdido algo de mim. Talvez não devêssemos expressar por palavras o nosso sentimento de idolatria.

- Foi uma confissão decepcionante.

- Mas de que estava à espera, Dorian? Não viu mais nada no retrato, pois não? Não se via mais nada?

- Não, não se via mais nada. Por que pergunta? E não deve falar-me em adoração. É um disparate. Você e eu somos amigos, Basil, e devemos continuar a sê-lo sempre.

- Você tem o Harry - disse o pintor, um tanto triste.

- Ora, o Harry -- exclamou o rapaz, dando uma gargalhada. - O Harry passa os dias a dizer coisas incríveis, e as noites a fazer coisas improváveis. Exactamente o género de vida que eu gostaria de levar. Mas mesmo assim, não creio que fosse procurar o Harry se me encontrasse em apuros. Preferia procurá-lo a si.

- Voltará a posar para mim?

- Impossível!

- Ao recusar, você destrói a minha vida artística, Dorian. Não houve um homem que deparasse com dois ideais. Poucos deparam com um.

- Não posso explicar-lhe o motivo, Basil, mas jamais devo voltar a posar para si. Há qualquer coisa de fatídico no retrato. Tem vida própria. Qualquer dia vou tomar chá consigo. Será igualmente agradável.

- Mais agradável para si, creio bem - respondeu Hallward emvoz baixa, com algum pesar. - Então, adeus. Lamento que me não deixe ver o quadro mais uma vez. Paciência! Compreendo perfeitamente a sua decisão.

Quando ele saiu, Dorian Gray não pôde deixar de sorrir. Pobre Basil! Sabia tão pouco sobre o verdadeiro motivo! E foi tão estranho que, em vez de ter sido obrigado a revelar o seu próprio segredo, houvesse conseguido, quase por acaso, arrancar um segredo ao seu amigo! Quantos esclarecimentos lhe trouxera aquela singular confissão! Os inexplicáveis acessos de ciúme do pintor, a sua exagerada dedicação, os seus extravagantes panegíricos, as suas curiosas reticências. Agora compreendia tudo isso, e sentia pena. Parecia-lhe haver um laivo de tragédia numa amizade tão colorida pelo romanesco.

Suspirou, e tocou a campainha. O retrato tinha de ser escondido a todo o custo. Ele não podia correr novamente o risco de que alguém o descobrisse. Fora loucura da sua parte ter deixado ficar aquilo, por uma hora sequer, numa sala aonde entrava todo e qualquer amigo.

Capítulo X

Quando o criado entrou, fixou nele o olhar, como que a querer saber se ele teria pensado em espreitar por trás do biombo. O homem mostrava-se impassível, aguardando as suas ordens. Dorian acendeu um cigarro, aproximou-se do espelho e olhou. Via perfeitamente nele reflectido o rosto de Victor. Era uma máscara de plácido servilismo. Aí não havia nada a recear. No entanto, achou que o melhor seria ficar de sobreaviso.

Falando muito lentamente, disse-lhe que avisasse a governanta que precisava de falar com ela, e que fosse depois ter com o moldureiro para lhe pedir que lhe mandasse imediatamente dois homens. Teve a impressão de que o criado ao sair do quarto, dirigira o olhar para o biombo. Ou seria apenas imaginação sua?

Pouco depois, Mrs. Leaf, com seu vestido de seda preta e antiquados mitenes de linha nas mãos engelhadas, entrou afobadamente na biblioteca. Ele pediu-lhe a chave do velho quarto de estudo.

- O velho quarto de estudo, Mr. Dorian? - exclamou. - Mas... está cheio de pó. Tenho de o mandar limpar e arrumar antes de o senhor lá entrar. O senhor não pode vê-lo naquelas condições. Não, senhor.

- Eu não quero o quarto limpo, Leaf. Apenas quero a chave...

- Então, o senhor vai ficar coberto de teias de aranha, se lá entrar. Ora ele não é aberto há quase cinco anos, foi desde que Sua Senhoria faleceu.

Estremeceu ao ouvir falar do avô. Tinha dele recordações odiosas.

- Não tem importância - respondeu. - Quero muito simplesmente ver o quarto. é só isso. Dê-me a chave.

- Está aqui a chave, senhor - disse a velhota revistando o molho de chaves com mãos trémulas e inseguras. - Está aqui a chave. Tiro-a do molho num instante. Mas não está a pensar em ir para lá, senhor, de mais a mais estando aqui tão confortável?

- Não, não penso - exclamou, petulante. - Obrigado, Leaf. É tudo.

A governanta demorou-se ainda algum tempo a tagarelar sobre determinado problema doméstico. Dorian suspirou impaciente, e disse-lhe que resolvesse o assunto como lhe parecesse melhor. Então ela saiu da biblioteca, desfazendo-se em sorrisos.

Mal a porta se fechou, Dorian meteu a chave no bolso e olhou em volta. Os olhos depararam com uma enorme colcha de cetim cor-de-púrpura, ricamente bordada a ouro, um sumptuoso exemplar veneziano de finais do século xvII que o avô descobrira num convento perto de Bolonha. Sim, aquilo serviria para envolver aquela coisa horrível. Talvez tivesse já servido muitas vezes de pano mortuário. Agora devia esconder uma coisa que tinha uma corrupção muito peculiar, pior que a corrupção da própria morte. Uma coisa que haveria de originar horrores, mas que nunca morreria. O que os vermes fazem a um cadáver, assim fariam os seus pecados à imagem pintada na tela. Destruiriam a sua beleza e devorariam o seu garbo. Corrompê-la-iam e torná-la-iam vergonhosa. E, todavia, essa coisa continuaria a viver... Para sempre.

Estremeceu, e, por momentos, lamentou não ter dito a Basil o verdadeiro motivo por que quisera esconder o quadro. Basil tê-lo-ia ajudado a resistir à influência de Lord Henry, e às influências ainda mais venenosas do próprio temperamento. O amor que Basil tinha por ele - pois tratava-se de verdadeiro

amor - era inteiramente nobre e intelectual. Não era a simples admiração física da beleza, aquela que nasce dos sentidos e que morre com o cansaço dos sentidos. Era um amor como o que Miguel Ângelo conhecera, e Montaigne, e Winekelmann, e mesmo Shakespeare.

Sim, Basil poderia tê-lo salvo. Mas era demasiado tarde agora. O passado poderia ser sempre anulado através do arrependimento, da rejeição ou do olvido. Mas o futuro era inevitável. Tinha dentro de si paixões que explodiriam de um modo terrível, sonhos que tornariam real a sombra da perversidade que projectavam.

Retirou do sofá o magnífico tecido de púrpura e ouro que o cobria e, segurando-o com as duas mãos, passou para trás do biombo. O rosto do quadro seria mais abjecto agora? Parecia-lhe inalterado, mas, mesmo assim, a sua aversão por ele aumentava. O cabelo dourado, os olhos azuis e os lábios rubros estavam lá. Somente a expressão se alterara. Era de uma crueldade horrenda. Comparadas com a censura e a acusação visíveis no retrato, como eram irrisórias as repreensões que Lhe fizera Basil a propósito de Sibyl Vane! Tão fúteis e detão pouca monta! A sua própria alma olhava-o, chamando-o a juízo. Assomou-lhe aos olhos uma expressão de dor, e lançou a valiosa coberta por cima do retrato. Ao fazê-lo, bateram à porta. Afastou-se do biombo quando o criado entrou.

- Os homens já chegaram, Monsieur.

Sabia que tinha de se livrar imediatamente do criado. Este não podia saber para onde iam levar o quadro. Havia nele uma certa dissimulação, e tinha um olhar cauteloso e traiçoeiro. Sentou-se à escrivaninha e escreveu rapidamente um bilhete a Lord Henry, a pedir-lhe que lhe enviasse qualquer coisa para ler e a lembrar-lhe o encontro combinado para as oito e quinze dessa noite.

- Aguarde a resposta - disse, entregando-lhe o bilhete -, e mande entrar os homens para aqui.

Dois ou três minutos depois, bateram novamente à porta, e Mr. Hubbard, em pessoa, o afamado moldureiro de South Audley Street, entrou acompanhado por um jovem ajudante de aspecto um tanto rude. Mr. Hubbard era um homenzinho rubicundo, de suíças ruivas, cuja admiração pela arte era consideravelmente moderada pela penúria de quase todos os artistas que com ele negociavam. Geralmente nunca abandonava a loja, aguardando que as pessoas viessem ter consigo. Mas abria sempre uma excepção relativamente a Dorian Gray. Dorian tinha um certo encanto que seduzia toda a gente. Vê-lo chegava a ser um prazer.

- Em que posso servi-lo, Mr. Gray? - perguntou, esfregando as mãos gorduchas e sardentas. - Resolvi conceder a mim mesmo a honra de vir pessoalmente. Acabo de adquirir uma beleza de moldura, senhor. Consegui-a num leilão. Uma antiga peça florentina, creio que proveniente de Fonthill. Maravilhosamente adequada para um tema religioso, Mr. Gray.

- Lamento que se tenha dado ao trabalho de aparecer, Mr. Hubbard. Pode ter a certeza de que não deixarei de passar por lá para ver a moldura, se bem que de momento não esteja muito interessado por arte sacra, mas hoje desejo apenas que me levem um quadro para o último andar. É bastante pesado, por isso pensei em pedir-lhe que me disponibilizasse dois dos seus empregados.

- Não é maçada nenhuma, Mr. Gray. Tenho o maior prazer em servi-lo. Qual é a obra de arte?

- É esta - respondeu Dorian, afastando o biombo. – Podem transportá-la assim tapada como está? Não quero que sofra qualquer dano ao subirem as escadas.

- Não vai haver nenhuma dificuldade, senhor - respondeu o bem-humorado moldureiro, que, auxiliado pelo seu ajudante, começara a desprender o retrato das compridas correntes de bronze que o suspendiam. - E agora para onde quer que a levemos, Mr. Gray?

- Eu indico-lhes o caminho, Mr. Hubbard, se fizerem o favor de me seguir. Mas talvez seja preferível irem à frente. Vamos subir pela escadaria da entrada, sempre é mais larga.

Abriu-lhes a porta, eles passaram ao vestíbulo e começaram a subir. Os lavrados da moldura tornavam o quadro extremamente pesado, e, de vez em quando, apesar dos protestos servis de Mr. Hubbard, que nutria a forte aversão do genuíno comerciante por ver um senhor fazer algo de útil, Dorian dava uma ajuda com a mão.

- Isto é pesadote, senhor - disse o homenzinho, arquejando, quando chegaram ao último patamar, e enxugando a testa luzidia.

- Parece que é bastante pesada - murmurou Dorian, ao abrir a porta que dava para o quarto que haveria de lhe guardar o singular segredo da sua vida e esconder a sua alma dos olhares dos homens.

Haviam passado mais de quatro anos desde a última vez que aqui entrara, de facto desde que primeiro fora quarto de brinquedos quando ele era criança, e depois como quarto de estudo quando era um pouco mais velho. Era um compartimento grande, bem proporcionado, que fora mandado construir por Lord Kelso especialmente para o pequenino neto que, pela sua estranha parecença com a mãe, e também por outras razões, sempre odiara e desejara manter à distância. Achava que o quarto pouco se modificara. Lá estava o enorme cassone italiano, de almofadas caprichosamente pintadas e de frisos dourados já sem brilho, e onde ele se escondera tantas vezes quando rapazinho. E a estante de pau-cetim com os seus livros escolares de páginas dobradas aos cantos. Na parede atrás, estava pendurada a mesma esfarrapada tapeçaria flamenga, onde um rei e uma rainha de cores esmaecidas jogavam xadrez num jardim, enquanto um grupo de falcoeiros passava a cavalo, levando, nos punhos protegidos por luvas, as aves de cabeças tapadas. Recordava-se tão bem de tudo! Quando os seus olhos percorriam o quarto, acudiram-lhe à memória todos os momentos solitários da infância. Recordava a pureza impoluta da meninice, e parecia-lhe horrível que fosse esconder precisamente aqui o retrato fatídico. Nesses dias do passado, mal pensava em tudo o que lhe estaria reservado!

Mas não havia na casa um lugar tão protegido dos olhares indiscretos. Era ele que tinha a chave, e mais ninguém poderia lá entrar. Sob a coberta de cor púrpura, o rosto pintado na tela podia tomar um aspecto bestial, embrutecido e imundo. Que importava? Ninguém o podia ver. Nem sequer ele o veria. Por que haveria de observar a corrupção hedionda da sua alma? Ele manteria a sua juventude, e era quanto bastava. Ademais, a sua índole não poderia, mesmo assim, tornar-se mais perfeita? Não havia motivo para que o futuro viesse a ser tão infame. Poderia surgir-lhe na vida um amor que o purificasse e o protegesse dos pecados que pareciam estar já a agitar-se-lhe no espírito e na carne, aqueles estranhos pecados inimagináveis a que o seu próprio mistério emprestava subtileza e encanto. Talvez que um dia a expressão cruel se esvanecesse da boca rubra e sensível e ele pudesse expor ao público a obra-prima de Basil Hallward.

Não, isso seria impossível. Hora a hora, semana após semana, aquilo na tela ia envelhecendo. Ainda que pudesse livrar-se do horror do pecado, estava-lhe reservado o horror do envelhecimento. As faces tornar-se-iam encovadas ou flácidas. Rugas amarelecidas surgiriam pouco a pouco ao redor dos olhos mortiços, que tomariam um aspecto horrível. O cabelo perderia o brilho, a boca ficaria aberta ou descairia, ridícula ou obscena, como são as bocas dos velhos. Haveria ainda o pescoço engelhado, as mãos gélidas e de grossas veias azuis, o corpo alquebrado. Era assim a lembrança que lhe ficara desse avô tão severo com ele durante a sua meninice. O retrato tinha de ser escondido. Não havia remédio.

- Traga-o para dentro, Mr. Hubbard, por favor - disse ele, voltando-se com ar abatido. - Desculpe tê-lo feito esperar tanto tempo. Pensava em outras coisas.

- Veio a propósito este descanso, Mr. Gray - respondeu o moldureiro, que estava ainda sem fôlego. - Onde quer que o ponha, senhor?

- Ah, em qualquer lugar. Pode ser aqui. Está bem assim. Não o quero pendurado. Encoste-o apenas à parede. Obrigado.

- Podemos ver a obra de arte, senhor?

Dorian sobressaltou-se.

- Não lhe iria interessar, Mr. Hubbard - respondeu, de olhos fixos no homem. Estava pronto a saltar-lhe em cima e a atirá-lo ao chão, se ele ousasse levantar a magnífica cobertura que escondia o segredo da sua vida. - Não quero incomodá-lo mais. Estou muito grato pela amabilidade de ter aparecido.

- Incómodo nenhum, Mr. Gray. Sempre às suas ordens, senhor.

E Mr. Hubbard desceu as escadas com seus passos pesados, seguido pelo ajudante, que, com um tímido espanto no rosto rude e sem beleza, se voltou para olhar Dorian. Nunca vira pessoa tão maravilhosa.

Quando se extinguira o ruído dos passos, Dorian fechou a porta à chave e meteu a chave no bolso. Sentia-se agora seguro. Jamais alguém poria os olhos naquele horror. Ninguém senão ele veria a sua vergonha. Ao chegar à biblioteca, verificou que pouco passava das cinco horas e que já tinham trazido o chá. Sobre uma mesinha de madeira escura e perfumada com profusos embutidos de nácar, um presente de Lady Radley, a esposa do seu tutor, uma inválida muito profissional que passara o Inverno anterior no Cairo, encontrava-se um bilhete de Lord Henry, e ao lado um livro encadernado com papel amarelo, a capa ligeiramente rasgada e as bordas sujas. No tabuleiro do chá fora colocado um exemplar da terceira edição da St. Jamess Gazette. Era bem evidente que Victor havia regressado. Começou a pensar se ele teria encontrado os homens ao saírem, conseguindo arrancar-lhes informações sobre o que tinham andado a fazer. Certamente que notaria a falta do quadro... não havia mesmo dúvida de que já a teria notado enquanto andara a pôr a mesa para o chá. O biombo não voltara a ser reposto, e via-se na parede um espaço vazio. Podia acontecer que uma noite o encontrasse a subir sorrateiramente até lá acima e a tentar forçar a porta do quarto. Era horrível ter um espião em casa. Soubera de homens ricos que tinham sido chantageados toda a vida por um criado que lera uma carta, ou ouvira determinada conversa, ou apanhara um cartão com um endereço, ou encontrara debaixo de uma almofada uma flor murcha ou um pedaço de renda amachucada.

Suspirou e, depois de se ter servido de chá, abriu o bilhete de Lord Henry. Dizia apenas que lhe enviava o jornal da tarde e um livro que talvez lhe

interessasse, e que estaria no clube às oito e quinze. Abriu o jornal languidamente e passou os olhos por ele. Chamou-lhe a atenção uma marca a lápis vermelho na quinta página, a assinalar o seguinte parágrafo:

Inquérito à morte de uma actriz: - Efectuou-se um inquérito esta manhã em Bell Tavern, Hoxton Road, levado a cabo por Mr. Danby, delegado do Distrito, sobre a morte de Sibyl Vane, uma jovem actriz recentemente contratada pelo Royal Theatre, em Holborn. O veredicto foi de morte por acidente. Foram expressas manifestações de pesar à mãe da jovem. A pobre senhora estava muito perturbada durante o seu depoimento e também durante o de Mr. Birrell, que foi quem autopsiou a falecida.

Irritado, rasgou o jornal em dois e, atravessando a sala de uma ponta à outra, atirou fora os pedaços. Que torpeza havia em tudo isso! E como a verdadeira torpeza tornava tudo horrível! Sentia-se um pouco aborrecido com Lord Henry por lhe ter mandado a notícia. E é claro que fora estupidez da parte dele ter assinalado a notícia a vermelho. Victor poderia lê-la. O inglês que o criado sabia era mais que suficiente para o ter feito.

Talvez a tivesse lido e começado a suspeitar de alguma coisa. E, no entanto, isso que importava? Que tinha Dorian Gray a ver com a morte de Sibyl Vane? Não havia nada a recear. Dorian Gray não a tinha assassinado.

O seu olhar recaiu no livro de capa amarela que Lord Henry lhe enviara. Teve curiosidade em saber o que era. Dirigiu-se para o pequeno móvel octogonal cor de pérola, que sempre lhe parecera obra de exóticas abelhas do Egipto que trabalhavam em prata, e pegou no livro. Refastelou-se numa poltrona e começou a folheá-lo. Minutos depois, estava absorvido na sua leitura. Era o livro mais surpreendente que já lera. Tinha a sensação de que, requintadamente ataviados e ao som suave de flautas, os pecados do mundo passavam ante seus olhos em mudo cortejo. Coisas que ele vagamente sonhara tornavam-se subitamente reais. Coisas que nunca sonhara eram gradualmente reveladas.

Era um romance sem enredo e com uma única personagem. Tratava-se, de facto, de um mero estudo psicológico de um determinado jovem parisiense que passava a vida a tentar compreender no século XIX todas as paixões e métodos de pensamento pertencentes a todos os séculos, excepto ao seu, condensando, por assim dizer, em si mesmo os diversos estados por que passara o espírito do mundo, amando pela sua simples artificialidade as renúncias a que os homens insensatamente chamavam virtude, bem como as rebeldias naturais a que os homens sensatos continuam a chamar pecado. O estilo em que estava escrito era aquele estilo curiosamente trabalhado, ao mesmo tempo claro e obscuro, recheado de gíria e de arcaísmos, de expressões técnicas e de paráfrases elaboradas, e que caracteriza a obra dos melhores artistas da escola francesa dos Symbolistes. Havia metáforas tão assombrosas como orquídeas, e igualmente subtis no colorido. A vida dos sentidos era descrita nos termos da filosofia mística. Por vezes, era difícil saber se o que se lia eram os êxtases espirituais de um santo medieval ou as confissões mórbidas de um pecador moderno. Era um livro venenoso. O aroma penetrante do incenso parecia ter-se colado às páginas, afectando o cérebro. A simples cadência das frases, a subtil monotonia da sua musicalidade, tão recheada de complexos refrãos e de andamentos elaboradamente repetidos, produziam no espírito do rapaz, à medida que avançava de capítulo em capítulo, uma espécie de devaneio, uma maleita de sonho, que o abstraíam do

findar do dia e do adensar das sombras. Através das janelas luzia um céu verde-cobre, sem nuvens, por onde espreitava uma única e solitária estrela. Ele continuava a ler a essa luz que se ia desvanecendo, até já não conseguir ler mais. Então, após o seu criado lhe ter feito lembrar várias vezes o adiantado da hora, levantou-se e, passando ao quarto contíguo, pousou o livro na pequena mesa florentina que se encontrava sempre à sua cabeceira, e começou a vestir-se para o jantar.

Eram quase nove horas quando chegou ao clube, onde foi encontrar Lord Henry sozinho na sala de estar, e com um ar muito enfadado.

- Peço-lhe que me desculpe, Harry - exclamou -, mas realmente a culpa foi toda sua. O livro que me emprestou fascinou-me tanto que nem me apercebi do passar das horas.

- Ah, sim. Eu calculei que você havia de gostar do livro - respondeu o seu anfitrião, levantando-se.

- Eu não disse que gostei, Harry. Disse que me fascinou. Há uma grande diferença.

- Ah, chegou a essa conclusão? - murmurou Lord Henry. E passaram à sala de jantar.

Capítulo XI

Passaram-se anos sem que Dorian Gray conseguisse libertar-se da influência deste livro. Ou talvez fosse mais exacto dizer que nunca procurou libertar-se dele. Mandou vir de Paris nada menos que nove enormes brochuras da primeira edição, que mandou encadernar em diferentes cores, de modo a condizerem com os seus diversos estados de espírito e com os volúveis caprichos de um temperamento sobre o qual lhe parecia, por vezes, ter perdido todo o domínio. O herói, o fantástico jovem parisiense, em quem se casavam de modo tão surpreendente o temperamento romântico e o científico, tornou-se para ele uma espécie de prefiguração de si próprio. E, de facto, era como se todo o livro contivesse a história da sua vida, escrita antes de ele a ter vivido.

Havia um pormenor em que ele era mais afortunado do que o fantástico herói do romance. Nunca conhecera - nem nunca tivera motivo para conhecer - o terror um tanto grotesco dos espelhos, e das polidas superfícies metálicas, e das águas paradas, que se apoderara do jovem parisiense tão cedo, e que fora causado pela súbita decomposição de uma beleza que outrora havia sido, indubitavelmente, tão extraordinária. Era com um júbilo quase cruel - e, possivelmente, em quase todo o júbilo, como de certo em todo o prazer, há lugar para a crueldade - que Dorian costumava ler esta parte do livro, com o relato verdadeiramente trágico, ainda que um pouco exagerado, da tristeza e do desespero de alguém que perdera aquilo que tanto prezava nos outros e no mundo.

É que a beleza deslumbrante que fascinara Basil Hallward, e muitos outros além dele, parecia jamais abandoná-lo. Mesmo aqueles que ouviam dizer as coisas mais perversas acerca dele - de tempos a tempos, corriam por toda a Londres boatos esquisitos sobre o seu estilo de vida, que se tornavam tema de conversa nos clubes -, quando o viam, não podiam acreditar em coisas que o difamassem. O seu semblante era sempre o de alguém que se mantivera impoluto em relação ao mundo. Os homens que diziam grosserias calavam-se quando Dorian Gray entrava na sala. Havia na pureza do seu rosto qualquer coisa que os censurava. A sua simples presença trazia-lhes à memória a inocência que eles haviam conspurcado. Não sabiam como era possível que alguém tão grácil e encantador pudesse ter-se furtado à mácula de uma época que era, ao mesmo tempo, sórdida e sensual. Ao regressar a casa, depois de uma dessas misteriosas e prolongadas ausências que originavam aquelas insólitas conjecturas entre os amigos, ou que julgavam sê-lo, costumava, com frequência, subir silenciosamente até ao quarto trancado, abrir a porta com a chave que trazia agora sempre consigo, e, com um espelho, ficar em frente do retrato que dele fizera Basil Hallward, olhando ora o rosto maligno e envelhecido da tela, ora o jovem rosto formoso que lhe devolvia o sorriso na superfície polida do espelho. A nitidez do contraste estimulava a sua sensação de prazer. Sentia-se cada vez mais enamorado da própria beleza, e cada vez mais interessado na corrupção da sua alma. Costumava perscrutar com um cuidado minucioso, e às vezes com um gozo monstruoso e terrível, as rugas hediondas que vincavam a testa engelhada, ou que contornavam os lábios grossos e sensuais, interrogando-se por vezes quais seriam os mais horríveis: se os estigmas do pecado, ou os da idade.

Aproximava as suas mãos brancas das mãos grosseiras e inchadas do retrato, e sorria. Desdenhava do corpo deformado e dos membros enfraquecidos.

Em noites de insónia, quer nos seus aposentos delicadamente perfumados, quer no quarto sórdido da pequena taberna mal-afamada perto das docas, que, disfarçado e com um nome fictício, tinha por hábito frequentar, havia mesmo momentos em que pensava na ruína que infligira à sua alma, sentindo uma compaixão que era tanto mais pungente por ser totalmente egoísta. Mas momentos como esses eram raros. Aquela curiosidade sobre a vida que Lord Henry fora o primeiro a despertar nele, quando se sentaram juntos no jardim do amigo Basil, parecia aumentar gratificantemente. Quanto mais sabia, mais desejava saber. Ele tinha apetites loucos que se tornavam mais famintos à medida que os saciava.

Porém, não era verdadeiramente um irresponsável, pelo menos nas suas relações sociais. Uma ou duas vezes por mês durante o Inverno, e todas as noites de quarta-feira durante a temporada, abria ao mundo as portas da sua belíssima casa, e mandava vir os músicos mais aclamados na altura, a fim de deliciarem os convidados com a magia da sua arte. Os seus jantares íntimos, para a organização dos quais contava sempre com as orientações de Lord Henry, eram afamados tanto pela esmerada selecção dos convidados e sua distribuição pelos lugares, como pelo requinte da decoração da mesa, com seus delicados arranjos sinfónicos de flores exóticas, e toalhas bordadas, e a baixela antiga de ouro e prata. Havia mesmo muitos homens, particularmente os muito jovens ainda, que viam, ou imaginavam que viam, em Dorian Gray a concepção exacta do modelo com que frequentemente haviam sonhado no tempo de estudantes em Eton ou Oxford: o modelo em que deviam coexistir a verdadeira cultura do erudito e toda a graça, distinção e urbanidade de um cidadão mundano. Comparavam-no àqueles de quem Dante diz que procuravam "tornar-se perfeitos pela adoração da beleza." Tal como Gautier, era alguém para quem o mundo visível existia,.

E, sem dúvida, para ele a Vida era, em si mesma, a primordial, a mais grandiosa de todas as artes, e, por isso mesmo, todas as outras artes pareciam ser os preparativos para a Vida. A moda, que torna a verdadeira extravagância momentaneamente universal, e o dandismo, que, a seu modo, é uma tentativa de afirmar a absoluta modernidade da beleza, não deixavam de exercer sobre ele o seu fascínio. O modo de vestir e os ademanes especiais que por vezes adoptava tinham acentuada influência nos jovens peraltas dos bailes de Mayfair, e das janelas dos clubes de Pall Mall, que o copiavam em tudo, tentando reproduzir o encanto ocasional das suas graciosas, embora para ele apenas meio sérias, afectações. De facto, embora estivesse disposto a aceitar o lugar que lhe foi oferecido, quase de imediato, quando atingiu a maioridade, e até sentisse um prazer subtil ante a ideia de que podia ser de facto para a Londres do seu tempo o que o autor do Satyricon fora para a Roma imperial de Nero, intimamente, porém, desejava ser algo mais do que um mero arbiter elegantiarum, do que ser consultado sobre a melhor maneira de pôr uma jóia, ou fazer o nó a uma gravata, ou andar com uma bengala. Procurava elaborar um novo projecto de vida, que teria fundamentos filosóficos próprios e uma regulamentação de princípios, e encontrar na espiritualização dos sentidos a sua consumação mais sublime.

O culto dos sentidos tem sido frequentemente, e muito justamente, condenado, dado que os homens sentem um natural instinto de terror em relação às paixões e às sensações que parecem ser mais fortes do que eles, e de que têm a consciência de partilhar com formas de vida inferiores. Mas era

evidente para Dorian Gray que a verdadeira natureza dos sentidos nunca fora compreendida, e que permaneceram indomáveis e animalescos unicamente porque o mundo procurara submetê-los pela abstinência ou matá-los pela flagelação, em vez de procurar transformá-los em elementos de uma nova espiritualidade, em que um elevado instinto de beleza seria a característica dominante. Ao relembrar o percurso do homem ao longo da história, assediava-o um sentimento de perda. Tanta renúncia! E para tão ínfimo propósito! Ocorreram loucas rejeições deliberadas, formas monstruosas de autoflagelação e de rejeição de si mesmo, com origem no medo, e cujo resultado foi uma degradação infinitamente mais terrível do que a degradação imaginada, a que, por ignorância, se tentara fugir e a Natureza, na sua espantosa ironia, forçava o anacoreta a alimentar-se com os animais selvagens do deserto, e ao eremita dava os animais do campo por companhia.

Sim, deveria haver, como profetizara Lord Henry, um novo hedonismo que recriasse a vida e a salvasse desse austero e sombrio puritanismo que, curiosamente, está de novo em voga nos nossos dias. Deveria ter, obviamente, o apoio da inteligência, sem, no entanto, aceitar teoria ou sistema que implicasse o sacrifício de qualquer género de experiência apaixonada. O seu objectivo deveria ser mesmo a própria experiência, e não os frutos da experiência, por muito doces ou amargos que fossem. Do ascetismo, que enfraquece os sentidos, bem como da vil devassidão, que os insensibiliza, nada haveria de saber. Deveria, contudo, ensinar o homem a concentrar-se nos momentos da vida, visto ela ser um breve momento.

Não somos poucos os que às vezes acordamos antes do alvorecer, quer após uma daquelas noites sem sonhos que quase nos fazem enamorar pela morte, quer numa daquelas noites de horror e disforme alegria, quando pelas câmaras do cérebro esvoaçam fantasmas, mais terríveis do que a própria realidade, e o instinto, com aquela vida intensa que nos espreita em todos os bizarros grotescos, e que confere à arte gótica a sua duradoura vitalidade, arte essa que, como podemos imaginar, é especificamente a arte dos que têm as mentes perturbadas pelo mal do devaneio. Pálidos dedos penetram, trémulos, pelas cortinas. Em negras formas fantásticas, sombras mudas rastejam para os recantos do quarto e aí se encolhem. Ouve-se lá fora a restolhada dos pássaros por entre as folhas, ou o rumor dos homens que vão para o trabalho, ou ainda o murmúrio e o gemido do vento a descer as colinas, ou a vaguear em redor do silêncio da casa como se receasse despertar os que dormem, mesmo quando é forçoso fazer sair o sono da sua púrpura gruta.

Ergue-se véu após véu da névoa ténue e sombria, e as coisas retomam gradualmente as formas e as cores, e vemos a madrugada a refazer o mundo na sua forma primeva. Os pálidos espelhos recuperam sua vida mímica. Os castiçais apagados encontram-se onde os deixáramos, e a seu lado está o livro de estudo a que não se cortaram todas as páginas, ou a flor armada que havíamos usado no baile, ou a carta que receáramos ler, ou que fora lida vezes sem conta. Nada nos parece alterado. Das sombras irreais da noite regressa a vida real que conhecíamos. Temos de a retomar no ponto em que a havíamos deixado, e então assalta-nos uma sensação terrível da necessidade de uma energia permanente na invariável ronda extenuante dos hábitos estereotipados, ou um anseio desmedido por uma hipotética manhã em que os nossos olhos acordem para um mundo renovado nas trevas para nosso prazer, um mundo em que as coisas tomem novas formas e novas cores, e que tenha mudado, ou tenha outros segredos, um mundo em que o passado seja ínfimo ou mesmo inexistente, ou que não sobreviva, pelo menos sob qualquer forma

consciente de dever ou remorso, pois que até a lembrança da alegria traz amargura, e as recordações do prazer trazem mágoas.

A criação de tais mundos afigurava-se a Dorian Gray como o verdadeiro objectivo, ou um dos verdadeiros objectivos, da vida, e, na busca de sensações que fossem simultaneamente novas e deliciosas, e possuíssem aquele elemento de novidade que é tão essencial ao romanesco, adoptava frequentemente certos estilos de pensamento que ele sabia serem estranhos à sua natureza, entregava-se às suas subtis influências, e, depois de lhes ter realmente apreendido o significado e satisfeito a sua curiosidade intelectual, abandonava-os com aquela singular indiferença que não é incompatível com um temperamento apaixonado e que, de facto, na opinião de certos psicólogos modernos, chega a ser sua condição.

Correu uma vez o boato de que ele iria ingressar no catolicismo, e era verdade que tinha sido sempre atraído pelo ritual da Igreja de Roma. O sacrifício quotidiano, realmente mais impressionante do que todos os sacrifícios do mundo antigo, emocionava-o, tanto pela extraordinária rejeição da evidência dos sentidos como pela simplicidade primitiva dos seus elementos, e o eterno pathos da tragédia humana que pretendia simbolizar. Adorava ajoelhar-se no frio pavimento de mármore, observando o sacerdote, na sua casula pesada e sumptuosa, a afastar lentamente e com mãos brancas o véu do tabernáculo, ou a elevar bem alto a custódia em forma de lanterna, cravejada de jóias e contendo aquela pálida hóstia que, por vezes, pensamosser de facto o panis celestis, o pão dos anjos, ou, com os paramentos da Paixão de Cristo, partir a hóstia no cálice, batendo no peito em contrição dos seus pecados. Os turíbulos fumegantes, que meninos de ar grave, vestidos de renda e escarlate, balouçavam no ar como grandes flores douradas, exerciam nele um misterioso fascínio. Ao dirigir-se para a saída, costumava olhar admirado para os negros confessionários, e desejava poder sentar-se na vaga obscuridade do interior de um deles para escutar os homens e as mulheres a segredarem, através da rede gasta, a verdadeira história das suas vidas.

Mas nunca caiu no erro de impedir o curso do seu desenvolvimento intelectual com a aceitação formal de qualquer credo ou sistema, ou de confundir uma casa de habitação com uma estalagem, que serve apenas para se passar uma noite, ou algumas horas de uma noite em que não há estrelas e a Lua se ausenta para nova gestação. O misticismo, com o seu mágico poder de tornar insólitas as coisas banais do nosso quotidiano, e o misterioso antinomianismo que parece sempre acompanhá-lo, atraíram-no durante um tempo, e durante um tempo voltou-se para as doutrinas materialistas do movimento do Darwinismts alemão, encontrando um prazer singular em descobrir as origens dos pensamentos e das paixões dos homens em alguma pequena célula perlada do cérebro, ou algum nervo branco do corpo, deleitando-se com a noção de que o espírito depende totalmente de determinadas condições físicas, mórbidas ou saudáveis, normais ou doentes. Todavia, como já foi afirmado antes, nenhuma teoria da vida lhe parecia importante, quando comparada com a própria vida. Tinha a plena consciência de quão estéril é toda a especulação intelectual, quando dissociada da acção e da experimentação. Sabia que os sentidos têm, em não menor grau do que a alma, os seus mistérios espirituais a revelar.

E, por isso, passou a estudar os perfumes e os segredos do seu fabrico, destilando óleos de odor intenso e queimando resinas aromáticas do Oriente. Descobriu que todo o estado de espírito tinha o seu equivalente na vida

sensorial, e resolveu descobrir a sua verdadeira relação, querendo saber o que conteria o olíbano que nos tornava místicos, e o âmbar-gris que nos atiçava as paixões, e as violetas que despertavam lembranças de amores passados, e o almíscar que perturbava o cérebro, e ainda a champaca que afectava a imaginação, e tentando repetidas vezes elaborar uma verdadeira psicologia dos perfumes e avaliar as várias influências das raízes odoríferas, e das flores de perfumados pólens, ou dos bálsamos aromáticos, e das madeiras escuras e fragrantes, do nardo indiano que provoca náuseas, da hovénia que enlouquece os homens, e dos aloés que, dizem, são capazes de expulsar da alma a melancolia. Noutra altura, dedicou-se inteiramente à música, e, numa enorme sala de gelosias, com o tecto pintado a ouro e vermelhão e de paredes lacadas verde-azeitona, costumava organizar originais concertos, em que arrebatados ciganos arrancavam de pequenas cítaras músicas desenfreadas, ou solenes tunisinos de xales amarelos desferiam as cordas tensas de monstruosos alaúdes, enquanto negros sorridentes batiam monotonamente em tambores de cobre, e, acocorados sobre tapetes escarlates, esguios indianos de turbante sopravam longas flautas de junco ou metal, e encantavam, ou fingiam que encantavam, grandes cobras-capelo e horrendas víboras curnudas. As pausas abruptas e as dissonâncias estridentes da müsica bárbara faziam-no vibrar às vezes, quando a graça de Schubert, e a beleza melancólica de Chopin, e até as poderosas harmonias de Beethoven eram ignoradas pelos seus ouvidos. Coleccionava os mais exóticos instrumentos provenientes de todos os cantos do mundo, encontrados quer nos túmulos de nações desaparecidas, quer entre as poucas tribos selvagens que sobreviveram ao encontro com as civilizações ocidentais, e adorava tocar-lhes e experimentá-los. Possuía os misteriosos furuparis dos índios do rio Negro, que estão vedados aos olhos das mulheres, e que mesmo os jovens só podem ver depois de submetidos a jejuns e flagelações, e os potes de barro dos peruanos que contêm o piar agudo das aves, e as flautas de ossos humanos, como as que Alfonso de Ovalle ouviu no Chile, e os sonoros jaspes verdes que existem perto de Cuzco e emitem uma nota de singular doçura. Possuía ainda cabaças cheias de seixos que chocalhavam quando sacudidas, o longo clarim dos mexicanos, onde o tocador não sopra, mas aspira o ar, o estridente ture das tribos da Amazónia, que é tocado por sentinelas alcandoradas o dia inteiro em altas árvores, e que se podem ouvir, segundo dizem, a uma distância de três léguas, o teponazili, que tem duas línguas de madeira vibrantes e que é percutido com paus untados com uma goma elástica obtida do suco leitoso de plantas, os sinos yotl dos astecas, que se penduram em cachos como uvas, e um enorme tambor cilíndrico, coberto com as peles de grandes serpentes, como o que Bernal Diaz viu quando entrou com Cortez no templo mexicano, e de cujo som lúgubre nos deixou uma descrição tão vívida. O exotismo destes instrumentos fascinava-o, sentindo um prazer especial ao pensar que a Arte, tal como a Natureza, tem os seus monstros, coisas de formas grosseiras e vozes hediondas. No entanto, passado algum tempo, cansou-se deles, e passou a ocupar o seu camarote na Ópera, quer sozinho, quer na companhia de Lord Henry, ouvindo extasiado o Tannhauser e vendo no prelúdio dessa magnífica obra de arte uma apresentação da tragédia da sua própria alma.

Numa ocasião, passou a interessar-se pelo estudo das jóias,e apareceu num baile de máscaras fantasiado de Anne de Joyeuse, almirante de França, com um vestido coberto de quinhentas e sessenta pérolas. Este interesse subjugou-o durante anos, e pode dizer-se mesmo que nunca o deixou. Passava frequentemente um dia inteiro a acomodar e a tornar a acomodar nos estojos

as diversas pedras que coleccionara, como o crisoberílio verde-azeitona que toma a cor vermelha à luz da chama, o cimofânio com seu veio de prata parecendo arame, o peridoto cor de pistácio, topázios róseos e amarelo-vinho, carbúnculos de um escarlate flamejante com trémulas estrelas de quatro raios, cinamonos cor de fogo, espinelas violetas e cor de laranja, e ametistas com suas camadas alternadas de rubi e safira. Adorava o ouro-rubro da hematite, e o branco-pérola da selenite, e o arco-íris fragmentado da opala leitosa. Mandou vir de Amesterdão três esmeraldas de tamanho invulgar e de cor intensa, e tinha uma turquesa de la vieille roche que era cobiçada por todos os entendidos.

Descobriu também fantásticas histórias de jóias. No Clericalis Disciplina de Afonso mencionava-se uma serpente com olhos de jacinto autêntico, e na história lendária de Alexandre, o conquistador de Emátia, conta-se que ele encontrou no vale do Jordão cobras com colares de esmeraldas verdadeiras que lhes cresciam no dorso. Havia uma pedra preciosa no cérebro do dragão, conta-nos Filostrato, e ao mostrarem-lhe letras douradas e uma túnica escarlate o monstro podia cair num sono mágico e ser morto. Segundo o grande alquimista Pierre de Boniface, o diamante tornava um homem invisível e a ágata-da-índia tornava-o eloquente. A cornalina aplacava a ira, o jacinto provocava sono e a ametista dissipava os vapores do vinho. A granada expulsava os demónios e o hidrópico roubava a cor à Lua.

A slenite crescia e minguava com a Lua, e o meloceu, que descobre os ladrões, só podia ser influenciado pelo sangue de cabrito. Leonardus Camillus viu uma pedra branca extraída do cérebro de um sapo recém-morto e que era um antídoto contra o veneno. O bezoar, que foi encontrado no coração do cervo árabe, era um amuleto que curava a peste. Nos ninhos dos pássaros árabes havia as aspilotas que, segundo Demócrito, protegiam do fogo quem as usasse.

Na cerimónia da sua coroação, o rei de Ceilão percorreu a cavalo as ruas da cidade levando na mão um enorme rubi. As portas do palácio do Preste João eram feitas de sardónica, com o corno da víbora cornuda embutido, a fim de não poder entrar homem com veneno. Por cima do frontão estavam duas maçãs de ouro com dois carbúnculos, de modo a que brilhasse o ouro durante o dia, e os carbúnculos durante a noite. No estranho romance de Lodge, Uma Margarida da América, dizia-se que no quarto da rainha se podiam contemplar todas as damas castas do mundo, incrustadas em prata, ao olhar através de belos espelhos de crisólitos, carbúnculos, safiras e verdes esmeraldas. Marco Polo vira as gentes de Zipangu colocarem pérolas rosadas nas bocas dos mortos. Um monstro marinho enamorara-se da pérola que o mergulhador trouxera ao rei Perozes, matara o ladrão e levara sete luas a chorar a sua perda. Quando os hunos atraíram o rei para o grande fosso, ele atirou-a fora - é Procópio que nos conta a história - e jamais foi encontrada, posto que o imperador Anastácio oferecesse por ela cinco quintais de moedas de ouro. O rei do Malabar mostrara a um veneziano um rosário de trezentas e quatro pérolas, cada uma por um deus que adorava.

Quando o duque de Valentinois, filho de Alexandre VI, visitou Luís XII de França, o seu cavalo ia carregado de folhas de ouro, segundo o relato de Brantôme, e o chapéu tinha fiadas duplas de rubis que faziam um grande resplendor. Carlos de Inglaterra montava a cavalo com estribos suspensos por quatrocentos e vinte e um diamantes. Ricardo II tinha um traje, avaliado em trinta mil marcos, todo coberto de rubis espinélios. Hall contava que Henrique VIII, quando ia a caminho da Torre de Londres antes da sua coroação, levava

um gibão lavrado a ouro, o peitilho bordado a diamantes, e outras pedras preciosas, e, pelo pescoço, um boldrié de enormes espinélios. As favoritas de Jaime I usavam brincos de esmeraldas engastadas em filigrana de ouro. Eduardo II deu a Piers Gaveston um arnês de ouro rubro cravejado de jacintos, um colar de rosas de ouro encastoadas em turquesas e um barrete recamado de pérolas. Henrique II usava luvas que lhe chegavam ao cotovelo enfeitadas de jóias, e tinha uma luva de falcoaria cosida com doze rubis e cinquenta e duas grandes pérolas orientais. O chapéu ducal de Carlos, o Temerário, o último duque de Borgonha da sua linhagem, era ornamentado com pérolas em forma de pêra e cravejado de safiras.

Que requintada fora a vida de outrora! Que deslumbrante em seu fausto e adornos! Até a leitura sobre o luxo devotado aos mortos era maravilhosa.

Depois, desviou a sua atenção para os bordados e para as tapeçarias que faziam as funções de frescos nos aposentos gelados das nações nórdicas da Europa. À medida que ia investigando - ele sempre tivera a extraordinária capacidade para ficar absorvido por qualquer assunto que o interessasse de momento -, quase se entristecia ao pensar na ruína que o Tempo infligia às coisas belas e maravilhosas. Ele, ao menos, fora poupado. A um Verão seguia-se outro Verão, os junquilhos amarelos floriam e murchavam vezes sem conta, as noites de horror repetiam a história da sua vergonha, e ele, todavia, permanecia inalterado. Não havia Inverno que conseguisse desfigurar-lhe o rosto ou tocar na sua viçosa formosura. Como tudo era diferente com as coisas materiais! Para onde se teriam esvanecido? Onde estava a magnífica túnica cor de açafrão que fora feita por raparigas morenas para comprazer Atena e pela qual os deuses haviam pelejado contra os gigantes? E o enorme velário que Nero estendera sobre o Coliseu de Roma, esse gigantesco toldo de púrpura em que estava representado o céu estrelado, e Apolo conduzindo um carro puxado por brancos corcéis de rédeas douradas? Tanto que gostaria de ver as originais toalhinhas lavradas para a mesa do Sacerdote do Sol, em que se ostentavam todos os acepipes, e todas as iguarias invejáveis para um festim, o pano mortuário do rei Chilperico, com as suas trezentas abelhas de ouro, as excêntricas túnicas que provocaram a indignação do bispo do Ponto e em que figuravam leões, panteras, ursos, cães, florestas, fragas, caçadores, tudo o que, em verdade, um pintor pode copiar da natureza, e o traje que Carlos de Orleães usou uma vez, as mangas bordadas com os versos de uma canção que começava "Madame, je suis tout joyeux", o acompanhamento musical da letra lavrado a fio de ouro, e cada nota (quadrada, como era uso na época) formada por quatro pérolas. Leu a descrição de um quarto no palácio de Reims, preparado para uso da rainha Joana de Borgonha, decorado com mil trezentos e vinte e um papagaios bordados e brasonados com as armas do rei, e quinhentas e sessenta e uma borboletas com as asas igualmente ornamentadas com as armas da rainha, tudo lavrado a ouro. Catarina de Médicis mandara fazer para si uma cama de viúva, de veludo negro polvilhado de crescentes e sóis. As cortinas eram de damasco lavrado com coroas e grinaldas de folhas sobre fundo de ouro e prata, e franjas de pérolas nas orlas, e a cama estava num quarto decorado com filas de divisas da rainha recortadas em veludo negro sobre tecido de prata. Luís XIV tinha nos seus aposentos cariátides de quinze pés de altura e bordadas a ouro. O leito real de Sobieski, rei da Polónia, era feito de brocado de ouro de Esmirna, bordado de turquesas com versículos do Corão. Os suportes eram de prata dourada, ricamente cinzelada, e profusamente incrustada de medalhões de esmalte e

jóias. Fora trazido do arraial turco perto de Viena, e o estandarte de Maomé estivera aprumado sob o dourado cintilante do seu dossel.

E deste modo, durante um ano inteiro, ele procurou reunir os exemplares mais requintados de lavores têxteis e bordados que conseguia encontrar, adquirindo as delicadas musselinas de Delhi, finamente lavradas com palmas de fio de ouro, e todas pespontadas com asas de escaravelhos irisados, as gazes de Dacca que, pela sua transparência, são designadas no Oriente por «ar tecido», e «água corrente», e «orvalho da noite», exóticos panos estampados de Java, elaborados reposteiros amarelos da China, livros encadernados em cetins de tom castanho-dourado ou em sedas de tons de azul-claro e bordados com fleurs de lys, aves e imagens, véus de lacis bordados a ponto húngaro, brocados da Sicília e pesados veludos de Espanha, lavores da Geórgia com suas moedas douradas, e Foukousas do Japão com seus ouros esverdeados e aves de maravilhosa plumagem.

Tinha também uma paixão especial por vestes eclesiásticas como, aliás, tinha por tudo o que se relacionasse com o serviço religioso. Nas compridas arcas de cedro que ocupavam a galeria da ala oeste da sua casa, guardara grande quantidade de raros e belos exemplares de um autêntico guarda-roupa da Noiva de Cristo, que tem de usar púrpura, jóias e linho fino, a fim de esconder o corpo pálido e macerado, castigado pelo sofrimento que busca para si, e magoado pelas dores que a si mesma inflige. Possuía uma sumptuosa capa de asperges de seda carmesim e damasco de fios de ouro, estampado com um motivo repetido de romãs douradas sobre flores simétricas de seis pétalas e, de cada lado, o motivo de um ananás recamado de aljôfares. Os aurifrígios dividiam-se em painéis que representavam cenas da vida da Virgem, e a coroação da Virgem estava bordada a sedas de várias cores sobre o capelo. Era um trabalho italiano do século XV. Outra capa era de veludo verde com um bordado de folhas de acanto em forma de coração, de onde se prolongavam flores brancas de longos caules, cujos pormenores eram realçados a fio de prata e cristais coloridos. O fecho tinha uma cabeça de serafim bordada em relevo a fio de ouro. Os aurifrígios eram de um tecido adamascado de seda vermelha e ouro, e estavam recamados de medalhões de muitos santos e mártires, entre os quais figurava São Sebastião. Possuía também casulas de seda cor de âmbar, e seda azul e brocado de ouro, e damasco amarelo de seda e pano de ouro, ornamentadas com cenas da Paixão e Crucificação de Cristo, e bordadas com leões e pavões e outros símbolos, dalmáticas de cetim branco e damasco rosa de seda, decoradas com túlipas e golfinhos e fleurs de lys, frontais de altar feitos de veludo carmesim e linho azul, e muitos corporais, toalhas de cálice e sudários. Nos ofícios místicos em que estas coisas se utilizavam, havia algo que lhe excitava a imaginação.

É que estes tesouros, bem como tudo o que coleccionava na sua magnífica casa, serviriam de meios de esquecimento, como meios de fugir, por algum tempo, ao medo que às vezes lhe parecia quase grande demais para o poder suportar. Pendurara, com suas próprias mãos, na parede do quarto solitário e trancado onde passara tanto tempo da sua meninice, o terrível retrato, cujas feições em mutação lhe mostravam a verdadeira degradação da sua vida, e que ele ocultara com a colcha púrpura e dourada a servir de cortina. Passavam-se semanas sem lá entrar, esquecia-se daquela pintura hedionda, e recuperava a boa disposição, a sua admirável alegria, a sua entrega apaixonada à simples existência. Mas depois, de repente, havia uma noite em que saía sorrateiramente de casa, dirigia-se para sítios medonhos perto de Blue Gate Fields, e permanecia lá durante dias e dias até que o

expulsavam. Quando regressava, sentava-se em frente do retrato, umas vezes abominando-o e abominando-se, mas, outras vezes, cheio daquele orgulho próprio do individualismo que é, em parte, o fascínio pelo pecado, sorrindo com íntimo prazer da sombra disforme que tinha de carregar o fardo que deveria ser seu.

Alguns anos mais tarde, não suportava ausentar-se de Inglaterra, e abandonou a villa de Trouville que partilhava com Lord Henry, assim como a casinha branca, cercada de muros, de Argel, onde tinham passado mais de um Inverno. Detestava separar-se do retrato que já fazia parte da sua vida e, além disso, temia que durante a sua ausência alguém conseguisse ter acesso ao quarto, apesar das complicadas trancas que mandara colocar na porta.

Estava perfeitamente convencido de que isto nada revelaria a ninguém. Era certo que, debaixo da sordidez e fealdade, o retrato mantinha uma acentuada parecença consigo, mas que poderiam daí concluir? Ele rir-se-ia de quem quer que tentasse escarnecer. Não fora ele que o pintara. Que tinha ele a ver com o seu aspecto, por muito desprezível e infame que fosse? Ainda que lhes contasse, iriam acreditar?

Apesar de tudo, tinha medo. Por vezes, quando se encontrava na sua casa enorme em Nottinghamshire, recebendo os jovens elegantes da sua categoria social que eram os seus habituais companheiros, e deixando toda a região assombrada com o luxo desregrado e o fausto deslumbrante do seu estilo de vida, abandonava de súbito os convidados e regressava rapidamente a Londres para se certificar de que a porta não havia sido forçada e que o retrato ainda se encontrava no seu lugar. Que aconteceria se fosse roubado? Só de pensar nisso ficava gelado de pavor. Com certeza que, nesse caso, o mundo ficaria a saber o seu segredo. Talvez já o suspeitasse.

Com efeito, embora muitos não resistissem ao seu fascínio, não eram poucos os que dele desconfiavam. Por pouco não foi excluído, por votação, de um clube do West End, a que, por nascimento e posição social, tinha direito de se associar, e contava-se que em certa ocasião, ao ser acompanhado por um amigo até à sala de fumo do Churchill, o duque de Berwick e outro cavalheiro levantaram-se ostensivamente e saíram. Circulavam a seu respeito histórias curiosas depois que ele fez vinte e cinco anos. Corriam boatos de que fora visto envolvido numa rixa com marinheiros estrangeiros num antro abjecto das cercanias de Whitechapel, e que convivia com ladrões e moedeiros falsos, conhecendo mesmo os segredos do seu ofício. As suas inexplicáveis ausências tornaram-se conhecidas de todos e, quando voltava a aparecer em sociedade, os homens cochichavam pelos cantos, ou passavam por ele com um sorriso sardónico, ou fitavam-no com olhar frio e perscrutador, como se pretendessem descobrir o seu segredo.

Ele, é claro, não dava importância a tais insolências e esboçadas desconsiderações, e, na opinião de muitas pessoas, os seus modos francos e afáveis, o encanto do seu sorriso gaiato e a graça infinita daquela maravilhosa juventude que parecia não deixá-lo nunca eram resposta suficiente às calúnias - era assim que as designavam - que circulavam a seu respeito. Notava-se, contudo, que alguns dos que tinham convivido intimamente com ele começaram, passado algum tempo, a evitá-lo. As mulheres que o tinham adorado loucamente, e que por sua causa haviam enfrentado afoitamente toda a censura da sociedade e desafiado as convenções, viam-se empalidecer de vergonha ou horror se Dorian Gray entrava na sala.

No entanto, estes escândalos segredados só aumentavam, aos olhos de muitos, o seu estranho e perigoso encanto. A sua enorme fortuna era um

certificado de confiança. A sociedade, pelo menos a sociedade civilizada, nunca está predisposta a acreditar em tudo o que seja em detrimento daqueles que são simultaneamente ricos e fascinantes. Sente instintivamente que as maneiras são mais importantes do que a moral, e, em sua opinião, a respeitabilidade, por muito grande que seja, tem muito menos valor do que possuir-se um bom chef. E, afinal de contas, não serve de consolação dizerem-nos que o homem que nos ofereceu um péssimo jantar, ou um vinho de má qualidade, tem uma vida privada irrepreensível. As próprias virtudes cardeais não podem resgatar entrées quase frias, como uma vez observou Lord Henry num debate sobre o assunto, e provavelmente haverá muito a dizer em abono da sua opinião. Os cânones da boa sociedade, na verdade, são, ou deveriam ser, os mesmos que os da arte. A forma é-lhe absolutamente essencial. Devia ter a dignidade inerente a uma cerimónia, bem como a sua irrealidade, combinando o carácter insincero de uma peça romântica com o espírito e a beleza que tornam essas peças tão deliciosas para nós. Será a insinceridade assim tão terrível? Creio que não. É simplesmente um método que nos possibilita multiplicar as nossas personalidades.

De qualquer modo, era essa a opinião de Dorian Gray. Ficava surpreendido com a superficialidade da psicologia daqueles que concebem o Ego do homem como coisa simples, permanente, fidedigna e de essência única. Para ele, o homem era um ser que possui miríades de vidas e de sensações, uma criatura complexa e multiforme que levava dentro de si estranhas heranças de pensamento e paixão, e cuja carne estava contaminada pelas monstruosas doenças dos mortos. Adorava percorrer a fria e lúgubre galeria dos retratos da sua casa de campo e contemplar os vários retratos daqueles cujo sangue corria nas suas veias. Lá estava Philip Herbert, descrito por Francis Osborne nas suas Memórias dos Reinados da Rainha Isabel e do Rei Jaime I, como alguém que era acarinhado pela corte pela formosura de seu rosto, que não o acompanhou por muito tempo. A vida que por vezes levava teria sido a vida do jovem Herbert? Teria algum germe estranho e venenoso transitado de corpo para corpo até ter atingido o seu? Teria sido alguma vaga sensação dessa beleza destruída que o levara, tão de súbito e aparentemente sem motivo, a proferir, no atelier de Basil Hallward, a desvairada súplica que de tal modo modificara a sua vida? De gibão vermelho bordado a ouro, manto ornamentado de jóias, punhos e gola de orlas douradas, ali estava Sir Anthony Sherard, com a armadura negra e prateada aos pés. Qual teria sido o legado deixado por este homem? O amante de Giovanna de Nápoles ter-lhe-ia legado alguma herança de pecado e infâmia? Seriam os seus próprios actos apenas os sonhos que o morto não ousara realizar? Acolá, na tela desbotada, sorria Lady Elizabeth Devereux, com sua touca de gáze, peitilho de pérolas e mangas golpeadas cor-de-rosa. Tinha uma flor na mão direita, e a mão esquerda agarrava um colar esmaltado de rosas brancas e adamascadas. Na mesa ao lado estavam um bandolim e uma maçã. Os seus pequenos sapatos pontiagudos ostentavam grandes rosetas verdes. Conhecia a sua vida e as Histórias fantásticas acerca dos seus amantes. Teria ele herdado algo do seu temperamento? Aqueles olhos ovais e de pesadas pálpebras pareciam fitá-lo com curiosidade. E George Willoughby, de cabelo empoado e extravagantes sinais postiços? Tinha um ar tão perverso! Rosto taciturno e moreno, e nos lábios sensuais um trejeito de desdém. Delicados folhos de renda tombavam sobre as mãos descarnadas e amarelas sobrecarregadas de anéis. Fora um peralvilho do século XVIII e, na sua juventude, o amigo de Lord Ferrars. E aquele segundo Lord Beckenham, companheiro de pândegas do Príncipe

Regente e uma das testemunhas do casamento secreto com Mrs. Fitzherbert? Que elegante e altivo, com o cabelo castanho anelado e pose arrogante! Que paixões lhe teria legado? Fora considerado um infame no seu tempo. Organizara as orgias da Carlton House. A estrela da Jarreteira cintilava-lhe no peito. A seu lado, via-se o retrato da esposa, uma mulher pálida de lábios finos, vestida de preto. Também o sangue dela circulava no seu corpo. Como tudo lhe parecia estranho! E a sua mãe com um rosto de Lady Hamilton, e os lábios húmidos tingidos de vinho. Sabia o que herdara dela. Herdara a sua beleza e a paixão pela beleza dos outros. Ela ria-se para ele no seu vestido solto de bacante. Tinha folha de vide nos cabelos. O roxo transbordava da taça que estava segurando. Os rosados da tela haviam murchado, mas os olhos eram ainda deslumbrantes no brilho e intensidade da cor. Pareciam segui-lo para onde quer que fosse.

Porém, na literatura, assim como na própria família, tínhamos antepassados talvez de tipo e temperamento mais semelhantes, e de cuja influência teríamos, por certo, uma percepção mais perfeita. Havia momentos em que toda a história se apresentava a Dorian Gray simplesmente como uma crónica da sua própria vida, não como ele a vivera em acto e circunstância, mas como a sua imaginação lha inventara, como acontecera em seu cérebro e suas paixões. Tinha a sensação de as haver conhecido todas, essas estranhas e terríveis figuras que haviam passado pelo palco do mundo, e que tornaram o pecado tão maravilhoso e o mal tão pleno de subtileza. Parecia-lhe que, de modo misterioso, as suas vidas haviam sido a sua própria vida.

O herói do fantástico romance que exercera em sua vida tamanha influência também conhecera essa singular fantasia. No sétimo capítulo, conta como ele, de coroa de louros para não ser fulminado por um raio, se sentara, como Tibério, num jardim de Capri a ler os livros indecorosos de Elephantis, enquanto anões e pavões se passeavam à sua volta e o tocador de flauta zombava do rapaz do incensório, e, como Calígula, embriagara-se com os jóqueis de camisas verdes nas estrebarias e ceara numa manjedoura de marfim com um cavalo de testeira ornamentada de jóias, e, fazendo de Domiciano, vagueara por um corredor forrado de espelhos de mármore, procurando, com olhar desvairado, o reflexo do punhal que havia de pôr termo à sua vida, enfermando de ennui, esse terrível taedium vitae, que se abate sobre aqueles a quem a vida nada recusa, e, por uma límpida esmeralda, observara as rubras carnificinas do Circo e, depois, em liteira de pérolas e púrpura puxada por mulas de ferraduras de prata, fora transportado pela Rua das Romãs até a uma Casa do Ouro, e ouvira aclamarem Nero César à sua passagem, e, agora como Heliogábalo, pintara o rosto de cores várias, e fiara na roca junto com as mulheres, e trouxera a Lua de Cartago, entregando-a ao Sol em místicas núpcias.

Dorian lia vezes sem conta este fantástico capítulo, e também os dois capítulos que se Lhe seguiam, em que, como em estranhas tapeçarias ou em esmaltes habilmente trabalhados, se representavam as formas horrendas e belas daqueles que o vício, e o Sangue e o Tédio haviam transformado em monstros ou loucos, Filippo, duque de Milão, que matou a mulher e lhe pintou os lábios com um veneno escarlate, para que o amante sorvesse a morte do cadáver que acariciava, Pietro Barbi, o Veneziano, conhecido pelo nome de Paulo Segundo, que, devido à sua soberba, procurou assumir o título de Formoso, e cuja tiara, avaliada em duzentos mil florins, foi comprada ao preço de um pecado tremendo, Gian Maria Visconti, que utilizava cães para caçar homens vivos, e cujo cadáver assassinado foi coberto de rosas por uma

meretriz que o amara, o Bórgia montado em seu cavalo branco, com o Fratricídio cavalgando ao lado, e o manto manchado com o sangue de Perotto, Pietro Mario, o jovem cardeal-arcebispo de Florença, filho e favorito de Sisto IV, cuja beleza só era igualada pelo deboche, e que recebeu Leonor de Aragão num pavilhão de seda branca e carmesim, cheio de ninfas e centauros, e mandou dourar um rapaz, para que este servisse o banquete como Ganimedes ou Hilas, Ezzelin, cuja melancolia só se curava com o espectáculo da morte, e que tinha paixão pelo vermelho do sangue, assim como outros homens têm pelo vermelho do vinho - filho do Demónio, como era vulgarmente designado, trapaceara o pai aos dados quando jogava a própria alma, Giambattista Cibo, que por zombaria adoptou o nome de Inocente e em cujas tórpidas veias um médico judeu infundiu o sangue de três rapazinhos, Sigismondo Malatesta, amante de Isotta e senhor de Rimini, cuja efígie foi queimada em Roma como inimigo de Deus e do homem, e que estrangulou Polyssena com um guardanapo e envenenou Ginevra d'Este por uma taça de esmeralda, e que, em homenagem a uma paixão infame, construiu uma igreja pagã para culto cristão, Carlos VI, que amara a mulher do irmão com tal desvario que um leproso o avisara da loucura que o havia de acometer, e, quando o cérebro entrou em delírio, só o acalmavam cartas sarracenas em que figuravam o Amor e a Morte e a Loucura, e, com seu gibão ornamentado, boné recamado de jóias e caracóis parecendo acantos, Grifonetto Baglioni, que matou Astorre com a noiva, e Simonetto com seu pagem, e cuja formosura era tanta que, quando morria estendido na piazza amarela de Perugia, os que o haviam odiado não puderam evitar o pranto, e Atlanta, que o amaldiçoara, até o abençoou.

Havia em todos eles um horror fascinante. Via-os à noite e perturbavam-lhe a imaginação durante o dia. A Renascença conhecia estranhos processos de envenenamento – o envenenamento por meio de um elmo e um archote aceso, uma lua bordada e um leque ornamentado de jóias, uma dourada caixa de aromas e uma coleira de âmbar. Dorian Gray fora envenenado por um livro. Em certos momentos, considerava o mal como um simples meio de poder realizar a sua concepção do belo.

Capítulo XII

Foi a nove de Novembro, véspera do seu trigésimo oitavo aniversário, como depois haveria de se recordar tantas vezes.

Deviam ser onze horas quando, depois de ter jantado com Lord Henry, se dirigia para casa embrulhado num pesado casacão de peles, que a noite estava fria e o nevoeiro era cerrado. À esquina da Grosvenor Square com a South Audley Street, passou por ele, envolto pela bruma, um homem muito apressado e com a gola do sobretudo cinzento levantada. Levava uma mala. Dorian reconheceu-o. Era Basil Hallward. Apoderou-se dele uma inexplicável sensação de medo. Fingindo que não o reconhecia, continuou a caminhar muito depressa em direcção a casa.

Mas Hallward vira-o. Dorian ouviu-o primeiro parar no passeio, depois a correr atrás de si. Em breves instantes, a mão dele agarrava-lhe o braço.

- Dorian! Que sorte fantástica! Tenho estado a aguardá-lo na sua biblioteca desde as nove horas. Por fim tive pena do seu pobre criado e, quando me acompanhou à saída, disse-lhe que se fosse deitar. Vou para Paris no comboio da meia-noite, e precisava muito de o ver antes de partir. Bem me pareceu que era você, ou antes o seu casacão de peles, quando passou por mim. Mas não tinha a certeza. Não me reconheceu?

- Com este nevoeiro, meu caro Basil? Se eu nem consigo reconhecer a Grosvenor Square! Creio que a minha casa fica algures por aqui, mas não tenho a certeza. Tenho pena que voçê se vá ausentar, pois há séculos que não o vejo. Mas vai voltar em breve, creio?

- Não, vou ausentar-me de Inglaterra por seis meses. Tenciono alugar um atelier em Paris e ficar lá enclausurado até acabar um grande quadro que tenho na ideia. Contudo, não era de mim que queria falar. Ora cá estamos à sua porta. Permita-me que entre por uns minutos. Tenho uma coisa para lhe dizer.

- Com muito prazer. Mas não irá perder o comboio? - perguntou Dorian Gray, languidamente, subindo os degraus e abrindo a porta com a chave.

À luz do candeeiro, que a custo passava através do nevoeiro cerrado, Hallward olhou para o relógio.

- Tenho imenso tempo - respondeu. - O comboio não parte antes da meia-noite e quinze, e são apenas onze horas. Eu ia mesmo a caminho do clube procurá-lo, quando o encontrei. Bem vê, não vou perder tempo com a bagagem, pois já despachei a mais pesada. Só tenho esta mala comigo, por isso consigo chegar à estação Victoria em vinte minutos.

Dorian olhou para ele e sorriu.

- Que maneira de viajar para quem é pintor da moda! Com uma mala Gladstone e um sobretudo! Vamos entrar, não vá o nevoeiro meter-se dentro de casa. Mas veja lá se não fala de coisas sérias. Actualmente não há nada sério. Pelo menos, não deveria haver.

Hallward abanou reprovadoramente a cabeça, seguindo atrás de Dorian até à biblioteca. Na ampla lareira ardia um grande lume de lenha. Os candeeiros estavam acesos, e, sobre uma mesinha tauxiada, encontrava-se aberto um estojo holandês de prata para bebidas, com sifões de soda e grandes copos de cristal lapidado.

- Veja como o seu criado me pôs completamente à vontade, Dorian. Deu-me tudo o que eu quis, incluindo os seus melhores cigarros de ponta dourada. É um indivíduo muito amável. Gosto muito mais dele do que do francês que você tinha. A propósito, o que é feito do francês?

Dorian encolheu os ombros.

- Creio que casou com a criada de Lady Radley, e estabeleceu-a em Paris como costureira inglesa. Por lá a Anglomanie está agora muito em moda, pelo que oiço dizer. Uma palermice dos Franceses, não acha? Mas posso afirmar-lhe que ele não era um mau criado. Nunca gostei dele, mas não tinha razões de queixa. Às vezes imaginamos coisas totalmente absurdas. Ele era até de uma grande dedicação, e parecia muito penalizado quando se foi embora. Quer outro brandy com soda? Ou prefere vinho do Reno com água seltzer? Eu tomo sempre Reno com água seltzer.

Deve haver na sala ao lado.

- Obrigado, não tomo mais nada - respondeu o pintor, tirando o boné e o sobretudo e atirando-os para cima da mala, que havia colocado a um canto. - E agora, meu caro amigo, quero falar consigo muito a sério. Não faça esse ar tão aborrecido. Asim, você dificulta-me tudo muito mais.

- De que se trata? - exclamou Dorian, com seu modo petulante, atirando-se para o sofá. - Espero que não seja a meu respeito. Esta noite estou cansado de mim. Gostaria de ser outra pessoa.

- É a seu respeito - respondeu Hallward, na sua voz grave e profunda -, e tenho de Lho dizer. Só o vou demorar meia hora.

Dorian suspirou, e acendeu um cigarro.

- Meia hora! - disse em voz baixa.

- Não é pedir-lhe muito, Dorian, e é exclusivamente para seu bem que vou falar. Parece-me justo que você saiba que em Londres se dizem as coisas mais horríveis acerca de si.

- Não quero saber nada dessas coisas. Adoro os escândalos dos outros, mas os escândalos acerca da minha pessoa não me interessam. Falta-lhes o encanto da novidade.

- Deviam interessar-lhe, Dorian. Todo o homem que é um cavalheiro está interessado pelo seu bom nome. Você não há-de querer que falem de si como se fosse uma coisa desprezível e degradada. É claro que você tem a sua posição social, e a sua fortuna, e todas essas coisas. Mas a posição social e a fortuna não bastam. Para dizer a verdade, não acredito de modo algum nesses boatos. De qualquer modo, não consigo acreditar neles quando o vejo a si. O pecado é uma coisa que fica estampada no rosto de um homem. Não se pode ocultar. As pessoas falam às vezes de vícios secretos. Isso são coisas quenão existem. Se um desgraçado de um homem tiver um vício, este é visível nas comissuras dos lábios, no descair das pálpebras, até na forma das mãos. Certa pessoa, de quem não vou revelar o nome, mas que você conhece, veio o ano passado ter comigo para eu lhe fazer o retrato. Nunca a vira antes, nem nunca ouvira falar dela até então, embora tenha ouvido muitas coisas depois disso. Propôs-me um preço exorbitante. Recusei. Havia qualquer coisa no feitio dos seus dedos que detestei. Sei agora que eu tinha muita razão em relação ao que imaginava acerca dela. Leva uma vida medonha. Mas você, Dorian, com esse rosto puro, luminoso, inocente, e a sua espantosa juventude incorrupta... não posso acreditar em nada do que dizem contra si. E, no entanto, vejo-o muito raramente, e você agora nunca vai ao atelier. Quando estou afastado de você e oiço todas essas coisas hediondas que as pessoas segredam a seu respeito, não sei o que dizer. Dorian, porque é que um homem como o duque

de Berwick sai da sala de um clube quando você entra? Por que é que muitos cavalheiros de Londres não vão visitá-lo a sua casa, nem o convidam à deles? Você era amigo de Lord Staveley. Encontrei-o na semana passada ao jantar. Quando o seu nome surgiu casualmente a meio da conversa, a propósito das miniaturas que você emprestou para a exposição de Dudley, Staveley fez um trejeito de desprezo, dizendo que você teria excelente gosto artístico, mas era um homem que nenhuma menina de espírito ingénuo devia ser autorizada a conhecer, e com quem nenhuma mulher honesta se deveria sentar na mesma sala. Fiz-lhe lembrar que eu era seu amigo, e perguntei-lhe o que pretendia dizer com aquelas insinuações. E disse-me. Disse-mo mesmo ali diante de toda a gente. Foi horrível! Por que será que a sua amizade traz tanta desgraça aos jovens? Houve o caso daquele infeliz rapaz da guarda real que se suicidou. Você era um grande amigo dele. E houve o de Sir Henry Ashton, que teve de sair de Inglaterra, com a sua repùtação manchada. Você e ele eram inseparáveis. E que dizer de Adrian Singleton, e do fim terrível que teve? E o filho único de Lord Kent e a sua carreira? Encontrei ontem o pai na St. Jamess Street. Parecia destroçado de vergonha e desgosto. Como explica o caso do jovem duque de Perth? Que género de vida é a dele agora? Que homem de bem gostaria de andar na sua companhia?

- Basta, Basil! Você fala de coisas que desconhece – disse Dorian Gray, mordendo o lábio, e com um tom de incomensurável desprezo na voz. - Pergunta-me por que sai Berwick da sala quando eu entro. E porque sei tudo da vida dele, e não porque ele saiba alguma coisa da minha. Com o tipo de sangue que lhe corre nas veias, como poderia ter uma história limpa? Quer explicações sobre Henry Ashton e o jovem Perth. Fui acaso eu que ensinou os vícios a um, e o deboche ao outro? Se o idiota do filho do Kent foi casar com uma mulher da rua, que tenho eu a ver com isso? Se Adrian Singleton assina uma letra com o nome do amigo, acaso sou seu guardião? Sei bem como é a tagarelice em Inglaterra. As classes médias fazem alarde dos seus preconceitos morais durante os seus reles jantares e dizem segredinhos sobre aquilo a que chamam a libertinagem das classes superiores, a fim de fingir que convivem com a sociedade distinta e que são íntimos das pessoas que difamam. Neste país, basta que um homem tenha distinção e inteligência para que todas as más línguas o ataquem. E que vidas levam estas mesmas pessoas que se fazem passar por modelos de virtudes? Meu caro amigo, você esquece-se de que vive no país natal dos hipócritas.

- Dorian - exclamou Hallward -, não é essa a questão. A Inglaterra é bastante má, eu sei, e a sociedade inglesa está muito mal. É por esse motivo que eu quero que você seja perfeito. E você não o tem sido. Temos o direito de julgar um homem pelos efeitos que produz sobre os amigos. Os seus amigos parecem ter perdido todo o sentido de honra, de bondade, de pureza. Você instilou-lhes a loucura do prazer. Desceram ao mais fundo da degradação. Foi você que os levou até lá. Sim, foi você, e, entretanto, consegue sorrir, comoestá a sorrir agora. E há pior ainda. Sei que você e o Harry são inseparáveis. De certo, por essa razão, se não for por mais nenhuma, você não deveria ter posto a ridículo o nome da irmã.

- Tome cuidado, Basil. Está a ir longe demais.

- Eu tenho de falar, e você tem de ouvir: E há-de ouvir. Quando conheceu Lady Gwendolen, ela nunca fora atingida por nenhum sopro de escândalo. Haverá em Londres uma única mulher honesta que queira agora andar de carruagem com ela no Parque? Ora se até nem permitem que os filhos vivam com ela. Depois há ainda outras histórias... que o viram de madrugada a sair

furtivamente de tugúrios horrendos e a introduzir-se sorrateiramente, e disfarçado, nos mais sórdidos antros de Londres. Serão verdadeiras? Será possível que o sejam? Quando as ouvi pela primeira vez, limitei-me a rir. Ao ouvi-las agora, estremeço de horror. E que se passa com a sua casa de campo, e a vida que lá se leva? Dorian, você nem sabe o que dizem de si. Não lhe direi que não lhe quero pregar um sermão. Lembro-me de uma vez o Harry dizer que sempre que um homem fazia de padre amador por um instante começava sempre por dizer isso, e depois passava a faltar à palavra. Eu quero mesmo pregar-lhe um sermão. Quero que leve um estilo de vida que Lhe granjeie o respeito do mundo. Quero que tenha um nome impoluto e uma história sem mancha. Quero que se afaste da companhia das pessoas horrendas com quem convive. Não encolha os ombros, nem se mostre tão indiferente. Você tem um fantástico poder de influência. Utilize-o para o bem, e não para o mal. Dizem que corrompe todos aqueles de quem se torna íntimo, e que basta que entre numa casa para que, logo a seguir, aconteça uma infâmia. Não sei se é verdade, ou não. Como hei-de saber? Mas é o que dizem de si. Contam-me coisas de que, ao que parece, é impossível duvidar. Lord Gloucester foi um dos meus maiores amigos dos tempos de Oxford. Mostrou-me uma carta que a esposa lhe escrevera quando estava a morrer, sozinha, na sua villa de Menton. O seu nome, Dorian, aparecia envolvido na mais terrível confissão que alguma vez li. Disse-lhe que isso era absurdo, que o conhecia perfeitamente, e que você seria incapaz desse tipo de coisas. Conhecê-lo? Será que o conheço? Antes de poder responder, gostaria de ver a sua alma.

- Ver a minha alma! - balbuciou Dorian Gray, levantando-se sobressaltado, quase lívido de medo.

- Sim - respondeu Hallward, com certa gravidade e uma profunda tristeza na voz -, ver a sua alma. Mas só Deus o pode fazer.

Uma risada amarga e escarninha irrompeu dos lábios do maisjovem.

- Há-de vê-la você mesmo, esta noite! - gritou ele, agarrando num candeeiro de cima da mesa. - Venha: é a obra feita pelas suas próprias mãos. Por que não há-de contemplá-la? Depois pode falar dela ao mundo, se quiser.

- Ninguém iria acreditar em si. Se acreditassem, ficariam ainda mais a gostar de mim. Conheço melhor do que você a nossa época, apesar de você dissertar sobre ela de maneira tão enfadonha. Venha, digo-lhe. Você papagueou bastante sobre corrupção. Pois agora vai olhá-la cara a cara.

Cada palavra que proferia tinha o delírio da arrogância. Batia com o pé no chão, com seus modos insolentes de rapazinho. Sentia uma alegria tremenda só de pensar que mais alguém ia partilhar do seu segredo, e que o autor do retrato que estava na origem de toda a sua vergonha havia de carregar para o resto da vida com o peso da memória hedionda da sua obra.

- Sim - prosseguiu ele, aproximando-se mais do pintor, e sem desviar os olhos do seu olhar severo. - Vou mostrar-lhe a minha alma. Há-de ver aquilo que imagina que só Deus pode ver.

Hallward recuou.

- Isso é uma blasfémia, Dorian! - gritou. - Não deve dizer essas coisas. São terríveis e não significam nada.

- Acha?

E riu de novo.

- Acho... E sei. Quanto ao que lhe disse esta noite, fi-lo para seu bem. Bem sabe que tenho sido sempre um amigo dedicado.

- Não quero que me toque. Acabe o que tem a dizer.

O rosto de Hallward contraiu-se num breve esgar de dor. Deteve-se um instante, e arrebatou-o um sentimento de piedade. Afinal, que direito tinha ele de se imiscuir na vida de Dorian Gray? Se ele fizera um décimo do que se dizia nos boatos que corriam, quanto devia ter sofrido! Depois endireitou-se, e, aproximando-se da lareira, quedou-se a olhar para as achas incandescentes, cobertas pela sua geada de cinzas e esbraseadas pelas suas chamas crepitantes.

- Estou à espera, Basil - disse o jovem, em voz dura e nítida.

O pintor voltou-se.

- O que tenho a dizer é o seguinte - exclamou. - Tem de me dar respostas às acusações horrendas feitas contra si. Se me disser que são inteiramente falsas do princípio ao fim, eu acredito. Negue-as, Dorian, negue-as! Não vê como sofro? Meu Deus! Não me diga que você é mau, e corrupto, e ignóbil...

Dorian Gray sorriu. Os lábios contraíam-se num trejeito de desdém.

- Acompanhe-me lá acima, Basil - disse ele calmamente. - Registo dia a dia o diário da minha vida, e nunca sai do quarto em que o escrevo. Posso mostrar-Lho se vier comigo.

- Vou consigo, Dorian, se assim o desejar. Vejo que perdi o comboio. Não importa. Posso ir amanhã. Mas não me peça para ler alguma coisa esta noite. Quero apenas uma resposta franca à minha pergunta.

- Ser-lhe-á dada lá em cima. Não poderia dá-la aqui. E não perderá muito tempo a ler.

Capítulo XIII

Saiu da sala, e começou a subir, com Basil Hallward seguindo logo atrás de si. Subiam com passos silenciosos, como os homens fazem instintivamente à noite. O candeeiro projectava sombras grotescas na parede e nas escadas. Ouviam-se algumas janelas a bater, sacudidas pelo vento que se levantara.

Quando chegaram ao último patamar, Dorian pousou o candeeiro no chão, tirou a chave do bolso e fê-la rodar na fechadura.

- Insiste em querer saber, Basil? - perguntou, sussurrando.

- Sim, insisto.

- Muito me apraz - respondeu, sorrindo. Depois, acrescentou rispidamente: - É o único homem do mundo que tem o direito de saber tudo acerca de mim. Você teve mais influência na minha vida do que possa imaginar.

E, pegando no candeeiro, abriu a porta e entrou. Passou por eles uma corrente de ar frio, fazendo levantar bruscamente a chama, que tomou uma tonalidade de um laranja-escuro. O rapaz estremeceu.

- Feche a porta - sussurrou, pousando o candeeiro na mesa.

Hallward olhou à sua volta, perplexo. O quarto parecia não ter sido habitado havia muitos anos. Uma desbotada tapeçaria flamenga, um quadro encoberto por uma cortina, um velho cassone italiano e uma estante quase vazia eram, ao que parecia, todo o conteúdo do quarto, além de uma cadeira e uma mesa. Quando Dorian Gray acendeu o resto de uma vela que estava no rebordo da chaminé, viu que estava tudo coberto de pó e que o tapete se encontrava todo esburacado. Ouvia-se um rato à bulha por detrás dos lambris. Cheirava a bafio e bolor.

- Pensa então que só Deus pode ver a alma, Basil? Afaste essa cortina, e verá a minha.

A voz que assim falava era fria e cruel.

- Você enlouqueceu, Dorian, ou então está a representar - murmurou Hallward, de sobrolho franzido.

- Não quer? Então afasto-a eu - dísse o jovem, e puxou a cortina, atirando-a ao chão.

O artista gritou horrorizado, quando viu, na semiobscuridade, a face hedionda da tela que para ele sorria com um esgar. Havia qualquer coisa naquela expressão que lhe provocava repulsa e nojo. Deus do Céu! Tinha mesmo à sua frente a cara de Dorian Gray! O horror, por muito grande que fosse, não completará os seus estragos naquela beleza deslumbrante. Havia ainda reflexos dourados no cabelo ralo e um vivo rubor na boca sensual. Os olhos mortiços haviam conservado um pouco da beleza do azul, e não se havia desvanecido toda a nobreza das curvas perfeitas das narinas e da flexibilidade do pescoço. Sim, era Dorian, sem dúvida. Mas quem fizera aquilo? Parecia reconhecer as suas pinceladas, e a moldura era a que ele desenhara. Era uma ideia monstruosa, mas não deixava de sentir medo. Pegou na vela acesa e aproximou-a do retrato. No canto esquerdo via-se o seu nome, em grandes letras traçadas a vermelhão vivo.

Tratava-se de uma imitação torpe, de uma sátira infame e ignóbil. Ele nunca fizera aquilo. No entanto, era de facto o seu quadro! Sabia que era, e tinha a sensação de que o calor do seu sangue passara rapidamente para um

gelo de morte. O seu próprio quadro! Que significava isto? Por que se alterara? Voltou-se, e olhou para Dorian Gray com o olhar de um homem perturbado. A boca contorcia-se, e a língua ressequida parecia incapaz de articular qualquer som. Passou a mão pela testa.

Estava húmida de um suor pegajoso.

O jovem estava encostado ao rebordo da chaminé, a observá-lo com uma expressão singular, que se vê nos rostos dos que se encontram absorvidos por uma peça de teatro quando está em cena um grande actor. Não manifestava tristeza, nem alegria. Tão-somente a paixão do espectador, divisando-se talvez um certo relampejo de triunfo nos olhos. Tirara a flor da lapela do casaco, e cheirava-a, ou fingia cheirar.

- O que significa isto? - exclamou, por fim, Hallward, a quem a própria voz soava aguda e estranha.

- Há anos, era eu um rapaz - disse Dorian Gray, esmagando a flor na mão -, você conheceu-me, lisonjeou-me, e ensinou-me a ter vaidade da minha beleza. Um dia, apresentou-me a um amigo seu, que me esclareceu sobre a maravilha da juventude. Entretanto, você terminou o meu retrato que revelava a mim próprio a magia da beleza. Num momento de loucura que, ainda agora, não sei se lamente ou não, formulei um desejo, talvez se lhe pudesse chamar uma prece...

- Eu lembro-me! Ah! Lembro-me tão bem! Não, isso é impossível! O quarto é húmido. Foi o bolor que se infiltrou na tela. As tintas que utilizei teriam algum péssimo veneno mineral. Digo-lhe que isso é impossível.

- Mas o que será impossível? - murmurou o jovem, aproximando-se da janela e encostando a fronte contra a vidraça fria e embaciada.

- Você disse-me que o destruíra.

- Fiz mal. Ele é que me destruiu.

- Não acredito que seja este o meu quadro.

- Não vislumbra nele o seu ideal? - perguntou Dorian, com amargura.

- O meu ideal, como você lhe chama...

- Como você lhe chamou.

- Não tinha nada de mal, nada de ignóbil. Você representava para mim um ideal como jamais voltarei a encontrar. Este é o rosto de um sátiro.

- É o rosto da minha alma.

- Céus! Que coisa havia eu de adorar! Tem os olhos de umdemónio.

- Cada um de nós tem dentro de si o Céu e o Inferno, Basil - gritou Dorian, esboçando um desvairado gesto de desespero.

Hallward voltou-se de novo para o retrato, e fitou-o com assombro.

- Meu Deus! Se for verdade - exclamou -, e isto representar o que fez da sua vida, então você deve ser ainda pior do que imaginam aqueles que contra si falam!

Levantou a vela para iluminar novamente o quadro, e examinou-o. A superfície parecia inalterada, tal como a deixara. Era de dentro que, manifestamente, a fealdade e o horror se haviam alastrado. Através de algum estranho despertar de vida interior, a lepra do pecado ia lentamente devorando o retrato. A putrefacção de um cadáver numa cova húmida não era tão horrenda.

A mão tremeu-lhe, e a vela tombou do bocal para o chão, onde ficou a espirrar cera. Pôs-lhe o pé em cima e apagou-a. Depois, sentou-se desamparado na frágil cadeira que estava junto da mesa e pôs a cara entre as mãos.

- Santo Deus, Dorian, que lição! Que terrível lição!

Não obteve resposta, mas ouvia o jovem a soluçar junto à janela.

- Reze, Dorian, reze - disse baixinho. - O que é que nos ensinaram a rezar na nossa meninice? Não nos deixeis cair em tentação. Perdoai-nos os nossos pecados. Livrai-nos do mal. Vamos dizê-la juntos. A prece do seu orgulho foi atendida. Também será atendida a prece do seu arrependimento. Eu adorei-o demasiado. Ambos fomos castigados.

Dorian Gray voltou-se lentamente, e fitou-o, os olhos marejados de lágrimas.

- Agora é tarde demais, Basil - balbuciou.

- Nunca é tarde demais, Dorian. Ajoelhemo-nos e vamos tentarlembrar-nos de uma oração. Não há um versículo que diz:

«Embora os teus pecados sejam negros, torná-los-ei brancos como a neve"?

- Essas palavras agora nada significam para mim.

- Cale-se! Não diga isso. Já fez bastante mal na sua vida. Meu Deus! Não vê aquela coisa maldita a deitar-nos um olhar tão maligno?

Dorian Gray olhou o quadro de relance e, de súbito, apoderou-se dele um desenfreado sentimento de ódio por Basil Hallward, como se lhe houvesse sido sugerido pela imagem da tela, segredado ao ouvido por aqueles lábios arreganhados num sorriso. Ferviam dentro de si as paixões violentas de um animal acossado, e abominou o homem sentado à mesa, mais do que abominara o que quer que fosse em toda a sua vida. Alucinado, olhou rapidamente em redor. Viu qualquer coisa reluzente sobre a arca pintada que estava mesmo em frente. Sabia o que era. Uma faca que trouxera uns dias antes para cortar um pedaço de corda, e que se esquecera de levar. Aproximou-se dela devagar, passando perto de Hallward. Assim que se encontrou atrás dele, agarrou-a e voltou-se rapidamente. Hallward mexeu-se na cadeira, como se fosse levantar-se. Precipitou-se sobre ele, e enterrou-lhe a faca na jugular por detrás da orelha. Comprimindo a cabeça do homem contra a mesa, espetou a faca repetidas vezes.

Ouviu-se um gemido abafado, e o som horrível de alguém sufocado pelo sangue. Por três vezes os braços esticados ergueram-se convulsivamente, agitando no ar as mãos grotescas de dedos hirtos. Esfaqueou-o mais duas vezes, mas o homem já não se mexia. Começou a escorrer qualquer coisa para o chão. Esperou um pouco, continuando a empurrar a cabeça para baixo. Depois, atirou a faca para cima da mesa, e ficou à escuta.

Só ouvia o gotejar sobre o tapete puído. Abriu a porta e saiu para o patamar. A casa estava em absoluto silêncio. Não andava por ali ninguém. Durante uns segundos deteve-se debruçado na balaustrada, a perscrutar o negro abismo fervilhante das trevas. Tirou então a chave do bolso e voltou para o quarto, trancando-se em seguida.

Aquilo continuava sentado na cadeira, contorcido por cima da mesa, a cabeça pendida, as costas curvadas, os braços longos e grotescos. Não fora o rasgão vermelho golpeado no pescoço, e a poça escura coagulada a alastrar-se lentamente pela mesa, dir-se-ia que o homem estava apenas adormecido.

Fora tudo tão rápido! Sentia uma calma surpreendente, e, aproximando-se da porta envidraçada, abriu-a e saiu para a varanda. O vento dissipara o nevoeiro, e o céu parecia a cauda de um gigantesco pavão constelado de miríades de olhos dourados. Olhou para baixo e viu o polícia no seu giro a incidir o longo feixe de luz da lanterna nas portas das casas adormecidas. A mancha carmesim de um fiacre errante rutilou à esquina para, em seguida, desaparecer. Uma mulher de xale esvoaçante arrastava-se vagarosamente

junto ao gradeamento, cambaleando. De vez em quando parava e olhava para trás. Uma vez, começou a cantar numa voz rouca. O polícia abeirou-se dela e disse-lhe qualquer coisa. Ela riu-se, e afastou-se, no mesmo andar cambaleante. Uma forte rajada de vento varreu a Praça. A chama dos candeeiros bruxuleou e ficou azul, e as árvores nuas balouçaram os seus ramos escuros e robustos. Ele sentiu um arrepio e voltou para dentro, fechando de imediato a porta da varanda.

Chegou à porta do quarto, rodou a chave e abriu-a. Nem sequer olhou para o homem assassinado. Tinha a sensação de que o segredo de tudo o que sucedera estaria em não se aperceber da situação. O amigo que pintara o retrato fatídico, ao qual se devia toda a sua desgraça, saíra da sua vida. E isso bastava.

Depois, lembrou-se do candeeiro. Era um trabalho mourisco bastante original, de prata fosca com incrustações de aço polido, e cravejado de turquesas por lapidar. O criado poderia notar a sua falta, o que daria azo a perguntas. Hesitou um pouco, depois voltou atrás e levantou-o da mesa. Não pôde deixar de ver o morto. Como estava imóvel! Que horrivelmente brancas estavam as suas mãos esguias! Parecia uma assustadora imagem de cera.

Depois de ter trancado a porta ao sair, esgueirou-se pelas escadas de mansinho. A madeira rangeu, como um grito de dor. Parou várias vezes, e ficou atento. Não era nada, estava tudo em silêncio. Era apenas o som dos seus próprios passos.

Quando chegou à biblioteca, viu ao canto a mala e o sobretudo. Era forçoso escondê-los. Abriu a porta de um armário secreto disfarçado nos lambris, onde costumava guardar os seus estranhos disfarces, e colocou-os aí. Teria oportunidade de os queimar mais tarde. Depois puxou do relógio. Faltavam vinte minutos para as duas da manhã.

Sentou-se, e pôs-se a pensar. Todos os anos, mesmo quase todos os meses, enforcavam-se homens em Inglaterra por aquilo que acabara de fazer. Pairava no ar uma fúria assassina. Alguma estrela rubra que se aproximara demasiado da terra... E, no entanto, que provas havia contra ele? Basil Hallward saíra desta casa às onze. Ninguém o vira voltar a entrar. A maior parte dos criados encontrava-se em Selby Royal. O seu criado pessoal fora-se deitar... Paris! Era isso mesmo. Foi para Paris que Basil viajara, e no comboio da meia-noite, como era sua intenção. Devido aos seus singulares hábitos de discrição, passar-se-iam meses antes que se levantasse qualquer suspeita. Meses! Podia fazer desaparecer tudo muito antes disso.

Ocorreu-lhe de repente uma ideia. Vestiu o casacão de peles, pôs o chapéu e dirigiu-se para o vestíbulo. Aí parou, a ouvir lá fora os passos vagarosos e pesados do polícia no passeio, e a ver o clarão do foco reflectido na janela. Ficou à espera, de respiração suspensa.

Pouco tempo depois, puxou a lingueta da fechadura e saiu rapidamente, fechando a porta sem fazer ruído. Em seguida, começou a tocar à campainha. Passados uns cinco minutos, apareceu-lhe o criado, meio vestido e com ar estremunhado.

- Desculpe tê-lo obrigado a acordar, Francis - disse ele ao entrar -, mas esqueci-me da chave da porta. Que horas são?

- Duas e dez, senhor - respondeu o homem, olhando para orelógio e a pestanejar.

- Duas e dez? Tão tarde! Acorde-me às nove. Tenho que fazer.

- Muito bem, senhor.

- Apareceu alguma visita esta noite?

- Mr. Hallward, senhor: Esteve aqui até às onze, e depois foi-se embora para apanhar o comboio.

- Oh! Que pena não o ter visto. Deixou algum recado?

- Não, senhor. Só disse que escreveria de Paris, se não encontrasse o senhor no clube.

- É tudo, Francis. Não se esqueça de me acordar às nove.

- Não esqueço, senhor.

O homem retirou-se, arrastando os chinelos pelo corredor.

Dorian Gray atirou com o casaco e o chapéu para cima damesa, e dirigiu-se para a biblioteca. Durante um quarto de hora, passeou de um lado para o outro, pensativo.

Depois, tirou de uma das prateleiras o Livro Azul e pôs-se afolheá-lo. Alan Campbell, 152, Hertford Street, Mayfair. Cá estava. Era esse o homem de que iria precisar.

Capítulo XIV

Às nove da manhã, o criado entrou com uma chávena de chocolate num tabuleiro, e abriu as portadas das janelas. Dorian dormia tranquilamente, deitado sobre o lado direito, com a mão sob a face. Parecia um rapazinho cansado de brincar, ou de estudar.

O criado teve de lhe tocar duas vezes no ombro para o acordar. Quando abriu os olhos, perpassou-lhe pelos lábios um leve sorriso, como se tivesse andado perdido num sonho delicioso. Porém, não tivera sonho algum. O seu sono não fora perturbado por imagens de prazer, nem de dor. Mas a mocidade ri sem motivo. É um dos seus principais encantos.

Voltou-se e, apoiado no cotovelo, começou a tomar o seu chocolate. O brando sol de Novembro entrava a jorros no quarto. O céu estava luminoso, e o ar era cálido e suave. Quase como numa manhã de Maio.

A pouco e pouco, com pés silenciosos e tintos de sangue, os acontecimentos da noite anterior insinuavam-se-lhe no cérebro, e reconstituíam-se aí com uma nitidez tremenda. Estremeceu ao recordar tudo o que sofrera, e, por um breve momento, tornou a sentir a estranha aversão que o levara a matar Basil Hallward, quando este se encontrava sentado na cadeira, e gelou com a emoção sentida. O morto ainda lá estava sentado e, agora, ao sol. Que horrível! Essas coisas medonhas pertenciam às trevas, e não à claridade.

Sentiu que se cismasse naquilo por que passara ficaria doente ou louco. Certos pecados possuem mais fascínio na memória do que no próprio acto de os cometer, estranhos triunfos que satisfaziam mais o orgulho do que as paixões, e que proporcionavam ao intelecto uma intensa sensação de júbilo, maior do que qualquer júbilo que trouxessem, ou pudessem trazer, aos sentidos. Mas este era de natureza diferente. Essa coisa tinha de ser afastada da mente, ou narcotizada com papoilas, ou estrangulada, não fosse ela a estrangular.

Quando soou a meia hora, passou a mão pela testa, e depois levantou-se rapidamente. Vestiu-se com mais esmero do que habitualmente, escolhendo meticulosamente a gravata e o alfinete, e mudando várias vezes de anéis. Tomou o pequeno-almoço demoradamente, saboreando os diversos pratos, falando com o seu criado a propósito das novas librés que pensava mandar fazer para os criados de Selby, e passando os olhos pela correspondência. Umas cartas fizeram-no sorrir. Outras aborreceram-no. Houve uma que leu repetidas vezes, a seguir rasgou-a, com um leve ar de enfado. Que coisa horrível, a memória de uma mulher! como uma vez dissera Lord Henry.

Depois de ter bebido o café, limpou vagarosamente os lábios ao guardanapo, fez sinal ao criado que esperasse, e sentou-se à mesa a escrever duas cartas. Meteu uma no bolso e entregou a outra ao criado.

- Francis, leve esta carta ao n.o 152 da Hertford Street, e se Mr. Campbell não estiver em Londres, veja se consegue o seu endereço.

Assim que ficou só, acendeu um cigarro e começou a desenhar, num pedaço de papel, primeiro flores e esboços de arquitectura, e depois rostos. Subitamente, notou que cada rosto que desenhava parecia ter uma parecença extraordinária com Basil Hallward. De semblante carregado, levantou-se e

dirigiu-se à estante, de onde tirou um volume ao acaso. Estava decidido a não pensar no que lhe acontecera, salvo quando fosse absolutamente necessário.

Depois de estendido no sofá, olhou para o título do livro: Era Emaux et Camées, de Gautier, uma edição Charpentier em papel japonês, com uma água-forte de Jacquemart. Estava encadernado em pele verde-limão, com um desenho dourado de entrelaçados e semeado de romãs.

Fora-lhe oferecido por Adrian Singleton. Ao virar as páginas, deparou com um poema sobre a mão de Laenaire, á gélida mão amarela du supplice encore mal lavée, de penugentos pêlos arruivados e doigts de faune. Olhou para os seus dedos brancos e esguios com um arrepio involuntário, e continuou a folhear o livro, até chegar àquelas preciosas estrofes sobre Veneza:

Sur une gamme chromatique,
Le sein de perles ruisselant,
La Vénus de l'Adriatique
Sort de l'eau son corps rose et blanc.

Les domes, sur l'ázur des ondes
Suivant la phrase au pure contour,
S'enflent comme des gorges rondes
Que soulève un soupir d'amour.

L'esquife aborde et me dépose
Jetant son amarre au pilier,
Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.

Que belas! Ao ler estas estrofes, tinha-se a sensação de deslizar pelos verdes canais da cidade pérola e rosa, sentados em negra gôndola de proa prateada e de cortinas a arrastar. Os simples versos pareciam-lhe aquelas linhas rectas de cor azul-turquesa que nos seguem quando se sai do Lido. Os súbitos lampejos coloridos faziam-lhe lembrar o fulgor das aves de irisado pescoço opalino que esvoaçam em redor do alto Campanile alveolado, ou se passeiam com majestosa graciosidade pelas arcadas sombrias e poeirentas. Recostado, de olhos semicerrados, repetia vezes sem conta:

Devant une façade rose,
Sur le marbre dun escalier.

Toda a Veneza estava naqueles dois versos. Recordou-se do Outono que lá passara, e de um amor maravilhoso que o arrastara para delirantes e maravilhosas loucuras. Havia aventuras amorosas em toda a parte. Mas Veneza, tal como Oxford, conservara o cenário romanesco, e, para o verdadeiro romântico, o cenário era tudo, ou quase tudo. Basil estivera com ele durante parte desse tempo, e ficara louco por Tintoretto. Pobre Basil! Que maneira horrível de um homem morrer!

Suspirou e, pegando de novo no livro, procurou esquecer. Leu sobre as andorinhas que voam para dentro e fora de um pequeno café de Esmirna, onde os hadjis se sentam a desfiar as suas contas de âmbar, e os mercadores de turbante fumam os seus longos cachimbos de borlas e conversam com certa gravidade uns com os outros, leu sobre o Obelisco da Praça da

Concórdia, que chora lágrimas de granito em seu exílio solitário e sem sol, e anseia por regressar ao calor do Nilo coberto de lótus, onde há esfinges, e íbis de um rosa vivo, e abutres brancos de garras douradas, e crocodilos de pequenos olhos de berilo que se arrastam pelo lodo verde e fumegante, pôs-se a meditar naqueles versos que, extraindo música do mármore manchado de beijos, falam daquela estátua singular que Gautier compara a uma voz de contralto, o monstre charmant que jaz na sala de pórfiro do Louvre.

Mas, passado algum tempo, o livro caiu-lhe das mãos. Tomado de um pavoroso acesso de terror, começou a sentir-se nervoso. E se Alan Campbell se tivesse ausentado de Inglaterra? Só poderia regressar depois de terem passado alguns dias. Talvez recusasse vir. Nesse caso, que poderia ele fazer? Cada momento que passava era de vital importância. Haviam sido amigos cinco anos atrás, amigos inseparáveis até. Depois a intimidade entre eles terminara abruptamente. Quando agora se encontravam em convívios sociais, Dorian Gray era o único que sorria, Alan Campbell nunca sorria.

Era um jovem extremamente inteligente, embora não tivesse verdadeiro apreço pelas artes visuais, e a reduzida sensibilidade pela beleza da poesia devia-se inteiramente a Dorian. A sua paixão intelectual predominante era votada à ciência. Em Cambridge, passara grande parte do seu tempo a trabalhar no laboratório, e tivera uma boa classificação no exame final de Ciências da Natureza. Na verdade, ainda se dedicava ao estudo da química, e tinha um laboratório só seu, onde costumava encafuar-se o dia inteiro, para grande desespero da mãe, que se empenhara na sua candidatura ao Parlamento e tinha uma vaga ideia de que um químico era uma pessoa que fazia receitas. Ele era, todavia, também excelente músico, e tocava violino e piano melhor do que numerosos amadores. De facto, foi a música que aproximou os dois, ele e Dorian Gray, a música, e aquela atracção indizível que Dorian parecia saber exercer sempre que desejava, mas que chegava também a ser exercida inconscientemente. Tinham travado conhecimento em casa de Lady Berkshire na noite em que Rubenstein dera lá um concerto, e depois disso costumavam ser vistos juntos na Ópera e onde quer que se tocasse boa música. A intimidade entre eles durou dezoito meses. Campbell estava sempre em Selby Royal ou na Grosvenor Square. Para ele, assim como para muitos outros, Dorian Gray era o modelo de tudo o que é maravilhoso e fascinante na vida. Se houvera, ou não, uma desavença entre eles, ninguém sabia. Mas, de repente, as pessoas notaram que eles mal se falavam quando se encontravam, e que Campbell parecia retirar-se sempre cedo de qualquer reunião social em que Dorian estivesse presente. E também se modificara: às vezes estava inexplicavelmente melancólico, quase parecia detestar ouvir música, e nunca mais tocara, desculpando-se, quando a isso se via obrigado, com a falta de tempo para praticar, pois a ciência absorvia-o muito. E isto era mesmo verdade. Parecia interessar-se cada vez mais por biologia, e o seu nome apareceu uma ou duas vezes em algumas revistas científicas, associado a determinadas experiências curiosas.

Era este o homem que Dorian Gray aguardava. A cada segundo olhava para o relógio. À medida que os minutos avançavam, ia ficando tremendamente agitado. Por fim, levantou-se e começou a passear na sala, de um lado para o outro, parecendo qualquer coisa de muito belo dentro de uma jaula. Dava longas passadas furtivamente. Tinha as mãos geladas.

A expectativa tornava-se insuportável. O tempo parecia arrastar-se com pés de chumbo, enquanto ele era arrastado por ventos monstruosos para a berma escarpada da negra fenda de um precipício. Sabia o que o esperava lá,

chegava mesmo a vê-lo, e, a tremer, pressionava com as mãos húmidas de suor as pálpebras escaldantes, como se quisesse roubar a visão ao próprio cérebro e empurrar os globos oculares para o fundo das órbitas. Era inútil. O cérebro tinha alimento próprio que o sustentava, e a imaginação, que o terror tornava grotesca, enroscada e distorcida como ser vivo em sofrimento, dançava como uma marioneta imunda sobre um estrado, e arreganhava os dentes através de máscaras móveis. Depois, subitamente, o Tempo parou. Sim, aquela coisa cega, de lento arfar, já não se arrastava, e os pensamentos medonhos, agora que o Tempo estava morto, correram ligeiros e puxaram para fora da sepultura um futuro hediondo, e mostraram-Lho. Ele fitou-o, petrificado de horror.

Por fim, abriu-se a porta e o criado entrou. Dorian volveu-lhe um olhar vago.

- Chegou Mr. Campbell, senhor - disse o criado.

Um suspiro de alívio brotou-lhe dos lábios ressequidos, e as faces retomaram cor.

- Peça-lhe que entre imediatamente, Francis.

Sentia-se de novo senhor de si. O acesso de cobardia passara.

O criado saiu, com uma vénia. Pouco depois, entrou Alan Campbell, de semblante severo e um pouco pálido, uma palidez realçada pelo cabelo negro e pelas sobrancelhas escuras.

- Alan! Que gentileza da sua parte. Obrigado por ter vindo.

- Era minha intenção nunca mais voltar a entrar em sua casa, Gray. Mas disse que era um caso de vida e de morte. - A voz era dura e fria. Falava com lenta deliberação. Havia desprezo no olhar firme e perscrutador que lançou a Dorian. Tinha as mãos metidas nos bolsos do casaco de astracã, parecendo ignorar o gesto de cumprimento com que fora recebido.

- Sim, é um caso de vida e de morte, Alan, e que envolve mais de uma pessoa. Sente-se.

Campbell sentou-se numa cadeira perto da mesa, e Dorian sentou-se do outro lado. Os olhos dos dois homens cruzaram-se. Nos de Dorian havia uma piedade infinita. Sabia que o que ia fazer era terrível.

Após um momento de tensão e silêncio, inclinou-se para a frente e falou com grande serenidade, mas observando o efeito de cada palavra no rosto daquele que mandara chamar.

- Alan, num quarto trancado do último andar desta casa, um quarto a que ninguém tem acesso senão eu, está um morto sentado a uma mesa. Morreu há precisamente dez horas. Não se enerve, nem me olhe assim. Quem é este homem, por que motivo e como morreu são assuntos que lhe não interessam. O que vocêtem de fazer é...

- Basta, Gray. Não quero saber mais nada. Seja verdade ou mentira, o que me contou não me diz respeito. Recuso absolutamente envolver-me na sua vida. Guarde para si os seus segredos horrendos. Não me interessam mais.

- Alan, vão ter de Lhe interessar. Este terá de lhe interessar. Lamento muito, Alan. É que eu não posso resolver nada sozinho. Você é o único homem que me pode salvar. Vejo-me obrigado a metê-lo no caso. Não me resta outra solução. Alan, você é um homem de ciência, sabe química, e coisas do género. Fez experiências. O que você tem de fazer é destruir aquilo que está lá em cima, destruí-lo para que não fique vestígio algum. Ninguém viu essa pessoa entrar cá em casa. Na verdade, presentemente supõem que está em Paris. Só

daqui a alguns meses notarão a sua falta. Quando isso acontecer, não quero que encontrem aqui nenhum sinal da sua passagem. Você, Alan, deve reduzi-lo, e tudo o que lhe pertence, a um punhado de cinzas que eu possa dispersar.

- Você está louco, Dorian.

- Ah! Eu estava à espera que me tratasse por Dorian.

- Digo-lhe que você está louco, louco ao imaginar que eu levantaria um dedo para o ajudar, louco por fazer essa confissão monstruosa. Não terei nada a ver com esse assunto, seja qual for. Julga que vou arriscar a minha reputação por você? Não me interessa a maquinação diabólica que você anda a congeminar.

- Foi suicídio, Alan.

- Antes isso. Mas quem o induziu a fazê-lo? Você, calculoeu.

- Continua a recusar fazer-me isto?

- Com certeza. Não quero ter absolutamente nada a ver com o caso. É-me indiferente que se cubra de ignomínia. Você merece-a. Não me afligiria vê-lo cair em desgraça na praça pública. Como ousa pedir-me, e logo a mim, que me envolva neste horror? Sempre pensei que você conhecesse melhor o carácter das pessoas. O seu amigo Lord Henry Wotton não lhe deve ter ensinado muito de psicologia, por muito que lhetivesse ensinado. Não há nada que me convença a dar um passo para o ajudar. Veio bater a má porta. Dirija-se aos seus amigos. Não a mim.

- Foi assassínio, Alan. Matei-o. Você não sabe o que ele me fez sofrer. Seja como for, ele teve mais influência na formação ou na destruição da minha vida do que o pobre do Harry. Ainda que não tenha sido essa a sua intenção, o resultado foi o mesmo.

- Assassínio! Meu Deus, Dorian, foi a isso que você chegou?Não o denunciarei. Não me diz respeito. Aliás, mesmo que eu não toque no assunto, tenho a certeza de que você irá preso. Não há ninguém que cometa um crime sem fazer qualquer estupidez. Mas não terei nada a ver com isso.

- Terá de ter. Espere, espere um pouco. Ouça. Ouça apenas, Alan. Tudo o que lhe peço é que faça uma determinada experiência científica. Você costuma ir aos hospitais e às morgues, e os horrores que aí comete não o afectam, Se, em alguma medonha sala de dissecação ou em fétido laboratório, encontrasse este homem sobre uma mesa de chumbo sulcada de calhas vermelhas para escoarem o sangue, considerá-lo-ia apenas um excelente objecto de estudo. Você continuaria imperturbável. Nem acreditava que estivesse a fazer algo de reprovável. Pelo contrário, sentiria talvez que estava a prestar um benefício à humanidade, ou a incrementar a totalidade de conhecimentos no mundo, ou a satisfazer a curiosidade intelectual, ou outra coisa do género. O que eu quero que faça não é mais do que já fez muitas vezes. Na verdade, destruir um cadáver deve ser muito menos impressionante do que as práticas a que está habituado. E veja bem que esta é a única prova contra mim. Se for descoberta estou perdido. E certamente que será, se você não me ajudar.

- Não estou disposto a ajudá-lo. Já se esqueceu? Tudo isso me é indiferente. Não tem nada a ver comigo.

- Alan, suplico-lhe. Pense na minha situação. Precisamente antes de você chegar, quase desmaiava de pavor. Até você pode um dia sentir pavor. Não! Não pense nisso. Encare o assunto unicamente do ponto de vista científico. Você nunca pergunta de onde vêm os cadáveres em que pratica as suas experiências. Não pergunte também agora. Já lhe contei demais. Mas imploro-lhe que faça isto. Dantes éramos amigos, Alan.

- Não fale nesses dias, Dorian. Estão mortos.

- Por vezes os mortos ficam. O homem que está lá em cima não se quer ir embora. Está sentado à mesa, de cabeça pendida e braços estendidos. Alan! Alan! Se não vier em meu auxílio estou perdido. Não vê que me vão enforcar, Alan! Não compreende? Vão enforcar-me pelo que fiz.

- Escusa de prolongar esta cena. Recuso em absoluto intervir no assunto. É loucura da sua parte pedir-mo.

- Recusa?

- Recuso.

- Suplico-lhe, Alan.

- É inútil.

A mesma expressão de piedade surgiu nos olhos de Dorian Gray. Depois, estendeu a mão para pegar num pedaço de papel, e escreveu nele qualquer coisa. Leu-o duas vezes, dobrou-o meticulosamente e passou-o para o outro lado da mesa. Feito isto, levantou-se e foi até à janela.

Campbell olhou-o surpreendido, e então pegou no papel e abriu-o. Ao lê-lo, cobriu-se-lhe o rosto de uma palidez cadavérica, e tombou para trás na cadeira. Assaltou-o uma atroz sensação de náusea. Era como se o coração batesse desordenadamente num buraco oco até desfalecer Após dois ou três minutos de um silêncio terrível. Dorian voltou-se, aproximou-se e postou-se atrás dele, pousando-lhe a mão no ombro.

- Tenho tanta pena de si, Alan - disse, num sussurro -, mas você não me deixou alternativa alguma. Já escrevi uma carta. Ei-la. Veja o endereço. Se não me ajudar, sou obrigado a enviá-la. Se não me ajudar, vou enviá-la. Você conhece as consequências. Mas você vai ajudar-me. Agora é-lhe impossível recusar. Procurei poupá-lo. Far-me-á a justiça de o admitir. Você foi severo, implacável, ofensivo. Tratou-me como jamais homem algum ousou tratar-me... pelo menos um que esteja vivo. Suportei tudo. Agora chegou a minha vez de ditar as condições.

Campbell mergulhou o rosto entre as mãos, estremecendo.

- Sim, chegou a minha vez de ditar as condições, Alan. Sabe quais são. A coisa é muito simples. Vamos, não fique nessa agitação febril. A coisa tem de ser feita. Enfrente-a, e faça-a.

Campbell soltou um gemido, e todo o seu corpo tremia. Otiquetaque do relógio que estava no rebordo da chaminé parecia-lhe dividir o tempo em átomos de tormento, cada um deles demasiado atroz para se poder suportar. Tinha a sensação de que um anel de ferro lhe apertava lentamente a fronte, como se a ignomínia com que fora ameaçado se houvesse abatido já sobre si. A mão pousada no seu ombro pesava como mão de chumbo. Era insuportável. Parecia esmagá-lo.

- Vamos, Alan, tem que tomar imediatamente uma decisão.

- Não consigo fazê-lo - respondeu, maquinalmente, como se as palavras pudessem alterar as coisas.

- Mas tem de o fazer. Não tem outro remédio. Não perca tempo.

Ele hesitou um pouco.

- Há alguma lareira no quarto lá em cima?

- Sim, há uma lareira a gás, com amianto.

- Tenho de ir a casa para trazer umas coisas do laboratório.

- Não, Alan, não pode sair daqui. Escreva numa folha de papel aquilo de que precisa, e o meu criado irá de fiacre buscar essas coisas.

Campbell escrevinhou umas linhas, secou-as com o mata-borrãoe endereçou um envelope ao seu assistente. Dorian pegou na folha e leu-a atentamente. Em seguida, tocou a campainha e entregou a mensagem ao

criado, ordenando-lhe que estivesse devolta o mais breve possível e que trouxesse as coisas consigo.

Quando se fechou a porta do vestíbulo, Campbell teve um sobressalto de nervosismo, e, levantando-se, aproximou-se da lareira. Tremia como se tivesse sezões. Durante cerca de vinte minutos, os dois homens permaneceram calados. Pela sala esvoaçava uma mosca que zumbia ruidosamente, e o tiquetaque do relógio parecia a pancada de um martelo.

Quando soou uma hora, Campbell voltou-se e, ao olhar para Dorian Gray, viu que este tinha os olhos rasos de lágrimas. Havia qualquer coisa na pureza e perfeição daquele rosto triste que parecia enfurecê-lo.

- Você é infame, absolutamente infame! - balbuciou.

- Não diga nada, Alan. Você salvou-me a vida - disse Dorian.

- A sua vida? Céus! Mas que vida! Você andou de corrupção em corrupção até culminar no crime. Ao fazer o que vou fazer, aquilo que você me obriga a fazer, não é na sua vida que estou a pensar.

- Ah, Alan, desejaria que sentisse por mim a milésima parte da compaixão que sinto por você.

E dizendo isto, voltou-se e pôs-se a olhar para o jardim lá fora. Campbell não lhe deu resposta.

Uns dez minutos depois, bateram à porta, e entrou o criado transportando uma grande caixa de mogno para produtos químicos, com um rolo comprido de fio de aço e platina, e dois grampos de ferro que tinham uma forma bastante curiosa.

- Quer que deixe as coisas aqui, senhor? - perguntou a Campbell.

- Sim, deixe - disse Dorian. - E, Francis, parece-me que tenho outra incumbência para si. Como se chama o homem de Richmond que fornece as orquídeas para Selby?

- Chama-se Harden, senhor.

- Ah, sim. Harden. Vá imediatamente a Richmond procurar esse Harden e diga-lhe que mande o dobro das orquídeas que encomendei, mas o mínimo possível de orquídeas brancas. Para ser mais exacto, não quero nenhumas brancas. Está um lindo dia, Francis, e Richmond é muito bonito, se não fosse assim não lhe daria essa maçada.

- Não é maçada nenhuma, senhor. A que horas devo estar cá?

Dorian olhou para Campbell.

- Quanto tempo irá levar a sua experiência, Alan? - perguntou, numa voz calma, indiferente. A presença de uma terceira pessoa na sala parecía transmitir-lhe uma calma extraordinária.

Campbell, de semblante carregado, fez por se dominar.

- Levará aproximadamente cinco horas - respondeu.

- Então basta que você esteja de regresso às sete e meia, Francis. Não. Não volte. Deixe apenas tudo em ordem para eu mudar de roupa. Pode ficar com a noite livre. Como não janto em casa, não vou precisar de si.

- Obrigado, senhor - disse o criado, ao sair da sala.

- Agora, Alan, não há um momento a perder. Como esta caixa pesa! Eu levo-lha. Traga as outras coisas.

Falava depressa e com modos autoritários. Campbell sentia-se dominado por ele. Saíram os dois juntos da sala.

Quando chegaram ao último patamar, Dorian tirou a chave do bolso e fê-la girar na fechadura. Depois parou, e os seus olhos reflectiam uma certa inquietação. E recuou.

- Creio que não consigo entrar, Alan - disse, num murmúrio.

- É-me indiferente. A sua presença não é necessária – disse Campbell, com frieza.

Dorian só abriu a porta até meio. Ao fazê-lo, viu, à luz do sol, o olhar maldoso no rosto do seu retrato. À frente deste, caída no chão, estava a cortina rasgada. Lembrou-se então de que na noite anterior se esquecera, pela primeira vez na vida, de ocultar a fatídica tela. E quando ia avançar precipitadamente, recuou assustado.

O que seriam aquelas repugnantes gotas vermelhas que luziam, húmidas e cintilantes, numa das mãos, como se a tela ressumasse suor de sangue? Que horrendo era aquilo! Mais horrendo - assim lhe parecia naquele instante do que aquela coisa silenciosa que ele sabia que estava de bruços sobre a mesa, e cuja sombra grotesca e disforme projectada no tapete salpicado lhe permitia ver que não se movera, mas que ainda ali estava onde a deixara.

Respirou fundo, abriu a porta um pouco mais e, de olhos quase fechados e virando a cabeça, entrou rapidamente, decidido a não olhar, nem uma vez sequer, para o morto. Depois, debruçando-se, levantou do chão a cortina de ouro e púrpura e lançou-a por sobre o retrato.

Ficou ali parado, com medo de se voltar, de olhos fixos no emaranhado do desenho que estava à sua frente. Ouviu Campbell a trazer para dentro do quarto a pesada caixa, e os ferros, e as outras coisas de que necessitava para a sua pavorosa tarefa. Começou a interrogar-se se ele e Basil Hallward se teriam alguma vez encontrado, e, se assim fora, que opinião teriam tido um do outro.

- Agora deixe-me só - disse, atrás de si, uma voz dura.

Voltou-se e saiu apressadamente, apercebendo-se apenas de que o morto havia sido recostado na cadeira e que Campbell contemplava um rosto amarelecido e luzidio. Quando descia as escadas, ouviu a chave girar na fechadura.

Já passava muito das sete horas quando Campbell entrou na biblioteca. Estava pálido, mas absolutamente calmo.

- Fiz o que me pediu - disse entre-dentes. - E agora, adeus. Espero que jamais nos voltemos a ver!

- Salvou-me da desgraça, Alan. Não posso esquecer isso - limitou-se a dizer Dorian.

Assim que Campbell saiu, subiu ao último andar. No quarto havia um cheiro horrível a ácido nítrico. Mas aquilo que estivera sentado à mesa desaparecera.

Capítulo XV

Essa noite, às oito e trinta, trajando com requinte e ostentando na botoeira um grande ramalhete de violetas de Parma, Dorian Gray era conduzido por criados e muitas mesuras até à sala de visitas de Lady Narborough. Sentia a cabeça a latejar devido a um desenfreado nervosismo, e uma louca excitação, mas inclinou-se sobre a mão da sua anfitriã com a desenvoltura e graciosidade de sempre. Talvez nunca aparentemos tanta naturalidade como quando temos de representar um papel. Por certo, era impossível que todos os que nessa noite olhavam para Dorian Gray acreditassem que ele sofrera uma tragédia tão horrível como qualquer tragédia dos nossos dias. Aqueles dedos tão distintos nunca poderiam ter agarrado uma faca pecaminosa, nem aqueles lábios risonhos clamado sobre Deus e a bondade. Ele próprio não pôde deixar de se surpreender com a calma do seu comportamento, e, por um instante, sentiu vivamente o terrível prazer de uma vida dupla.

Era uma pequena reunião, preparada um pouco de improviso por Lady Narborough, mulher muito inteligente, e com o que Lord Henry costumava descrever como os restos de uma fealdade realmente notável. Revelara-se excelente esposa de um dos nossos mais enfadonhos embaixadores, e, depois de ter enterrado convenientemente o marido num mausoléu de mármore, que ela se encarregara de desenhar, e de ter casado as filhas com homens ricos e bastante idosos, dedicava-se agora aos prazeres da ficção francesa, da culinária francesa e do esprit francês, quando o conseguia.

Dorian era um dos seus preferidos especiais, e dizia-lhe sempre que se dava por extremamente satisfeita por não o ter conhecido durante a juventude.

- Tenho a certeza, meu querido, de que me teria apaixonado loucamente por si - costumava dizer -, e atirado a minha touca aos moinhos por sua causa *(1)*. Felizmente que ainda não se pensava em si nessa altura. As nossas toucas eram tão deselegantes, e os moinhos tão ocupados a tentar fazer vento, que nunca tive um namorico. Porém, foi tudo por culpa do Narborough. Ele era terrivelmente míope, e não se tem prazer em enganar um marido que nunca vê nada.

**1. Tradução literal, por motivo dos comentários que a personagem faz a seguir. A tradução livre corresponderia a "atirado com a minha reputação às malvas". (N, da T.)*

Os convidados dessa noite eram um pouco enfadonhos. Acontecia que, como ela, por detrás de um leque muito coçado, explicava a Dorian, uma das filhas casadas viera inesperadamente visitá-la e, para cúmulo, até trouxera o marido.

- Parece-me muito indelicado da parte dela, meu querido - dizia, segredando. - É certo que vou sempre visitá-los no Verão, quando regresso de Homburg, mas uma velha como eu precisa de ar puro de vez em quando, e, além disso, sou eu que lhes trago alguma animação. Não faz ideia da vida que eles levam ali. É a pura e sadia vida campestre. Levantam-se cedo por terem tanto que fazer, e deitam-se cedo por terem tão pouco em que pensar. Desde o tempo da rainha Isabel que não há um escândalo por aqueles sítios, e, por

consequência, adormecem todos a seguir ao jantar. Não se sente ao pé de nenhum deles. Há-de sentar-se ao meu lado para me distrair.

Dorian murmurou umas palavras de cortesia, e passeou os olhos pela sala. Era, de facto, uma reunião fastidiosa. Estavam duas pessoas que nunca vira, e o resto era constituído por Ernest Harrowden, uma daquelas mediocridades tão banais dos clubes de Londres que não têm inimigos mas que são profundamente detestados pelos amigos; Lady Ruxton, uma mulher de quarenta e sete anos, exageradamente ataviada, de nariz adunco, que se esforçava por cair em descrédito, mas que era particularmente tão feia que, para grande decepção sua, não havia ninguém que acreditasse em algo que a desfeiteasse, Mrs. Erlynne, uma nulidade com ambições, que ceceava deliciosamente, e de cabelo ruivo, Lady Alice Chapman, filha da anfitriã, uma rapariga insípida e com ar desmazelado, com uma daquelas caras tipicamente britânicas que, uma vez vistas, são logo esquecidas; o marido dela, criatura rubicunda, de suíças brancas, e que, como muitos da sua classe, estava convencido de que a jovialidade desmedida pode compensar uma total ausência de ideias.

Dorian sentia-se um pouco arrependido de ter vindo, quando Lady Narborough, olhando para o grande relógio de bronze dourado, que se esparramava num espavento de curvas sobre o pano cor de malva que decorava o rebordo da chaminé, exclamou:

- Que desagradável este atraso de Henry Wotton! Mandei-lhe recado esta manhã, e ele prometeu-me solenemente que não faltava.

A presença de Harry sempre servia de consolo e, quando a porta se abriu e ouviu a sua arrastada voz musical, que tornava encantadoras as suas desculpas insinceras, deixou de sentir tédio.

Mas não conseguiu comer nada ao jantar. Todos os pratos servidos eram retirados sem Lhes tocar. Lady Narborough repreendia-o permanentemente por aquilo a que chamava um «insulto ao pobre do Adolphe, que inventou o menu especialmente para si», e, de vez em quando, Lord Henry olhava para ele, surpreendido com o seu silêncio e o seu ar ausente. O mordomo não deixava de lhe encher a taça de champanhe. Bebia com sofreguidão, mas a sede parecia aumentar.

- Dorian - acabou por dizer Lord Henry, enquanto o chaudfroid era servido -, que se pássa consigo esta noite? Parece deprimido.

- Estou convencida de que está apaixonado - exclamou Lady Narborough -, e que não se atreve a dizer-me por recear que eu fique com ciúmes. E tem muita razão. Com certeza que ficaria.

- Minha querida Lady Narborough - murmurou Dorian, a sorrir -, passou toda uma semana sem que me tenha apaixonado, para ser mais exacto, desde que Lady Ferrol se ausentou de Londres.

- Como é que vocês os homens podem apaixonar-se por aquela mulher! - exclamou. - Realmente, não consigo entender.

- Muito simplesmente porque ela se lembra da infância dasenhora, Lady Narborough - disse Lord Henry - Ela é o único elo entre nós e os bibes que a senhora usava.

- Ela não se lembra nada dos meus bibes, Lord Henry. Mas eu lembro-me muito bem dela em Viena há trinta anos, e de como estava décolletée nessa altura.

- Ainda está décolletée - respondeu ele, pegando numa azeitona entre os seus longos dedos -, e quando traz um vestido muito elegante parece uma édition de luxe de um medíocre romance francês. É realmente espantosa e

surpreende-nos constantemente. Tem uma extraordinária capacidade de amor pela família. Quando morreu o terceiro marido, o cabelo, com o desgosto, ficou louro.

- Como pode falar assim, Harry! - exclamou Dorian.

- É uma explicação muito romântica - riu a anfitriã. – Mas um terceiro marido, Lord Henry! Não está a querer dizer que o Ferrol é o quarto.

- Claro que é, Lady Narborough.

- Não acredito numa única palavra.

- Pode perguntar a Mr. Gray. Ele é um dos seus amigos muito íntimos.

- É verdade, Mr. Gray?

- Ela assim mo afiança, Lady Narborough - respondeu Dorian. - Perguntei-lhe se, à semelhança do que fizera Margarida de Navarra, mandara embalsamar os corações deles e os trazia pendurados à cinta. Disse-me que não, visto nenhum deles ter coração.

- Quatro maridos! Palavra de honra, isso revela trop dezèle.

- Trop de audace, tenho-lho dito - disse Dorian.

- Oh, ela tem audácia suficiente para seja o que for, meu querido. E como é o Ferrol? Não o conheço.

- Os maridos das mulheres muito belas pertencem à classe dos criminosos - observou Lord Henry, tomando uns goles de vinho.

Lady Narborough deu-lhe uma pancada com o leque.

- Lord Henry, não me surpreende nada que o mundo diga que o senhor é extremamente maldoso.

- Mas qual mundo? - perguntou Lord Henry, erguendo as sobrancelhas. - Só se for o outro. As minhas relações com este mundo são excelentes.

- Toda a gente que eu conheço diz que o senhor é muito mau -exclamou a velha senhora, abanando a cabeça.

Lord Henry ficou sério por uns momentos.

- É perfeitamente monstruosa - disse, por fim - a maneira como as pessoas andam hoje por aí a dizer nas nossas costas coisas que são verdades absolutas.

- Ele não tem emenda, pois não? - exclamou Dorian, inclinando-se para a frente.

- Espero bem que não - respondeu a sua anfitriã, a rir. - Mas se, na realidade, vocês todos adoram Madame de Ferrol desta maneira ridícula, terei de casar-me de novo para estar na moda.

- A senhora nunca voltará a casar, Lady Narborough - interrompeu Lord Henry. - Foi muito feliz. Quando uma mulher se casa outra vez, é porque detestava o primeiro marido. Quando um homem se casa outra vez, é porque adorava a primeira esposa. As mulheres tentam a sorte, os homens arriscam a sua.

- Narborough não era perfeito - exclamou a senhora.

- Se o tivesse sido, não o teria amado, minha querida senhora - foi a resposta. - As mulheres amam-nos pelos nossos defeitos. Se os tivermos em número suficiente, perdoam-nos tudo, até a nossa inteligência. Parece-me que nunca tornará a convidar-me para jantar, Lady Narborough, depois do que acabo de dizer, mas é a pura verdade.

- Claro que é verdade, Lord Henry. Se nós as mulheres não os amássemos pelos seus defeitos, onde estariam vocês todos? Nenhum de vocês se teria casado. Seriam um bando de infelizes solteirões. Todavia, isso não os iria modificar muito. Nos dias de hoje, todos os casados vivem como se fossem solteiros, e os solteiros como se fossem casados.

- Fin de siècle - murmurou Lord Henry.

- Fin du globe - respondeu a sua anfitriã.

- Eu queria que fosse fin du globe - disse Dorian, soltando um suspiro. - A vida é uma enorme desilusão.

- Ah, meu querido - exclamou Lady Narborough, enquanto calçava as luvas -, não me diga que esgotou a vida. Quando um homem diz isso, ficamos a saber que a vida o esgotou a ele. Lord Henry é muito perverso, e às vezes desejo tê-lo sido também, mas o senhor está destinado a ser bom, parece ser tão bom. Tenho de lhe conseguir uma boa esposa. Lord Henry, não acha que Mr. Gray devia casar?

- Ando sempre a falar-lhe nisso, Lady Narborough – respondeu Lord Henry, fazendo uma vénia.

- Então temos de procurar a parceira ideal para ele. Esta noite vou passar os olhos com muita atenção pelo Debrett *(1)*, e elaboro uma lista de todas as raparigas aceitáveis.

- Inclui as idades, Lady Narborough? - perguntou Dorian.

- É claro que incluo, com ligeiras alterações. Mas não nos devemos precipitar. Quero que seja do género que o The Morning Post denomina por enlace equilibrado, e que ambos sejam felizes.

- Os dislates que se dizem sobre casamentos felizes! - exclamou Lord Henry. - Um homem pode ser feliz com qualquer mulher, desde que não a ame.

**1. Compilação da lista dos membros da aristocracia britânica, incluindo respectiva genealogia, aqui referenciada pelo apelido do seu autor, John Debrett. (N. da I.)*

- Como o senhor é cínico! - acudiu a velha senhora, arrastando para trás a cadeira e acenando para Lady Ruxton. - Tem de vir em breve jantar comigo outra vez. O senhor é, de facto, um excelente tónico, muito melhor do que aquele que me é receitado por Sir Andrew. Mas tem de me dizer que pessoasgostaria de encontrar. Quero que seja uma reunião deliciosa.

- Gosto de homens com futuro, e de mulheres com um passado - respondeu. - Ou acha que, assim, seria uma reunião de saias?

- Receio bem que sim - disse ela, a rir, levantando-se. - Mil perdões, minha querida Lady Ruxton - acrescentou. – Não reparei que ainda não terminara o seu cigarro.

- Não tem importância, Lady Narborough. Fumo em demasia. Futuramente, vou ser mais comedida.

- Peço-lhe que não o faça, Lady Ruxton - interveio Lord Henry. - A moderação é fatal. O suficiente é tão mau como uma refeição. O mais do que suficiente é tão bom como um banquete.

Lady Ruxton olhou-o de um modo curioso.

- Deve vir ver-me uma tarde destas para me explicar isso. Parece-me uma teoria fascinante - murmurou, ao sair rapidamente da sala.

- Agora, vejam lá se não ficam muito tempo a falar de política e escândalos - gritou da porta Lady Narborough. – Se o fizerem, nós vamos com certeza começar a discutir lá em cima.

Os homens desataram a rir, e Mr. Chapman levantou-se solenemente do seu lugar ao fundo da mesa e dirigiu-se para a cabeceira. Dorian Gray mudou de lugar e foi sentar-se ao lado de Lord Henry. Mr. Chapman começou a falar em voz alta sobre a situação na Câmara dos Comuns. Ria ostensivamente dos

seus adversários. A palavra doctrinaire, vocábulo que aterroriza a mentalidade britânica, ouvia-se com frequência por entre os seus frouxos de riso. Um prefixo aliterante servia de ornamento de oratória. Hasteava a bandeira do Reino Unido até aos pináculos do Pensamento. A estupidez hereditária da raça, que ele jovialmente designava por sólido bom senso inglês, era apontada como verdadeiro baluarte da sociedade.

Lord Henry fez um leve sorriso e voltou-se para olhar para Dorian.

- Sente-se melhor, meu caro amigo? - perguntou-lhe. - Durante o jantar parecia um pouco abatido.

- Estou óptimo, Harry. Apenas cansado. Mais nada.

- Ontem à noite você esteve sedutor. A jovem duquesa é-lhe muito dedicada. Disse-me que vai visitá-lo a Selby.

- Prometeu ir no dia vinte.

- O Monmouth também lá vai estar?

- Sim, vai, Harry.

- Ele maça-me tremendament, quase tanto como maça a mulher. Ela é muito inteligente, inteligente demais para mulher. Falta-lhe o encanto inexplicável da fragilidade. São os pés de barro que tornam precioso o ouro da imagem. Os pés dela são muito bonitos, mas não são pés de barro. Pés de alva porcelana, se você concordar. Passaram pelo fogo, e o que não é destruído pelo fogo endurece. Ela teve as suas aventuras.

- Há quanto tempo está casada? - perguntou Dorian.

- Há uma eternidade, pelo que ela me diz. Segundo o nobiliário, creio que há dez anos, mas dez anos ao lado do Monmouth devem parecer uma eternidade, com mais algum tempo somado. Vai mais alguém?

- Vão os Willoughbys, Lord Rugby e a esposa, a nossa anfitriã, Geoffrey Clouston, o grupo do costume. Convidei Lord Grotrian.

- Gosto dele - comentou Lord Henry - Há muita gente que não gosta, mas eu acho-o uma pessoa encantadora. Ele compensa a sua maneira de vestir, por vezes extravagante, com uma educação absolutamente requintada. É um indivíduo muito moderno.

- Não sei se ele poderá vir, Harry. Possivelmente terá de ir a Monte Carlo com o pai.

- Ah! As pessoas de família são um impecilho! Faça os possíveis para que ele apareça. A propósito, Dorian, ontem à noite você retirou-se muito cedo. Saiu antes das onze horas. O que fez a seguir? Foi directamente para casa?

Dorian lançou-lhe um olhar fugidio, e carregou o semblante.

- Não, Harry - disse, por fim. - Só cheguei a casa por volta das três.

- Esteve no clube?

- Estive - respondeu. Depois arrependeu-se. - Não, não foi bem assim. Não fui ao clube. Andei por aí. Não me lembro do que fiz... Você é tão curioso, Harry! Quer sempre saber o que os outros fazem. E eu quero sempre esquecer o que fiz. Entrei em casa às duas e meia, se quiser saber a hora exacta. Esquecera-me da chave em casa, e o meu criado teve de me abrir a porta. Se quiser provas que confirmem o assunto, pode perguntar-lhe.

Lord Henry encolheu os ombros.

- Meu caro amigo, isso não me interessa! Vamos até à sala de visitas. Não quero xerez, obrigado, Mr. Chapman. Aconteceu-lhe alguma coisa, Dorian. Conte-me o que se passa. Você está diferente esta noite.

- Não se preocupe comigo, Harry. Estou apenas irritável e de mau humor. Passo por sua casa amanhã ou depois. Apresente as minhas desculpas a Lady Narborough. Não vou lá acima. Vou para casa. Preciso de ir para casa.

- Está bem, Dorian. Espero vê-lo amanhã à hora do chá. A duquesa também vai.

- Farei os possíveis por aparecer, Harry - disse ele, abandonando a sala.

Quando regressava a casa, tinha a percepção de que voltara aquela sensação de terror que ele supunha ter estrangulado. As perguntas banais de Lord Henry levaram-no a perder o sangue-frio por uns instantes, e ele precisava ainda de o manter. As coisas que representavam um perigo tinham de ser destruídas. Estremeceu. Detestava a ideia de lhes tocar sequer.

Porém, tinha de ser feito. Ele bem o sabia, e, depois de ter trancado a porta da biblioteca, abriu o armário secreto para onde atirara o sobretudo e a mala de Basil Hallward. Um lume enorme ardia na lareira. Acrescentou-lhe outra acha. O cheiro de roupa chamuscada e de cabedal queimado era insuportável. Foram precisos três quartos de hora para que tudo fosse consumido pelo fogo. Quando terminou, sentia-se fraco e enjoado. Queimou umas pastilhas argelinas num defumador de cobre perfurado, e refrescou as mãos e a testa com um vinagre perfumádo de almíscar.

De repente sobressaltou-se. Os olhos tomaram um brilho estranho, e mordia nervosamente o lábio inferior. No espaço entre duas das janelas, encontrava-se um armário florentino de ébano com embutidos de marfim e lápis-lazúli. Fitava-o como uma coisa que causa simultaneamente fascínio e medo, como se guardasse algo que desejava e que, todavia, quase abominava. Respirava ofegante. Assaltou-o uma ânsia louca. Acendeu um cigarro e depois atirou-o fora. As pálpebras descaíram, e as longas pestanas quase lhe roçavam as faces. Mas continuava a fitar o armário. Por fim, ergueu-se do sofá em que se havia deitado, aproximou-se dele e, depois de o abrir com a chave, carregou numa mola secreta. Apareceu uma gaveta triangular deslizando lentamente. Os dedos dirigiram-se instintivamente para lá, enfiaram-se nela e agarraram algo. Era uma pequena caixa chinesa de laca negra e ouro velho, minuciosamente trabalhada, os lados ostentando desenhos de curvas onduladas, e os cordões de seda enfeitados com cristais redondos e borlas de fios de metal entrançados. Abriu-a. Continha uma massa verde, lustrosa como a cera, com um singular odor forte e persistente.

Hesitou por momentos, com um sorriso estranhamente imóvel. Depois, tremendo de frio, apesar de o ambiente da sala estar muito quente, endireitou-se e olhou para o relógio. Faltavam vinte minutos para a meia-noite. Voltou a guardar a caixa, fechando as portas do armário a seguir, e entrou no quarto.

Quando a meia-noite batia as suas pancadas de bronze na escuridão, Dorian Gray, vestindo com simplicidade, de cachecol enrolado ao pescoço, saiu de casa furtivamente e de mansinho.

Na Bond Street encontrou um fiacre puxado por um bom cavalo. Chamou-o e, em voz baixa e grave, deu um endereço ao cocheiro.

O homem abanou a cabeça num gesto de recusa.

- Isso fica muito longe para mim - murmurou.

- Aqui tem um soberano *(1)* - disse-lhe Dorian. - E terá outro se conduzir depressa.

- Está bem, senhor - respondeu o homem -, chegamos lá dentro de uma hora.

E, depois de ter guardado a moeda, obrigou o cavalo a dar meia volta e dirigiu-se velozmente para as bandas do rio.

**1. Moeda de ouro no valor de uma libra (o mesmo que umalibra esterlina). (N. da T.)*

Capítulo XVI

Começou a cair uma chuva gelada, e a pálida luz dos candeeiros tinha um ar sinistro na névoa envolvente. Era a hora de os botequins fecharem, e, às suas portas, vultos de homens e mulheres juntavam-se em grupos separados. De alguns bares chegava o som de horríveis gargalhadas. Noutros, brigavam e gritavam os bêbados.

Recostado no fiacre, o chapéu inclinado para a testa, Dorian Gray observava com olhar distraído a vergonha sórdida da grande cidade, e, de vez em quando, repetia para si as palavras que Lord Henry lhe dissera no primeiro dia em que se conheceram: Curar a alma através dos sentidos, e os sentidos através da alma. Sim, era esse o segredo. Experimentara-o com frequência, e voltaria a experimentá-lo agora. Havia antros de ópio, onde se podia comprar o esquecimento, antros de horror onde a memória de velhos pecados se podia apagar com o desvario de novos pecados.

A Lua, suspensa tão baixo no céu, parecia uma caveira amarela. De tempos a tempos, uma enorme nuvem disforme estendia um braço comprido, e ocultava-a. Os lampiões a gás eram cada vez mais raros, e as ruas mais estreitas e escuras. Houve uma vez em que o cocheiro se enganou no caminho e teve de retroceder meia milha. O cavalo fumegava sempre que chapinhava pelas poças de água. As janelas laterais do fiacre estavam cobertas por uma espessa névoa.

"Curar a alma através dos sentidos, e os sentidos através daalma!" Como as palavras ainda lhe soavam nos ouvidos! Tinha a certeza de que a alma estava mortalmente doente. Seria verdade que os sentidos a podiam curar? Fora derramado sangue inocente. Como se poderia resgatar? Ah! Não havia resgate possível. Mas, muito embora o perdão fosse impossível, havia ainda a possibilidade do esquecimento, e ele estava decidido a esquecer, a eliminar essa lembrança, a esmagá-la como se esmagava a víbora que nos mordeu. Pensando bem, que direito tinha Basil de lhe ter falado daquele modo? Quem o incumbira de julgar os outros? Ele havia dito coisas medonhas, horrendas, intoleráveis.

O fiacre prosseguia com dificuldade, parecendo-lhe mais vagaroso a cada passo. Abriu a portinhola e disse ao homem que conduzisse mais depressa. O apetite hediondo pelo ópio começou a acicatá-lo. Sentia um ardor na garganta, e torcia nervosamente as mãos delicadas. Bateu furiosamente no cavalo com a bengala. O condutor riu-se e fustigou com o chicote. Ele respondeu com outra gargalhada, mas o homem calou-se.

O caminho parecia interminável, e as ruas eram a teia negra de uma aranha gigantesca. A monotonia tornava-se-lhe insuportável, e, como o nevoeiro era mais cerrado, sentia medo.

Depois passaram pelas solitárias fábricas de tijolos. Aí o nevoeiro era menos denso, e pôde ver os estranhos fornos em forma de garrafa com as alaranjadas línguas de fogo espalhadas em leque. Um cão ladrou à sua passagem, e ao longe, em plena escuridão, ouviu-se o grito de alguma gaivota perdida. O cavalo tropeçou num sulco, depois desviou-se e desatou a galopar.

Pouco tempo depois, saíram da estrada de argila e voltaram a sacolejar pelas ruas de piso irregular. A maior parte das janelas estava às escuras, mas

ocasionalmente recortavam-se, através de um estore iluminado, as silhuetas de sombras grotescas. Ele observava-as com curiosidade. Moviam-se como gigantescas marionetas e gesticulavam como coisas com vida. Odiava-as. Invadia-lhe o coração uma raiva surda. Ao dobrarem uma esquina, de uma porta aberta uma mulher gritou-lhes qualquer coisa, e dois homens correram,atrás do fiacre cerca de cem jardas. O condutor afugentou-os com o chicote.

Diz-se que a paixão nos faz pensar em círculo. Era certo que os lábios mordidos de Dorian Gray formulavam e tornavam a formular, repetindo-as obsessivamente, aquelas palavras insidiosas sobre a alma e os sentidos, até nelas encontrar a plena expressão do seu estado de espírito e justificar, com a aprovação do intelecto, as paixões que, mesmo sem essa justificação, continuariam a dominá-lo. Pelas células do cérebro insinuava-se um único pensamento, e o louco desejo de viver, o mais terrível de todos os apetites do homem, vibrava intensamente em cada nervo e em cada fibra. A fealdade, que outrora abominara por dar realidade às coisas, agradava-lhe agora pela mesma razão. A fealdade era a única realidade. A rixa grosseira, o antro sórdido, a crua violência da vida desbragada, a própria vilania do ladrão e do marginal possuíam uma realidade mais vívida e intensa do que todas as graciosas formas da Arte, ou os vagos sonhos da Poesia. Era disso que precisava para poder esquecer. Dentro de três dias estaria liberto.

De súbito, o condutor estacou com um movimento brusco ao cimo de uma ruela sombria. Por cima dos telhados baixos e das recortadas chaminés das casas, assomavam os mastros negros dos navios. Espirais de névoa branca enroscavam-se nas vergas como velas espectrais.

- É algures por aqui, não é, senhor? - perguntou, a voz um pouco rouca, através da portinhola.

Dorian sobressaltou-se, e examinou o local.

- Pode deixar-me aqui - respondeu.

Desceu à pressa e, depois de ter dado ao condutor a gorgeta que lhe prometera, encaminhou-se rapidamente para o molhe. Aqui e ali, bruxuleava um lampião à popa de um enorme navio mercante. A luz tremeluzia e estilhaçava-se nos charcos. Via-se um clarão vermelho, proveniente de um vapor que se abastecia de carvão para se fazer ao largo. O pavimento viscoso parecia um impermeável molhado.

Ele virou à esquerda, continuando na sua passada rápida, e, de vez em quando, olhava para trás para ver se estava a ser seguido. Sete ou oito minutos depois, chegou a um pequeno pardieiro, encravado entre duas fábricas de aspecto lúgubre. Numa das janelas do último piso estava um candeeiro. Deteve-se aí e bateu à porta com umas pancadas peculiares.

Ao cabo de algum tempo, ouviu passos no corredor e retirarem a corrente. A porta abriu-se sem ruído, e entrou, sem nada dizer à figura atarracada e grotesca que se espalmou na sombra para ele passar. Ao fundo do corredor, havia uma esfarrapada cortina verde, que flutuou com a rajada de vento que entrara consigo. Afastou-a, e passou a uma sala baixa e comprida, que parecia ter sido outrora um salão de baile de terceira ordem. Bicos de gás de luz viva e intensa, que os espelhos sujos do lado oposto tornavam mortiça e distorcida, estavam dispostos em fila à volta das paredes. Por detrás, tinham reflectores gordurosos de lata canelada que projectavam discos de luz bruxuleante. O chão estava coberto de serradura amarelo-ocre, aqui e ali revolvida em lama, e com manchas escuras de bebidas derramadas. Perto de um pequeno fogão a carvão de lenha, acocoravam-se uns malaios a

jogar com fichas de osso, e via-se-lhes o branco dos dentes quando tagarelavam. A um canto, a cabeça mergulhada nos braços, encontrava-se ummarinheiro debruçado sobre a mesa, e, junto ao balcão de cores berrantes que ocupava por completo um dos lados, estavam duas mulheres macilentas a zombar de um velho que, com uma expressão de repugnância, sacudia as mangas do casaco.

- Julga que está coberto de formigas - riu uma delas, quando Dorian ia a passar. O homem olhou para ela aterrorizado e começou a choramingar.

Ao fundo da sala havia um pequeno lanço de escadas que conduzia a um compartimento obscurecido. Assim que subiu os três frágeis degraus, Dorian sentiu o odor intenso do ópio. Respirou fundo, as narinas frementes de prazer. Quando entrou, um jovem de cabelo liso e louro, debruçado sobre um candeeiro a acender um longo cachimbo delgado, ergueu os olhos para ele e acenou-lhe de um modo hesitante.

- Você aqui, Adrian? - balbuciou Dorian.

- E onde havia de estar? - respondeu, com indiferença. - Toda a rapaziada cortou relações comigo.

- Julgava que você tinha saído de Inglaterra.

- O Darlington não vai fazer nada. O meu irmão resolveu pagar a letra. O George também deixou de me falar.. Não me importo - acrescentou, com um suspiro. - Desde que se tenha este produto, não precisamos de amigos. Creio que tenho amigos a mais.

Dorian estremeceu, e passou os olhos pelas figuras grotescasdeitadas em posições tão excêntricas sobre os colchões rotos. Os membros contorcidos, as bocas escancaradas, os olhos fixos e sem brilho fascinavam-no. Sabia bem em que estranhos céus estavam a penar e que infernos sombrios lhes ensinavam o segredo de algum prazer desconhecido. Eram mais afortunados do que ele. Ele era prisioneiro do pensamento. A memória, semelhante a horrível maleita, destruía-lhe a alma. De vez em quando, parecia-lhe ver os olhos de Basil Hallward a fitarem-no. Sentia, no entanto, que não podia ficar. Perturbava-o a presença de Adrian Singleton. Queria estar num lugar onde nenhum homem o identificasse. Queria fugir de si mesmo.

- Vou ao outro sítio - disse, após alguma hesitação.

- No ancoradouro?

- Sim. - Aquela gata assanhada de certeza que vai estar lá. Agora não a querem aqui.

Dorian encolheu os ombros, num gesto de indiferença.

- Estou farto das mulheres que amam. As mulheres que odeiam têm muito mais interesse. Além disso, o produto é melhor.

- É quase a mesma coisa.

- Prefiro-o. Venha tomar uma bebida. Preciso de beberqualquer coisa.

- Não quero nada - murmurou o jovem.

- Não importa.

Adrian Singleton levantou-se com um movimento de cansaço, e seguiu atrás de Dorian até ao bar.

Um mestiço, de turbante esfarrapado e sobretudo puído, recebeu-os com um sorriso repelente, empurrando para eles uma garrafa de conhaque e dois copos. Duas mulheres foram-se aproximando e começaram a conversar. Dorian voltou-lhes as costas, e disse qualquer coisa em voz baixa a Adrian Singleton.

Um sorriso perverso, como um ricto malaio, arrepanhou a carade uma das mulheres.

- Que orgulhosos estamos esta noite - disse, com ar escarninho.

- Por amor de Deus, não fales comigo - gritou Dorian, batendo com o pé no chão. - O que é que queres? Dinheiro? Aqui tens. E não voltes a dirigir-me a palavra.

Duas chispas vermelhas iluminaram momentaneamente os olhos toldados da mulher, depois apagaram-se, deixando-os baços e vidrados. Atirou a cabeça para trás, e arrebanhou as moedas do balcão com dedos ávidos. A companheira olhava-a com inveja.

- Não vale a pena - disse, com um suspiro, Adrian Singleton. - Não me interessa voltar. Que importa? Sinto-me muito feliz aqui.

- Vai escrever-me se precisar de alguma coisa, não vai? - disse Dorian, após um breve silêncio.

- Talvez.

- Então boa noite.

- Boa noite - respondeu o jovem, subindo os degraus, e limpando a um lenço a boca ressequida.

Dorian encaminhou-se para a porta, com uma expressão demágoa no rosto. Quando afastava a cortina, uma gargalhada horrenda irrompeu dos lábios pintados da mulher que ficara com o dinheiro.

- Lá vai o pacto do diabo! - gritou em voz rouca e entrecortada de soluços.

- Maldita! - respondeu ele. - Não me chames isso.

Ela deu estalos com os dedos.

- Gostas é que te chamem Príncipe Encantado, não é? - retorquiu-lhe aos berros.

O marinheiro amodorrado levantou-se de um salto quando a ouviu, e olhou furiosamente à sua volta. O ruído da porta de entrada a fechar-se chegou-lhe aos ouvidos. Saiu precipitadamente, como se fosse em perseguição de alguém.

Dorian Gray seguia apressado ao longo do molhe, sob a chuva miudinha. O encontro com Adrian Singleton causara-lhe uma estranha emoção, e interrogava-se se seria ele o responsável pela destruição daquela juventude, como Basil Hallward dissera, insultando-o tão infamemente. Mordeu o lábio, apreensivo, por momentos, o olhar entristeceu-se. Mas, afinal, que lhe importava isso? A vida era demasiado curta para sobrecarregar os ombros com os erros dos outros. Cada um vivia a sua vida, e pagava o seu preço por vivê-la. Só era pena que se tivesse de pagar tantas vezes por um único erro. Na verdade, pagava-se vezes sem conta. Nos seus negócios com o homem, o Destino nunca dava as contas por encerradas.

Existem momentos, segundo os psicólogos, em que a paixão pelo pecado, ou por aquilo a que o mundo chama pecado, domina de tal modo um temperamento que cada fibra do corpo, assim como cada célula do cérebro, parece estar possuída de impulsos temíveis. Em momentos desses, os homens e as mulheres perdem o livre-arbítrio. Encaminham-se, como autómatos, para um fim terrível. É-lhes retirada a possibilidade de escolha, e a consciência é morta, ou, se conseguir sobreviver, vive unicamente para dar sedução à rebeldia, e encanto à desobediência. Pois todos os pecados, como os teólogos não se cansam de nos lembrar, são pecados da desobediência. Quando esse espírito supremo, essa estrela da manhã do mal, caiu do céu, foi como rebelde que caiu.

Indiferente, concentrado no mal, de semblante carregado e aalma faminta de rebeldia, Dorian Gray caminhava apressado, estugando o passo à

medida que caminhava, mas quando se desviou aceleradamente para uma arcada, que utilizava frequentemente para encurtar caminho em direcção ao local de má fama para onde agora se encaminhava, sentiu-se bruscamente agarrado por trás e, antes de ter tempo para se defender, foi arremessado contra a parede, com mão brutal a apertar-lhe a garganta. Debateu-se desesperadamente para se libertar e, com enorme esforço, desprendeu os dedos que o estrangulavam. Em menos de um segundo, ouviu o estalido de um revólver e viu reluzir um cano apontado directamente à sua cabeça, e o vulto escuro de um homem baixo e atarracado à sua frente.

- O que é que quer? - perguntou, arquejante.

- Quieto - disse o homem. - Qualquer movimento, e eu disparo.

- Você está louco. Que mal Lhe fiz?

- Destruíste a vida de Sibyl Vane - respondeu -, e Sibyl Vane era minha irmã. Ela matou-se. Eu sei. Mas tu és responsável pela sua morte. Jurei que me vingaria matando-te. Há anos que te procuro. Não tinha indícios, nem pista alguma. As duas pessoas que poderiam identificar-te morreram. De ti nada sabia, a não ser o nome por que ela costumava chamar-te. Ouvi-o casualmente esta noite. Encomenda a tua alma a Deus,pois vais morrer esta noite.

Dorian Gray sentiu a náusea do medo.

- Eu nunca a conheci - gaguejou. - Nunca ouvi falar dela. Você está doido.

- Seria melhor que confessasses o teu pecado, pois, tão certo como eu chamar-me James Vane, vais morrer.

Era um momento horrível. Dorian não sabia que dizer ou fazer.

- De joelhos! - resmungou o homem. - Dou-te um minuto para encomendares a tua alma, e mais nada. Embarco esta noite para a Índia, mas primeiro tenho que cumprir a minha tarefa. Um minuto. E acabou-se.

Dorian deixou cair os braços. Paralisado pelo terror, não sabia que fazer. De súbito, assaltou-o uma esperança absurda.

- Espere! - gritou. - Há quanto tempo morreu a sua irmã? Diga-me, depressa!

- Há dezoito anos - respondeu o homem. - Por que mo pergunta? Que interessa saber há quantos anos?

- Dezoito anos - riu Dorian Gray, com uma ponta de triunfo na voz. - Dezoito anos! Leve-me para debaixo do candeeiro e olhe para a minhacara!

James Vane teve uma leve hesitação, sem compreender o que significava aquilo. Depois, agarrou Dorian Gray e puxou-o para fora da arcada. .

Apesar de difusa e vacilante, pelo vento que soprava, a luz chegou para lhe mostrar o erro medonho que lhe parecera ter cometido, pois a cara do homem que ele procurara para matar tinha todo o viço da adolescência, toda a pureza imaculada da juventude. Parecia ser pouco mais velho do que um rapaz de vinte primaveras, pouco mais velho, talvez nem tanto, do que a sua irmã, quando ambos se haviam despedido tantos anos antes. Era evidente que este não era o homem que destruíra a vida dela.

Largou-o e recuou, cambaleante.

- Meu Deus! Meu Deus - exclamou -, estive prestes a matá-lo!

Dorian Gray soltou um longo suspiro de alívio.

- Esteve prestes a cometer um crime terrível, homem - disse, deitando-lhe um olhar severo. - Que isto lhe sirva de aviso para não se vingar por suas próprias mãos.

- Perdoe-me, senhor - balbuciou James Vane. - Foi um equívoco. Foi uma palavra ouvida por acaso naquele antro maldito que me induziu à pista errada.

- É preferível que vá para casa e guarde essa pistola, senão pode meter-se em sarilhos - disse Dorian, dando meia volta e descendo a rua vagarosamente.

James Vane continuou parado no passeio, horrorizado. Todo o corpo lhe tremia. Pouco depois, uma sombra que se tinha vindo aproximando, cosida com a parede húmida, apareceu à luz e aproximou-se dele com passos furtivos. Ele sentiu a mão pousar-lhe no braço e voltou-se, sobressaltado. Era uma das mulheres que estivera a beber no bar.

- Por que não o mataste? - perguntou-lhe, em voz sibilante e aproximando a face macilenta da dele. - Eu sabia que vinhas no seu encalço quando saíste a correr do Daly. Seu palerma! Devias ter acabado com ele. Tem muito dinheiro, e é tão ruim quanto se pode ser.

- Não é o homem que eu procuro - respondeu -, e não quero o dinheiro de ninguém. Quero a vida de um homem. O homem a quem quero tirar a vida deve ter agora perto de quarenta anos. Este é pouco mais do que um rapaz. Graças a Deus, não manchei as minhas mãos com o seu sangue.

A mulher soltou um riso amargo.

- Pouco mais do que um rapaz! - escarneceu ela. - Ora, homem, há quase dezoito anos que o Príncipe Encantado fez de mim o que sou agora.

- Mentes! - gritou James Vane.

Ela ergueu a mão ao céu.

- Juro por Deus que falo verdade - exclamou.

- Por Deus?

- Que eu morra aqui se não é verdade. Ele é o pior de todosos que vêm aqui. Dizem que vendeu a alma ao diabo em troca de uma bonita cara. Faz quase dezoito anos que o encontrei. Não mudou muito de então para cá. Mas eu mudei - acrescentou, com um olhar malévolo.

- Juras?

- Juro - disse, como um eco enrouquecido, a sua boca implacável. - Mas não me denuncies - pediu, lamuriando-se.

- Tenho medo dele. Dá-me algum dinheiro para pagar o quartoesta noite.

Ele largou-a com uma praga, e correu para a esquina da rua, mas Dorian Gray- desaparecera. Quando olhou para trás de si, a mulher também havia desaparecido.

Capítulo XVII

Uma semana depois, Dorian Gray estava sentado na estufa de Selby Royal a conversar com a formosa duquesa de Monmouth, que, acompanhada pelo marido, um sexagenário de ar fatigado, se encontrava entre os seus convidados. Era a hora do chá, e a luz suave do enorme candeeiro coberto de renda que se encontrava sobre a mesa iluminava as delicadas porcelanas e a prata cinzelada da baixela com que a duquesa servia. As mãos brancas moviam-se delicadamente por entre as chávenas, e os lábios vermelhos e carnudos sorriam de qualquer coisa que Dorian lhe segredara. Lord Henry, recostado numa cadeira de vime coberta com pano de seda, observava-os. Sentada num divã cor de pêssego, Lady Narborough fingia estar atenta à descrição do duque sobre o último escaravelho brasileiro que acrescentara à sua colecção. Três jovens de smoking a rigor serviam bolos a algumas senhoras. O grupo era constituído por doze pessoas, e eram esperadas mais algumas que chegariam no dia seguinte.

- De que estão os dois a falar? - perguntou Lord Henry, aproximando-se da mesa e pousando a chávena. - Espero que o Dorian lhe tenha falado do meu plano de rebaptizar tudo, Gladys. É uma ideia extraordinária.

- Mas eu não quero ser rebaptizada, Harry - retorquiu a duquesa, erguendo para ele os seus olhos maravilhosos. – Estou plenamente satisfeita com o meu nome, e tenho a certeza de que Mr. Gray deve estar satisfeito com o dele.

- Minha querida Gladys, por nada deste mundo iria alterar qualquer deles. Ambos são perfeitos. Eu estava a pensar principalmente nas flores. Ontem cortei uma orquídea para pôr na botoeira. Era um exemplar maravilhoso, às pintas, tão eficaz como os sete pecados mortais. Num momento de irreflexão, perguntei a um dos jardineiros o nome dela. Disse-me que era um exemplar perfeito da Robinsoniana, ou qualquer coisa horrível do género. É uma triste verdade, mas perdemos a capacidade de atribuir nomes bonitos às coisas. Os nomes são tudo: Nunca tenho divergências com as acções. A minha única divergência é com as palavras. Esse é o motivo por que detesto o realismo grosseiro na literatura. O homem que chama pá a uma pá *(1)* devia ser obrigado a usar uma. É a única coisa para que ele serve.

**1. Tradução literal. Em tradução livre, corresponderia* achama as coisas pelo seu nome / «pão, pão, queijo, queijo». (N. da T.)

- Nesse caso, o que lhe havíamos de chamar, Harry? - perguntou ela.

- O nome dele é Príncipe Paradoxo - disse Dorian.

- Reconheço-o num relance - exclamou a duquesa.

- Nem quero ouvir tal coisa - protestou Lord Henry a rir, refastelando-se numa cadeira. - Não se consegue escapar a um rótulo! Recuso o título.

- A realeza não pode abdicar - pronunciaram, como um aviso,os formosos lábios.

- Quer então que defenda o meu trono?

- Quero.

- Eu comunico as verdades de amanhã.

- Eu prefiro os erros de hoje - replicou ela.

- Você desarma-me, Gladys - exclamou ele, apercebendo-se da sua obstinação caprichosa.

- Do seu escudo, Harry, não da sua lança.

- Nunca uso lança contra a beleza - retorquiu, fazendo um gesto com a mão.

- Esse é o seu erro, Harry, creia-me. Dá demasiado valor à beleza.

- Como pode dizer uma coisa dessas? Admito que consideromelhor ser-se belo do que ser-se bom. Mas, por outro lado, ninguém mais do que eu está disposto a reconhecer que mais vale ser-se bom do que ser-se feio.

- Sendo assim, a fealdade é um dos sete pecados mortais? - exclamou a duquesa. - O que aconteceu à sua alegoria da orquídea?

- A fealdade é uma das sete virtudes mortais, Gladys. Como boa conservadora que é, não devia subestimá-las. A cerveja, a Bíblia e as sete virtudes mortais fizeram da Inglaterra o que ela é.

- Não gosta então do seu país? - perguntou-lhe.

- É nele que vivo.

- Para melhor o censurar.

- Quer que eu assuma o veredicto da Europa sobre ele? -inquiriu.

- Que dizem eles de nós?

- Que Tartufo emigrou para Inglaterra e abriu uma loja.

- A frase é de sua autoria, Harry?

- Ofereço-lha.

- Não poderia usá-la. É demasiado verdadeira.

- Não tenha receio. Os nossos compatriotas nunca reconhecem uma descrição.

- São práticos.

- São mais astutos do que práticos. Quando fazem o balanço no livro razão, saldam a estupidez com a fortuna e o vício com a hipocrisia.

- Mesmo assim, temos feito grandes coisas.

- As grandes coisas é que foram lançadas sobre nós, Gladys.

- Temos carregado com esse fardo.

- Somente até à Bolsa de Valores.

Ela fez um aceno negativo com a cabeça.

- Acredito na raça - exclamou.

- Representa a sobrevivência do esforço.

- Tem evoluído.

- A decadência seduz-me mais.

- E a Arte? - perguntou ela.

- É uma doença.

- O Amor?

- Uma ilusão.

- A Religião?

- O moderno substituto da Crença.

- Você é um céptico.

- Nunca! O cepticismo é o começo da Fé.

- Você o que é?

- Definir é limitar.

- Dê-me uma pista.

- Os fios partem-se. Ficaria perdida no labirinto.

- Você deixa-me confusa. Falemos de alguém.

- O nosso anfitrião é um tema fascinante. Há uns anosbaptizaram-no Príncipe Encantado.

- Ah! Não me traga isso à lembrança - protestou Dorian Gray.

- O nosso anfitrião está bastante desagradável esta tarde - respondeu a duquesa, ruborizada. - Creio que ele supõe que Monmouth casou comigo por razões puramente científicas, como se eu fosse o melhor exemplar de moderna borboleta que conseguiu para si.

- Bem, espero que ele não Lhe espete alfinetes, duquesa - disse Dorian, rindo.

- Ora, a minha criada já se encarrega de o fazer, Mr. Gray,quando está ofendida comigo.

- E o que a faz ficar ofendida com a senhora duquesa?

- As coisas mais triviais, Mr. Gray, afianço-lhe. Habitualmente, é porque chego às nove menos dez e digo-lhe que tenho de estar pronta às oito e meia.

- Que criada tão insensata! Devia despedi-la.

- Não me atrevo, Mr. Gray. É que ela inventa chapéus para mim. Lembra-se daquele que levei à festa no jardim de Lady Hilstone? Não se lembra, mas é gentil da sua parte fingir que se lembra. Pois ela fê-lo do nada. Todos os bons chapéus são feitos do nada.

- Como todas as boas reputações, Gladys - interrompeu Lord Henry. - Todo o efeito que produzimos dá-nos um inimigo. Para termos popularidade temos de ser medíocres.

- Isso não acontece com as mulheres - disse a duquesa, abanando a cabeça, - e as mulheres governam o mundo. Garanto-lhe que não suportamos mediocridades. Nós as mulheres, como diz alguém, amamos com os ouvidos, do mesmo modo que vocês os homens amam com os olhos, se é que vocês amam mesmo.

- Parece-me que nunca fazemos outra coisa - murmurou Dorian.

- Ah, nesse caso, realmente nunca amam, Mr. Gray – respondeu a duquesa, num arremedo de mágoa.

- Minha querida Gladys! - exclamou Lord Henry. - Como pode dizer isso? Um romance de amor vive da repetição, e a repetição converte um apetite em arte. Além disso, cada vez que se ama é a única vez que já se amou. A diferença no objecto do amor não altera a integridade da paixão. Só lhe dá mais intensidade. Na melhor das hipóteses, podemos ter na vida apenas uma experiência magnífica, e o segredo da vida está em reproduzir essa experiência tantas vezes quanto possível.

- Mesmo quando ela nus magoou, Harry? - perguntou a duquesa, após algum silêncio.

- Especialmente quando nos magoou - respondeu Lord Henry.

A duquesa voltou-se para Dorian Gray, olhando-o com uma expressão singular.

- Que diz a isto, Mr. Gray? - perguntou-lhe.

Dorian hesitou um pouco. Depois atirou a cabeça para trás e riu-se. .

- Eu concordo sempre com o Harry, duquesa.

- Mesmo quando ele não tem razão?

- O Harry tem sempre razão, duquesa.

- E a sua filosofia fá-lo feliz?

- Nunca busquei a felicidade. Quem quer a felicidade? Tenho buscado o prazer.

- E encontrou-o, Mr. Gray?

- Muitas vezes. Vezes demais.

A duquesa suspirou.

- Eu ando à procura de paz - disse ela -, e se não vou já vestir-me, não vou ter nenhuma esta noite.

- Permita-me que lhe vá buscar umas orquídeas - exclamouDorian, que se ergueu rapidamente e se dirigiu para o fundo da estufa.

- Você está a namorá-lo escandalosamente - comentou Lord Henry para a prima. - Seria melhor que tivesse cuidado. Ele é muito sedutor.

- Se o não fosse, não haveria combate.

- Nesse caso, são gregos contra gregos?

- Estou do lado dos troianos. Eles lutaram por uma mulher.

- E foram vencidos.

- Há coisas piores que o cativeiro - retorquiu ela.

- Você galopa à rédea solta.

- É o ritmo da passada que conserva a vida - replicou.

- Hei-de anotar esta noite no meu diário.

- O quê?

- Que criança queimada ama o fogo.

- Nem sequer estou chamuscada. As minhas asas estão intactas.

- Você poderá servir-se delas para tudo, excepto para voar.

- A coragem passou dos homens para as mulheres. Para nós é uma experiência nova.

- Tem uma rival.

- Quem?

Ele riu-se.

- Lady Narborough - segredou ele. - Ela adora-o.

- Deixa-me apreensiva. A atracção pela Antiguidade é fatal em nós, as românticas.

- Românticas! Vocês têm todos os métodos da ciência.

- Os homens educaram-nos.

- Mas não vos explicaram.

- Descrevem-nos como um sexo - disse, em tom de desafio.

- Esfinges sem segredos.

Ela fitou-o com um sorriso.

- Que demorado está Mr. Gray! Vamos ajudá-lo. Ainda lhe não disse a cor do meu vestido.

- Bem, Gladys, terá que fazer condizer o vestido com as flores dele.

- Isso seria uma capitulação prematura.

- A arte romântica começa pelo clímax.

- Preciso de reservar uma oportunidade de retirada.

- À maneira dos Partos *(1)*?

- Eles procuravam refúgio no deserto. Eu não conseguiria fazê-lo.

- As mulheres nem sempre têm oportunidade de escolha - foi a resposta dele.

Mas, mal terminara a frase, ouviu-se, vindo do fundo da estufa, um gemido abafado, seguido do baque da queda de um corpo. Levantaram-se todos em sobressalto. A duquesa ficou paralisada de terror. Lord Henry, o receio estampado no olhar, precipitou-se por entre as folhas balouçantes das palmeiras e foi encontrar Dorian Gray caído de bruços sobre os ladrilhos, e desmaiado como se estivesse morto.

Transportaram-no de imediato para a sala azul e deitaram-no sobre um dos sofás. Pouco tempo depois, ele voltou a si, e olhou à sua volta com ar aturdido.

- Que aconteceu? - perguntou. - Ah! Já me lembro. Aqui estou em segurança, Harry?

Começou a tremer.

- Meu caro Dorian - respondeu-lhe Lord Henry -, foi apenas um desmaio. Mais nada. Você deve estar extremamente fatigado. Será melhor não descer para jantar. Eu posso substituí-lo.

**1. Excelentes cavaleiros e guerreiros oriundos das estepes, cujo império se situava entre os rios Eufrates e Indo (cerca de 240 a. C. - cerca de 230 d. C.), utilizavam a estratégia de disparar setas durante uma retirada, quer esta fosse real quer simulada. (N. da T.)*

- Não, eu desço - disse ele, levantando-se com dificuldade. - Prefiro vir cá abaixo. Não posso ficar sozinho.

Foi para o quarto vestir-se. Quando se sentou à mesa para jantar, havia nos seus modos uma alegria exagerada e inconsequente, mas de vez em quando percorria-o um frémito de terror ao lembrar-se que, colada à janela da estufa, como um lenço branco, vira a cara de James Vane a fitá-lo.

Capítulo XVIII

No dia seguinte não saiu de casa. A verdade é que passou a maior parte do tempo no quarto, angustiado por um desmedido pavor da morte, e, no entanto, indiferente à vida. Começara a obcecá-lo a ideia de ser perseguido, atraído a uma armadilha e caçado. Estremecia se a tapeçaria abanava ao de leve com o vento. As folhas mortas que o vento atirava contra as vidraças pareciam-lhe os seus propósitos perdidos e desvairados remorsos. Quando fechava os olhos, tornava a ver a cara do marinheiro a espreitá-lo através do vidro embaciado pela névoa, e, mais uma vez, sentia o pavor a apertar-lhe o coração.

Mas, provavelmente, fora a sua imaginação que fizera sair das trevas da noite a vingança, e lhe pusera diante dos olhos as formas hediondas do castigo. A vida real era o caos, mas a imaginação tinha algo de terrivelmente lógico.

Era a imaginação que lançava o remorso no rasto do pecado. Era a imaginação que obrigava cada crime a gerar os seus monstros. No mundo da banal realidade, os maus não eram punidos, nem os bons recompensados. O triunfo era concedido aos fortes, o fracasso imposto aos fracos. E era assim mesmo. Além disso, qualquer intruso que andasse a rondar a casa teria sido visto pelos criados ou pelos couteiros. Se tivessem sido encontradas pegadas nos canteiros de flores, os jardineiros tê-lo-iam informado. Estava convicto de que fora pura imaginação. O irmão de Sibyl Vane não regressara para o matar. Ele partira no seu navio e afundara-se em mar de invernia. Dele, ao menos, estava livre. Ora, o homem não sabia quem ele era, nem poderia saber. A máscara da juventude salvara-o.

E, contudo, mesmo se aquilo fora apenas uma alucinação, não deixava de ser terrível pensar que a consciência podia criar fantasmas tão medonhos, e dar-lhes forma física e movimento! Que vida seria a sua se, dia e noite, as sombras do seu crime o espiassem de recantos silenciosos, dele escarnecessem de lugares secretos, lhe segredassem ao ouvido a meio de uma festa, o despertassem com dedos álgidos quando dormia! À medida que a ideia se lhe insinuava na mente, empalidecia de terror, e parecia-lhe que o ar subitamente arrefecera. Ah! O violento desvario daquela hora em que matara o amigo! A simples lembrança da cena era aterradora! Tornava a ver tudo. Voltava-lhe à memória cada pormenor horrendo acrescentado de um novo horror. Da negra caverna do Tempo, terrível e envolta em faixas escarlates, surgia a imagem do seu pecado. Às seis horas, Lord Henry entrou no quarto e encontrou-o num choro convulsivo, como se o coração se fosse partir.

Só no terceiro dia se atreveu a sair. Havia qualquer coisa no ar límpido e perfumado de pinho daquela manhã de Inverno que parecia devolver-lhe a jovialidade e o entusiasmo pela vida. Mas não foram apenas as condições físicas da atmosfera a provocar a mudança. A própria índole rebelara-se contra a excessiva angústia que tentara mutilar e destruir a perfeição da sua serenidade. É uma característica dos temperamentos subtis e requintados. As suas paixões intensas devem magoar ou vergar-se. Matam o homem, ou morrem.. Os pesares e amores fúteis sobrevivem. Os amores e pesares sublimes são destruídospela sua própria plenitude. Além do mais, ele

convencera-se de que fora vítima de uma imaginação dominada pelo terror, e, ao revê-los agora, compadecia-se, e desdenhava mesmo, dos seus medos.

Após o pequeno-almoço, passeou durante uma hora no jardim com a duquesa; depois conduziu uma charrete até ao outro extremo do parque para se juntar ao grupo dos caçadores. A geada parecia sal a cobrir a relva. O céu era o fundo azul de uma taça de metal. Uma fina camada de gelo orlava a superfície lisa do lago onde cresciam juncos.

Numa volta do pinhal, avistou Sir Geoffrey Clouston, o irmão da duquesa, que sacudia da espingarda dois cartuchos vazios. Saltou da charrete e; depois de ter ordenado ao moço de estrebaria que regressasse com a égua, abriu caminho por entre fetos secos e eriçadas moitas em direcção ao seu convidado.

- A caçada foi boa, Geoffrey? - perguntou-lhe.

- Não foi lá muito boa, Dorian. Creio que a maioria dos pássaros fugiu para os campos. Acho que será melhor depois de almoço, quando formos para outro sítio.

Dorian ia caminhando a seu lado. O ar estimulante e perfumado, as cintilações castanhas e vermelhas do bosque, os gritos enrouquecidos dos batedores ressoando de tempos a tempos, seguidos dos disparos secos das espingardas, fascinavam-no e invadiam-no de uma sensação de deliciosa liberdade. Era dominado por uma felicidade sem cuidados e uma intensa e despreocupada alegria.

De repente, de um encrespado tufo de penas secas, a umas vinte jardas mais adiante, as orelhas de ponta preta espetadas, e com as longas patas traseiras a impelirem-na para a frente, saltou uma lebre. Escapava-se para uma mata de amieiros. Sir Geoffrey encostou a espingarda ao ombro, mas algo no movimento grácil do animal fascinou inesperadamente Dorian Gray, que gritou de imediato.

- Não a mate, Geoffrey! Deixe-a viver.

- Que dísparate, Dorian! - disse, rindo, o companheiro.

E, quando a lebre saltou para o matagal, disparou. Ouviram-se dois gritos: o grito de uma lebre ferida, o que é horrível, e o grito de um homem agonizante; o que é pior.

- Valha-me Deus! Atingi um batedor! - foi a exclamação de Sir Geoffrey. - Que estupidez! Ir colocar-se mesmo em frente das espingardas! Vocês aí, não disparem! - bradou ele aos outros. - Há um homem ferido.

O chefe dos couteiros acorreu de varapau na mão.

- Onde, senhor? Onde está ele? - gritou o homem. Ao mesmo tempo cessaram os disparos em toda a fileira.

- Está aqui - respondeu, irritado, Sir Geoffrey, precipitando-se para a mata.

- Por que cargas de água não mantém os seus homens lá atrás? A caçada do dia já está estragada.

Dorian observava-os a embrenharem-se na mata de amieiros afastando os ramos flexíveis e balouçantes. Reapareceram pouco depois, arrastando um corpo para a luz do sol. Ele voltou as costas horrorizado. A desgraça parecia segui-lo para onde quer que fosse. Ouviu Sir Geoffrey perguntar se o homem estava realmente morto, e a resposta afirmativa do couteiro. Tinha a sensação de que, subitamente, o bosque se povoara de rostos. Ouvia o tropel de miríades de pés e o grave sussurro de vozes. Um grande faisão de peito acobreado surgiu esvoaçando por entre os ramos das árvores.

Após alguns momentos, que, no estado de perturbação em que se encontrava, lhe pareceram intermináveis horas de sofrimento, sentiu a mão que pousara no seu ombro. Voltou-se, sobressaltado.

- Dorian - disse Lord Henry -, será melhor que eu lhes diga que a caçada terminou por hoje. Não pareceria bem continuar.

- Quem me dera que terminasse para sempre, Harry - respondeu, com amargura. - É uma coisa repugnante e cruel. O homem está...?

Não conseguiu concluir a frase.

- Creio que sim - retorquiu Lord Henry. - Apanhou a carga toda no peito. Deve ter tido morte instantânea. Venha, vamos para casa.

Caminharam juntos na direcção da alameda, percorrendo umas cinquenta jardas em silêncio. Então Dorian olhou para Lord Henry, soltando um longo suspiro.

- Isto é um mau presságio, Harry - disse ele -, um presságio muito mau.

- O quê? - perguntou Lord Henry -, Ah, este acidente, suponho. Meu caro amigo, não se pode fazer nada. Foi por culpa do homem. Por que se colocou ele em frente das espingardas? Aliás, nada temos a ver com isso. O Geoffrey encontra-se numa situação bastante delicada, é claro. Não é conveniente atingir os batedores. Leva as pessoas a pensar que somos atiradores desastrados. E o Geoffrey não o é; ele é um óptimo atirador. Mas não vale a pena falar sobre o assunto.

Dorian abanou a cabeça.

- É um mau presságio, Harry. Tenho a sensação de que uma coisa terrível vai acontecer a alguns de nós. Talvez a mim - acrescentou, passando a mão pelos olhos, com um gesto de dor.

O mais velho riu-se.

- A única coisa horrível deste mundo é o Ennui, Dorian. Esse é o único pecado para o qual não existe perdão. Mas não é provável que ele nos afecte, a não ser que, durante o jantar, estes amigos continuem a falar sobre o caso. Tenho de lhes dizer que será um assunto interdito. Quanto aos presságios, é coisa que não existe. O Destino não se faz anunciar. Tem demasiado bom senso ou demasiada crueldade para o fazer. De mais a mais, o que é que lhe poderia acontecer, Dorian? Você tem tudo o que um homem pode desejar neste mundo. Não há ninguém que não ficasse encantado por trocar de lugar consigo.

- Não há ninguém com quem eu não desejasse trocar de lugar, Harry. Não se ria assim. É verdade. O infeliz camponês que acaba de morrer está em melhor situação do que eu. Não tenho pavor da Morte. O que me aterroriza é a aproximação da Morte. As suas asas monstruosas parecem adejar no ar plúmbeo à minha volta. Céus! Não vê um homem atrás daquelas árvores, a espreitar-me, a esperar por mim?

Lord Henry olhou na direcção apontada pela mão enluvada que tremia.

- Vejo - respondeu a sorrir -, vejo o jardineiro à sua espera. Há-de querer saber que flores você quer esta noite na mesa. Mas que absurdo nervosismo o seu, meu caro amigo! Tem de ir consultar o meu médico quando regressarmos a Londres.

Dorian suspirou de alívio ao ver o jardineiro a aproximar-se.

O homem levou a mão ao chapéu, olhou hesitante para Lord Henry, e depois mostrou uma carta, que entregou ao amo.

- Sua Senhoria pediu-me que esperasse pela resposta - balbuciou.

Dorian meteu a carta no bolso.

- Diga a Sua Senhoria que volto já - respondeu, com frieza.

O homem deu meia volta e foi rapidamente na direcção da casa.

- Muito gostam as mulheres de correr riscos! - riu Lord Henry. - De todas as suas qualidades é a que mais admiro. Uma mulher namora com qualquer pessoa deste mundo desde que tenha espectadores.

- Como você gosta de dizer coisas perigosas, Harry! No caso presente está muito enganado. Gosto muito da duquesa, mas não a amo.

- E a duquesa ama-o muito, mas gosta menos, por isso, estão feitos um para o outro.

- Está a difamar sem haver motivo algum, Harry.

- O motivo de toda a difamação é uma certeza imoral - observou Lord Henry, enquanto acendia um cigarro.

- Você sacrificaria quem quer que fosse por um epigrama.

- Cada um vai ao altar de livre vontade - foi a resposta.

- Eu bem desejaria poder amar - exclamou Dorian Gray, com uma grave entoação patética. - Mas tenho a impressão de que perdi a paixão e esqueci o desejo. Concentro-me demasiado em mim mesmo. A minha personalidade é para mim um fardo. Quero fugir, partir, esquecer. Foi uma tolice eu ter vindo para aqui. Creio que vou enviar um telegrama ao Harvey a dizer quemande preparar o iate. Num iate sente-se segurança.

- Segurança relativamente a quê, Dorian? Você está com algum problema. Por que não me diz o que se passa? Sabe bem que eu estaria pronto a ajudá-lo.

- Não lhe posso dizer, Harry - respondeu, contristado.

- Deve ser coisa da minha imaginação. Este infeliz acidente transtornou-me. Tenho um pressentimento horrível de que me pode acontecer algo semelhante.

- Que disparate!

- Oxalá seja, mas não consigo evitá-lo. Ah, aqui temos a duquesa, que parece Artemisa *(1)* com um fato feito por medida. Como vê, regressámos, duquesa.

- Já sei tudo sobre o caso, Mr. Gray - respondeu ela. – O pobre do Geoffrey está terrivelmente incomodado. E parece que o senhor lhe pediu que não matasse a lebre. É curioso!

- Foi, de facto, muito curioso. Não sei o que me levou a fazê-lo. Algum capricho, talvez. Parecia a mais linda de todas as criaturas. Mas lamento que lhe tenham falado do homem. É um assunto horrendo.

- É um assunto maçador - interveio Lord Henry. - Não tem absolutamente nenhum valor psicológico. Ora se o Geoffrey o tivesse feito propositadamente, que interessante não seria! Gostaria de conhecer alguém que tivesse cometido um crime de verdade.

- Como você é horrível, Harry! - exclamou a duquesa. – Não concorda, Mr. Gray? Harry! Mr. Gray está outra vez indisposto.Vai desmaiar.

Dorian recompôs-se com esforço, e sorriu.

- Não é nada, duquesa - balbuciou, - os meus nervos estão pavorosamente abalados. É só isso. Acho que caminhei muito esta manhã. Não ouvi o que disse o Harry. Foi muito desagradável? Há-de contar-me noutra ocasião. Creio que vou repousar. Peço que me desculpem.

Haviam chegado ao grande lanço de escadas que ia da estufa ao terraço. Quando a porta de vidro se fechou nas costas de Dorian, Lord Henry voltou-se e, com o seu olhar sonolento, fitou a duquesa.

- Está muito apaixonada por ele? - perguntou-lhe.

Ela demorou algum tempo a responder, quedando-se a contemplar a paisagem.

**1. (Mitologia grega) Deusa da Lua e da caça. (N. da T.)*

- Quem me dera saber - disse, por fim.

Ele meneou a cabeça.

- O saber seria fatal. A incerteza é que dá encanto. A bruma torna as coisas maravilhosas.

- Podemos perder-nos no caminho.

- Todos os caminhos vão dar ao mesmo sítio, minha querida Gladys.

- E qual é?

- O da desilusão.

- Esse foi o meu début na vida - disse ela, com um suspiro.

- Apareceu-lhe de coroa.

- Estou cansada de folhas de morangueiro *(1)*.

- Ficam-lhe bem.

- Só em público.

- Sentiria a sua falta - disse Lord Henry.

- Não me aparto de uma pétala sequer.

- Monmouth pode ouvir.

- A velhice é dura de ouvido.

- Ele nunca teve ciúmes?

- Quem me dera que tivesse.

Ele olhou em volta como que à procura de alguma coisa.

- O que procura? - perguntou ela.

- O botão que lhe caiu da ponta do florete.

- Ainda tenho a máscara posta - disse ela, rindo.

- Faz-lhe os olhos mais bonitos - retorquiu ele.

Ela riu-se de novo. Os dentes pareciam sementes brancas numfruto escarlate.

Em cima, no seu quarto, Dorian Gray encontrava-se estendido num sofá, com todas as fibras do corpo a vibrarem de terror. De repente, a vida tornara-se um fardo hediondo que tinha de carregar. A morte horrenda do infeliz batedor, abatido na mata como um animal selvagem, parecera-lhe prefigurar também a sua própria morte.

**1. Ornamento heráldico das coroas ducais inglesas. (N. da T.)*

Quase desfalecera ao ouvir o que Lord Henry havia dito casualmente num dos seus momentos de gracejos cínicos.

Às cinco horas tocou a campainha para chamar o criado eordenou-lhe que lhe fizesse as malas para apanhar o expresso da noite para Londres, e que a berlinda estivesse à porta às oito e meia. Estava decidido a não passar outra noite em Selby Royal. Era um lugar agourento, por onde a Morte se passeava ao sol. A relva da floresta ficara manchada de sangue.

Depois escreveu um bilhete dirigido a Lord Henry, a comunicar-lhe que ia a Londres consultar o médico e a pedir-lhe que se ocupasse dos convidados durante a sua ausência. Quando estava a metê-lo no envelope, bateram à porta. Era o seu criado pessoal a informá-lo de que o chefe dos couteiros desejava falar-lhe. Ele fez um trejeito de desagrado.

- Diga-lhe que entre - resmungou, após alguma hesitação.

Assim que o homem entrou, Dorian sacou de uma gaveta o livro de cheques e colocou-o aberto diante de si.

- Calculo que veio aqui por causa do infeliz acidente desta manhã, Thornton - disse, pegando numa caneta.

- Sim, senhor - respondeu o couteiro.

- O pobre do homem era casado? Tinha pessoas a seu cargo? - perguntou Dorian, com ar enfastiado. - Se for esse o caso, não quero que passem necessidades. Mandarei uma quantia em dinheiro que você achar suficiente.

- Nós não sabemos quem ele é, senhor. É por causa disso que tomei a liberdade de vir ter com Vossa Senhoria.

- Não sabem quem é? - perguntou Dorian, com indiferença. - Que quer dizer com isso? Não era um dos seus homens?

- Não, senhor. Nunca o tinha visto. Parece um marinheiro,senhor.

A caneta caiu da mão de Dorian Gray, e ele sentiu que, de repente, o coração quase deixara de bater.

- Um marinheiro? - exclamou. - Disse marinheiro?

- Sim, senhor. Pelo aspecto, parece que era, tatuagens nos dois braços, e tudo o mais.

- Ele trazia alguma coisa consigo? - perguntou Dorian, inclinando-se para a frente e fixando-o com ansiedade.Qualquer coisa com o nome dele?

- Algum dinheiro, senhor, não muito, e um revólver de seis balas. Não trazia nome neniium. Um homem com ar honesto, senhor, mas um pouco rude. Do tipo marinheiro, achamos nós.

Dorian ergueu-se de pronto. Alvoroçado por uma tremenda esperança, agarrava-se a ela desesperadamente.

- Onde está o corpo? - exclamou. - Depressa! Preciso de o ver imediatamente.

- Está num estábulo vazio do Casal, senhor. O povo não gosta de ter um morto em casa. Dizem que dá azar.

- O Casal! Vá logo ter comigo. Diga a um dos moços que me traga o meu cavalo. Deixe, não é preciso. Eu mesmo vou à estrebaria. Poupa-se tempo.

Em menos de um quarto de hora, Dorian Gray galopava a toda a brida pela alameda. As árvores passavam por ele a fugir em espectral desfile e sombras desordenadas atravessavam-se no caminho. Houve um momento em que a égua se desviou bruscamentedo pilar branco de um portão e quase o arremessou ao solo. Fustigou-lhe o pescoço com o pingalim. Ela fendeu o ar poeirento como uma seta. Os cascos faziam voar as pedras.

Finalmente chegou ao Casal. Dois homens passeavam pelo pátio. Ele saltou da sela e atirou as rédeas a um deles. No estábulo mais afastado viu uma luz. Teve o pressentimento de que o corpo estava ali. Dirigiu-se apressado para a porta e pousou a mão no ferrolho.

Deteve-se aí por instantes, sentindo que estava à beira de uma descoberta que o poderia salvar ou destruir-lhe a vida. Então empurrou a porta e entrou.

Ao fundo, sobre uma pilha de serapilheiras, jazia o cadáver de um homem que vestia uma camisa grosseira e umas calças azuis, Um lenço manchado tapava-lhe o rosto. Ao lado, no gargalo de uma garrafa, crepitava uma vela tosca.

Dorian Gray estremeceu. Sentiu que não podia ser a sua mão a que havia de tirar o lenço, e chamou por um dos criados, dizendo-lhe que se aproximasse.

- Tira aquilo da cara. Quero vê-la - disse ele, agarrado à ombreira da porta para se apoiar.

Quando o criado fez o que lhe ordenara, ele avançou. Soltou um grito de alegria. O homem que fora alvejado na mata era James Vane.

Permaneceu ali alguns minutos a olhar para o cadáver. Ao voltar para casa, os olhos iam rasos de lágrimas, pois sabia que estava salvo.

Capítulo XIX

- É escusado dizer-me que passará a ser um homem bom - exclamou Lord Henry, mergulhando os dedos alvos numa taça de cobre vermelho cheia de água de rosas. - Você é absolutamente perfeito. Não mude, peço-lhe.

Dorian Gray abanou a cabeça em jeito de recusa.

- Não, Harry, fiz por demais coisas horríveis na minha vida. Não vou tornar a fazê-las. Comecei ontem com as minhas boas acções.

- Onde esteve ontem?

- No campo, Harry. Estive sozinho numa pequena estalagem.

- Meu rapaz - disse Lord Henry sorrindo -, no campo, quem quer que seja pode ser boa pessoa. Lá não existem tentações. Por esse motivo é que as pessoas que vivem fora da cidade são totalmente incivilizadas. A civilização não é de modo algum fácil de se conseguir. Há apenas duas maneiras possíveis de a alcançar. Uma é através da cultura, a outra através da corrupção. As pessoas que vivem no campo não têm oportunidade para nenhuma delas e, por isso, estagnam.

- Cultura e corrupção - repetiu, como um eco, Dorian. - Conheci um pouco de ambas. Agora parece-me terrível que se encontrem sempre juntas. Pois eu tenho um novo ideal, Harry. Vou mudar. Creio que já mudei.

- Ainda me não disse qual foi a sua boa acção. Ou disse-me que fizera mais do que uma? - perguntou-lhe o companheiro, enquanto deitava no prato uma pequena pirâmide carmesim de morangos, e, por uma colher perfurada e em forma de concha, fazia cair uma neve de açúcar branco sobre eles.

- Posso dizer-lhe, Harry. Não é uma história que pudesse contar a mais alguém. Poupei uma pessoa. Parece vaidade minha, mas compreende o que quèro dizer. Ela era muito bela, e de uma parecença maravilhosa com Sibyl Vane. Acho que foi a primeira coisa que me atraiu. Lembra-se da Sibyl, não lembra? Parece que foi há tanto tempo! Bem, a Hetty não era da nossa classe social, é claro. Era simplesmente uma rapariga de aldeia. Mas eu amava-a deveras. Tenho absoluta certeza de que a amava. Durante todo este maravilhoso mês de Maio em que estamos, costumava correr a visitá-la duas ou três vezes por semana. Ontem foi ter comigo a um pequeno pomar. As flores de macieira não paravam de cair-lhe sobre o cabelo, e ela ria-se. Deveríamos ter partido juntos hoje de madrugada. De repente resolvi deixá-la tão em flor como a encontrara.

- Eu diria que a novidade da emoção deve ter-lhe provocado um frémito de verdadeiro prazer, Dorian - interrompeu Lord Henry. - Mas posso completar o seu idílio. Você deu-lhe bons conselhos e deixou-a de coração desfeito. Foi assim que começou a sua regeneração.

- Harry, você é horrível! Não quero que diga essas coisas tremendas. O coração da Hetty *(1)* não está desfeito. É claro que chorou, e não só. Mas não se abateu sobre ela a ignomínia. Como Perdital, pode viver no seu jardim de hortelã e margaridas.

- E chorar pelo desleal Florizel *(2)* - disse Lord Henry, a rir, reclinando-se na cadeira. - Meu caro Dorian, você tem atitudes curiosamente infantis. Acredita que esta rapariga ficará alguma vez realmente satisfeita com alguém da mesma classe social? Suponho que há-de casar um dia com um rude carroceiro ou com um lavrador bonacheirão. Ora o tacto de o ter conhecido a

si, e de o ter amado, vai ensiná-la a desprezar o marido, e então viverá infeliz. Sob um ponto de vista moral, não posso dizer que tenho grande opinião sobre a sua sublime renúncia.

**1 e 2. Personagens da peça de Shakespeare: The WInter's Tale (Conto de Inverno). (N. da T.)*

Mesmo como começo, não vale muito. Além disso, quem sabe se a Hetty, neste preciso momento, não flutua em qualquer açude à luz das estrelas, rodeada de belos nenúfares, como Ofélia *(1)*?

**1. Personagem da peça de Shakespeare: Hamlet. (N. da T.)*

- Não posso suportar mais! Você zomba de tudo, e a seguir sugere possibilidades de gravíssimas tragédias. Arrependo-me agora de lhe ter contado. Não me interessa o que você me diz. Sei que fiz bem ao agir como agi. Coitada da Hetty! Quando hoje de manhã passei a cavalo pela quinta, vi o seu rosto pálido à janela, como uma haste de jasmim. Não falemos mais disso, e não tente persuadir-me de que a primeira boa acção que fiz ao fim de tantos anos, o pouquinho de sacrifício pessoal que fiz pela primeira vez na minha vida, não passa de uma espécie de pecado. Quero ser melhor. Vou ser melhor. Agora fale-me de si. Que novidades há em Londres? Faz tempo que não vou ao clube.

- As pessoas ainda comentam o desaparecimento do pobre do Basil.

- Sempre supus que já seria a altura de se terem cansado do assunto - disse Dorian, servindo-se de vinho, e franzindo um pouco as sobrancelhas.

- Meu caro, a conversa vai só em seis semanas, e o público britânico não tem capacidade para o esforço mental de ter mais do que um tema de conversa de três em três meses. Contudo, ultimamente, têm tido muita sorte. Tiveram o meu divórcio e o suicídio de Alan Campbell. Agora têm o misterioso desaparecimento de um artista. A Scotland Yard continua a insistir que o homem do sobretudo cinzento que partiu para Paris no comboio da meia-noite do dia nove de Novembro era o coitado do Basil, e a Polícia francesa declara que o Basil nunca chegou a Paris. Acho que dentro de quinze dias nos vão dizer que foi visto em São Francisco. É curioso, mas sempre que alguém desaparece dizem que foi visto em São Francisco. Deve ser uma cidade encantadora e possuir todos os atractivos do outro mundo.

- O que pensa que terá acontecido ao Basil? - perguntouDorian, segurando o copo de Borgonha contra a luz, e surpreendido por conseguir falar do assunto com tanta serenidade.

- Não faço a mínima ideia. Se o Basil decide esconder-se, nada tenho a ver com isso. Se morreu, nem quero pensar nele. A morte é a única coisa que sempre me apavora. Detesto-a.

- Por quê? - perguntou, um tanto enfastiado, o mais jovemdos dois homens.

- Porque - respondeu Lord Henry, passando por baixo das narinas a rede dourada de uma caixa de sais aromáticos -, podemos sobreviver a tudo, menos a ela. A morte e a vulgaridade são os dois únicos factos do século XIX que não conseguimos explicar. Bem, vamos tomar o café na sala de música, Dorian. Vai ter de tocar Chopin para mim. O homem com quem a minha mulher fugiu tocava Chopin primorosamente. Pobre Victoria! Eu era muito amigo dela. A casa está bastante solitária sem a sua presença. É certo que a vida de casado

é simplesmente um hábito, um mau hábito. Mas depois lamentamos a perda até dos nossos piores hábitos. São talvez os que mais lamentamos. São uma parte essencial da nossa personalidade.

Dorian não disse nada, mas levantou-se da mesa e, passando à outra sala, sentou-se ao piano e deixou que os dedos percorressem as teclas brancas e pretas de marfim. Depois de terem trazido o café, não continuou e olhou para Lord Henry.

- Harry - perguntou -, alguma vez lhe ocorreu que o Basil tenha sido assassinado?

Lord Henry bocejou.

- O Basil gozava de muita popularidade e usava sempre um relógio Waterbury. Por que havia de ser assassinado? Não era suficientemente inteligente para ter inimigos. É um facto que era um pintor de génio. Mas um homem pode ser um Velázquez e, no entanto, ser o mais obtuso possível. O Basil era na verdade bastante obtuso. Despertou-me interesse apenas uma vez, que foi quando ele me disse, há anos, que tinha uma adoração louca por si, e que você era o motivo dominante da sua arte.

- Eu era muito amigo do Basil - disse Dorian, com uma entoação de tristeza na voz. - Mas não dizem que ele foi assassinado?

- Ah, sim, alguns jornais dizem. Não me parece nada provável. Sei que há lugares medonhos em Paris, mas o Basil não era o género de pessoa que os frequentasse. Ele tinha falta de curiusidade. Era o seu principal defeito.

- Harry, o que diria você se eu Lhe contasse que assassinara o Basil? - perguntou o mais novo, fixando atentamente o outro.

- Diria, meu caro amigo, que estava a fazer pose para uma personagem que não condiz consigo. Todo o crime é grosseiro, assim como toda a grosseria é crime. Não está no seu feitio cometer um crime, Dorian. Desculpe se feri a sua vaidade ao dizer isto, mas garanto-lhe que é verdade. O crime pertence exclusivamente às classes mais baixas. Não as censuro minimamente. Diria que o crime seria para eles o que a arte é para nós, simplesmente um método de obter sensações extraordinárias.

- Um método de obter sensações? Acha então que um homem que cometeu um crime uma vez poderia voltar a cometer o mesmo crime? Não me diga.

- Ora, qualquer coisa pode vir a ser um prazer, se a fizermos repetidamente - exclamou, rindo, Lord Henry. - Esse é um dos mais importantes segredos da vida. Creio, todavia, que o assassínio é sempre um erro. Nunca se deve fazer aquilo de que se não possa falar à hora do jantar! Mas não falemos mais do pobre Basil. Desejava poder acreditar que ele havia tido um fim realmente tão romântico como o que você acaba de sugerir, mas não consigo. Atrevo-me a afirmar que ele caiu de um ónibus ao Sena, e que o revisor abafou o escândalo. Sim, imagino que foi esse o fim que levou. Vejo-o agora jazendo de costas, no fundo daquelas águas de um verde sombrio, com as pesadas barcaças a flutuarem por cima dele, e longas algas presas ao seu cabelo. Sabe, não creio que ele viesse a executar muitos mais trabalhos de qualidade. Nos últimos dez anos a sua pintura decaíra muito.

Dorian soltou um longo suspiro, e Lord Henry atravessou a sala e começou a afagar a cabeça de um exótico papagaio-de-java, uma ave grande de plumagem cinzenta, a crista e a cauda cor-de-rosa, que se equilibrava num poleiro de bambu. Quando os dedos afilados lhe tocaram, a ave baixou as grossas pálpebras enrugadas sobre os olhos pretos e brilhantes e começou a balançar.

- Sim - continuou ele, voltando-se e tirando o lenço do bolso -, a sua pintura decaíra completamente. Parecia haver perdido qualquer coisa. Perdera um ideal. Quando vocês os dois deixaram de ser grandes amigos, ele deixou de ser um grande artista. O que vos levou a separarem-se? Imagino que você o achava enfadonho. Se foi por isso, ele nunca lhe perdoou. É característico nessas pessoas. A propósito, o que é feito daquele retrato maravilhoso que ele lhe fez? Suponho que nunca o vi desde que ele o acabou. Ah! Agora me recordo de você me ter dito há uns anos que o enviara para Selby, e que seextraviara ou o roubaram no trajecto. Nunca o recuperou? Que pena! Era uma verdadeira obra-prima. Lembro-me de o querer comprar. Quem me dera agora tê-lo comprado. Pertencia ao melhor período do Basil. A partir de então, a obra dele era essa estranha mescla de pintura medíocre e de boas intenções que habilita um indivíduo a ser considerado representante da arte britânica. Você não mandou um anúncio para o jornal? Devia ter feito isso.

- Não me recordo - respondeu Dorian. - Acho que mandei. Sinceramente, nunca gostei do retrato. Estou arrependido de ter posado. A sua lembrança é-me odiosa. Mas por que fala agora nele? Faz-me lembrar aqueles curiosos versos de uma peça, suponho que do Hamlet... como são?..

Like the painting of a sorrow,
A face without a heart.

Como a pintura de um desgosto,
Um rosto sem coração. (N. da T.)

Sim, o retrato era assim mesmo.

Lord Henry riu-se.

- Se um homem considera a vida como arte, passa a ter o cérebro no coração - observou ele, afundando-se numa poltrona.

Dorian Gray abanou a cabeça discordando, e tocou algunssuaves acordes no piano.

- Like the painting of a sorrow - repetiu ele -, a faceWithout a heart.

O homem mais velho recostou-se e olhou para ele, semicerrando os olhos.

- A propósito, Dorian - disse ele, após uns minutos de silêncio -, de que serve a um homem conquistar o mundo todo e perder... como é a citação? a própria alma?

A música soou dissonante, e Dorian Gray, os olhos esgazeados, fitou o amigo.

- Por que me faz essa pergunta, Harry?

- Meu caro - respondeu-lhe Lord Henry, erguendo as sobrancelhas em jeito de surpresa -, porque pensei que me pudesse dar uma resposta. Mais nada. No passado domingo, atravessava eu o Parque, estava um pequeno ajuntamento de maltrapilhos especado a ouvir um vulgar pregador de rua, perto do Marble Arch. Ao passar por ali, ouvi o homem em altos berros a fazer esta pergunta à assistência. Impressionou-me o dramatismo da cena. Londres é muito fértil em efeitos curiosos deste género. Um domingo de chuva, um cristão inculto de capa de borracha, um círculo de rostos pálidos e doentios sob um telhado irregular de guarda-chuvas gotejantes, e uma frase espantosa lançada por uma boca estridente e histérica... foi de facto surpreendente, muito sugestivo. Pensei em dizer ao profeta que a Arte tinha alma, mas o homem não. Pareceu-me, todavia, que não me teria compreendido.

- Não diga isso, Harry. A alma é uma realidade terrível. Pode ser comprada, e vendida, e negociada. Envenenada ou aperfeiçoada. Existe uma alma em cada um de nós. Eu sei.

- Tem a certeza absoluta, Dorian?

- Tenho.

- Ah, nesse caso, deve ser uma ilusão. As coisas acerca das quais temos certezas absolutas nunca são verdadeiras. Essa é a fatalidade da Fé e a lição da aventura amorosa. Que ar tão grave! Não ponha esse ar tão sério. O que temos nós dois a ver com as superstições da nossa época? Não, nós deixámos de acreditar na alma. Toque qualquer coisa para mim. Um nocturno, Dorian, e, enquanto toca, conte-me, em voz baixa, como manteve a sua juventude. Você deve ter algum segredo. Sou apenas dez anos mais velho, e estou cheio de rugas, gasto e macilento. Você está deveras maravilhoso, Dorian. Nunca esteve tão encantador como esta noite. Faz-me lembrar o dia em que o vi pela primeira vez. Você era impertinente e tímido, e absolùtamente extraordinário. É certo que mudou, mas não de aspecto. Gostaria que me dissesse o seu segredo. Para reaver a minha juventude, eu faria tudo no mundo, excepto ginástica, levantar-me cedo, ou ser uma pessoa respeitável. A juventude! Não há nada que se lhe compare. É absurdo falar da ignorância da juventude. As pessoas cujas opiniões ouço hoje com algum respeito são as pessoas muito mais novas do que eu. Parecem-me avançadas em relação a mim. A vida revelou-lhes a sua última maravilha. Quanto aos velhos, estou sempre em contradição com eles. Faço-o por uma questão de princípio. Se lhes pedimos a opinião sobre uma coisa que aconteceu ontem, dão-nos, com toda a solenidade, as opiniões correntes em 1820, quando se usavam colarinhos altos, se acreditava em tudo e não se sabia absolutamente nada. Que bonita essa coisa que está a tocar! Será que Chopin a compôs em Maiorca, com o pranto do mar em redor da villa e a espuma salgada a bater nos vidros das janelas? É extraordinariamente romântica.

Foi uma bênção ter-nos ficado uma arte que não é imitativa. Não pare. Preciso de música esta noite. Você é o jovem Apolo *(1)* e eu sou Márcias *(2)* a escutá-lo. Eu tenho as minhas mágoas, Dorian, que nem mesmo você conhece. A tragédia da velhice não é ser-se velho, mas ser-se novo. Fico às vezes surpreendido com a minha sinceridade. Ah, que feliz é você, Dorian! Tem tido uma vida magnífica! Bebeu de tudo até à última gota. Esmagou as uvas contra o palato. Nada lhe foi oculto. Para si tudo foi apenas como o som de música, não o afectou. Você continua a ser o mesmo.

- Não sou o mesmo, Harry.

- Sim, é o mesmo. Gostaria de saber o que será o resto da sua vida. Não a estrague com renúncias. Presentemente você é um tipo perfeito. Não se torne imperfeito. Neste momento é impecável. Escusa de abanar a cabeça. Sabe bem que o é. Além disso, Dorian, não se iluda. A vida não é regida pela vontade ou pela intenção. A vida é uma questão de nervos, e fibras, e células que se formam lentamente, e onde o pensamento se oculta e a paixão constrói os seus sonhos. Você pode imaginar-se seguro, e considerar-se forte. Mas a tonalidade ocasional de um quarto ou de um céu matutino, um certo perfume de que um dia gostou e que traz consigo subtis recordações, um verso de um poema esquecido que reencontrou, a cadência de uma música que deixou de tocar... são essas as coisas, Dorian, de que dependem as nossas vidas. Browning *(3)* escreve acerca disso algures, mas os nossos sentidos são capazes de as imaginar por nós. Há momentos em que, de repente, sinto o aroma do lilas blanc, e tenho de reviver o mês mais estranho da minha vida.

**1 e 2. Referência ao talento musical do deus Apolo, este foi desafiado pelo sátiro Márcias, flautista exímio, para uma competição musical. (N. da T.)*

3. Robert Browning (1812-89): poeta inglês, cuja obra exemplifica uma das tendências dominantes da poesia vitoriana (...): um fervoroso empenho na análise e crítica moral.

(Legouis, Émile & Cazamian, Louis, A History of English Literature, Londres, J. M. Dent and Sons, 1957, p.1192.). (N. da T.)

Gostaria de trocar o meu lugar pelo seu, Dorian. O mundo tem clamado contra nós dois, mas a si tem-no adorado sempre. E há-de adorá-lo sempre. Você é o tipo de que a nossa época tem andado à procura e que receia ter encontrado. Agrada-me tanto que você nunca haja feito nada, que nunca tenha esculpido uma estátua, ou pintado um quadro, ou produzido algo exterior a si! A vida tem sido a sua arte. Você transcreve-se em música. Os seus dias são os seus sonetos.

Dorian deixou o piano e passou a mão pelo cabelo.

- Sim, a vida tem sido magnífica - murmurou -, mas não vou ter a mesma vida, Harry. E não deve dizer-me essas coisas extravagantes. Você não sabe tudo a meu respeito. Se soubesse, creio que até se afastaria de mim. Você ri-se. Não ria.

- Por que deixou de tocar, Dorian? Volte para o piano e toque outra vez esse nocturno. Veja aquela Lua cor de mel suspensa no ar sombrio. Está à espera que você a enfeitice, e se você tocar ela virá aproximar-se da terra. Não quer? Então vamos ao clube. Está uma noite encantadora, e devemos terminá-la de uma forma encantadora. Está uma pessoa em casa do White que está morto por conhecê-lo. É o jovem Lord Pole, o filho mais velho do Bournemouth. Já copiou as suas gravatas, e pediu-me que lhe fosse apresentado. Ele é um encanto e faz-me lembrar você.

- Espero bem que não - disse Dorian, com uma expressão triste no olhar. - Mas hoje estou cansado, Harry. Não vou ao clube. São quase onze horas, e quero deitar-me cedo.

- Peço-lhe que fique. Você nunca tocou tão bem como hoje. Havia algo de mágico nos seus dedos. Foram mais expressivos do que nunca.

- É porque vou tornar-me bom - respondeu, sorrindo. – Já mudei um pouco.

- Para mim não pode mudar, Dorian - disse Lord Henry. – Você e eu seremos sempre amigos.

- No entanto, você envenenou-me uma vez com um livro. Não lhe devia perdoar. Harry, prometa-me que nunca irá emprestar esse livro a alguém. Ele é nocivo.

- Meu rapaz, você está mesmo a começar a ser moralista. Não tardará que ande com os convertidos, e os revivalistas, a alertar as pessoas contra todos os pecados de que se cansou. Você é demasiado encantador para fazer uma coisa dessas. Além disso, não vale a pena. Você e eu somos o que somos e seremos o que formos. Quanto a ser envenenado por um livro, é coisa que não existe. A arte não influencia a acção. Ela anula o desejo de agir. É soberbamente estéril. O mundo chama imorais aos livros que lhe revelam a sua própria infâmia. Mais nada. Mas deixemos a literatura. Apareça amanhã. Vou dar um passeio a cavalo às onze horas. Podíamos ir juntos, e depois levo-o a almoçar com Lady Branksome. É uma mulher encantadora e quer

consultá-lo sobre umas tapeçarias que pensa comprar. Veja se não falta. Ou almoçamos com a nossa querida duquesa? Ela diz que nunca mais o viu. Será que você se cansou da Gladys? Eu logo calculei. A sua língua arguta é enervante. Bem, em qualquer caso, esteja aqui às onze.

- Preciso mesmo de vir, Harry?

- Com certeza. O Parque está agora uma beleza. Acho que não tem havido lilases como agora desde o ano em que o conheci.

- Está bem. Estarei aqui às onze - disse Dorian. – Boa noite, Harry.

Ao chegar à porta, hesitou um pouco, como se tivesse mais alguma coisa para dizer. Depois soltou um suspiro e saiu.

Capítulo XX

Estava uma noite linda, e tão amena que levava o casaco no braço e nem sequer pôs o lenço de seda em volta do pescoço. Quando se dirigia para casa, a fumar o seu cigarro, passaram por ele dois jovens em trajo de cerimónia. Ouviu um deles cochichar para o outro: «Aquele é Dorian Gray». Lembrou-se da satisfação que costumava sentir quando as pessoas o apontavam, ou se quedavam a olhá-lo, ou falavam dele. Agora ficava farto só de ouvir o próprio nome. Parte do encanto da pequena aldeia em que tantas vezes ficara ultimamente era o facto de ninguémo conhecer: À rapariga que seduzira até à paixão dissera frequentemente que era pobre, e ela acreditara nele. Dissera-lhe uma vez que era um homem mau, mas ela rira-se dele e respondera que as pessoas más eram sempre muito velhas e feias. O que ela rira! Parecia um tordo a cantar. E que bonita era com seu vestido de algodão e os enormes chapéus! Ela tudo ignorava, mas possuía tudo o que ele perdera.

Quando chegou a casa encontrou o criado à sua espera. Disse-lhe que se fosse deitar, e atirou-se para cima do sofá da biblioteca, quedando-se a reflectir sobre algumas das coisas que Lord Henry lhe dissera.

Era mesmo verdade que nunca conseguíamos mudar? Sentiu umaânsia louca pela sua mocidade imaculada, a flor da sua juventude, como Lord Henry uma vez lhe chamara. Sabia que se maculara, que corrompera o espírito e alimentara de horrores a imaginação, que havia sido uma influência maléfica para outros, e que sentira um júbilo terrível ao tê-lo sido, e que, das vidas que se haviam cruzado com a sua, fora à mais pura e prometedora que trouxera o opróbrio. Mas tudo isso era irreparável? Para ele não havia esperança?

Ah! Que monstruoso momento de soberba e paixão aquele em que suplicara que fosse o retrato a carregar o fardo dos seus dias, e ele mantivesse o esplendor impoluto da eterna juventude! Todo o seu fracasso se devera a isso. Tinha sido melhor para ele que cada pecado da sua vida trouxesse consigo o castigo firme e imediato. O castigo purificava. Não o «Perdoai os nossos pecados, Castigai-nos pelas nossas iniquidades" é que deveria ser a prece de um homem dirigida a um Deus de justiça.

O espelho minuciosamente trabalhado, que Lord Henry lhe oferecera havia já tantos anos, encontrava-se em cima da mesa, e os alvos Cupidos da moldura riam-se como dantes. Pegou nele, como fizera naquela noite de horror em que notara pela primeira vez a transformação no retrato fatídico, e, com olhos desvairados e enevoados pelas lágrimas, mirou a superfície polida. Um dia, alguém que o amara loucamente escrevera-lhe uma carta apaixonada que terminava com estas palavras de idolatria: «O mundo mudou porque és feito de ouro e marfim. As curvas dos teus lábios rescrevem a história.» Relembrou as frases e repetiu-as para si uma vez e outra. Então abominou a sua própria beleza e, arremessando ao chão o espelho, esmagou-o sob o tacão em estilhaços de prata. Foi a sua beleza que o arruinara, a sua beleza e a juventude pela qual suplicara. Sem essas duas coisas, a sua vida teria sido imaculada. A sua beleza não fora senão um disfarce, a sua juventude um simulacro. O que era a juventude, na melhor das hipóteses? Um tempo de inexperiência e imaturidade, de fúteis caprichos e pensamentos mórbidos. Por que vestira ele as suas roupagens? A juventude causara a sua corrupção.

Era melhor não pensar no passado. Nada o poderia alterar. Era em si próprio e no seu futuro que havia que pensar. James Vane ficara oculto numa campa anónima da igreja de Selby. Alan Campbell suicidara-se de noite no seu laboratório, mas não revelara o segredo que havia sido obrigado a saber. O alvoroço suscitado pelo desaparecimento de Basil Hallward não tardaria a passar. Já começava a diminuir. Ele estava em total segurança. Na verdade, nem era a morte de Basil Hallward o que mais lhe pesava na consciência. O que o atormentava era a morte viva da própria alma. Basil pintara o retrato que lhe destruíra a vida. E isso não Lhe podia perdoar. O retrato fora o causador de tudo. Basil dissera-lhe coisas insuportáveis que ele, contudo, levara com paciência. O assassínio fora simples loucura de um momento. Quanto a Alan Campbell, suicidara-se por sua livre vontade. Fora decisão sua. Ele nada tinha a ver com o caso.

Uma vida nova! Era disso que precisava. Era aquilo de que estava à espera. Certamente já a havia começado. Ao menos, poupara a inocência de alguém. Jamais atentaria contra a inocência. Seria um homem bom.

Ao pensar em Hetty Merton, começou a interrogar-se se o retrato do quarto trancado teria mudado. Com certeza que não continuava tão horrível como fora. Se a sua vida se tornasse pura, talvez conseguisse expulsar do retrato todo o vestígio de paixão ruim. Talvez que os estigmas da maldade se tivessem já desvanecido. Iria ver.

Pegou no candeeiro que estava sobre a mesa e subiu as escadas de mansinho. Ao destrancar a porta, passou-lhe pelo rosto espantosamente jovem um sorriso de júbilo, que permaneceu nos lábios por um instante. Sim, havia de ser bom, e a coisa hedionda que ele escondera deixaria de ser o terror da sua vida. Tinha a sensação de que esse peso já lhe saíra de cima do peito.

Entrou silenciosamente, fechou a porta, como habitualmente fazia, e puxou a cortina púrpura. Soltou um grito de dor e indignação. Não viu transformação alguma, salvo uma expressão de astúcia nos olhos e, na boca, o ricto da hipocrisia. Aquilo continuava abominável - mais abominável, se possível, do que antes - e a cor escarlate das gotas que orvalhavam a mão era ainda mais viva, mais parecendo sangue recém-derramado. Então ele começou a tremer. Teria sido apenas vaidade o que o levara a cometer a sua única boa acção? Ou o desejo de uma nova sensação, como sugerira Lord Henry, com seu riso de troça? Ou aquela paixão por desempenhar um papel que, por vezes, nos conduz a actos mais perfeitos do que nós mesmos? Ou, talvez, todas estas coisas juntas? E por que seria que a mancha vermelha era maior agora? Parecia ter alastrado, como horrível doença, pelos dedos engelhados. Havia sangue sobre os pés pintados, como se tivesse pingado, havia sangue até na mão que não empunhara a faca. Confessar? Quereria dizer que ele tinha que confessar? Entregar-se, e ser condenado à morte? Riu-se. Considerava a ideia monstruosa. Além disso, mesmo se confessasse, quem iria acreditar nele? Não havia vestígios do homem assassinado em parte alguma. Tudo o que lhe pertencia fora destruído. Ele mesmo queimara o que estivera guardado no vão das escadas. Todos diriam muito simplesmente que ele estava louco. Interná-lo-iam se persistisse na sua história... No entanto, era seu dever confessar, sofrer o vexame público e expiar publicamente os seus delitos. Existia um Deus que convocava os homens para confessarem os seus pecados à terra e ao céu. Tudo o que fizesse não o purificaria se não confessasse o seu pecado. O seu pecado? Encolheu os ombros num gesto de indiferença. A morte de Basil Hallward parecia-lhe insignificante. Pensava em Hetty Merton. Afinal, era injusto este espelho em que se mirava, o espelho da

sua alma. Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não houvera nada mais na sua renúncia senão isso? Houvera algo mais. Pelo menos ele acreditava que sim. Mas quem poderia dizer?... Não. Nada mais houvera. Poupara-a por vaidade. Usara com hipocrisia a máscara da bondade. Por curiosidade experimentara a auto-renúncia. Reconhecia tudo isso agora.

Mas este crime havia de persegui-lo toda a vida? Teria de carregar para sempre com o passado? Ele teria mesmo de confessar? Nunca. Restava apenas uma prova contra ele. O próprio retrato. Isso era uma prova. Destruí-lo-ia. Por que o conservara tanto tempo? Houve um tempo em que sentira prazer vê-lo mudar e envelhecer. Ultimamente não sentia esse prazer. À noite impedia-o de dormir.

Quando se ausentava, invadia-o o pavor de que outros olhos o contemplassem. Repassara de melancolia as suas paixões. À sua simples lembrança, se haviam frustrado muitos momentos de alegria. Representava para si uma consciência. Sim, era a sua consciência. Tinha de o destruir.

Procurou com o olhar, e viu a faca que apunhalara Basil Hallward. Limpara-a muitas vezes, até não ficar mancha alguma. Estava polida e brilhava. Como matara o pintor, assim havia de matar a sua obra, e tudo o que ela reprsentava. Mataria o passado, e com essa morte ele sentir-se-ia livre. Mataria essa monstruosa vida da alma e, sem os seus hediondos avisos, ele ficaria em paz. Agarrou na faca e apunhalou o retrato.

Ouviu-se um grito e um tombo. O grito de agonia foi tão horrível que os criados, assustados, acordaram e saíram silenciosamente dos seus quartos. Dois cavalheiros, que passavam em baixo na Praça, pararam e olharam para a grande mansão. Continuaram a andar até que encontraram um polícia, e voltaram atrás com ele. O homem tocou várias vezes à campainha, mas ninguém apareceu. Com excepção de uma luz numa das janelas do último andar, a casa estava completamente às escuras. Pouco depois, afastou-se e ficou parado num portal próximo a observar.

- De quem é aquela casa, senhor guarda? - perguntou o maisvelho dos dois indivíduos.

- De Mr. Dorian Gray, senhor - respondeu o polícia.

Ao afastarem-se, olharam um para o outro e riram com um riso escarninho. Um deles era o tio de Sir Henry Ashton.

Dentro de casa, na parte reservada ao pessoal doméstico, os criados, semivestidos, falavam uns com os outros, sussurrando. A velha Mrs. Leaf chorava e torcia as mãos. Francis estava pálido como a morte.

Cerca de um quarto de hora depois, chamou o cocheiro e umdos lacaios, e subiram as escadas. Bateram à porta, mas não obtiveram resposta. Bradaram. Estava tudo em silêncio. Por fim, depois de, em vão, tentarem arrombar a porta, subiram ao terraço e desceram para a varanda. As janelas cederam facilmente, que os ferrolhos eram velhos.

Quando entraram, viram pendurado na parede um magnífico retrato do seu amo, tal como era quando o viram a última vez, em todo o fulgor da sua deslumbrante juventude e beleza. No chão jazia um homem morto, em trajo de cerimónia, com uma faca cravada no coração. Estava mirrado, enrugado e tinha uma cara repugnante. Examinaram-lhe os anéis, e só então o reconheceram.